

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Diosen Marin

**AS PRÁTICAS ESCOLARES A PARTIR DO
JORNAL MUNDO JOVEM, 1978-1988**

Santa Maria, RS
2020

Diosen Marin

**AS PRÁTICAS ESCOLARES A PARTIR DO
JORNAL MUNDO JOVEM, 1978-1988**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito para a obtenção do título de **Doutora em Educação**.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Luiz da Cunha

Santa Maria, RS
2020

Marin, Diosen
AS PRÁTICAS ESCOLARES A PARTIR DO JORNAL MUNDO JOVEM,
1978-1988 / Diosen Marin.- 2020.
243 p.; 30 cm

Orientador: Jorge Luiz da Cunha
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em
Educação, RS, 2020

1. Práticas Escolares 2. Políticas Públicas 3. Jornal
Mundo Jovem I. Cunha, Jorge Luiz da II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, DIOSEN MARIN, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Tese) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Diosen Marin

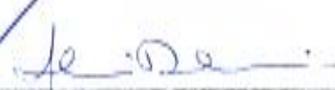
**AS PRÁTICAS ESCOLARES A PARTIR DO JORNAL MUNDO JOVEM,
1978-1988**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Aprovado em 18 de dezembro de 2020:



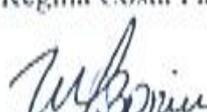
Jorge Luiz da Cunha, Dr. (UFSM)
(Presidente/orientador)



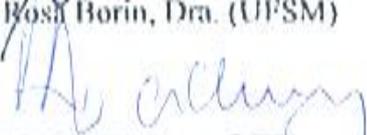
Aline Roes Dalmolin, Dra. (UFSM)



Claudia Regina Costa Pacheco, Dra. (IFRS)



Marta Bosh Borin, Dra. (UFSM)



Roberto Radünz, Dr. (UCS)

Santa Maria, RS
2020

AGRADECIMENTOS

Ao iniciar a escrita dos agradecimentos rememoro minha trajetória acadêmica, um percurso que nem sempre foi fácil, mas que certamente me fez mais forte. A UFSM me proporcionou não só uma formação acadêmica, mas também me “formou” um ser humano melhor, e mais do que tudo, me fez entender que essas duas formações precisam estar alinhadas. Ao escrever essas últimas linhas, posso afirmar que foram as mais ensaiadas nos quatro anos em que estive no Doutorado em Educação e que promove em mim um misto de gratidão e nostalgia. Há tanto a agradecer, principalmente às pessoas incríveis que encontrei no caminho e foram tantas, que seria praticamente impossível nomeá-las, correndo o risco de os agradecimentos ficarem maior que um dos capítulos desta Tese. Apesar do medo de esquecer pessoas importantes, algumas precisam ser nominalmente citadas.

Primeiramente, agradeço a minha família, a minha mãe Elizabeth e ao meu pai Remi, que mesmo sem arroubos acadêmicos conseguiram dimensionar a importância que o Doutorado tem na minha vida. As minhas irmãs Dieina e Dielen que hoje já não estão tão próximas, que possamos dividir muitos cafés da manhã contando os sonhos mais mirabolantes e ricos em detalhes, que é próprio dessa família “levemente” desajustada. Ao Vanduir, que entendeu as ausências, que foi parceiro e também cobrou para que eu terminasse a Tese.

Tenho de agradecer ao meu orientador Professor Jorge Luiz da Cunha pela atenção, paciência e orientação ao longo desta jornada. Tenho uma profunda admiração pelo profissional e ser humano que és.

Não posso esquecer dos meus colegas do Povo de Clio, que me acompanharam ao longo desses quatro anos do Doutorado, nas reuniões, cafés, conversas e nos últimos meses de isolamento social, por meio de trocas de mensagens: obrigada por tudo Povo.

Meu muito obrigado aos professores Aline, Cláudia, Roberto, Marta, Mônica e Nara por aceitarem participar da Banca e por contribuírem na constituição deste trabalho.

Corre-se o risco, ao enumerar as pessoas, de esquecer muitas delas, assim agradeço aos demais que contribuíram ao longo do período em que cursei o Doutorado em Educação na Universidade Federal de Santa Maria.

RESUMO

AS PRÁTICAS ESCOLARES A PARTIR DO JORNAL MUNDO JOVEM, 1978-1988

AUTORA: Diosen Marin
ORIENTADOR: Jorge Luiz da Cunha

Este texto apresenta a mediação do jornal Mundo Jovem nas práticas escolares, durante os anos finais da Ditadura Civil-militar brasileira (1978-1988). Com isso, o questionamento a ser respondido compreende: de que maneira as práticas escolares na Educação Básica das escolas públicas do Estado do Rio Grande do Sul são mediadas pelos impressos católicos, publicados entre os anos de 1978 e 1988? No intuito de responder a esse e a outras questões suscitadas a partir da pesquisa, constituem-se em metas desta: 1) identificar de que maneira o governo militar pretendia legitimar as suas decisões através das Políticas Públicas de Educação, entre os anos de 1978 e 1988; 2) verificar as ações da Igreja Católica, por meio de documentos oficiais, sobre a sua compreensão dos meios de comunicação social; 3) definir o conceito de Educação através das publicações do jornal Mundo Jovem; 4) averiguar a presença de publicações, no jornal Mundo Jovem, que pretendiam orientar as práticas escolares dos professores; 5) desenvolver um percurso metodológico, no intuito de analisar através do jornal Mundo Jovem e das entrevistas semi-estruturadas, as práticas escolares. Nesse sentido, a metodologia empregada para a realização desta pesquisa compreende um percurso metodológico composto por duas etapas. No primeiro momento utilizamos a Análise de Conteúdo, a partir da perspectiva de Laurence Bardin (2004). Posteriormente, tendo como base as categorias estabelecidas para a análise do jornal realizamos entrevistas semi-estruturadas com professores e estudante, que utilizavam esse meio impresso como suporte para a sua prática escolar. Conclui-se que é preciso promover a circularidade das informações e não apenas analisar o que está proposto na publicação, pois ao realizarmos esta pesquisa tanto por meio da análise do jornal quanto das entrevistas, foi possível identificar a mediação do jornal Mundo Jovem nas práticas escolares.

Palavras-chave: Práticas Escolares. Políticas Públicas. Jornal Mundo Jovem.

ABSTRACT

SCHOOL PRACTICES FROM THE NEWSPAPER MUNDO JOVEM, 1978-1988

AUTHOR: Diosen Marin
ADVISOR: Jorge Luiz da Cunha

This text presents the mediation of Mundo Jovem newspaper on school practices, during the final years of the Brazilian Civic-military Dictatorship (1978-1988). It aims to answer the following question: how the school practices on primary education of public schools in the state of Rio Grande do Sul are mediated by the catholic printed material, published between 1978 and 1988? To answer this and other questions that emerged from the research, the following goals were constituted: 1) identify how the military government intended to legitimate their decisions by Public Policies on the educational field between 1978 and 1988; 2) verify the actions of the Catholic Church by official documents about its comprehension of means of communication 3) define the concept of education by the publications of the newspaper entitled Mundo Jovem; 4) examine the presence of publication that intended to guide teachers' schools' practices on Mundo Jovem newspaper; 5) develop a methodological path, aiming to analyze by Mundo Jovem newspaper and semi-structured interviews, the school practices. In this regard, the applied methodology to carry on this research is a methodological path composed of two distinct phases. Firstly, the Content Analysis proposed by Bardin (2004) was used. Secondly, considering as base the categories established by the newspaper's analysis, semi-structured interviews were conducted with teachers and students that used this printed mean as support to their school practice. It was concluded that is necessary to promote circularity of information and not only analyze what is proposed in the publication because by conducting this research by analyzing the newspaper or the interviews it was possible to identify Mundo Jovem Newspaper mediating school practices.

Key-words: School Practices. Public Policies. Mundo Jovem Newspaper.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Capa do jornal Informações Vocacionais	81
Figura 2 - Capa do jornal S.O.S. Vocações	82
Figura 3 - Capa do jornal Lançai as Rêdes.....	83
Figura 4 - Capa do jornal Mundo Jovem	84
Figura 5 - Capas do jornal Mundo Jovem ao longo das décadas	88
Figura 6 - População mundial de jovens (15 a 24 anos), de 1960 a 2000	138

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Política X Igreja Católica (1978-1984)	35
Tabela 2 – Política X Igreja Católica (1986-1988)	40
Tabela 3 – Políticas Públicas	58
Tabela 4 – Seção “Educação”	73
Tabela 5 – Recado dos Leitores (1978-1988)	91
Tabela 6 – As seções da categoria “Práticas Escolares”	102
Tabela 7 – Seção “Jogral”	104
Tabela 8 – Seção “Canção”	106
Tabela 9 – Seção “Literatura”	107
Tabela 10 – Seção “Como redigir”	109
Tabela 11 – Seção “Movimentos Históricos”	109
Tabela 12 – Seção “Filosofia”	111
Tabela 13 – Seção “Língua Portuguesa”	112
Tabela 14 – Meios de Comunicação de Massa	116
Tabela 15 – Seção “Cultura brasileira”	122
Tabela 16 – Seção “Hegemonia”	132
Tabela 17 – As seções da categoria “Juventudes”	137
Tabela 18 – Dados dos entrevistados	152

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABI	Associação Brasileira de Imprensa
AEC	Associação de Educação Católica
AP	Ação Popular
ARENA	Aliança Renovadora Nacional
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CDS	Centro de Documentação do Sindicalismo
CEB's	Comunidades Eclesiais de Base
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CPERS	Centro de Professores do Estado do Rio Grande do Sul
CRE	Coordenadoria Regional de Educação
EMC	Educação Moral e Cívica
EPB	Estudos de Problemas Brasileiros
FAEJO	Faculdade de Educação de Joaçaba
FIDENE	Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado
FUNBA	Fundação Universidade de Bagé
FUNDAMES	Fundação Missioneira de Ensino Superior
IBAD	Instituto Brasileiro de Ação Democrática
IESPE	Instituto de Estudos Sociais, Políticos e Econômicos
IPES	Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais
IPJ	Instituto Paulista de Juventude
JAC	Juventude Agrária Católica
JEC	Juventude Estudantil Católica
JOC	Juventude Operária Católica
JUC	Juventude Universitária Católica
MCM	Meios de Comunicação de Massa
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MJ	Mundo Jovem
MUSM	Movimento Universitário de Santa Maria
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
ONU	Organização das Nações Unidas
OSP	Organização Social e Política Brasileira
PDS	Partido Democrático Social
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PP	Partido Popular
PT	Partido dos Trabalhadores
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PUCSP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SBPC	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UNIJUI	Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul
UNIOESTE	Universidade Estadual do Oeste do Paraná
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
URCAMP	Universidade da Região da Campanha
USAID	<i>United States Agency for International Development</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E O CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DA DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA	31
1.1 O PAPEL POLÍTICO DA IGREJA CATÓLICA NO BRASIL: A RELAÇÃO ESTADO <i>VERSUS</i> IGREJA	32
1.2 CONTEXTO HISTÓRICO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO: DOS ANOS DE 1930 A DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA	43
1.3 AS POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO NA DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA: DA LEI N. 5.692/71 ATÉ O PROCESSO DE REDEMOCRATIZAÇÃO	51
2 OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO IMPRESSOS CATÓLICOS	65
2.1 OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL E O CONCEITO DE EDUCAÇÃO	65
2.1.1 Políticas comunicacionais da Igreja Católica e o <i>mass media</i>	67
2.1.2 O conceito de Educação no jornal Mundo Jovem	71
2.2 JORNAL MUNDO JOVEM	80
2.2.1 Práticas Escolares: a participação dos leitores no jornal Mundo Jovem	89
3 PRÁTICAS ESCOLARES, MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA E JUVENTUDES NAS PÁGINAS DO JORNAL MUNDO JOVEM	101
3.1 A PRESENÇA DA CATEGORIA “PRÁTICAS ESCOLARES” NO JORNAL MUNDO JOVEM	101
3.2 A PRESENÇA DA CATEGORIA “MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA” NO JORNAL MUNDO JOVEM	115
3.2.1 Cultura	119
3.2.2 Hegemonia	124
3.3 A PRESENÇA DA CATEGORIA “JUVENTUDES” NO JORNAL MUNDO JOVEM	135
4 A MEDIAÇÃO DO JORNAL MUNDO JOVEM NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOS DOCENTES E DISCENTE	145
4.1 DEFINIÇÃO DO CONCEITO DE MEMÓRIA, MEMÓRIA E ESQUECIMENTO	146
4.2 APLICAÇÃO DOS CONCEITOS DE MEMÓRIA E ESQUECIMENTO NA PESQUISA	150
4.3 SUJEITOS E SUAS TRAJETÓRIAS FORMATIVAS	153
4.3.1 Pedro: “O jornal Mundo Jovem apresentava uma linha formativa bastante arrojada e de conteúdo crítico”	153
4.3.2 Pérola: “O jornal era muito explorado, utilizado mesmo em sala de aula”	155
4.3.3 Esmeralda: “Era um jornal que nos mostrava uma realidade que não víamos em outros meios de comunicação”	156
4.3.4 Ágata: “Os jovens que tinham acesso e realizavam a leitura do jornal Mundo Jovem eram considerados pessoas instruídas, capazes de desenvolver visões diferentes do mundo, e com isso, promover a mudança”	157

4.4 O CAMINHO DAS ANÁLISES DAS ENTREVISTAS	158
4.4.1 A Ditadura Civil-militar brasileira e a Lei n. 5.692/71 nas escolas de Educação Básica	159
4.4.2 Os meios de comunicação de massa e as juventudes no jornal Mundo Jovem	164
4.4.3 As “Práticas Escolares” no jornal Mundo Jovem	167
CONSIDERAÇÕES FINAIS	173
REFERÊNCIAS	179
APÊNDICE A – BANCO DE DADOS DO JORNAL MUNDO JOVEM	203

INTRODUÇÃO

O narrar sobre si demanda a compreensão do contexto sócio-histórico de quem fala, pois é preciso contextualizar os episódios vividos para quem está ouvindo. A narrativa permite que o ser humano se manifeste e organize a sua experiência de vida no tempo e espaço e mesmo que seja considerada espontânea, a narrativa demanda que quem narra se distancie do episódio e o (re)formule. “A narração não é somente o sistema simbólico pelo qual os indivíduos conseguem expressar o sentimento de sua existência: a narração é também o espaço em que o ser humano se forma, elabora e experimenta a sua história de vida”. (DELORY-MOMBERGER, 2011, p. 341). Com isso, ao narrador é necessário o esforço de organizar a memória sobre o fato vivenciado transformando-a em narrativa, isso forma e atribui sentido a história de vida de quem relata, e é essa narrativa de si que pretendemos apresentar e analisar a luz de conceitos como memória e esquecimento¹.

É próprio da condição humana deixar marcas, muitas vezes, intencionais da nossa existência, haja vista o esforço dos homens pré-históricos em registrar nas cavernas imagens que jamais saberemos a intenção de quem as produziu. Dessa maneira, o ser humano foi se modificando e produzindo novas tecnologias para registrar sua existência, desde a escrita, há milhares de anos, passando pela pintura, pela fotografia, pelo cinema até o advento dos meios de comunicação de massa, como o rádio e a televisão, e mais recentemente, as mídias sociais e a popularização da internet.

A partir dessas considerações iniciais sobre a relevância para o ser humano de deixar registros sobre a sua existência e da importância da narrativa de si nesse processo, cabe apontar² que organizei um breve resumo sobre a minha trajetória pessoal e acadêmica.

A escrita deste texto exigiu um esforço de organizar as lembranças e as transformar em narrativa, pois a nossa primeira impressão de um evento nem sempre é como ele se torna memória, muitos anos depois. Assim, alguns episódios acabam passando despercebidos após alguns anos e nesse sentido, a elaboração deste texto é um exercício para transformar o lembrar e o esquecer, conceitos que são importantes para a elaboração desta pesquisa. Para

¹ Para tratarmos sobre o conceito de memória e esquecimento utilizaremos como referência autores como Jeanne Marie Gagnebin, Jacy Alves Seixas e Paul Ricoeur.

² Na passagem do texto em que irei narrar brevemente a minha trajetória pessoal e acadêmica, no intuito de demonstrar os caminhos que me levaram a pesquisa que estou desenvolvendo, utilizarei a 1ª pessoa do singular, pois se trata da minha perspectiva sobre esses episódios. Entretanto, no restante do texto utilizarei a 1ª pessoa do plural por entender que não construo o texto individualmente, uma vez que possuo as contribuições do meu orientador, do grupo de pesquisa que participo e dos autores que estudo, das leituras do jornal Mundo Jovem e das entrevistas realizadas, sendo que ao utilizá-las reconheço que me formam, o que considero que inviabiliza uma narrativa na 1ª pessoa do singular.

tanto, pretendo apresentar os fatos em ordem cronológica e analisar como eles refletiram na minha vida e formação acadêmica.

Desde a infância sou curiosa, o que fez o interesse pela leitura e pela História ser algo muito natural. Além disso, sou oriunda de uma família católica que sempre esteve presente nos espaços da Igreja. No início da minha infância eu frequentava uma pequena Igreja Católica no interior do município de Restinga Seca, onde meu avô paterno atuava como Ministro. Na sua casa havia inúmeras publicações religiosas as quais eu costumava ler, além de olhar as imagens antes de me alfabetizar. Dentre as minhas leituras preferidas estava a revista Rainha dos Apóstolos e o jornal³ Mundo Jovem.

Por anos essas lembranças da infância foram “esquecidas”, mas tempos mais tarde quando foi preciso escolher uma profissão, o Curso de História que havia sido cogitado nesses primeiros anos voltou a ser alvo de interesse, e em 2006, no final do 3º ano do Ensino Médio, prestei vestibular para o Curso de História na Universidade Federal de Santa Maria. Na época, afirmava a todos que faria faculdade de História para estudar sobre a Igreja Católica, no momento não imaginava que no futuro realmente pesquisaria sobre impressos católicos. No período era apenas uma resposta para justificar minha mudança de escolha profissional, uma maneira de demonstrar que o futuro estava planejado.

Passadas essas primeiras lembranças da infância e quando questionada sobre os motivos que me levaram a escolher o tema da pesquisa, cabe relatar as escolhas acadêmicas. Primeiramente, ingressei no Curso de História - Licenciatura Plena e Bacharelado da Universidade Federal de Santa Maria em abril de 2007, motivo pelo qual sempre gostei da disciplina na escola, mas optei pela História pelo interesse na Literatura. E da disciplina de Literatura para a de História foi um caminho sem grandes dificuldades.

Já no Curso de História tive certa dificuldade para me adaptar, pois o começo da faculdade não foi muito fácil. Essas dificuldades me levaram, em 2010, a ingressar num novo Curso. Nesse ano, comecei a graduação em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda. Com isso os desafios mudaram, e a partir de então relacionar História e Comunicação me pareceu um caminho a percorrer, e essas escolhas resultaram na minha trajetória acadêmica.

³ Apesar do layout da publicação Mundo Jovem, por sua periodicidade (mensal), suas características formais e de conteúdo são de uma revista, entretanto os seus editores o nomeiam de jornal. O jornal Mundo Jovem nasceu em março de 1963, no Seminário Maior de Viamão, sob o nome de Informações Vocacionais. No começo circulava entre as equipes que tinham como propósito desenvolver campanhas vocacionais nos seminários, nas paróquias e nos colégios católicos, e em 1967 é que a publicação recebe o nome atual e destina-se para todos os jovens preocupados com o seu futuro, com sua definição vocacional e profissional e com os rumos da sociedade em termos políticos e sociais.

No que se refere a minha atuação profissional, selecionei duas experiências que me marcaram. Primeiramente, a docência orientada, onde nela tive o privilégio de ministrar algumas aulas, com a presença do orientador. As aulas eram na sexta-feira à tarde. Não sei como os alunos se sentiam, mas aguardava por aquelas tardes durante toda a semana. E com a mesma alegria que ia “dar aula” no Prédio 74A, retornava para casa. Até aquele momento nunca tinha sentido tanta satisfação em realizar uma atividade, a partir de então ser professora regente tornou-se um objetivo de vida. Pela experiência da docência orientada comecei, no final do Mestrado, a pensar sobre a possibilidade de mudar, não pretendia continuar pesquisando na História, mas ingressar no campo da pesquisa em Educação. Sendo que, naquele momento, me faltava conhecimento e maturidade para desenvolver o Projeto, por isso, esse desejo precisou ser adiado por alguns anos.

Depois da docência orientada, no ano de 2015, ingressei como professora no município de Restinga Seca, onde a experiência com os anos finais do Ensino Fundamental aumentou o desejo de pesquisar sobre a área da Educação. Encontrar nas escolas profissionais dedicados, comprometidos e buscando o crescimento de seus alunos, mesmo com todas as adversidades da educação pública, me levou a reconsiderar os planos do final de 2013, e enfim percorrer um novo caminho para realizar o Doutorado na área da Educação. As experiências docentes desenvolveram o interesse pela área, principalmente no que se refere às práticas educativas.

A delimitação deste estudo só foi possível a partir das discussões do Grupo de Pesquisa, Núcleo de Estudos sobre Memória e Educação – Clio, coordenado pelo professor Dr. Jorge Luiz da Cunha, que participo desde o início do ano de 2016 e que colaborou com a metodologia e o arcabouço teórico que define a pesquisa desenvolvida⁴. A História é uma narrativa do passado a partir do olhar do presente e mesmo que a pesquisa compreenda um tempo distante, a compreensão dos fatos não se dissocia do que estamos vivenciando hoje. Por isso, a partir da realização desta pesquisa seremos capazes de observar rupturas e continuidades e sabemos, entretanto, que manter os estudos nessa área do conhecimento, a História, é um esforço para não descontinuar o caminho percorrido, pois incorpora ao trabalho toda a bagagem pessoal e acadêmica na elaboração e execução desta investigação.

Na área da História da Educação identificamos uma lacuna nos estudos sobre as práticas escolares e as políticas públicas tendo como *corpus* de pesquisa periódicos católicos,

⁴ Identificamos na pesquisa do Jornal Mundo Jovem outras produções do grupo, material audiovisual, bem como uma lista de publicações escritas que o jornal recomendava a leitura. Essas publicações são citadas, mas devido a delimitação da pesquisa, não foi possível investigá-los.

no período pesquisado, ou seja, entre os anos de 1978 e 1988. Entretanto, nas décadas de 1930 e 1940, identificamos algumas discussões que corroboram com a pesquisa, tais como as pesquisas de Lúcio Kreutz (1994), Cláudia Regina Costa Pacheco (2016) e Marta Rosa Borin (2010).

Cada um dos autores trata de uma perspectiva da educação nas décadas de 1930 e 1940. Lúcio Kreutz é um dos primeiros historiadores a se dedicar a nacionalização do ensino durante o governo de Getúlio Vargas (1930-1945), em que ele tratou o ensino da língua alemã e das medidas repressivas e preventivas do governo nas escolas étnicas germânicas, evidenciando dessa maneira, as políticas de nacionalização do Brasil através de mudanças no campo educacional.

O campo educacional também foi parcialmente abordado por Marta Rosa Borin ao tratar do Projeto de Restauração Católica no Rio Grande do Sul. Em seu estudo, a autora utilizou a imprensa para identificar as tensões e conflitos entre católicos e acatólicos, principalmente na década de 1930, como também, a devoção a Nossa Senhora Medianeira, no município de Santa Maria.

A pesquisa de Cláudia Regina Costa Pacheco é a que mais se aproxima do trabalho que realizamos. Na obra, a autora utilizou um impresso católico e tem como base o entendimento do campo educacional, procurando demonstrar através de seu estudo como a educação foi um dos principais mecanismos utilizados para delinear o ideal de constituição humana, durante o arcebispado de Dom João Becker (1914-1946), e para cumprir esse objetivo utilizou como *corpus* de pesquisa a Revista UNITAS.

Sobre os anos de 1930, é possível observar que com o fim da obrigatoriedade do Ensino Religioso nas escolas públicas, os impressos católicos voltados à educação é que irão cumprir o papel de agendar entre os membros da sociedade a discussão sobre a necessidade do referido ensino nas escolas. Entretanto, não podemos considerar que os assinantes dessas publicações católicas realizavam uma leitura sem questionamentos sobre o que estava sendo apresentado. Com isso, o questionamento que pretendemos responder com esta pesquisa compreende: de que maneira as práticas escolares na Educação Básica das escolas públicas do Estado do Rio Grande do Sul são mediadas pelos impressos católicos, publicados entre os anos de 1978 e 1988?

Ao analisarmos a mediação dos impressos católicos nas práticas escolares dos professores de escolas públicas por meio do jornal Mundo Jovem, é necessário fortalecer o entendimento de que as referidas publicações pretendiam colaborar com os professores ao propor atividades pedagógicas para serem desenvolvidas em sala de aula. Para tanto, esta

pesquisa procurou analisar a mediação do jornal *Mundo Jovem* nas práticas escolares, durante os anos finais da Ditadura Civil-militar brasileira e o processo de redemocratização nacional (1978-1988). Ele se insere na linha de pesquisa Práticas Escolares e Políticas Públicas, pois pretende compreender as propostas educacionais do referido período histórico, levando em consideração o contexto, as políticas públicas, o ensino, o currículo escolar e suas relações. Dessa maneira, pretendemos compreender cada um desses elementos e articulá-los entre si.

Para a realização da pesquisa delimitamos como grupo de interesse os professores da Educação Básica⁵ de escolas públicas, ou seja, os professores dos componentes curriculares que hoje atendem os alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e do 1º ao 3º ano do Ensino Médio. Essa escolha não ocorreu de maneira aleatória, primeiramente, ela é oriunda da mobilização no Estado do Rio Grande do Sul, que foi fomentada pelos professores das escolas públicas para que ocorresse a redemocratização do país. Nesse cenário, dois sindicatos são muito importantes para o agendamento das discussões, o sindicato dos professores do Rio Grande do Sul (CPERS) e o dos Metalúrgicos, no ABC Paulista. Dessa maneira, os professores se mobilizaram em diversos Estados para recuperar as perdas salariais, regulamentar a carreira do magistério e reivindicar melhores condições de trabalho.

O surto de greves do final dos anos 70 pode ser explicado por dois fatores fundamentais. Em primeiro lugar, o país começava a enfrentar uma crise econômica insuportável – a inflação disparava, os salários deterioravam-se, o desemprego crescia – o que predisponha os trabalhadores a movimentos contestatórios e reivindicatórios. Por outro lado, o governo militar que perderia significativo potencial de legitimidade junto à sociedade civil por não ter resolvido a crise econômica, via-se forçado a adotar uma saída política – ‘a abertura’. As greves de 1978/79 tiveram como objetivo principal combater a política econômica do governo e seus reflexos negativos sobre os trabalhadores, sendo nesse sentido eficazes, pois levaram o governo a alterar a política salarial através da Lei nº 6.708, de novembro de 1979, que instituiu reajustes semestrais com base no INPC. Não resta dúvida que a nossa política salarial constituiu-se numa estratégia do governo para conter a luta reivindicatória, no que alcançou seu objetivo, visto ter diminuído o número de greves em 1980. (MUNDO JOVEM, out. 1985, p. 13)⁶.

A partir da citação identificamos a mobilização dos professores no final da década de 1970, o que marca a retomada da abertura política no Brasil, e é por esse período de mudanças

⁵ Optamos por utilizar a terminologia Educação Básica para nos referirmos as etapas em que atuavam os professores que utilizavam o jornal *Mundo Jovem* como apoio pedagógico em sala de aula. Entretanto, sabemos que no período analisado a educação estava dividida em 1º Grau, hoje Ensino Fundamental, 2º Grau, hoje Ensino Médio, e 3º Grau, hoje Ensino Superior. Nesse sentido a Educação Básica a que nos referimos corresponde aos anos finais do Ensino Fundamental, ou seja, 6º, 7º, 8º e 9º ano e ao Ensino Médio.

⁶ O trecho citado acima foi retirado de uma seção especial publicada no jornal *Mundo Jovem*, em outubro de 1985. A publicação intitulada “Sindicalismo” compreende um resumo sobre o movimento sindical no Brasil e foi elaborado pelo Centro de Documentação do Sindicalismo (CDS), órgão do Instituto de Estudos Sociais, Políticos e Econômicos (IESPE), da Pontífice Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), que no anos de 1985 estava sob a coordenação do professor Antonio David Cattani.

que iniciamos a nossa pesquisa, por entendermos que ele culmina na elaboração da Constituição de 1988. Por meio dessa contextualização histórica, pretendemos justificar o recorte temporal da pesquisa desenvolvida.

Cabe ressaltar que o jornal Mundo Jovem se constitui na principal fonte desta pesquisa. Essas publicações tiveram uma grande adesão dos professores e estudantes no período analisado⁷, o que a configura como um importante canal de diálogo entre a instituição Igreja Católica e as escolas públicas de Educação Básica do Estado do Rio Grande do Sul. Apesar da centralidade do jornal Mundo Jovem, foi preciso utilizar outras fontes documentais para desenvolvimento da pesquisa, tais como: documentos pontifícios e legislações complementares que auxiliam na compreensão do período histórico.

As legislações se referem às políticas públicas voltadas para a educação que são tratadas no decorrer do primeiro capítulo, enquanto que os documentos pontifícios citados são tratados no capítulo 2 e se referem ao Decreto *Inter Mirífica* (1966) e a Instrução Pastoral *Communio et Progressio* (1971), ambos documentos produzidos a partir do Concílio Ecumênico II do Vaticano (1962-1965) e pretendem regulamentar os usos dos meios de comunicação social pela Igreja Católica, que até o momento do Concílio desestimulava o uso desses recursos para fortalecer o vínculo com os fiéis.

Dessa maneira, como propõe Sandra Mara Corazza (2002), a Tese que pretendemos desenvolver é resultado de uma insatisfação com o já-sabido, pois pesquisas realizadas para reconhecer o que está sendo produzido no meio acadêmico sobre a interferência ou não dos impressos católicos na formação e nas práticas escolares demonstraram que um significativo caminho sobre esse assunto já foi percorrido, em teses e dissertações. Entretanto, essas pesquisas colaboram com o período conhecido como Escola Nova, principalmente entre os anos de 1930 e 1960, as quais costumam retomar a Revista A Ordem e o Centro Dom Vital, que são considerados o cerne da intelectualidade católica leiga, porém encontramos poucos trabalhos sobre outros centros do pensamento intelectual católico e outros impressos. E é por reconhecermos a importância de pesquisas que contemplem essa temática que nos dedicamos ao assunto.

Ressalto que não é o objetivo desta pesquisa julgar o conteúdo do jornal, se é ou não adequado, se tem ou não qualidade, se é “certo” ou “errado”, mas o nosso interesse é refletir

⁷ No ano de 1985, o jornal Mundo Jovem possuía 120 mil assinaturas em todo o país, o que é uma tiragem muito significativa, pois esta publicação pretendia atender a um público segmentado, principalmente, professores e estudantes. Apenas a título de comparação, e para dimensionar a tiragem do jornal, a revista Veja, que nesse período já havia se consolidado como a principal publicação, e era a campeã em tiragem semanal e que atender a um público muito mais vasto, possuía em 1985 uma tiragem semanal que pouco ultrapassava aos 500 mil exemplares. Os dados da revista serão analisados no segundo capítulo.

sobre a mediação promovida pelo jornal em sala de aula, que envolve as práticas escolares de professores e o processo de aprendizagem dos estudantes. Também é importante destacar que o alcance da publicação é maior quando ela é destinada a professores, pois ao levar o jornal para a sala de aula, os leitores dessas publicações são muito mais numerosos do que a sua tiragem.

Constituem-se em metas desta pesquisa: 1) identificar de que maneira o governo militar pretendia legitimar as suas decisões através das Políticas Públicas de Educação, entre os anos de 1978 e 1988; 2) verificar as ações da Igreja Católica, por meio de documentos oficiais, sobre a sua compreensão dos meios de comunicação social; 3) definir o conceito de Educação através das publicações do jornal Mundo Jovem; 4) averiguar a presença de publicações, no jornal Mundo Jovem, que pretendiam orientar as práticas escolares dos professores; 5) desenvolver um percurso metodológico, no intuito de analisar através do jornal Mundo Jovem e das entrevistas semi-estruturadas, as práticas escolares.

No que se refere ao campo metodológico, esta pesquisa procurou que as informações coletadas se complementassem. Para tanto, foi preciso (re)conhecer o que a Igreja Católica através de seus meios de comunicação impressos pretendia estabelecer práticas escolares por meio da orientação de atividades pedagógicas para serem desenvolvidas em sala de aula. A metodologia empregada na realização desta pesquisa compreende um percurso metodológico composto por duas etapas, sendo nesse sentido, orientado pelas pesquisas de métodos mistos, que ao combinar os métodos quantitativos, com ênfase no levantamento de dados, e qualitativos pretende utilizar os pontos fortes de cada pesquisa, pois “seu uso combinado proporciona uma maior compreensão dos problemas de pesquisa”. (CRESWELL, 2010, p. 238).

Na primeira etapa do percurso metodológico foi analisado o jornal Mundo Jovem⁸ tendo como referência a análise de conteúdo de Laurence Bardin (2004), pois entendemos que essa é a metodologia mais adequada para a análise de materiais escritos, em que há preocupação em persuadir o leitor. Em relação à análise de conteúdo, podemos afirmar que ela surgiu no início do século XX nos Estados Unidos para analisar a produção jornalística, mas é nas décadas de 1940 e 1950 que começou a interessar os cientistas, por permitir o estudo dos símbolos políticos. Porém, a partir dos anos de 1990 torna-se um método híbrido, utilizando uma análise quantitativa e qualitativa, sendo que essa perspectiva é que nos levou a

⁸ Jornal Mundo Jovem encontra-se disponível na Biblioteca de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Porto Alegre.

escolhê-la, por entendermos que a partir dos valores quantitativos, no caso levantamento estatístico, é possível atingirmos uma análise qualitativa.

Segundo Bardin (2004), o método se estrutura em cinco etapas: a primeira delimita o *corpus* e o *corpus* de pesquisa desta Tese consiste no jornal Mundo Jovem. A segunda define a unidade de registro, que pode ser por palavra, frase, parágrafo, no caso da pesquisa as palavras e conceitos definiram as categorias.

A terceira etapa consiste na categorização, ou seja, estabelece as categorias para separar os dados, onde nesse item propomos categorias próprias que foram atribuídas de acordo com as considerações do problema, se dividindo em dois grupos: as que estão diretamente relacionadas a linha de pesquisa e o contexto sócio-histórico pesquisado, que compreendem “Política X Igreja Católica” e “Políticas Públicas”, enquanto que o segundo grupo de categorias procura sublinhar a relação entre o jornal Mundo Jovem e mediação proposta para a sala de aula. Para tanto, as categorias foram organizadas de acordo com as seguintes denominações: “Práticas Escolares”, que num primeiro momento analisa, apenas, a seção Recado dos Leitores, e posteriormente, analisa outras seções do jornal e a categoria “Meios de Comunicação de Massa”, que foi dividida nas subcategorias “Cultura” e “Hegemonia” e a categoria “Juventudes”.

A quarta etapa corresponde às inferências, que se refere ao momento em que os dados já estão tematizados e categorizados, onde nessa fase, as categorias já citadas foram analisadas. Quanto à metodologia, nós a utilizaremos até esse passo e iremos ignorar o quinto e último passo proposto por Bardin (2004), que consiste no tratamento informático, pois, ao organizarmos o banco de dados (APÊNDICE A), estamos sistematizando as informações coletadas por meio de um tratamento informático, que apesar de rudimentar, é suficiente para a pesquisa desenvolvida por permitir quantificar e encontrar as categorias para a sua posterior análise qualitativa. E é por essa característica da pesquisa que não iremos aplicar o quinto passo da Análise de Conteúdo proposta por Laurence Bardin.

Para a elaboração desta pesquisa foi preciso percorrer os caminhos de outros pesquisadores, que em suas dissertações de Mestrado, teses de Doutorado e artigos narraram suas experiências e trajetórias desenvolvidas em cada estudo. Ao buscar definir a pesquisa desenvolvida, por meio do olhar do outro, pude perceber por quais caminhos andaram, as escolhas que fizeram e o mais importante, para onde devo encaminhar a minha pesquisa. Nesse sentido, duas teses de doutorado foram fundamentais para delinear esta pesquisa.

Em sua tese, Pasinato (2019) desenvolveu um mapeamento das principais publicações de livros, teses, dissertações e artigos que tratam sobre revistas. Nesse mapeamento, o autor

nos ajuda sobremaneira, dada a seleção que realiza de publicações acadêmicas que tratam sobre as revistas. Ao apresentar os estudos realizados em publicações impressas, mais especificamente revistas, Pasinato (2019) direcionou para a leitura de outras pesquisas que também tratavam dos meios de comunicação impressos católicos.

Nesse sentido, a tese de Aline Dalmolin (2012) também foi de grande relevância, pois utilizou impressos católicos como as revistas *Rainha e Família Cristã*, diferentemente da tese de Pasinato (2019), que contribuiu com a indicação de leituras por tratar da Educação durante a Ditadura Civil-militar, utilizando a revista *Voices* como objeto de pesquisa. A tese de Dalmolin (2012) foi fundamental para a compreensão da configuração da imprensa católica no Brasil, bem como das políticas comunicacionais da Igreja Católica após o Concílio Ecumênico II do Vaticano.

Após delimitar os principais autores que precisavam ser revisitados, também foi preciso identificar outras pesquisas realizadas sobre o jornal *Mundo Jovem*. Nesse sentido identificamos quatro dissertações de Mestrado, duas delas defendidas na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), uma defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a outra defendida na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). As dissertações foram elaboradas sobre as mais diferentes temáticas desde a representação do indígena no jornal durante a Ditadura Militar até a construção do conceito de Juventudes no jornal, entre os anos de 2009 e 2010. Das dissertações citadas, duas delas foram elaboradas pelos ex-editores chefe do jornal, sendo que ambas foram defendidas na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, a primeira no ano de 1989 por Laurício Neumann e a segunda em 2008, por Rui Antônio de Souza. Nas referidas dissertações foi narrada a história do jornal *Mundo Jovem*

Nas publicações analisadas sobre o tema da pesquisa, observamos que os trabalhos acadêmicos que relacionaram os meios de comunicação com a educação se restringiam a apresentar o que estava descrito nos impressos católicos, sem questionar a intenção daquela publicação, seus autores, como também poucos deles se interessavam em contextualizar os períodos em que as publicações foram veiculadas. Nesse sentido, as entrevistas semi-estruturadas compreenderam um segundo momento desse percurso metodológico, em que os professores e estudante foram convidados a narrar as suas práticas escolares, e pretendemos com isso, promover a circularidade das informações, ou seja, a partir da narrativa dos docentes e da discente é que será possível verificar a presença dos discursos dos impressos católicos nas escolhas de suas práticas escolares.

Mesmo que a abordagem da Tese seja na área da História da Educação e que trate sobre as práticas escolares estimuladas pelos impressos católicos, no caso dessa pesquisa representada pelo jornal Mundo Jovem e verificada na fala dos professores através de entrevistas semi-estruturadas, consideramos que é importante pensar sobre o não dito da atividade docente, pois as atitudes dos professores que atuavam na rede pública podem sugerir algumas aproximações em relação a práticas estimuladas pelos impressos católicos da época.

Para responder ao problema de pesquisa e concretizar os objetivos estabelecidos para este trabalho dividimos o texto em quatro capítulos, além da introdução e da conclusão. No capítulo 1, o nosso objetivo é analisar a educação brasileira no cenário da Ditadura Civil-militar e com isso contextualizar a realidade política, social, econômica e educacional em que estava inserido o país durante o período pesquisado.

Esse primeiro capítulo está dividido em quatro partes, sendo que no primeiro momento propomos a discussão do papel político da Igreja Católica no Brasil, no intuito de analisar de que maneira essa aproximação é apresentada pelo jornal Mundo Jovem. Na segunda parte, será apresentado o contexto das políticas públicas no Brasil, desde a década de 1930 até o momento pesquisado (1978-1988), e no terceiro item a atenção estará voltada para as Políticas Públicas de educação, desde a Lei n. 5.692/71 até a Constituição Nacional de 1988.

No segundo capítulo tratamos da aproximação entre a educação e o jornal Mundo Jovem com o objetivo de aproximar o contexto sócio-histórico, representado pelas políticas públicas em educação com as práticas escolares. Para realizar essa aproximação, o segundo capítulo foi dividido em duas partes: a primeira atendeu a necessidade de contextualização entre os meios de comunicação e as pesquisas na área da educação, sendo esta dividida em dois itens: o primeiro trata sobre a imprensa católica e a perspectiva dessas publicações dentro da Igreja, e no segundo item, tratamos do projeto de educação apresentado pelo jornal Mundo Jovem, ao analisarmos especificamente a seção “Educação”. Na segunda parte do capítulo realizamos um histórico do jornal e apresentamos as suas características, físicas e editoriais, no período analisado. A segunda parte do capítulo também é dividida em dois itens: no primeiro trataremos da materialidade do jornal, suas principais características e editores, enquanto que no segundo item, apresentaremos a seção “Recado dos Leitores”, que está voltada, especificamente, para as práticas escolares propostas pelo jornal.

O terceiro capítulo apresenta as categorias escolhidas para a análise, procurando atender aos objetivos propostos para a pesquisa. Desse modo, as categorias que foram analisadas compreendem “Práticas Escolares”, “Meios de Comunicação de Massa”, que foram divididas nas subcategorias “Cultura”, “Hegemonia” e “Juventudes”.

No quarto capítulo apresentaremos as entrevistas que foram realizadas com docentes e discente da Educação Básica que utilizaram o jornal Mundo Jovem em sala de aula entre os anos de 1978 e 1988. E a partir das categorias definidas e analisadas no terceiro capítulo, elaboramos o roteiro da entrevista semi-estruturada, no intuito de compreender de que maneira as publicações mediavam as práticas escolares dos docentes e discente. Por meio das entrevistas pretendemos demonstrar que só é possível entender o outro a partir da experiência sensível, ainda mais quando lidamos com conceitos tão tênues como memória e esquecimento. O nosso intuito não é evitar esquecimentos, mas romper com a utilização, exclusivamente, racional das entrevistas ao procurar acessar essas lembranças das experiências sensíveis dos entrevistados sobre a utilização das publicações do jornal Mundo Jovem na sua prática escolar.

Ao final do texto, são apresentadas algumas considerações finais em que são tratadas as constatações da pesquisa, bem como são apontados possíveis encaminhamentos para novas investigações. Com isso, buscamos a conclusividade do trabalho, mas não pretendemos esgotar as possibilidades de análise.

1 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E O CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DA DITADURA CIVIL-MILITAR⁹ BRASILEIRA

Ao iniciarmos este primeiro capítulo o nosso objetivo compreende analisar a educação brasileira no cenário da Ditadura Civil-militar, e com isso, contextualizar a realidade política, social, econômica e educacional em que o Brasil estava inserido. Essas primeiras considerações são resultado de uma análise bibliográfica de artigos e livros referentes à Ditadura Civil-militar, além da inserção das pesquisas realizadas no jornal Mundo Jovem, que colaboraram para a compreensão do contexto histórico pesquisado.

Com isso, a relevância deste trabalho encontra-se na importância de se estudar a História, a fim de fornecer subsídios para identificar as ações tomadas no cenário da educação durante o período do recorte temporal da Tese. Ao analisarmos a conjuntura é possível identificar que alguns acontecimentos estão interligados, ou seja, o contexto histórico está diretamente relacionado às políticas públicas voltadas para a educação que são implementadas, devido a essa característica, foi preciso recuar alguns anos na análise para compreender como foram organizadas as políticas públicas de educação.

O Brasil vivia num Regime Militar semelhante ao vivido pelos demais países da América Latina, com a diferenciação de que no Brasil esse regime contou com o apoio da classe média urbana, que pretendia neutralizar as camadas populares e, dessa maneira, desestruturar qualquer tentativa de oposição. Essa compreensão da Ditadura Civil-militar é um fator relevante em nosso estudo, e também está presente nas publicações do jornal Mundo Jovem.

A camada média urbana esteve presente tanto na implementação da Ditadura Civil-militar quanto nas mudanças empreendidas na área da educação, pois o país vivia um processo de industrialização e era preciso formar mão-de-obra especializada para atender a essa crescente demanda. De acordo com Saviani (2008), essa característica faz com que até hoje, a educação pública brasileira esteja vinculada aos interesses e necessidades do mercado.

Este primeiro capítulo está dividido em três partes, sendo que no primeiro momento propomos a discussão do papel político da Igreja Católica no Brasil e a análise da aproximação entre essas duas instituições, a partir do jornal Mundo Jovem. Na segunda parte,

⁹ A definição Ditadura Civil-militar foi incorporada ao texto, após a leitura do livro “Pequena história da Ditadura Militar brasileira (1964-1985)”. Nele, Paulo Netto (2014) afirma que o golpe de 1º de abril de 1964 contou com a tutela militar, mas que é um erro caracterizá-lo somente como uma Ditadura Militar, uma vez que esse regime político atendia aos interesses da burguesia, que podemos traduzir como a classe média urbana. Esse grupo colaborou tanto para a instalação, quanto com a manutenção no poder dos militares.

será apresentado o contexto das políticas públicas no Brasil, desde a década de 1930 até o período histórico pesquisado (1978-1988). No terceiro item deste primeiro capítulo, a partir das publicações do jornal *Mundo Jovem*, trataremos especificamente das políticas públicas de educação durante a Ditadura Civil-militar brasileira, desde a Lei nº 5.692/71 até o processo de redemocratização, em 1988.

1.1 O PAPEL POLÍTICO DA IGREJA CATÓLICA NO BRASIL: A RELAÇÃO ESTADO *VERSUS* IGREJA

Antes de nos atermos especificamente ao período do recorte temporal da pesquisa (1978-1988), realizaremos uma breve contextualização sobre a importância da aliança entre a Igreja Católica e o governo de Getúlio Vargas (1930-1945). A realização dessa contextualização é relevante, pois é o subsídio para a compreensão da aproximação entre o Estado e a Igreja Católica. Além disso, esse é o período em que muitos pesquisadores realizaram os seus estudos sobre os meios de comunicação impressos católicos¹⁰.

As investigações sobre o campo religioso apresentaram diversos objetos de estudo. Dentre as considerações que podemos realizar sobre este campo no Brasil, cabe pontuarmos que de alguma maneira, as instituições religiosas encontravam-se relacionadas ao Estado, pois mesmo com o advento da República em 1889, momento em que o Estado se tornou laico, não ocorreu uma separação efetiva entre o Estado e a Igreja Católica.

A partir de 1980, organizaram-se no Brasil, segundo Mancuso e Torres-Londoño (2002), duas vertentes historiográficas, uma delas referente ao Período Colonial, em que se destaca a religiosidade popular e o sincretismo religioso, e a outra, atenta para o papel político da Igreja Católica, principalmente, entre os séculos XIX e XX. Para os referidos autores, antes de 1930 a Igreja era uma instituição burocrática que apresentava um patrimônio imobiliário consolidado, além da reformulação dos seminários e da consolidação das alianças com as oligarquias estatais.

Devido à aproximação entre Estado e Igreja Católica elegemos o aspecto político como um dos referenciais¹¹. Para a inserção nessa perspectiva encontramos respaldo nas palavras de Aline Coutrot (1996), quando afirma que as forças religiosas são levadas em consideração como fator de explicação política em numerosos domínios, fazendo parte do tecido do político ao relativizar a intransigência das explicações baseadas nos fatores sócio-

¹⁰ Tais como Lúcio Kreutz (1994), Cláudia Regina Costa Pacheco (2016), Marta Rosa Borin (2010).

¹¹ O outro referencial são os meios de comunicação, que analisaremos no segundo capítulo.

ecômicos. Portanto, a abordagem da religião não ocorrerá, exclusivamente, a partir da perspectiva da Igreja Católica, ou seja, da abordagem dos bispos, do papa ou das inúmeras ordens religiosas presentes na Igreja, mas através da relação entre o religioso e o político. Essa perspectiva será adotada para a compreensão da relação estabelecida entre o Estado e a Igreja Católica durante a Ditadura Civil-militar no Brasil.

Na historiografia tradicional não é novidade a participação de setores civis da sociedade, no movimento que depôs o ex-presidente João Goulart e encaminhou as forças armadas ao poder. Essa compreensão sobre a aproximação entre civis e militares encontramos no livro “1964: A conquista do Estado – Ação política, poder e golpe de classe”, de René Armand Dreifuss, publicado em 1981 e reeditado inúmeras vezes.

Em sua tese, Dreifuss apresentou a participação de importantes setores da sociedade civil na organização de inúmeros eventos que culminam na tomada de poder pelos militares. No livro, ele apresenta dois grupos civis importantes - o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) e o Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES), demonstrando a importância de ambos para a derrocada do governo de João Goulart. Mas, além dos grupos civis, Dreifuss demonstrou que a Igreja Católica também foi uma importante aliada, pois se apresentava como a guardiã dos valores morais e da família.

A Igreja se tornou outro campo de batalha no governo de João Goulart e talvez um dos mais influentes canais para a doutrinação. Ao final da década de 1950 e início da década de 1960, o esforço para a mudança social permeou o clero e conflitos societários eram refratados nas clivagens ideológicas mais recentemente formadas. [...] as posições reformistas cristalizavam-se em organizações populares, como a Juventude Operária Católica, a Juventude Estudantil Católica, a Juventude Universitária Católica e a Ação Popular, uma frente política multissetorial. A Igreja já se mostrava fundamental para a elite orgânica, já que o clero proporcionava a tão necessitada comunicação com as bases sociais populares, constituindo-se na única estrutura nacional verdadeira além das Forças Armadas. Ela representava o órgão ideal para atingir as classes médias, das quais os estudantes, intelectuais, os movimentos femininos organizados e os militares obviamente faziam parte, assim como para agir por seu intermédio no seio das classes camponesas e trabalhadoras urbanas. (DREIFUSS, 1981, p. 254).

A partir da citação, foi possível identificar a influência da Igreja Católica no processo que levou a deposição do ex-presidente João Goulart, em que a instituição religiosa serviu para conferir legitimidade às ações articuladas pelos membros das Forças Armadas. A Ditadura Civil-militar brasileira teve início em 1964 e terminou em 1985 e durante esse período, o país vivenciou anos de intensa repressão àqueles considerados subversivos, como também, cerceamento das liberdades democráticas.

Na pesquisa, optamos por realizar um recorte temporal que não contempla todos os anos da Ditadura Civil-militar, pois a pesquisa é realizada entre os anos de 1978 até 1988. O intuito ao realizar esse recorte compreendeu o interesse de analisar o momento de profundas mudanças no cenário político, e que certamente, interferiu no espaço escolar. Em 1978, temos importantes movimentos grevistas no Brasil, mesmo que eles ainda fossem ilegais, como também, é no final da década de 1970 que se iniciou o processo de abertura da política no país e que culminou com a elaboração de uma nova Constituição Federal em 1988.

Mesmo que tenha sido elaborado para um período histórico distinto, a formulação conceitual de Lenharo (1986), referente a “sacralização da política”, também está de acordo com as posições tomadas pelos militares e por alguns setores da Igreja Católica para legitimar o golpe de Estado que estava sendo articulado. Apesar das diferenças desses dois períodos históricos – Era Vargas (1930-1945) e Ditadura Civil-militar (1964-1985), também encontramos semelhanças: primeiro a sociedade perdeu seus direitos políticos e civis, como também, ocorreu a aproximação de alguns setores da Igreja Católica e do Estado, procurando legitimar as decisões tomadas por ambos.

No que se refere às escolhas teóricas, é pertinente referendarmos que optamos por autores mais tradicionais da historiografia produzida sobre a Ditadura Civil-militar no Brasil. Apesar de reconhecermos a gama de publicações que procuram explicar os regimes autoritários numa perspectiva atenta ao campo do sensível¹² e a aproximação desses autores com o trabalho desenvolvido, optamos por não enveredar por esta discussão, pois este não era o objetivo da pesquisa, e pelo fato dos autores selecionados conseguirem dar conta da contextualização histórica proposta na investigação realizada.

O Concílio Vaticano II, que ocorreu em Roma entre os anos de 1962 e 1965, contou com a participação de teólogos, intelectuais do alto clero da Igreja Católica, estudiosos leigos de diversas partes do mundo, onde no evento, ocorreram discussões sobre os caminhos a serem seguidos pela Igreja Católica. A organização do Concílio pretendia renovar a

¹² Ao tratarmos dos autores que procuram explicar os regimes autoritários em que a atenção não esteja majoritariamente voltada aos fatores econômicos e políticos, consideramos relevante citar o texto de Roney Cytrynowicz (1995), no qual o autor confere pouca atenção aos elementos econômicos e políticos para explicar o Nazismo e procura nos elementos subjetivos, refutar a prerrogativa de que os aliados do Nazismo eram, em sua maioria, pessoas com distúrbios mentais. Cytrynowicz (1995) defendeu que o Nazismo tinha efetivo apelo, e que conseguiu mobilizar, mesmo que em setores burocráticos e sem uma relação direta com os homicídios, um grande contingente populacional para que cometesse o extermínio rotineiro e sistemático, dos considerados inaptos pelo ideal eugenista do Nazismo. No referido texto, o autor explica um regime autoritário através de elementos subjetivos, guardadas as devidas e significativas diferenças entre o regime Nazista e a Ditadura Militar, cabendo apontarmos que outros autores procuram explicar a Ditadura Civil-militar no Brasil, a partir de elementos subjetivos, entretanto esse não era o objetivo da pesquisa ao tratar desse momento histórico, como já citado, o intuito era apenas realizar a contextualização histórica, o que inviabiliza essa discussão historiográfica por tangenciar o objetivo da pesquisa.

perspectiva da Igreja Católica após a Segunda Guerra Mundial, pois a sociedade vivenciava mudanças cada vez mais rápidas. Dentre as preocupações apresentadas pelo Vaticano durante a realização do Concílio estava o temor pelo avanço do comunismo em países latino-americanos, observando-se, após o Concílio, duas posturas distintas dentro da Igreja Católica, uma delas conservadora e outra de apoio as ações sociais voltadas para a população mais pobre.

No início da Ditadura Civil-militar, a postura da Igreja Católica foi de apoiar as Forças Armadas, mas no decorrer dos anos essas duas instituições foram se afastando. Essa oposição se acentuou à medida que militantes católicos e autoridades eclesiásticas passaram a ser perseguidos pelos militares. No momento em que pesquisamos, entre 1978 e 1988, a oposição entre a Igreja Católica e a Ditadura Civil-militar já estava consolidada, entretanto, ao realizarmos a pesquisa no jornal Mundo Jovem identificamos a tentativa de tratar da relação dessas duas instituições. Essa temática foi recorrente na pesquisa, tanto que optamos por estabelecer uma categoria, denominada “Política X Igreja Católica”, que pode ser observada na tabela abaixo.

Tabela 1 – Política X Igreja Católica (1978-1984)

Seção	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984
Eleições	2	-	-	-	-	-	-
Entrevistas	-	-	-	3	1	1	1
Educação Política	-	-	-	-	4	2	
Crônicas	-	-	-	-	-	-	1
MJ Comenta	-	1	-	-	-	-	1
Partidos Políticos	-	-	-	-	-	1	-
Sem seção definida	-	-	1	1	-	-	-

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Ao analisarmos a primeira tabela da categoria “Política X Igreja Católica”, observamos que a maioria dos artigos foram publicados ou na seção Entrevista ou numa seção especial, Educação Política. Ao todo foram 20 artigos publicados dentro desse recorte, que se estende no período definido como Ditadura Civil-militar no Brasil, entre os anos de 1978 e 1984. No intuito de contemplar a relação entre as instituições Estado e Igreja Católica, optamos por analisar a seção “Entrevistas”, por sua continuidade e representatividade na categoria.

Na seção “Entrevistas”, observamos que para tratar sobre a relação entre e Estado e Igreja Católica, o jornal procurou trazer nomes que possuíam prestígio dentro do cenário nacional, sendo que das 6 entrevistas analisadas, 5 delas foram realizadas com representantes da Igreja Católica, são eles: Cardeal Arns, Dom Pedro Casaldáliga, Ricardo Antoncich S. J., Frei Betto e Dom Ivo Lorscheiter. A sexta entrevista foi realizada com a então presidente do CPERS, Zilah Totta, em que ela tratou sobre a sua relação com o movimento jovem da Igreja Católica durante a Ditadura Civil-militar Brasileira e o quanto essa experiência foi importante para a sua formação.

No recorte temporal analisado, o primeiro texto que tratou da aproximação entre Igreja Católica e Estado, na seção “Entrevistas”, compreendeu a àquela realizada por Cláudio Somacal com o Cardeal Arns¹³, publicada no jornal Mundo Jovem em agosto de 1981. Nela, o entrevistador questionou sobre o momento político atual, ao que o entrevistado respondeu:

Todos nos alegramos com as possibilidades novas de participação. Sem dúvida, as eleições são uma destas possibilidades. Mas, elas não esgotam a abertura política. Elas devem ser, sobretudo, autênticas para exprimir uma tal abertura. É preciso acrescentar a tudo isso – para que a abertura seja eficiente – uma legislação justa. Portanto, é urgente que se revogue a Lei de Segurança Nacional. É, igualmente, urgente que se corrijam os Estatutos dos Estrangeiros e – quem sabe – muitas outras leis que atingem aos operários. Os sindicatos e os demais corpos sociais intermediários precisam ser autônomos. Não deve haver apenas uma ajuda assistencial, mas uma verdadeira reivindicação justa e eficiente. Os sindicatos e os corpos sociais intermediários analisam o que a classe precisa, considerando sempre o bem comum de todo o povo. Portanto, uma verdadeira abertura política significa também uma nova vida para os sindicatos e demais formas de associações do povo. (ARNS, ago. 1981, p. 9).

Na entrevista, o Cardeal Arns respondeu sobre as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e reiterou sobre a sua importância dentro da Igreja Católica, por tratar de um retorno às fontes da mesma. Ele também foi questionado sobre o papel da Igreja Católica para evitar o êxodo rural, e no excerto, tratou sobre a liberdade dentro dos sindicatos para que ocorresse uma verdadeira abertura política.

Ainda, nessa perspectiva do trabalhador do campo, temos em setembro de 1981 uma entrevista realizada com o Bispo Catalão Dom Pedro Casaldáliga¹⁴, em que ele relata o seu

¹³ Paulo Evaristo Arns nasceu no município de Forquilha (SC), em 14 de setembro de 1921 e faleceu na cidade de São Paulo, em 14 de dezembro de 2016. Era filho de pequenos agricultores do interior do Estado de Santa Catarina, sendo seus pais descendentes de alemães. Ele foi um frade franciscano, cardeal e escritor brasileiro.

¹⁴ Pedro Casaldáliga, nascido com o nome de Pere Casaldàliga, nasceu na Província de Barcelona, em 16 de fevereiro de 1928 e faleceu em 8 de agosto de 2020, no município de Batatais (São Paulo). Ele é um bispo católico catalão radicado no Brasil desde o ano de 1968, sendo bastante conhecido por defender os direitos

trabalho na Prelazia de São Félix, no norte do Estado do Mato Grosso. No texto, os entrevistadores também tratam do problema agrário e de terras no Brasil e do fato de que o socialismo não é pregado na Bíblia, mas sim, a exigência do amor cristão. Entretanto, um dos pontos centrais da entrevista conduzida por Luiz Gambim e Laurício Neumann compreendeu ao posicionamento de bispo sobre o cenário político brasileiro do período.

Nas duas primeiras perguntas, o Bispo foi questionado sobre o sistema político e se a abertura política promoveria uma maior participação do povo e ao que ele apontou, essa abertura era “apenas um paliativo, um enfeite” ao afirmar que ela atendeu a pequenos setores, como os meios de comunicação e algumas agremiações. Ao tratar da reforma do sistema de governo, ele apontou que duas áreas precisavam ser reformadas, a saúde e a educação - a saúde para não atender apenas aos privilegiados e a educação que deveria ser voltada para todos em que “a ideologia dominante não controlaria, como controla os centros educacionais”. (CASALDÁLIGA, set. 1981, p. 12).

O Bispo Dom Pedro Casaldáliga apresentou uma postura crítica e questionadora frente ao governo militar, mas os entrevistadores exploraram, ainda mais, essa aproximação entre Estado e Igreja Católica através de questionamentos que trataram sobre a postura do Papa João Paulo II¹⁵, que insistiu na não participação política do clero e sobre os partidos políticos que merecem a confiança dos cristãos. As respostas aos questionamentos apontados foram, respectivamente:

Essa é uma opinião que deve parecer mais ou menos nova e pessoal. Não vejo a possibilidade de a Igreja ser realmente a Igreja do verbo encarnado, do fermento do mundo, sem que a evangelização do mandamento do amor (que pretende praticar) se traduza nas consequência sócio-econômico-políticas? Você sabe que a política, na sociedade atual, normalmente se exerce através das agremiações e no exercício partidário. Pretender que a Igreja não se pronuncie e não atue no campo político concerto, que é partidário, seria o mesmo que pedir aos cristãos que desencarnasse do mundo e da vida, fugissem dessa terra. A pergunta é bem concreta e por isso vou respondê-la concretamente; alertando que se veja o fio da meada da minha argumentação. Se eu, como cristão, só posso aceitar um sistema ou um regime que possibilite a realização de um ideal de vida pessoal e em sociedade, é óbvio que como cristão, só posso aceitar e estimular as expressões políticas que respondam a esse ideal. Nesse sentido, haverá partidos que respondem melhor que outros. Agora, o partido nunca é ideal, nem hoje, nem amanhã, nem no Brasil, nem no mundo. Todos os instrumentos humanos e temporais são relativos. A comunidade caminha e vai se aperfeiçoando, e os instrumentos hoje serão um, amanhã serão outros. Dentro do atual contexto do Brasil, mesmo na abertura ainda bastante fechada, os partidos que não se propõem a mudar a situação vigente, não merecem o apoio do cristão. (CASALDÁLIGA, set. 1981, p. 13).

humanos, especialmente dos povos indígenas, bem como por suas posições políticas e religiosas a favor dos mais pobres.

¹⁵ Entre junho e julho de 1980, o Papa João Paulo II realizou sua primeira visita ao país, bem como foi a primeira vez que um Papa visitava o Brasil. Esta, foi marcada por declarações sobre justiça social, direitos humanos e Reforma Agrária, como também por uma declaração não muito positiva sobre a Teologia da Libertação.

Ao responder aos questionamentos da entrevista, o Bispo Pedro Casaldáliga apontou sua postura política enquanto membro da Igreja Católica. Ao tratar da posição do Papa, ele salientou que é incapaz de dissociar a Igreja Católica do campo político, mesmo sendo essa a orientação do seu principal representante. Por ser uma entrevista polêmica e ao tratar da relação da Igreja Católica com a política, verificamos nos seis meses seguintes na seção “Recado dos Leitores” a repercussão da entrevista entre os mesmos, sendo que só encontramos uma única referência, na publicação de outubro de 1981, em que uma leitora escreveu criticando a postura adotada pelo jornal ao afirmar que o mesmo, por ser um veículo de comunicação que representava a Igreja Católica, não deveria intervir em questões político-sociais.

Nessa perspectiva de aproximação da Igreja Católica com a política, identificamos o artigo do Padre Ricardo Antoncich¹⁶, onde nele, são abordados dois temas importantes: a relação entre fé e política e a relação entre a Igreja Católica e a política. Ao tratar da relação entre fé e política, Antoncich aponta que tanto no Antigo quanto no Novo Testamento a fé é uma das condições políticas e para ele, “a relação entre fé e política, além de ser um fato real é também uma exigência da fé”. (ANTONCICH, nov. 1981, p. 19). Quando questionado sobre a relação entre Igreja Católica e política, Ricardo Antoncich afirmou que a presença da Igreja e dos cristãos é apenas uma presença comunitária para perceber os valores do político, e até mesmo purificar a própria política.

Na entrevista realizada com Frei Betto¹⁷, temos uma tratativa sobre a aproximação entre Estado e Igreja Católica, em que ele tratou das divergências entre eles. Na compreensão do entrevistado, o afastamento entre as referidas instituições é resultado de a Igreja Católica estar próxima do povo, e para ele, se a postura da Igreja fosse distinta haveria uma boa convivência entre o Estado e a Igreja Católica. Ao tratar das eleições que ocorreriam em 1982, Frei Betto apontou que a Igreja Católica não possuía nenhum plano para dar continuidade a educação política da população e com isso, seu posicionamento pode ser resumido na compreensão de que a Igreja Católica e a política não são esferas distintas, mas sim, complementares.

¹⁶ Ricardo Antoncich nasceu em 1931 no Peru e faleceu em 4 de agosto de 2018. Nos seus 87 anos de vida, 65 destes foram dedicados a congregação jesuíta e 54 anos ao sacerdócio. Foi assessor, professor e orientador em vários órgãos e programas da Igreja Católica e da Companhia de Jesus.

¹⁷ Frei Betto, registrado com o nome de Carlos Alberto Libânio Christo, nasceu em Belo Horizonte, em 25 de agosto de 1944. Ele é um frade dominicano, escritor e graduado em jornalismo. Além disso, é adepto da Teologia da Libertação, bem como militante de movimentos pastorais e sociais.

Em contrapartida, a entrevista concedida por Dom Ivo Lorscheiter¹⁸ ao jornal Mundo Jovem, em setembro de 1984, tratou do papel da Igreja e da Teologia da Libertação para tentar minimizar os problemas sociais e a pobreza do país. Na entrevista, o Bispo defendeu que esteve com o Papa João Paulo II e que o mesmo não condena a Teologia da Libertação, mas que reconhecia que no Brasil e na América Latina, devido às injustiças sociais e a pobreza da população, era preciso ajudar a libertar o povo, de maneira evangélica e com métodos cristãos, se mantendo afastados das correntes de pensamento/teóricas marxistas.

A entrevista concedida pela Presidente do CPERS, Zilah Totta a Pedrinho Guareschi, em agosto de 1983, tratou da sua participação nos movimentos católicos e de como a sua imersão em grupos de jovens católicos colaborou com a sua formação humana e política. Ao tratar da educação, ela apontou que a escola, naquele momento, ainda não conseguia desenvolver entre os jovens uma educação crítica, e que a Igreja Católica, através da educação popular, estava mais atenta a uma educação crítica. A partir dessa perspectiva, ela ressaltou que a Igreja Católica através dos grupos de jovens deveria voltar sua atenção às questões sociais.

Ao analisarmos a seção “Entrevistas”, dentro da categoria “Política X Igreja Católica”, observamos que das seis entrevistas, cinco delas foram realizadas com membros da Igreja Católica que trataram, uns com menos e outros mais cautela, da importância da política dentro da Igreja, tanto que as entrevistas recorreram a uma mesma pergunta, sobre a pouca aceitação do Papa João Paulo II a aproximação entre a política e a Igreja Católica.

Na primeira vez que esse tema foi abordado nas entrevistas, em setembro de 1981, a resposta de Dom Pedro Casaldáliga é que esse é uma postura pessoal e que ele não é capaz de dissociar a militância política do trabalho social e entendimento religioso. Três anos depois, em setembro de 1984, é a vez de Dom Ivo Lorscheiter responder ao questionamento, ao que ele afirma que o Papa João Paulo II reconheceu que as questões sociais no Brasil, bem como na América Latina, exigiam que a Igreja Católica conduzisse a população, por meios cristãos, a buscar a liberdade.

A outra seção que também apresentou um maior número de publicações corresponde a seção “Educação Política”, que apresentou editorações entre os anos de 1982 e 1983. Ela começou a ser publicada no ano de 1982, a primeira vez que iriam ocorrer eleições diretas

¹⁸ Dom José Ivo Lorscheiter nasceu no município de São José do Hortêncio em 7 de dezembro de 1927 e faleceu em Santa Maria, em 5 de março de 2007, ambos municípios localizados no Estado do Rio Grande do Sul. Ele foi um bispo católico brasileiro, sendo o último bispo brasileiro nomeado pelo Papa Paulo VI no decorrer do Concílio Vaticano II, em 1965. Esteve em cargos de secretário e presidente na CNBB, nas décadas de 1970 e 1980.

para governador e deputados, desde a década de 1960. Com isso, identificamos o interesse do jornal em agendar essa discussão com os seus eleitores e construir a imagem do candidato mais adequado para o eleitor católico.

Em 1980, as eleições foram transferidas com o pretexto de se evitar gastos e possibilitar uma coincidência, já que em 1982 seria novamente um ano eleitoral. Em 1981 e 1982, ao lado de projetos apresentados por deputados, receosos de enfrentar as urnas, o Poder Executivo elaborou o famoso ‘Pacote Eleitoral’ que proíbe as coligações e, conseqüentemente, obriga o eleitor a votar em candidatos do mesmo partido para todos os cargos. [...] Está aí o ano de 1982. É a grande ocasião para não reeleger oportunistas, descompromissados, homens que não entenderam que a aposentadoria é uma coisa válida também para político. (BIZ, mar. 1982, p. 10).

Na citação do artigo de Osvaldo Biz¹⁹, “Tempo de votar”, observamos a crítica a um determinado perfil político e o fortalecimento da importância da participação popular na eleição que ocorreria naquele ano, sendo que esse foi o conteúdo das publicações da seção “Educação Política” no ano de 1982, em que o jornal procurou explicar a população o que é fazer política.

Apesar da postura do jornal não ser intervencionista, não encontramos esta mesma conduta nas duas publicações de novembro de 1978. Ambas foram editadas por grupos religiosos e publicadas no jornal, na seção “Eleições”. Desde os títulos, elas indicam a intenção de guiar o eleitor de acordo com os preceitos católicos. O texto denominado “10 mandamentos do eleitor católico” foi elaborado pelo Lar Católico de Juiz de Fora (MG) e pretendia orientar o eleitor para as eleições que aconteceriam no dia 15 de novembro. Enquanto que o outro texto, denominado “17 princípios do político cristão” e editado pela Faculdade de Filosofia Santa Marcelina, de Muriaé (RJ), trata das características que devem representar o político católico, “independente de pertencer a ARENA ou ao MDB”. (MUNDO JOVEM, nov. 1978, p. 7).

Tabela 2 – Política X Igreja Católica (1986-1988)

SEÇÃO	1986	1987	1988
Entrevistas	1	-	-
Depoimentos	1	-	-
O jovem dos anos 80	1	-	-
Igreja	-	-	1
Sem seção definida	1	1	1

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

¹⁹ Osvaldo Biz é apresentado no jornal Mundo Jovem como jornalista e professor universitário.

A tabela 2 sistematiza as seções em que foram publicados sete artigos, ainda de acordo com a categoria “Política X Igreja Católica”, entretanto no período definido historicamente como redemocratização. Realizamos a divisão dessa categoria, “Política X Igreja Católica”, em dois momentos políticos distintos, no qual, num primeiro, o recorte temporal estava voltado para os anos que compreendem a Ditadura Civil-militar no Brasil, no caso da pesquisa entre 1978 e 1984²⁰, enquanto que no segundo recorte, estamos atentos a relação Política e Igreja Católica que se estabelece após a eleição indireta de um presidente civil, durante o tempo em que o país vivia o seu processo de redemocratização.

Nesse período de mudanças, podemos afirmar que a Igreja não pretendia perder o que já estava instituído, sendo que foi organizada no jornal uma publicação especial sobre a manutenção e/ou a criação da disciplina de Ensino Religioso nas escolas públicas brasileiras. Na primeira parte da publicação especial é realizada uma entrevista com o Coordenador Nacional de Ensino Religioso da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Irineu Aloysio Brand²¹, que revelou dois pontos que mereceram destaque: o que o Estado pretendia ao ministrar nas escolas públicas a disciplina de Ensino Religioso e o perfil que deve ter o profissional que ministra a disciplina nas escolas. Encontramos ambos os posicionamentos nas citações abaixo:

O Estado, segundo a Lei 4. 024, encara o Ensino Religioso como parte da educação integral do homem. Na prática, entra em questão uma série de interesses. Localizadamente, eu não tenho dúvidas de que em muitos lugares o Ensino Religioso é usado para ser um ato político ou um ato de politicagem, até, de bom relacionamento com a autoridade confessional; de ter a Igreja do lado.

[...]

A mistura que se faz entre catequese paroquial e Ensino Religioso pelos próprios professores é um dos empecilhos para concretizar os objetivos. E a formação dos professores é uma tarefa da confissão e não do governo. O que está sendo feito para a formação de professores é absolutamente insuficiente. Para ser professor de Ensino Religioso, a pessoa devia preencher alguns critérios. Em primeiro lugar, o professor deve identificar-se com uma comunidade eclesial, deve ser praticante. Deve ser uma pessoa que goze de boa reputação profissional. Não adianta ir à missa todos os dias se for um péssimo profissional. O terceiro critério é que a pessoa tenha condições mínimas de conhecimento de sua própria confissão religiosa e das outras confissões. A meu ver, a Igreja ainda está acomodada num certo paternalismo, espera tudo do Estado. [...] Os professores de Ensino Religioso deveriam até ser contratados pelas Igrejas e não pelo Estado. É preciso criar uma maior consciência, onde os recursos

²⁰ Os historiadores utilizam como recorte temporal da Ditadura Civil-militar brasileira o período compreendido entre 1º de abril de 1964 a 15 de março de 1985. As publicações do jornal Mundo Jovem seguiam o calendário letivo, por isso as tiragens eram distribuídas de março a dezembro. Se a primeira publicação do ano do jornal era em março, quando o jornal chegou ao público em março de 1985, o Brasil já não possuía um governo militar.

²¹ Irineu Aloysio Brand nasceu em 14 de junho de 1942, na cidade gaúcha de Montenegro e faleceu em 29 de setembro de 2014, em Porto Alegre. Era diretor do Fraterno Auxílio (órgão Assistencial dos Padres da Arquidiocese de Porto Alegre) desde agosto de 1992 e professor no Centro de Estudos Teológicos São João Vianey, no Seminário Maior Nossa Senhora da Imaculada Conceição, em Viamão, desde março de 1988.

da Igreja tenham uma função social e educativa muito mais séria, muito mais participativa. (BRAND, ago. 1986, p. 13).

A partir da citação de parte da entrevista cedida por Irineu Aloysio Brand ao jornal *Mundo Jovem*, observamos que após a abertura política em 1985, em que temos a primeira eleição de um presidente civil em mais de 20 anos, a Igreja Católica, representada pelo jornal *Mundo Jovem*, pretendeu manter as discussões fomentadas entre os seus leitores para não perder alguns espaços que havia conquistado nos primeiros anos da Ditadura Civil-militar, quando ainda apoiava o regime político vigente. Analisando as pesquisas acadêmicas sobre o golpe e a Ditadura, bem como a análise nas publicações do jornal *Mundo Jovem*, sustentamos a posição de que a implantação da Ditadura pelos militares contou com o apoio da sociedade civil e de alguns membros da Igreja Católica.

Entretanto, no final da década de 1960, a postura de alguns membros da Igreja Católica se inverteu, pois parte da militância católica passou a ser perseguida pela repressão empregada durante a Ditadura Militar. Nesse sentido, é relevante apontarmos que não havia uma única vertente dentro da Igreja Católica, pois havia membros que julgavam benéfica a aproximação do governo militar e por isso apoiavam essa proximidade, enquanto que outros membros da Igreja Católica, identificados com um discurso progressista que ecoava na instituição na década de 1980, não se identificavam e até mesmo repudiavam o governo militar. Entretanto, o discurso progressista da Igreja Católica da década de 1980 é o que identificamos nas entrevistas analisadas na categoria “Política X Igreja Católica”.

Essa mudança de postura de alguns membros da Igreja Católica provoca outros questionamentos: será que a insatisfação manifestada por alguns grupos católicos estava presente nas publicações do jornal *Mundo Jovem*? O discurso de insatisfação com o governo presente no jornal *Mundo Jovem* é o mesmo manifestado pelos professores e estudantes do período? Desses questionamentos, apenas o primeiro fomos capazes de responder, a outra pergunta será respondida no quarto capítulo, quando analisaremos as entrevistas realizadas com professores e estudante que vivenciaram esse período histórico.

No fim do Governo Geisel, a imprensa, que principalmente nos últimos 10 anos (a partir do AI-5 em 1968) vinha sendo amordaçada em todos os níveis, começou a poder se movimentar mais livremente. A presença do censor, com recadinhos para que as notícias não saíssem, ou simples telefonemas (cuja fase mais aguda foi durante o governo Médici), deixaram de existir, a partir de 1978, nos chamados ‘grandes jornais’. O *Estadão*, o *JB*, o *Globo* e o *Correio*, por exemplo, já podiam divulgar o que quisessem, mas, incoerentemente, aquelas mesmas informações eram vetadas, muitas vezes, para a *Tribuna da Imprensa*, *Movimento* e *Em Tempo*, últimos três jornais a sofrerem censura prévia no país. (RAMOS, jun. 1979, p. 4).

A partir do excerto extraído do jornal Mundo Jovem, foi possível observar as mudanças na liberdade de imprensa, entretanto essa abertura não foi implementada em todos os veículos de comunicação com equidade. Com isso, a citação responde a um dos questionamentos, mas não atende ao outro, e para que encontremos as respostas, é preciso dar continuidade a pesquisa. E é o que faremos no próximo item ao analisarmos as políticas públicas de educação, em que será traçado um panorama histórico desde a década de 1930, avançando até a Lei 5.692/71.

1.2 CONTEXTO-HISTÓRICO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO: DOS ANOS DE 1930 A DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA

De acordo com Vieira e Farias (2007), a década de 1930 foi um período de efervescência no campo educacional brasileiro, o que se deve, principalmente, as duas Constituições do governo getulista. As Constituições do governo de Getúlio Vargas possuíam características distintas - a Constituição de 1934 foi elaborada de acordo com o pensamento liberal, enquanto que a Constituição de 1937 foi inspirada nos modelos fascistas europeus.

A Constituição de 1934 foi influenciada no setor da educação pelo “Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova”, de 1932, sendo que esse movimento se configurou como um contraponto ao pensamento conservador. O Manifesto dos Pioneiros (1932) compreendeu uma primeira tentativa de universalizar o acesso à escola, tanto que a Constituição de 1934 incorporou a prerrogativa democrática do Manifesto, ao tornar o ensino primário integral, gratuito e de frequência obrigatória. Entretanto, a Constituição de 1937, atendendo ao novo contexto histórico, modificou diversos aspectos da mesma, o que ocorreu devido à criação de um governo ditatorial. Com o fechamento do Congresso Nacional, em 1937, os debates sobre uma educação democrática foram interrompidos. (FONSECA, 2009).

Na década de 1930²², o Brasil passou por transformações na área da Educação. Sob a liderança de Francisco Campos, o recém criado Ministério da Educação e Saúde decretou uma reforma no ensino secundário e superior do país, estando embasada na reforma educacional de Giovanni Gentile (Ministro do governo de Benito Mussolini), reforçando as diferenças e barreiras no ensino pós-primário, que estava dividido em escolas secundárias (voltadas para a

²² Ao optarmos por retroceder as políticas públicas voltadas para a educação até a década de 1930, pretendemos entender como as mesmas foram organizadas, pois desde o momento em que o país passou a ser uma República e rompeu com a Monarquia, já se pretendia tornar o ensino primário gratuito e obrigatório a todos. Entretanto, isso só ocorreu na Constituição de 1946, portanto, julgamos que é preciso retroceder a década de 1930 para reconhecer o caminho percorrido nas políticas públicas educacionais no Brasil.

preparação do ensino superior), escolas profissionais para o comércio e indústria (voltadas para a preparação para o trabalho) e a escola Normal (voltada para a formação de professoras dedicadas à crescente demanda de ensino formal no país). Vieira e Farias (2007) destacaram que as reformas empregadas nesse período reafirmaram a naturalização das diferenças sociais ao destinar o ensino secundário a população mais rica e o ensino profissional a classe dos trabalhadores, através da preparação para o trabalho. Ao propor essa divisão do ensino secundário, as autoras enfatizaram que o caráter seletivo da educação era reafirmado.

As mudanças no ensino secundário e superior no país não ocorreram sem que houvesse contestações, sendo uma delas o Manifesto Educacional²³ que fracassou, e com isso a Constituição de 1934 corroborou com o Decreto 19.851, de 11 de abril de 1931 ao limitar o número de estabelecimentos públicos de ensino secundário. De acordo com o Decreto, o ensino secundário foi dividido em dois ciclos: um primeiro ciclo fundamental de cinco anos, para fornecer cultura geral, e outro complementar de dois anos, no intuito de preparar os candidatos para o ensino superior. (VIEIRA; FARIAS, 2007).

Essa política de limitação de escolas de ensino secundário não se modificou durante o Estado Novo (1937-1945)²⁴. Naquele período, o Ministério de Educação e Saúde, liderado pelo Ministro Gustavo Capanema, compreendia um espaço de controle e fiscalização da educação, o que não se diferenciava do controle e centralização exercido pelo Estado Novo em outros setores. À medida que se possibilitou o acesso ao ensino primário público com o Decreto 19.851/1931, reforçado pela Constituição de 1934, mais estudantes desejavam dar continuidade aos seus estudos, ao avançar para o ensino secundário. Entretanto, como já afirmamos, essa mudança não ocorreu durante o Estado Novo²⁵.

A partir de 1942, por iniciativa do ministro Gustavo Capanema, começaram a ser promulgadas as leis orgânicas do ensino, responsáveis pelas reformas de vários setores do ensino secundário. Essa etapa de ensino passou a ser denominado de Ginásio e foi dividida

²³ Este Manifesto foi assinado por 26 educadores de grande prestígio no Brasil, dentre eles: Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Sampaio Dória, Afrânio Peixoto, Lourenço Filho, Paschoal Leme e Roquete Pinto, entre outros. Apesar de estarem unidos, este grupo de educadores apresentava duas posições predominantes: uma delas de liberais elitistas, que defendia as diferenças de uma educação profissional e intelectual enquanto que a outra posição, a dos liberais igualitaristas, defendia uma escola única onde convivessem trabalhadores manuais e intelectuais.

²⁴ O Estado Novo consistiu num regime político instituído a partir da Constituição Brasileira de 1937, mais conhecida como a Constituição Polaca por sua semelhança com a Constituição autoritária da Polônia, que foi outorgada no dia 10 de novembro de 1937. Esse regime político brasileiro foi liderado por Getúlio Vargas, então presidente, e persistiu até 29 de outubro de 1945.

²⁵ De acordo com os dados do texto Formação de professores do Ensino Médio, etapa I – caderno I: ensino médio e formação humana integral, publicado pelo Ministério da Educação em 2013. Das 629 escolas secundárias registradas no Brasil em 1939, apenas 99 delas eram públicas. E mesmo, com a crescente demanda pelo ensino secundário no Brasil as leis orgânicas sobre a educação de 1942 previam que para a criação de escolas secundárias era preciso um rigoroso acompanhamento do Ministério da Educação por 2 anos.

em dois ciclos: o primeiro com 4 anos, semelhante ao que temos hoje nos anos finais do Ensino Fundamental; e o segundo com 3 anos, com opção entre as modalidades Clássico (voltados para as Letras e à docência) ou Científico (voltado para as áreas das Ciências Naturais - Biologia, Química e Física). Entre o final de um ciclo e o início do outro, era preciso realizar “exame de licença” para avançar nos estudos. (VIEIRA; FARIAS, 2007).

O fim do Estado Novo, no ano de 1945, não implicou em mudanças significativas nas diretrizes do governo, pois de acordo com Vieira e Farias, o governo de Eurico Gaspar Dutra manteve as diretrizes do governo de Getúlio Vargas até ele retomar a presidência da República, entre 1950 e 1954. O mesmo cenário de poucas mudanças ocorreu entre o governo democrático de Getúlio Vargas e a eleição de Juscelino Kubitschek, que governou de 1956 até 1960, no qual as diretrizes da educação permaneceram inalteráveis. Com o governo de Juscelino Kubitschek, as prerrogativas sobre a educação mudaram, sendo destinada a preparar mão-de-obra técnica que seria utilizada na implantação da indústria de base. “A educação deveria, portanto, produzir competências técnicas para o emprego, de forma a agregar valor aos recursos humanos no mercado”. (FONSECA, 2009, p. 158).

De acordo com Fonseca (2009), entre os governos de Kubitschek e Goulart, no período entre 1956 e 1963, os educadores voltaram a debater suas ideias em Fóruns Nacionais, principalmente, após os Fóruns Internacionais organizados em Punta del Leste/Uruguai, em 1961, e em Santiago/Chile, em 1962. Apesar de estarem voltadas para o desenvolvimento econômico e social, essas conferências também estabeleceram metas de 10 anos para a educação na América Latina.

Nesse cenário de fomento sobre a educação, o Brasil desenvolveu a sua primeira Lei de Diretrizes e Bases, a LDB, Lei n. 4.024/61, no qual a partir dela, foi possível desenvolver os sistemas estaduais em todos os níveis de ensino, que no período eram denominados de primário e secundário. De acordo com Pasinato (2019), a Lei n. 4.024/61, a primeira lei geral de educação, permitiu a descentralização da educação na esfera federal para a estadual, com a institucionalização dos sistemas de educação e recriação dos Conselhos Estaduais com funções normativas. Essas novas possibilidades para a educação promoveram o direito à educação e a obrigatoriedade escolar, e podem ser identificadas através do excerto da Lei n. 4.024/61.

Art. 2º A educação é direito de todos e será dada no lar e na escola.

Parágrafo único. À família cabe escolher o gênero de educação que deve dar a seus filhos.

Art. 3º O direito à educação é assegurado

I - pela obrigação do poder público e pela liberdade de iniciativa particular de ministrarem o ensino em todos os graus, na forma de lei em vigor;

II - pela obrigação do Estado de fornecer recursos indispensáveis para que a família e, na falta desta, os demais membros da sociedade se desobriguem dos encargos da educação, quando provada a insuficiência de meios, de modo que sejam asseguradas iguais oportunidades a todos;

[...]

Art. 29. Cada município fará, anualmente, a chamada da população escolar de sete anos de idade, para matrícula na escola primária.

Art. 30. Não poderá exercer função pública, nem ocupar emprego em sociedade de economia mista ou empresa concessionária de serviço público o pai de família ou responsável por criança em idade escolar sem fazer prova de matrícula desta, em estabelecimento de ensino, ou de que lhe está sendo ministrada educação no lar.

Parágrafo único. Constituem casos de isenção, além de outros previstos em lei:

- a) comprovado estado de pobreza do pai ou responsável;
- b) insuficiência de escolas;
- c) matrícula encerrada;
- d) doença ou anomalia grave da criança.

Art. 31. As empresas industriais, comerciais e agrícolas, em que trabalhem mais de 100 pessoas, são obrigadas a manter ensino primário gratuito para os seus servidores e os filhos desses.

§ 1º Quando os trabalhadores não residirem próximo ao local de sua atividade, esta obrigação poderá ser substituída por instituição de bolsas, na forma que a lei estadual estabelecer.

§ 2º Compete à administração do ensino local, com recurso para o Conselho Estadual de Educação zelar pela obediência ao disposto neste artigo.

Art. 32. Os proprietários rurais que não puderem manter escolas primárias para as crianças residentes em suas glebas deverão facilitar-lhes a frequência às escolas mais próximas, ou propiciar a instalação e funcionamento de escolas públicas em suas propriedades. (BRASIL, 1961).

A partir do excerto, observamos o nível de comprometimento que tinha o empregador de oferecer subsídio de estudos para os filhos dos seus funcionários, e até mesmo, organizar aulas para os trabalhadores que não tinham concluído o ensino primário, que hoje corresponde aos cinco primeiros anos do Ensino Fundamental, que pode ser definido como Fundamental I ou Anos Iniciais. No que se refere a questões estruturais sobre a Lei n. 4.024/61, Vieira e Farias (2007) destacam que a referida lei favoreceu a escola privada, pois ao mesmo tempo em que tornava a educação de nível primário direito de todos, também permitia que as escolas fossem mantidas com recursos privados.

Esse movimento promoveu o aumento dos estabelecimentos privados e incentivou as bolsas de estudos para o ensino particular, principalmente para os estudantes que apresentassem dificuldades financeiras e/ou aptidão. Apesar das críticas, com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 4.024, de 20 de dezembro de 1961, ocorreram mudanças na educação, tais como a equivalência dos cursos técnicos ao

secundário, para efeito de ingressar em cursos superiores. Com isso, o ensino secundário formava para o trabalho, mas também permitia o acesso ao ensino superior e não negligenciava o desejo do estudante-trabalhador de continuar no caminho da educação formal.

A respeito da Lei n. 4.024/61, Vieira e Farias (2007) destacaram que essa lei determinou que a educação deveria ser direito de todos e ser dada no lar e na escola, além de conferir liberdade para a iniciativa privada de ministrar o ensino em todos os graus, estabelecendo-se, assim, a “liberdade de ensino”. É de suma importância destacar aqui o que, de acordo com as autoras, representou um grande retrocesso da LDB: a eliminação da gratuidade do ensino oficial, uma vez que essa lei admitia que as escolas mantidas por recursos do patrimônio ou doações cobrassem de seus alunos.

O movimento de 31 de março de 1964, que instaurou a Ditadura Militar no Brasil, visava controlar a “desordem” reinante no governo de Jango e eliminar a ameaça comunista. Em nome da ordem, o Brasil conheceu um duro período no que diz respeito ao controle, por exemplo, da imprensa, dos movimentos sociais, da criação artística e das universidades. Consolidado o golpe, o Regime Militar implementou uma política de modernização econômica que mesclava capitais externos, grandes empresas nacionais e investimentos do próprio Estado em setores estratégicos, como geração de energia e telecomunicações. (SKIDIMORE, 1988).

Ranieri Mazzilli, presidente da Câmara dos Deputados e sucessor constitucional de Jango, ocupou interinamente a presidência da República. Mas o poder estava, de fato, nas mãos do autodenominado Comando Supremo Revolucionário, composto por militares das três forças: Exército, Marinha e Aeronáutica, onde após, no início de abril, por meio de uma eleição indireta, a presidência da República foi entregue ao general Humberto de Alencar Castelo Branco e em 9 de abril de 1964, foi promulgado o primeiro Ato Institucional²⁶. O AI-1, como passou a ser conhecido, promoveu cassações e suspendeu os direitos políticos dos cassados por dez anos. O AI-2, de 27 de outubro de 1965, alterou significativamente a vida política no país, sendo neste Ato, extintos os partidos políticos e suspensa as eleições diretas para Presidente e Vice-presidente, como também, provocou o aumento das cassações e facilitou o Decreto do estado de sítio (a suspensão dos direitos constitucionais) e a intervenção do governo nos Estados. Também previa a impossibilidade de reeleição do Presidente, garantindo a alternância de ocupantes na chefia do poder Executivo. Em atos complementares ao AI-2 estabeleceu-se o bipartidarismo, com a instituição da ARENA

²⁶ Este era um conjunto de leis que representava a vontade do Alto Comando Militar. Era estabelecido sem consulta ao Poder Legislativo e que concedia poderes excepcionais ao Poder Executivo.

(Aliança Renovadora Nacional), que reunia os governistas, e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro), composto pelos setores oposicionistas. (SKIDIMORE, 1988).

Em fevereiro de 1966 foi decretado o terceiro Ato Institucional, o AI-3, que tornava as eleições para governador indiretas, ocorrendo com isso, as liberdades civis e políticas, as quais eram cerceadas em ritmo crescente. A partir da promulgação do AI-4, aprovado em 6 de dezembro de 1967, o país tinha uma nova Constituição, pela qual o mandato presidencial era reduzido de cinco para quatro anos e o Poder Executivo consolidava seu fortalecimento em relação aos demais poderes, colaborando com as medidas adotadas pelos Atos Institucionais. A sucessão de Castelo Branco, representante dos militares moderados, foi marcada pelo avanço da linha-dura, com a indicação da candidatura do general Arthur da Costa e Silva. (SKIDIMORE, 1988).

No governo de Costa e Silva, vários setores da sociedade começaram a reagir de forma mais ampla contra o autoritarismo, com greves e mobilizações de rua, fato esse, devido a intensificação dos movimentos populares, que aumentava a indignação da ala mais conservadora das Forças Armadas. No contexto internacional, o mundo observava as manifestações estudantis em Paris, na França, sendo que o movimento ficou conhecido pelo período em que ocorreu, ou seja, maio de 1968. Os movimentos estudantis também ocorreram no Brasil, sendo que o episódio de maior repercussão foi provocado pelo assassinato do secundarista Edson Luís de Lima Souto, morto pela polícia do Rio de Janeiro em março de 1968, provocando muitos protestos, principalmente, nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, em que milhares de pessoas se reuniram nas ruas. (SKIDIMORE, 1988).

Nesse descompasso entre governo e sociedade foi criado o AI-5, em 13 de dezembro de 1968, no qual estava, entre as medidas impostas por ele, o endurecimento das relações do Executivo com os demais poderes e a sociedade civil, vigorando até 1979. Através do AI-5, as liberdades de expressão e de reunião estavam impedidas e diversos cidadãos, quando suspeitos, chegavam a ser proibidos de seguir com seus empregos. De acordo com Skidimore (1988), umas das medidas tomadas com o AI-5 foram o direito de cassar mandatos, suspender direitos políticos, demitir e aposentar juízes e funcionários públicos. O Congresso Nacional foi fechado e centenas de deputados, vereadores e prefeitos perderam seus mandatos.

Ao tratarmos das implicações no campo da educação promovidas pelo AI-5, cabe apontarmos as considerações de Joana Neves (2014). Para a autora, o AI-5 promoveu uma desqualificação profissional e pedagógica, que acabou por definir o sistema educacional brasileiro nas décadas de 1970 e 1980 e que tem influência até o presente no campo educacional. Costa e Silva ao decretar o Ato Institucional número 5 tornou inviável a

coexistência de um sistema educacional voltado para a liberdade de ação, em um regime de governo centrado e autoritário. (NEVES, 2014).

As autoras Vieira e Farias (2007) também trataram sobre as principais mudanças empreendidas na educação, tanto no que se refere à Constituição outorgada em 1967 quanto a legislação específica ao campo da educação. Nesse caso, analisaram a Lei n. 5.540/68, que aborda sobre a Reforma Universitária e organiza o funcionamento do ensino superior no país e a Lei n. 5.692/71, que estabeleceu as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º grau, a qual analisaremos detalhadamente no terceiro item desse capítulo.

Ao tratarmos da Reforma Universitária implementada durante o Regime Militar através da Lei n. 5.540, de 28 de novembro de 1968, podemos afirmar que ela possuía dois princípios norteadores: o controle político das universidades públicas e a formação de mão-de-obra qualificada, assim como ocorreu alguns anos depois com a reforma da Educação Básica através da Lei n. 5.692/71. Dentre as medidas implementadas com a Lei n. 5.540/68 podemos citar: a criação dos Departamentos; a supressão e cancelamento dos movimentos estudantis; a criação da monitoria; a obrigatoriedade dos programas desportivos; as atividades culturais e cívicas e a escolha de Reitores e Vice-Reitores pelo Chefe do Poder Executivo. (ANTUNES; SILVA; BANDEIRA, 2011).

A presença da tradição autoritária do governo militar encontramos no artigo 16 da Lei n. 5.540/68, que não permitia as eleições diretas para Reitores e Vice-Reitores. A nomeação dos mesmos, como também de Diretores e Vice-Diretores de unidades universitárias, ocorria por meio da indicação do Governo ou Presidente, após uma lista de nomes recomendados pelo Conselho Universitário. Esse artigo da Reforma Universitária de 1968 inviabilizou o controle democrático sobre o comando das instituições brasileiras de ensino superior.

A postura autoritária nas instituições de ensino superior já vinha sendo adotada desde a Constituição de 1967, quando se iniciou as aposentadorias compulsórias de professores, a demissão de reitores e o controle policial nesses espaços de ensino. Essas medidas autoritárias se intensificaram após a Reforma Universitária de 1968 e apesar dos reveses do Regime Militar, esta reforma também aumentou o acesso aos cursos superiores, ampliou os recursos destinados a essa etapa e permitiu a criação e desenvolvimento de programas de Pós-graduação. O Decreto-Lei n. 547/69 está diretamente ligado a Reforma Universitária e a necessidade de expandir as matrículas nos cursos de licenciatura.

Logo no início do ano de 1969 assistiu-se a instalação, com rápida proliferação, da licenciatura curta, ou seja: a formação de professores em cursos de curta duração, criados pelo Decreto-Lei nº. 547, de 18 de abril de 1969. Inicialmente, a curta duração, no caso das licenciaturas, era de três anos, mas, em 1972, pela Resolução n. 8 do Conselho Federal de Educação, foi reduzida para um ano e meio, com um total de 1.200 horas. (NEVES, 2014, p. 24).

[...]

A Lei 5.540, de 28 de novembro de 1968, que estabeleceu a Reforma Universitária, criava um ciclo básico comum aos cursos de áreas afins, o que fez com que os cursos de licenciatura curta incluíssem em seu currículo as disciplinas de Português e Inglês, com caráter de suplência da precariedade da formação em nível médio; todo esse conjunto deveria ser desenvolvido em 1.220 horas e cumprido em três semestres letivos. Esse exíguo currículo era executado, em geral, por um pequeno número de professores, sendo que havia casos de um único professor, formado em uma das ciências humanas, assumir todas as disciplinas da área. A formação pedagógica, que já era precária nas licenciaturas plenas, costumava se reduzir a algumas palestras proferidas por profissionais eventuais, para todas as turmas reunidas; as aulas de Português e Inglês também eram comuns aos diversos cursos; para a Educação Física, em geral os alunos obtinham dispensa. Muitos dos cursos eram dados nos fins de semana e outros tantos eram concentrados em períodos de férias. (NEVES, 2014, p. 25-26).

Na citação apresentada acima somos capazes de observar elementos pontuais da Reforma Universitária empreendida em 1968 no Brasil, principalmente no que se refere a redução da carga horária dos cursos de licenciatura, que passaram a ser chamados de licenciatura curta. Ao reduzir a carga horária, a formação pedagógica das licenciaturas foi a mais prejudicada, sendo reduzida a palestras sobre a temática.

Ao tratarmos das licenciaturas curtas temos uma característica da educação superior durante o governo militar, pois ao focar no diploma e não na formação do estudante, temos uma oferta de ensino voltada a demanda de mão-de-obra pelo mercado de trabalho. Ao mesmo tempo, a Reforma Universitária não exigia o controle de órgãos oficiais, o que favoreceu a expansão do setor privado de ensino, promovendo uma ampliação no número de matrículas no ensino superior no país. (GARCIA, TORRES, 2016).

Com a federalização das instituições de ensino superior, as críticas a organização universitária e o desenvolvimento do movimento estudantil no Brasil, uma Reforma Universitária, como ocorreu a partir de 1968, era necessária. As mudanças no sistema de ensino superior no Brasil, a partir da Lei n. 5.540/1968 promoveram novos rumos no campo da educação, como já havia ocorrido nos setores civis e políticos e que refletia a repressão ideológica da Ditadura Civil-militar. A Reforma Universitária de 1968, aliada aos atos institucionais e a Constituição de 1967, promoveu uma grande transformação do ensino superior, principalmente na sua estrutura administrativa. Nesse sentido, as publicações do

jornal Mundo Jovem, com seções específicas para algumas disciplinas, pretendia suprir as carências dos cursos de licenciatura, principalmente na formação pedagógica?²⁷

1.3 AS POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO NA DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA: DA LEI N. 5.692/71 ATÉ O PROCESSO DE REDEMOCRATIZAÇÃO

Conforme já tratamos anteriormente, o período da Ditadura Civil-militar se caracterizou por significativas reformas na educação. Após a Constituição outorgada em 1967, tivemos duas leis que mobilizaram os níveis de ensino no país: a Lei n. 5.540/68, que regulamentou a Reforma Universitária e organizou o funcionamento do Ensino Superior, e a Lei n. 5.692/71, que estabeleceu as diretrizes e bases para as duas etapas da Educação Básica, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, que naquele período correspondiam, respectivamente, ao 1º grau e 2º grau.

No final da década de 1970, a Presidência da República foi assumida pelo general Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), sendo seu governo marcado por fortíssima repressão, amparado no AI-5 e também pela expansão econômica que consolidou as políticas implementadas desde Castelo Branco. Dentre as medidas econômicas adotadas destacam-se a presença do Estado, com investimentos do governo federal em setores de infra-estrutura e produção. Essa interferência do Estado na economia foi resultado da implementação de medidas econômicas consideradas lentas e prejudiciais aos negócios brasileiros, que foram praticadas pelas políticas deflacionárias de 1966, de Roberto Campos. (SKIDMORE, 1988).

O brasilianista Skidmore (1988) afirmou que após o AI-5, ou seja, quando o Brasil mergulhava cada vez mais no autoritarismo, sua economia encontra-se numa posição de ascensão, devido a estratégia econômica do governo. Os capitais externos financiaram os investimentos brasileiros, enquanto o empresariado nacional executava as atividades e obras definidas pelo poder central.

Desde 1968, o crescimento econômico brasileiro apresentava altas taxas, tanto que em 1973 atingiu o crescimento de 13,6% ao ano, ficando esse período conhecido como “milagre econômico”. Esse crescimento econômico foi oriundo da entrada maciça de capital estrangeiro no país, que levou ao endividamento externo e, posteriormente, ao aumento da dívida externa e descontrole da inflação. Apesar do rápido crescimento econômico, isso não

²⁷ Essa pergunta será respondida no terceiro capítulo ao tratarmos da categoria “Práticas Escolares”, em que serão analisadas a presença de seções específicas para o uso em sala de aula, bem como o posicionamento do jornal sobre a influência dessas publicações no espaço escolar.

significou distribuição de renda, sendo que nesse período se acentua a desigualdade social no país. Skidmore (1988) apontou que em algumas categorias o salário ultrapassou a média da Europa e Estados Unidos, que salários mais baixos também tiveram melhorias e que houve diminuição da taxa de desemprego durante o crescimento econômico vivenciado no país. Entretanto, milhões de brasileiros, do campo e da cidade, não sentiram qualquer melhoria em sua condição de vida, mas o controle exercido pelo Estado inviabilizava manifestações de insatisfação com o governo.

Após tratar das questões econômicas no governo de Médici, Skidmore (1988) se dedicou a analisar a censura e repressão. Primeiramente, ele apontou que o AI-5 censurou o que era publicado nos meios de comunicação, até mesmo as músicas que podiam ser veiculadas nas emissoras de rádio e televisão. Nesse cenário de limitações, o autor destacou o papel desempenhado pela Igreja Católica que despontou como “o único centro de oposição institucional”. (SKIDMORE, 1988, p. 182). Apesar da força dessa instituição, a Igreja estava dividida quanto a sua presença, ou não, na política.

A oposição legal, o MDB, ficou de pés e mãos atados. Os políticos emedebistas até que faziam discursos inflamados de contestação, mas os seus textos eram revistos e censurados antes de chegarem aos meios de comunicação. As tenazes da repressão foram tão apertadas que Médici não precisou fazer uma só cassação. A Igreja Católica tornou-se *faute de mieux*, a única instituição capaz de enfrentar o governo e sobreviver. Mas mesmo dentro dela havia divisões, o que a impediu, às vezes, de defender membros do clero dos horrores da tortura. (SKIDMORE, 1988, p. 184).

Na sua tese de Doutorado, Pasinato (2019) afirmou que bispos e padres, em sua maioria, apoiaram a implantação da Ditadura Civil-militar no Brasil²⁸, com a justificativa de que temiam o avanço do comunismo no Brasil. Esse apoio se tornou oposição, a partir do endurecimento das medidas de controle e repressão e da promulgação do AI-5, em 1968.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) passou a pressionar pelo fim da tortura e a estimular movimentos como a Juventude Universitária Católica (JUC), Juventude

²⁸ Encontramos no jornal Mundo Jovem, na seção “Editorial”, um texto intitulado “Educar para a transformação”, sem autoria definida, mas que pela seção corresponde ao entendimento dos editores da publicação, sendo que eles tinham conhecimento e concordavam com o que estava sendo publicado. No texto, identificamos a defesa de que, assim como a escola, a Igreja Católica também tem o papel de educar. Nesse sentido, tratam da educação política e do papel da Igreja Católica como cerne de orientação durante o período eleitoral, em que assumem os erros cometidos pela instituição religiosa no passado. “A Igreja e as instituições cabe educar e não tutelar permanentemente os leigos. **Na atual conjuntura política nacional, tenho receio de apontar para um partido, como o único viável para o cristão. Foi um erro cometido em épocas passadas, sobretudo na Europa, mas também em parte, entre nós. Para não repeti-lo, não esqueçamos o papel da autêntica educação: apontar a meta - a transformação da sociedade, num sentido mais participativo e fraterno – deixando a cada um a liberdade de escolher os meios, de “ser sujeito de seu próprio desenvolvimento”.** (MUNDO JOVEM, mar. 1982, p. 4).

Operária Católica (JOC), Juventude Agrária Católica (JAC) e a Ação Popular (AP). Além disso, grupos religiosos populares da Igreja Católica, como as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), abrigavam militantes que discutiam questões relativas à realidade política do país e pressionavam por novos rumos. Além da Igreja Católica, outras associações civis também se destacaram no combate à Ditadura, tais como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

Nesse cenário de oposição à Ditadura Civil-militar, a imprensa alternativa deve ser citada, não só pela perseguição sofrida no período, mas pelo esforço em promover questionamentos e críticas junto à população. O jornal Mundo Jovem é bastante cuidadoso ao promover críticas ao governo militar, entretanto, quando tratamos da imprensa alternativa, uma das publicações que é costumeiramente citada compreende o semanário “O Pasquim”, criado em 1969, momento de endurecimento da legislação, que se utilizava do humor como uma de suas características como também criticava o regime ditatorial.

A Igreja Católica, algumas associações civis e a imprensa criticavam a censura e a repressão praticada pelo governo militar. Entretanto, a educação também teve um papel de destaque na Ditadura Civil-militar, principalmente quando se referia as mudanças implementadas nas políticas públicas direcionadas a educação e que estavam diretamente voltadas aos objetivos do governo militar e às mudanças econômicas e sociais pelas quais passava o país.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), publicado no ano 2000, observamos que na segunda metade do século XX há uma inversão na tendência demográfica da população brasileira. Nos anos de 1950, em torno de 19 milhões de pessoas viviam nas cidades, enquanto que no campo residiam, aproximadamente, 33 milhões de pessoas. Na década seguinte, esses números praticamente se equilibraram com 31 milhões de pessoas no campo e, aproximadamente, 39 milhões de pessoas no espaço urbano. Na década de 1970, temos, além de um significativo aumento populacional, a primeira vez que esses dados demográficos se invertem com 52 milhões de pessoas no território urbano, e em contrapartida, 41 milhões de pessoas na área rural. Esses dados demográficos e de ocupação territorial refletem diretamente na necessidade de expansão das oportunidades educacionais e na demanda pela ampliação dos anos de ensino obrigatórios.

Com as mudanças demográficas, bem como as mudanças econômicas e sociais implementadas pelo governo militar, outros setores da sociedade, como a educação, também foram afetados. No início da década de 1970, temos no Brasil a Reforma do Ensino

Fundamental e do Ensino Médio, o que era reivindicado pela sociedade desde a década anterior. Com isso, eles foram atendidos e também convencidos que a reforma educacional proposta era a mais adequada para o momento, cabendo ao governo militar, por meio da Lei 5.692/71, promover formalmente esta mudança, em que se tornou obrigatório o ensino comum de oito anos.

A Lei 5.692/71 trouxe mudanças profundas na organização escolar. Introduziu o ensino de primeiro grau de oito anos, eliminando o exame de admissão ao ginásio, barreira quase intransponível para as crianças pobres, que não tinham acesso a bens culturais e elevou o tempo que permaneceriam na escola, integrando o antigo curso primário ao ginásio. Contudo excluiu da escola a formação ampla e geral, que abria novos horizontes culturais ao reformar o currículo e os programas, controlando ideologicamente o processo escolar. (SCHMIDT; ABUD, 2014, p. 9-10).

Essa nova legislação voltada para a educação, de acordo com Saviani (2008), estava embasada num acordo entre o Instituto de Estudos Políticos e Sociais²⁹ (IPES), que desde o início da Ditadura Civil-militar se dedicou a discutir uma reforma na educação, tanto que nos primeiros meses do novo regime político eles organizaram um simpósio para discutir a temática. O IPES pretendia promover uma educação adequada ao mercado e ao desenvolvimento econômico, sendo que para organizar essa grande mudança na educação brasileira eles contaram com o apoio e colaboração financeira dos empresários, bem como estabeleceram um acordo de financiamento com a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional-USAID. (SAVIANI, 2008, p. 297).

Dentre as proposições da referida lei temos a obrigatoriedade da extensão para oito séries, condensando o ensino primário, que naquele momento se denominava de 1ª a 4ª série, e o primeiro ciclo do secundário, o antigo Ginásio, que passaram a compor o denominado 1º grau. Ainda, o segundo ciclo do ensino secundário, antes denominado colegial, passou a ser um curso único, chamado de 2º grau, sendo que este, em todas as escolas, passou a ser “profissionalizante”.

[...] foi aprovada, em 11 de agosto de 1971, a Lei n. 5.692/71, que unificou o antigo primário com o antigo ginásio, criando o curso de 1º grau de 8 anos e instituiu a profissionalização universal e compulsória no ensino de 2º grau, visando atender à formação de mão-de-obra qualificada para o mercado de trabalho. Esse legado do regime militar consubstanciou-se na institucionalização da visão produtivista de educação. Esta resistiu às críticas de que foi alvo nos anos de 1980 e mantém-se como hegemônica, tendo orientado a elaboração da nova LDB,

²⁹ Essa instituição foi fundada em 29 de novembro de 1961, e segundo Saviani (2008), foi uma das principais articuladoras do golpe de Estado que instaurou uma Ditadura Civil-militar no Brasil em 1964, sendo que ela se autodissolveu em junho de 1971.

promulgada em 1996, e o Plano Nacional de Educação, aprovado em 2001. (SAVIANI, 2008, p. 298)³⁰.

A aplicação da Lei 5.692/71 legitima parte do grupo escolhido para a realização das entrevistas, professores dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, pois estava em discussão o aumento da demanda pela Educação Básica no final dos anos de 1970. Ainda, temos nos anos de 1980 o processo de redemocratização nacional que contou com a mobilização de estudantes e professores e que teve reflexo na nova Constituição (1988) e na Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9.394/1996), aprovada alguns anos depois.

Na sucessão de Médici, o indicado foi um representante dos militares moderados, o general Ernesto Geisel. Resende (2014) afirmou que categorizar os militares em dois grandes grupos, duros *versus* moderados, é limitador e insuficiente, pois desconsidera as crises internas nos grupos militares e seus alinhamentos políticos. Apesar de reconhecer a limitação dessa definição, é importante defendermos que foi essa a imagem construída do presidente Ernesto Geisel.

Geisel assumiu o poder numa situação muito diferente da encontrada por Médici. A economia estava em crise, pois aliado ao alto endividamento nacional, o país vivenciou a crise do petróleo, em 1973, quando os países produtores elevaram o preço do barril, o que tornou a produção e a circulação de algumas mercadorias muito difíceis. Todos esses fatores tiveram forte impacto na economia brasileira, àquela época muito dependente da importação de alguns produtos. Segundo Skidmore (1988), numa reunião ministerial em 1974, Geisel anunciou que seu governo iria se esforçar para ampliar de forma segura e gradual o diálogo com a sociedade. Era o princípio da política de abertura que ficou conhecida como “distensão lenta, gradual e segura”, na qual os militares determinariam as concessões e o ritmo da transição, e que foi consolidada no governo seguinte, do general Figueiredo.

Nesse período, como apontou Skidmore (1988), as demandas pela abertura vinham de setores como a Igreja Católica e também da pressão exercida pela imprensa estrangeira, que constantemente denunciava o que se passava no Brasil. Skidmore (1988, p. 232), afirma que “a Igreja e a Ordem dos Advogados estavam entre os poucos que podiam efetivamente contestar os contínuos desmentidos do governo sobre a continuação da tortura”. Com a proposta de abertura política, Geisel permitiu uma propaganda eleitoral mais livre nas eleições

³⁰ Tendo em vista que este texto foi produzido em 2008, o autor desconhecia as discussões da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que retoma os termos habilidades e competências, e ao estabelecer um currículo comum para todo o território nacional. Com isso, apesar dos equívocos cometidos pela legislação educacional durante o regime civil-militar no Brasil, alguns erros voltaram a se repetir, para além das permanências e continuidades que Demerval Saviani destaca na sua obra.

parlamentares de novembro de 1974. Nesse cenário, a campanha oposicionista foi marcada pela defesa do nacionalismo, do respeito à democracia e aos direitos humanos.

O ambiente econômico não era tão favorável como no início dos anos 70, ficando a inflação por volta de 40%, diminuindo o ritmo do crescimento do país, aumentando de forma significativa o endividamento externo, pois o governo necessitava de empréstimos para importar equipamentos para a indústria, como também, para pagar os compromissos externos, sobretudo o petróleo que teve aumentos excessivos no período. Apesar desse cenário, o general Geisel indicou e fez o seu sucessor, o general João Baptista de Oliveira Figueiredo.

O general Figueiredo iniciou seu mandato em março de 1979 prometendo fazer do país uma democracia. Skidmore (1988) aponta que a palavra-chave na política de Figueiredo era “negociação”, o que para os que desejavam uma nação pluralista era equivalente a abertura. A postura política adotada fez com quem em agosto de 1979 fosse decretada a anistia ampla, geral e irrestrita, que anistiava não só os adversários da Ditadura, muitos deles exilados, como também os torturadores e todos aqueles que desrespeitaram os direitos humanos no mesmo período.

Também em 1979 foi eliminado o bipartidarismo, ou seja, mesmo ainda sendo rígido, a partir daquele momento era possível a criação de novos partidos. A ARENA, governista, passou a se chamar PDS (Partido Democrático Social), o MDB tornou-se PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) e continuou abrigando a maior parte dos oposicionistas, o trabalhismo de Getúlio Vargas tentava reviver através do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) e do PDT (Partido Democrático Trabalhista), ainda foram criados o PP (Partido Popular), de Tancredo Neves que logo se anexou ao PMDB, e o PT (Partido dos Trabalhadores), que surge do movimento sindical do ABC e de intelectuais de esquerda. Esse processo de redemocratização promoveu em 1980 o restabelecimento das eleições diretas para governadores e senadores, ocorrendo no ano de 1982 a escolha, por voto, para governador, as primeiras desde 1965.

Entre os anos de 1978 e 1988, que compreendeu o recorte desta pesquisa, o Brasil passou por uma transição, pois viveu o processo que se denominou “distensão lenta, gradual e segura”, em que o militares se prepararam para devolver o poder de decisão política a população civil. Essas mudanças refletiram nas políticas públicas voltadas para a educação, e após anos de negligências nessa área, a população voltou a reivindicar melhorias. Com isso, é importante destacar que o cenário político e econômico refletiu diretamente nas políticas públicas implementadas, principalmente, quando tratamos do campo da educação.

De acordo com Saviani (2011), o modelo educacional no Brasil compreende um regime de colaboração que em diferentes níveis (municipal, estadual e federal) possuem atribuições determinadas por políticas públicas da área. Dessa maneira, ele demonstra que, desde a primeira metade do século XX, já é possível observarmos que as mudanças nesse setor dependiam das urgências definidas pelos grupos que ocupavam importantes cargos políticos no país. Com isso, o acesso à escola foi gradativamente se expandindo, à medida que as políticas públicas de educação garantiram legalmente a universalização dos ensinos Fundamental e Médio.

Desde a década de 1970, e se estendendo para as décadas seguintes, ocorreu a democratização do acesso à escola para população em idade escolar. Esse movimento já era uma demanda da população há muitos anos, entretanto, tornou-se efetivo com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases n. 5.692/71, em que o governo militar propôs a criação de um Ensino Médio profissionalizante para responder a suposta demanda do mercado por mão-de-obra qualificada. Esse projeto não atingiu o êxito pretendido por não dispor de recursos financeiros e profissionais para sua implementação nas escolas, sendo após alguns anos, em 1982, promulgada a Lei n. 7.044, que revogou a obrigatoriedade da profissionalização do ensino secundário e retornou a ênfase na formação geral. (PILETTI, 1988).

No jornal Mundo Jovem identificamos, nos 10 anos analisados, que em três diferentes seções (Editorial, MJ Comenta e Constituinte) os integrantes das publicações procuravam manifestar o seu ponto de vista e/ou pensamento, através do que, nos termos jornalísticos, nomeia-se *ethos*³¹ e que encontramos, normalmente, nos editoriais das publicações impressas.

Após catalogar 99 artigos de opinião, de acordo com a nossa compreensão do que seria o *ethos* da publicação. De acordo com Souza (2008), os editoriais que se encontravam em todas as edições do jornal Mundo Jovem nas décadas de 1960 e 1970, vão deixando de ser publicados no final da década de 1980, como podemos observar na planilha da pesquisa disponível no Apêndice A.

³¹ De acordo com Charaudeau e Mainguenu (2004, p. 202), o conceito de *ethos*, que eles tomam emprestado da retórica, designa “a imagem de si que o locutor constrói em seu discurso para exercer uma influência sobre seu alocutário. Essa noção foi retomada em ciências da linguagem e, principalmente, em análise do discurso no que se refere às modalidades verbais da apresentação de si na interação verbal. O “*ethos*” faz parte, como o “*logos*” e o “*pathos*”, da trilogia aristotélica dos meios de prova. Adquire em Aristóteles um duplo sentido: por um lado designa as virtudes morais que garantem credibilidade ao orador, tais quais a prudência, a virtude e a benevolência; por outro, comporta uma dimensão social, na medida em que o orador convence ao se exprimir de modo apropriado a seu caráter e a seu tipo social. Nos dois casos trata-se da imagem de si que o orador produz em seu discurso, e não de sua pessoa real”.

A seção “Editorial” vai se tornando esparsa em 1987, e no ano de 1988 não identificamos nenhuma seção que utilizasse essa definição. A seção “MJ Comenta” assume esse espaço de opinião do veículo, como podemos observar na tabela abaixo:

Tabela 3 – Políticas Públicas

SEÇÃO	TÍTULO	DATA	AUTOR
Editorial	Da Copa para a Cozinha	Ago. 1978	Laurício Neumann
Editorial	A descultura das escolas brasileiras	Out. 1978	Laurício Neumann
Editorial	O Brasil das muitas calamidades	Ago. 1981	José Fernandes de Oliveira (Zezinho)
Editorial	Educar para a transformação	Mar. 1982	Sem autor
Editorial	O ensino desvinculado da realidade	Abr. 1982	Laurício Neumann
Editorial	O voto do analfabeto	Jul. 1985	Sem autor
Editorial	Constituinte: por que e como?	Ago. 1985	Sem autor
Editorial	Nossa proposta	Mar. 1986	Sem autor
Constituinte	Manipulação ou não?	Jun. 1987	Sem autor
Constituinte	Saiba como participar da elaboração da nova Constituição	Jul. 1987	Laurício Neumann e Osvaldo Biz
Constituinte	As pressões continuam	Set. 1987	Osvaldo Biz
Editorial	Alemanha, uma realidade diferente da nossa	Out. 1987	Luiz Gambim
Constituinte	No final, o povo perdeu	Nov. 1987	Adão Clóvis M. dos Santos

Fonte: Elaborada pela autora (2018).

Nesse corpus documental de 13 artigos é possível realizar uma divisão por temática, pois encontramos artigos que tratam sobre as políticas públicas voltadas para a educação, e alguns deles, voltados especificamente para a Lei 5.692/71. Nesse momento, os textos que tratam sobre a referida lei é que foram selecionados para a análise na categoria “Políticas públicas”. Devido a esse recorte, o corpus documental analisado corresponde a 4 artigos, todos eles publicados na seção “Editorial”, bem como uma entrevista que não consta na tabela, mas que trata especificamente da Lei 5.692/71.

No artigo “Da Copa para a cozinha”, publicado na seção “Editorial” em agosto de 1978 e de autoria de Laurício Neumann, tivemos uma comparação entre o destaque atribuído ao futebol e a pouca atenção que os governantes dispensam à educação. O autor defendeu que os exorbitantes gastos com a seleção nacional de futebol não se justificam, usando uma analogia para tratar dos problemas econômicos, sociais e educacionais que parecem ficar adormecidos durante a Copa do Mundo de Futebol. Essa analogia presente no título do artigo emprega a ambiguidade da palavra copa, referência a um ambiente da casa e uma abreviação vocabular de Copa do Mundo de Futebol. Ao tratar da área da educação, o autor criticou a

ausência das aulas durante a Copa do Mundo de Futebol, como também, a valorização do futebol em detrimento a educação.

É lamentável e humilhante quando em termos de prioridade, se dá tanta ênfase ao futebol e se faz tão pouco caso da educação, cuja Reforma, implementada em 1971, até hoje não atingiu seus objetivos pela falta de recursos humanos e técnicos e a precariedade de recursos físicos. Com isso a escola, única capaz de salvar o homem, deixa de repercutir na vida e no futuro da pessoa, porque já não prepara mais o aluno para o trabalho, nem para a Universidade e muito menos para a vida. E isso é sério, muito sério para a vida e o futuro da Nação. (NEUMANN, ago. 1978, p. 4).

No excerto, Neumann aponta que mesmo transcorridos sete anos desde a implantação da Reforma de Ensino de 1971, estabelecida a partir da Lei 5.692, as escolas ainda não dispunham de recursos físicos, humanos e técnicos para cumprir com os objetivos estabelecidos na lei. No artigo de outubro de 1978, também de autoria de Neumann e intitulado “A descultura das escolas brasileiras”, o autor também tratou da pouca aplicabilidade dos objetivos propostos pela Reforma de Ensino de 1971, nos três níveis de ensino, afirmando que as escolas de Ensino Médio, no período denominadas de escolas secundárias, se passassem por uma pesquisa sobre os impactos da Reforma de 1971, teriam como resultado a reprodução da sociedade, ao invés do objetivo proposto de combater as injustiças sociais e promover a justiça humana. Para ele, uma reforma educativa perpassa um futuro com menos desigualdade e mais prosperidade, em que a escola esteja, verdadeiramente, voltada para a formação integral da pessoa.

A expectativa era de que a Reforma de Ensino, a partir de 1971, promovesse a formação cultural nas escolas e, assim, aos poucos, modificasse a sociedade, fornecendo uma mão-de-obra técnica suficiente e capaz, e atendendo as necessidades de uma Nação, que, além de cultura, reclamava progresso e desenvolvimento ao alcance de todos. (NEUMANN, out. 1978, p. 4).

No trecho, o autor apresentou as expectativas criadas com a implementação da Reforma de Ensino em 1971. Posteriormente, ele propôs ao leitor a seguinte reflexão: até que ponto o sistema educacional vigente interessa aos governantes, à medida que ele cumpre com as demandas de conteúdo³², mas promove pouca ou nenhuma reflexão entre os estudantes.

O texto do editorial “Educar para a transformação”, sem assinatura e publicado em março de 1982³³, defendeu que não cabe apenas a escola educar, pois a educação católica

³² Hoje nomeados de objeto do conhecimento, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

³³ No ano de 1982, o jornal Mundo Jovem apresenta muitas publicações voltadas para a Educação, sendo esse interesse, resultado do tema da Campanha da Fraternidade de 1982, “Educação e Fraternidade”. Essa

produz os agentes de transformação na sociedade. Essa proposição se fortalece, principalmente, no continente americano, depois da Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano ou Conferência de Puebla, realizada no início de 1979, identificando-se no texto a defesa da educação católica, mas sem a opção partidária, em espaços como as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

Outro artigo, também publicado na seção “Editorial”, referente ao mês de abril de 1982, corresponde ao texto intitulado “O ensino desvinculado da realidade”, também de autoria de Laurício Neumann. Nele, o autor tratou do fracasso escolar e inicia apresentando três conceitos: cultura, educação e crise, mostrando uma lista de perguntas para os leitores sobre os fracassos na educação, que segundo ele, precisam ser respondidas de maneira prática. Ele também relatou que em diferentes espaços de discussão (encontros, seminários, painéis) sobre a educação, é constante a crítica a Reforma de Ensino nos três níveis, no caso a Reforma Educacional implementada pela Lei 5.692/71. Para os estudiosos da educação, segundo o autor, daquele período histórico o ensino brasileiro continuava desvinculado da realidade socioeconômica e político-cultural da nação.

Conforme citado anteriormente, além dos quatro artigos da seção “Editorial”, encontramos nas publicações do jornal uma entrevista em que se mantém a crítica a Reforma de Ensino de 1971. A entrevista a que nos referimos foi realizada com Armando Marocco³⁴, e nela é tratado sobre a pouca realização vocacional entre os jovens. Marocco (1987, p. 3) afirma que “a Reforma de Ensino de 1971 destruiu radicalmente a estrutura humana e técnica de orientação vocacional”. Para ele, a Reforma de 1971 teve boa vontade de instrumentalizar o aluno na escolha profissional, entretanto, estava dissociada do desenvolvimento vocacional do indivíduo.

Os artigos analisados na seção “Editorial” sobre a Lei 5.692/71 refletiram o que já estava sendo discutido pela sociedade, bem como no espaço escolar, e que levou a aprovação da Lei 7.044/82, que é uma ementa a Lei 5.692/71. A Lei 7.044/82 substituiu a qualificação para o trabalho que era o objetivo da legislação de 1971 pela preparação para o trabalho, sendo que dentre as principais características que essa lei apresenta, podemos citar: fim da obrigatoriedade dos colégios técnicos, retorno a formação propedêutica e a formação profissional de Nível Médio, que passa a ser destinada as classes menos favorecidas.

peculiaridade das publicações do jornal Mundo Jovem será analisada com mais atenção no segundo capítulo, quando tratarmos do conceito de educação.

³⁴ Ele é apresentado no jornal Mundo Jovem como professor e orientador vocacional na Universidade do Rio dos Sinos, em São Leopoldo, pós-graduado em Psicologia pela Universidade do Canadá, sendo pesquisador de métodos de orientação vocacional. Atuou de 1984 a 2011 como Coordenador do Núcleo de Orientação Vocacional na Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

No jornal Mundo Jovem observamos que ao longo do ano de 1982, inúmeros artigos foram publicados sobre a defasagem e o fracasso do atual formato da educação. Sobre a ementa 7.044, aprovada em 18 de outubro de 1982, esta é citada no jornal durante a entrevista realizada com Álvaro Valls, em que é defendido o retorno da disciplina de Filosofia no 2º grau, hoje Ensino Médio, que deveria substituir a disciplina de Introdução a Educação Moral e Cívica.

Pessoalmente, estou convencido de que nossas escolas precisam de uma profunda reestruturação, mesmo porque Marilena Chauí, como muitos outros, já mostrou que a chamada ‘reforma’ estragou muita coisa. Creio que os currículos têm de ser repensados, o número de horas das chamadas ‘profissionalizantes’ tem de ser redimensionadas, a mentalidade dos educadores tem de ser revisada para que o ensino reassuma as legítimas dimensões de diálogo, discussão, procura e elaboração pessoal e grupal das experiências, etc. Não basta reintroduzir uma disciplina filosófica sem modificar o processo de ensino-aprendizagem, que se tornou demasiado mecanicista. Não basta estudar Filosofia com questão de ‘cruzinhas’.

(VALLS, nov. 1982, p. 17).

Ao apresentarmos essas políticas públicas pretendemos demonstrar que a população estava interessada em aumentar o acesso a escolarização, sendo que durante o período que compreende o recorte temporal dessa Tese essas demandas sociais foram convertidas em legislação, tanto que a pesquisa se estende até 1988, ano em que é promulgada a Constituição Federal. Na década anterior (1970), o Ensino Fundamental passou a ser obrigatório e o nível Médio tornou-se um direito do cidadão, e assim, sua obrigatoriedade e gratuidade tenderam para a progressão. A partir dessas medidas observamos que os militares, segundo Demerval Saviani (2011), consideravam esses investimentos em educação como fundamentais para garantir mão-de-obra qualificada às empresas, e com isso pretendiam assegurar o aumento da produtividade.

Após essas breves considerações sobre as políticas públicas de educação voltadas para a implementação da Lei 5.692/71, identificamos outro grupo de textos, dentro da categoria “Políticas Públicas”, que tratam da discussão sobre a Constituição. Eles são publicados a partir de 1985, e ganham fôlego em 1987, com temáticas voltadas para a participação popular na Constituição. Os artigos que se referem à Constituição compreendem no início textos otimistas e que buscam sanar dúvidas dos leitores, mas no decorrer do ano de 1987, as publicações se tornam céticas em relação ao atendimento dos interesses da população brasileira na elaboração da Constituição.

Dentro de tantas poderosas influências, é difícil prever a feitura de um texto constitucional moderno, ágil, que atenda o interesse de 70% dos brasileiros que ganham até dois salários mínimos. O normal é nada acontecer. Tudo fica como está, uma minoria privilegiada continuará com seus privilégios, sempre pensando que isto é o melhor para o Brasil. Mas, qual Brasil? (BIZ, set. 1987, p. 15).

Ao analisarmos a seção “Constituinte”, somos capazes de identificar no seu título uma mudança na compreensão do jornal sobre a elaboração da Constituição. A primeira publicação, das selecionadas nesse corpus documental que se insere na categoria “Políticas Públicas, apresenta como título “Manipulação ou não?”, onde nela, é tratado sobre as esperanças depositadas na Constituinte pelo povo brasileiro, em que é indicado que os militares não deveriam intervir na elaboração da nova Constituição. A outra publicação, de autoria de Laurício Neumann e Osvaldo Biz, “Saiba como participar da elaboração da nova Constituição”, possui características que pretendiam encorajar a população a participar das decisões tomadas sobre a mesma. Ainda nessa perspectiva de encorajamento, temos o título “As pressões continuam”, com autoria de Osvaldo Biz, sendo que, na última publicação da seção “Constituinte”, o discurso de encorajamento foi substituído por afirmações pessimistas, pois na publicação intitulada “No final, o povo perdeu”, demonstrou que diante dos caminhos na elaboração do texto da Constituição, eles apontaram que os anseios da população não foram atendidos, mesmo que esta só tenha sido promulgada em 5 de outubro de 1988.

Os anos finais da década de 1980 foram marcados pelo processo de redemocratização do Brasil. De acordo com Vieira e Farias (2007), ele foi bastante lento, sendo permeado por muita luta política, no qual naquele período, a principal expectativa era construir um país democrático que garantisse o acesso aos direitos sociais básicos a todos os brasileiros.

O último presidente eleito indiretamente foi José Sarney (1985-1989) e em relação ao seu governo, Vieira e Farias (2007) apontaram que foi possível identificar uma ausência de clareza nas políticas e planos educacionais brasileiros, pois não era possível identificar um novo projeto que atendesse as demandas da educação brasileira.

De acordo com Vieira e Farias (2007), as principais mudanças na educação que ocorreram no governo de José Sarney estavam vinculadas a elaboração de um capítulo sobre o tema na Constituição que foi promulgada em 1988, que corresponde ao mais longo capítulo dedicado a educação, se comparado as Constituições nacionais promulgadas ou outorgadas anteriormente. Dentre as conquistas educacionais citadas na Constituição de 1988, Vieira e Farias (2007), apresentam: a educação como direito público, o princípio da gestão democrática do ensino público (antes os diretores de escola eram indicados pelos governantes), a responsabilidade do Estado em prover creche e pré-escola às crianças até 6

anos de idade, a oferta de ensino noturno regular, Ensino Fundamental obrigatório e gratuito, atendimento educacional especializado aos portadores de deficiências. Enfim, apesar dos direitos garantidos para a educação na Constituição de 1988, ainda é preciso lutar para defendê-los.

2 OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO IMPRESSOS CATÓLICOS

No primeiro capítulo contextualizamos o recorte temporal da Tese e realizamos um levantamento estatístico sobre as publicações referente à categoria “Política X Igreja Católica”, presentes no jornal Mundo Jovem entre 1978 e 1988. Também analisamos a categoria “Políticas Públicas”, em duas seções do jornal Mundo Jovem, “Editorial” e “Constituinte”. Enquanto que neste capítulo, iniciamos com a aproximação entre a educação e os impressos católicos, na Tese representada pelo jornal Mundo Jovem, no intuito de aproximar o contexto sócio-histórico, representado pelas políticas públicas em educação, com as práticas escolares.

Para realizar essa aproximação, o segundo capítulo foi dividido em duas partes: a primeira atendeu a necessidade de contextualização entre os meios de comunicação e as pesquisas na área da educação, sendo dividida em dois itens. O primeiro trata sobre a imprensa católica e a perspectiva dessas publicações dentro da Igreja, e no segundo item, aborda-se o projeto de educação apresentado pelo jornal Mundo Jovem, ao analisarmos especificamente a seção “Educação”.

Na segunda parte realizamos um histórico do jornal e apresentamos as suas características, físicas e editoriais, no período analisado. A segunda parte do capítulo também é dividida em dois itens, onde no primeiro trataremos da materialidade do jornal, suas principais características e editores, enquanto que no segundo item, com o intuito de aproximar seu contexto sócio-histórico das práticas escolares, apresentaremos uma seção recorrente, a seção “Recado dos Leitores”, que está voltada, especificamente, para as práticas escolares propostas pelo jornal.

2.1 OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL E O CONCEITO DE EDUCAÇÃO

Os impressos, católicos ou laicos, compreendem um grupo de novos objetos de pesquisa que podem contribuir com a História da Educação, pois são publicações pedagógicas ligadas ou não a Igreja Católica, em que é possível observar os discursos e as práticas escolares que eles pretendem implementar. Inúmeras pesquisas têm analisado impressos, dentre eles livros, jornais e revistas que influenciaram ou representaram a sociedade, num determinado período histórico, de alguma maneira³⁵.

³⁵ Na tese de Doutorado de Darciel Pasinato, o autor realizou um esforço ao compilar numa tabela os trabalhos encontrados que pesquisaram sobre a temática da educação utilizando como fonte documental, e mais do que

Como já foi citado, o interesse pelos impressos católicos como objeto de pesquisa iniciou-se há muitos anos, durante o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em História (2011), em que foi pesquisado um impresso católico durante os anos de 1920, salientando-se que tanto no TCC quanto na dissertação de Mestrado (2014), a preocupação era analisar a partir de impressos católicos um evento religioso. A partir do contato com eles³⁶, da década de 1930 e 1940, foi possível observar que naquele período havia um esforço da Igreja Católica em organizar as práticas escolares dos professores e orientar a sua formação docente, e nesse cenário, as publicações católicas desejavam cumprir esse papel. Por isso, a proposição deste trabalho é apresentar os impressos como fontes históricas que podem contribuir com a História da Educação, através da busca de discursos, conflitos e as tensões próprias de um campo, as práticas e as representações divulgadoras de normas de conduta específicas.

Desde o final do século XIX, a Igreja tem utilizado seus impressos para instruir fiéis e desenvolver uma cultura católica³⁷, em oposição a impressos que violavam e denegriam a fé cristã, ficando esse movimento conhecido como Boa Imprensa Católica. No Brasil, esse movimento de cristianização a partir dos impressos também teve sucesso, pois devido à separação entre Estado e Igreja Católica, durante a instauração da República brasileira, os intelectuais católicos reconheciam a importância de buscar outros caminhos para se aproximar dos fiéis.

No livro, “*Pascamin Judicio: a constituição humana na perspectiva católica*”, a pesquisadora Cláudia Regina da Costa Pacheco sintetizou a sua tese de doutoramento, e por meio dele, procurou apresentar ao leitor a ideia de que a Igreja Católica sul-rio-grandense, personificada na figura e nas ações do bispo D. João Becker³⁸, através das publicações da revista UNITAS, fez uso da educação como o principal mecanismo para delinear o ideal da constituição humana. Nesse sentido, a revista fundada por D. João Becker colaborou com o desenvolvimento da proposta do catolicismo ultramontano, principalmente no que se refere à formação do clero. (PACHECO, 2016).

isso, como objeto de pesquisa as revistas, fossem elas católicas ou laicas. Essa compilação se deve ao fato da tese ser o resultado de uma pesquisa historiográfica. Ao realizar a leitura da tese tivemos acesso a que foi produzido sobre a Educação Básica na revista Vozes durante a Ditadura Civil-militar, entre os anos de 1964 e 1985. A leitura da tese permitiu que tivéssemos acesso ao que já foi publicado sobre o tema e possibilitou uma pesquisa centrada especificamente no jornal Mundo Jovem, que foi parcialmente apresentada na introdução e que será aprofundada no segundo item do capítulo dois.

³⁶ A Igreja Católica está presente nas decisões das publicações impressas desde os seus primórdios, pois o desenvolvimento da prensa de tipos móveis de Gutenberg ocorreu dentro dos mosteiros. Assim, a Igreja Católica reconheceu a relevância da publicização de suas doutrinas e mais tarde utilizou de práticas e de espaços educativos para a proliferação e manutenção de suas ideias.

³⁷ Essa definição encontramos na tese de Doutorado de Marta Borin, a partir do conceito de “Projeto de Nação Católica”.

³⁸ Arcebispo metropolitano de Porto Alegre entre os anos de 1912 e 1946.

A fundação da Revista UNITAS, em 1913, embora se propusesse modesta e despreziosa, teve grande força no cenário gaúcho, sobretudo por se tornar, à época, a publicação oficial da Igreja Católica, e propor uma formação contínua do clero sul-rio-grandense – o que repercutia na formação dos católicos no Rio Grande do Sul. (PACHECO, 2016, p. 64).

Ao analisarmos o excerto do texto da pesquisadora Cláudia Pacheco³⁹, observamos o esforço empreendido por alguns membros da Igreja Católica no sul do Brasil para criar uma unidade sobre as definições apresentadas pela mesma. Apesar de a revista UNITAS ser voltada para a formação do clero católico sul-rio-grandense, ela certamente repercutiu na formação dos católicos. Com isso, ao estabelecer uma unificação das definições da Igreja Católica, a partir de um meio de comunicação impresso, D. João Becker antevê um caminho que será orientado pela instituição a partir do Concílio Vaticano II⁴⁰ e dos documentos *Inter Mirifica* (1966) e *Communio et Progressio* (1971), em que são tratados as mudanças na comunicação da Igreja Católica.

2.1.1 Políticas Comunicacionais da Igreja Católica e o *mass media*

Ao tratarmos da presença dos meios de comunicação social ou *mass media* na Igreja Católica, é relevante atentarmos para a tese de doutoramento da pesquisadora Aline Roes Dalmolin⁴¹ (2012), que apesar da temática divergente da apresentada no trabalho desenvolvido, possui alguns pontos que convergem, principalmente, no que se refere às políticas comunicacionais expressas pelos documentos da Igreja. A pesquisa empreendida por Dalmolin também utiliza um recorte temporal semelhante e analisa duas publicações impressas católicas.

A partir da tese de Aline Dalmolin (2012), identificamos a importância de retomar as orientações da Igreja Católica quanto aos meios de comunicação social, principalmente após o

³⁹ Apesar do texto de Cláudia Pacheco (2016) não tratar especificamente do período estudado, ela apresenta o conceito de educação na revista UNITAS, e é essa proposição da autora que voltaremos a abordar, no momento em que tratarmos da compreensão do conceito de educação no jornal Mundo Jovem. Ao afirmarmos que a autora não trata especificamente do período estudado, nos referimos ao recorte temporal da pesquisa, pois ela analisou o período em que D. João Becker foi o arcebispo metropolitano de Porto Alegre, entre 1912 e 1946, enquanto que o trabalho desenvolvido está situado em outro recorte temporal, ou seja, o período analisado corresponde aos anos de 1978 até 1988.

⁴⁰ O Concílio Vaticano II, ou o XXI Concílio Ecumênico da Igreja Católica, foi convocado em dezembro de 1961 pelo Papa João XXIII. O Concílio Vaticano II foi realizado em 4 sessões, entre os anos de 1962 e 1965, durante o papado de Paulo VI. As decisões do Concílio estão expressas por meio de 4 constituições, 9 decretos e 3 declarações elaboradas e aprovadas pelos presentes. Dentre elas, destacamos o decreto *Inter Mirifica*, sobre os meios de comunicação social.

⁴¹ Ao analisarmos a tese de Aline Dalmolin não pretendemos retomar a pesquisa empreendida por ela, mas reconhecer os avanços e identificar a presença dos documentos produzidos pela Igreja Católica, durante o Concílio Vaticano II, no jornal Mundo Jovem.

Concílio Vaticano II. Quando tratamos das publicações impressas, temos o texto de Briggs e Burke (2004), que tratou sobre os perigos da leitura e que de acordo com as proposições deles, a leitura privada era vista como perigosa, principalmente quando praticada por mulheres e pessoas com poucas instruções, sendo esta vista como uma atividade subversiva e, portanto, deveria ser praticada por supervisão. Com isso, algumas instituições como a Igreja Católica regravam a leitura, bem como as obras que podiam ser lidas por seus fiéis.

A Igreja Católica percorreu um longo caminho no que se refere aos meios de comunicação, sendo que José Marques de Melo (1985) divide a postura da Igreja Católica diante dos meios de comunicação em quatro grandes fases: 1) Censura e repressão; 2) Aceitação desconfiada; 3) Deslumbramento ingênuo; e 4) Avaliação crítica. Essas quatro fases distintas encontram-se analisadas na tese de Dalmolin (2012) e no artigo de Joana T. Puntel (2011), no qual para elas, a primeira fase, censura e repressão, correspondeu ao período em que a leitura precisava ser vigiada por ser considerada subversiva, e caso fosse realizada, sem supervisão, período esse descrito por Puntel (2011) como extenso e intenso, sendo representado pela Inquisição. A segunda fase, aceitação desconfiada, encontrou-se relacionada a vigilância sobre a imprensa, cinema e rádio pela Igreja Católica, sendo esse período representado pelo Decreto *Inter Mirifica*; a terceira fase, deslumbramento ingênuo, foi apresentada pelas pesquisadoras como uma mudança brusca na postura da Igreja Católica, sendo representado pela Instrução Pastoral *Communio et Progressio*; na quarta fase, avaliação crítica, Puntel (2011) afirmou que após mudanças profundas na relação entre a Igreja Católica e a comunicação, passa a ser possível perceber uma progressiva preocupação ética da Igreja com as questões comunicacionais.

Nessa perspectiva, os documentos pontifícios *Inter Mirifica* (1966) e *Communio et Progressio* (1971) apresentam pontos importantes que salientam o caráter da mudança proposto pelo Concílio Vaticano II, principalmente no que se refere às comunicações, perspectiva que precisamos ter conhecimento para compreender a imprensa católica brasileira nos anos de 1970 e 1980. Com o Concílio Vaticano II, “a imprensa católica sofre uma virada estrutural, que transforma tanto sua maneira de se caracterizar enquanto dispositivo midiático, quanto sua forma de construir seu discurso sobre valores e posturas morais”. (DALMOLIN, 2012, p. 34).

A partir do Concílio, a Igreja Católica passa, mesmo que ainda desconfiada, de uma postura de repressão e censura dos meios de comunicação para uma nova perspectiva de aceitação. De acordo com Dalmolin (2012, p. 35), até o Pós-guerra, a posição do Vaticano no que se referia aos meios de comunicação era de censura, diante da imprensa e dos livros. “Pio

XII, na encíclica *Miranda Prorsurs* (1957) expressava sua intenção de guiar o cristão para defender-se contra os perigos oferecidos pela tela e pelos alto-falantes”. (DALMOLIN, 2012, p. 35). Entretanto, essa postura começa a se enfraquecer com o pontificado de Leão XIII (1878-1903), e nesse momento, a imprensa católica se configura como instrumento de propaganda e defesa dos ideários cristãos.

Na passagem do século XX para o século XXI, momento em que a Igreja Católica ainda via com desconfiança e procurava reprimir as manifestações cristãs nos meios de comunicação impressos, são fundadas no Brasil quatro editoras católicas, são elas: Vozes (1898), Ave Maria (1898), Santuário (1900) e FTD (1902)⁴². A partir disso, é possível apontar que apesar dos esforços da Igreja Católica de reprimir os meios de comunicação impressos, eles não lograram êxito, e para tanto, as discussões promovidas no Concílio Vaticano II delinearão a postura da Igreja Católica diante dos meios de comunicação.

No entanto, a aceitação dos meios se dá de forma definitiva a partir do *aggiornamento* proposto pelos documentos oficiais produzidos a partir do Concílio Vaticano II. Este reconheceu o papel dos meios na sociedade, confirmou o direito universal à informação e estipulou como leigos e religiosos devem fazer uso correto dos meios de comunicação social, quer nos papéis de produtores ou de receptores. (DALMOLIN, 2012, p. 35).

No excerto, Aline Dalmolin (2012) destacou a importância do Concílio Vaticano II para as definições do papel dos meios de comunicação na Igreja Católica. Para tanto, temos em 1966 o Decreto *Inter Mirifica*, que inicia o texto com elogios aos meios de comunicação, ao que ele atribui a característica de “maravilhosa invenção técnica”, e continua no tom elogioso ao afirmar que os meios de comunicação social são capazes de mover multidões. Ao longo do texto, a Igreja Católica reconhece a função social da informação, incentiva a escolha livre e pessoal, apontando um novo percurso que difere da censura praticada ao longo da história do Catolicismo.

Antes de tratarmos da instrução pastoral *Communio et Progressio*, que tem uma relação mais próxima com a postura que a Igreja Católica adota diante dos meios de comunicação, principalmente nas décadas de 1970 e 1980, cabe destacar alguns pontos do Decreto *Inter Mirifica*, que apresentava muitos avanços para a Igreja, mas ainda mantém um caráter de desconfiança com os meios de comunicação. Podemos observar essa característica, principalmente, quando o Decreto trata dos deveres do destinatário.

⁴² As informações sobre as datas de fundação das primeiras editoras católicas brasileiras foram extraídas do artigo “O livro e o selo: editoras católicas no Brasil”, publicado em 2014 e de autoria de Águeda Bernadete Bittencourt.

Nessa passagem do Decreto, os católicos não eram proibidos de escolha. No texto temos a afirmação de que a escolha é pessoal e livre, entretanto, orienta que uma boa escolha deve perpassar a ciência e a arte e que devem formar a sua consciência com os recursos adequados. Ainda, sobre os usos dos destinatários dos meios de comunicação, o texto recomendou moderação e disciplina no seu uso, principalmente, para os jovens, alertando que os pais devem ter cuidado com espetáculos e leituras que possam ofender a fé e os bons costumes.

Enquanto o Decreto *Inter Mirifica* é bastante cauteloso com os meios de comunicação, a instrução pastoral *Communio et Progressio*, compreendeu, na concepção de Dalmolin (2012), a primeira vez na história da Igreja Católica em que a comunicação é um processo interativo e não um instrumento unidirecional, utilizado, apenas, para propagar as doutrinas e propostas da Igreja Católica. A instrução pastoral, que foi elaborada ao longo de sete anos pela Comissão Pontifícia dos Meios de Comunicação Social, foi promulgada em maio de 1971.

Ao tratarmos da instrução pastoral *Communio et Progressio*, é relevante apontar que ele é um documento mais extenso e detalhado quando comparado ao Decreto *Inter Mirifica*, pois enquanto o Decreto é produzido no contexto do Concílio Vaticano II, a instrução pastoral tem uma distância temporal do Concílio.

O referido texto apresenta a comunicação social como “dom de Deus” e afirma que o *Communio et Progressio*, a partir das orientações do Concílio Vaticano II, desenvolverá princípios de doutrina e orientações quanto a utilização dos meios de comunicação pelos membros da Igreja Católica. E para atingir o referido objetivo, a instrução pastoral trata da recorrente modernização e da atuação social dos meios de comunicação.

Nesse sentido, as ações apontadas pelos meios de comunicação na sociedade perpassam a opinião pública, o direito à informação e o direito de informar, bem como se destaca na instrução pastoral que os meios de comunicação social têm papel importante no campo da educação. Com isso, essa é a característica do texto que consideramos mais relevante, haja vista o trabalho realizado.

Ao tratar da educação, o texto apontou que os meios de comunicação, em muitos países, são complemento dos métodos habituais de ensino, principalmente nas regiões com pouca possibilidade de escolarização. Entretanto, identificamos a ressalva para que o uso dos meios de comunicação social na educação seja utilizado de forma criativa e não se limite a amontoar conhecimento. Ao analisarmos o jornal Mundo Jovem, é possível identificar essa orientação, de ser complemento aos métodos habituais de ensino, nas suas publicações? De

que maneira o jornal Mundo Jovem apresenta sua compreensão de Educação para seus leitores, entre os anos de 1978 e 1988?

A partir das resoluções do Concílio Vaticano II e dos documentos *Inter Mirifica* (1966) e *Communio et Progressio* (1971), identificamos uma nova abordagem dos meios de comunicação pela Igreja Católica, que supera a desconfiança e atribui novas características aos *mass media*.

No entanto, toda a gama de transformações impulsionadas pelo Concílio Ecumênico viria a embasar uma posição um tanto deslumbrada dos católicos em relação às comunicações. Num momento em que todos acreditavam na modernização como motor do progresso, os meios de comunicação surgiam como ‘instrumentos milagrosos’, capazes de inverter a situação econômica e de dominação vivida pelos países subdesenvolvidos. (DALMOLIN, 2012, p. 38).

Nesse cenário de meios de comunicação social renovados após o Concílio Vaticano II e dos documentos oficiais publicados pela Igreja Católica, que legitimavam o uso de publicações e de outros meios de comunicação, cabe identificarmos o projeto de educação apresentado pelo jornal Mundo Jovem, ao analisarmos especificamente a seção “Educação”.

2.1.2 O conceito de Educação no jornal Mundo Jovem

A educação representou para a Igreja Católica uma possibilidade para formar uma sociedade e um perfil de homem e mulher católico. Nesse cenário, as utilizações dos meios de comunicação são muito relevantes, pois colaboram para persuadir os católicos das demandas propostas pela Igreja Católica. Quando tratamos do conceito de educação, é preciso compreender que a educação sempre foi uma pauta importante para a Igreja Católica, sendo que cabiam as famílias e as instituições, a quem a Igreja delegasse essa função, empreender esforços sobre a educação. (PACHECO, 2016).

Em sua tese de doutoramento, Cláudia Pacheco (2016, p. 126) afirmou que com o objetivo de “salvar” almas, a Igreja Católica fundou e manteve ao longo dos anos, escolas e instituições próprias, e para exemplificar a missão educativa da Igreja ela utiliza um excerto da revista UNITAS, publicado em 1930. De acordo com as publicações que ela analisou na revista entre 1912 e 1946, a escola era concebida como um espaço complementar a família e cabiam as instituições, escola e Igreja Católica, desenvolverem uma relação harmônica, no intuito de promoverem os mesmos ensinamentos dos princípios cristãos.

A educação cristã era considerada superior a qualquer método pedagógico moderno. Qualquer método que não estivesse de acordo com a moral cristã era avaliado como imperfeito e prejudicial ao homem. A educação cristã dos jovens, iniciada ainda no seio materno com o auxílio da Igreja, era complementada no âmbito escolar. (PACHECO, 2016, p. 129).

Apesar da distância temporal entre a pesquisa realizada por Cláudia Pacheco e o presente estudo, alguns pontos convergem, principalmente, no que se refere à análise de uma publicação impressa católica, bem como a análise de alguns conceitos recorrentes, como educação. Nesse sentido, as diferenças também colaboraram para o entendimento da pesquisa que estamos desenvolvendo. Primeiramente, a revista UNITAS era uma publicação voltada para o clero católico, e, portanto, era muito mais representativa dos anseios da instituição, a Igreja Católica. O recorte temporal distinto também é uma diferença que colabora com a pesquisa que estamos desenvolvendo, pois ao retrocedermos no tempo, somos capazes de identificar o percurso percorrido pelos meios de comunicação impressos católicos.

Com isso, é relevante realizarmos uma aproximação entre as proposições de Cláudia Pacheco e a nossa pesquisa, principalmente, no que se refere ao conceito de educação, pois o estudo empreendido pela autora demonstra que a educação sempre foi uma pauta importante para a Igreja Católica, sendo alvo de interesse das publicações voltadas para o clero, como ocorreu na revista UNITAS, no período analisado. A autora afirmou que o interesse da Igreja Católica com a educação, e conseqüentemente, com o jovem não foi impensado. “Configurou-se muito mais em uma estratégia do que, propriamente, em um serviço prestado a sociedade”. (PACHECO, 2016, p. 129).

Após a apresentação do conceito de educação na revista UNITAS, na primeira metade do século XX, é relevante apresentar o conceito de educação presente no jornal Mundo Jovem, publicado e analisado em outro período histórico, voltado para outro público e com objetivos distintos, entretanto com a manutenção do interesse pela educação. Para tanto, nos atemos a responder ao seguinte questionamento: De que maneira o jornal Mundo Jovem apresenta sua compreensão de Educação para seus leitores, entre os anos de 1978 e 1988?

Tabela 4 – Seção “Educação”

DATA	TÍTULO	AUTOR
out. 1978	O desenvolvimento educacional vai da infância à velhice	Mestre Berta Well Ferreira
mar. 1982	Gastar ou investir na educação	Pedrinho Guareschi
abr. 1982	O fracasso escolar	Leandro Rossa
mai. 1982	Para quem leva a sério a educação	Lucinda Maria Lorenzoni
jun. 1982	Para onde caminha a educação?	Aristides Cimadon
jul. 1982	Educação para o trabalho	Armando Cattelan
out. 1982	A Igreja e a educação no Brasil	Leandro Rossa
dez. 1986	A difícil tarefa de avaliar	Mari Margarete dos Santos Forster
mar. 1988	O dilema do ingresso no mundo do trabalho	Simone Paulon e Maria Luiza Flores Cruz
abr. 1988	O que ensinar?	Maximiliano Menegolla
jun. 1988	O desenvolvimento da comunicação pelo texto livre	Artur Hamerski
jul. 1988	A educação rural à margem do sistema de ensino	Helder Baruffi e Aristides Cimadon
ago. 1988	Planejamento bem feito é o primeiro passo do aprendizado	Mariasinha Benk Bohn
set. 1988	A escola prepara para a realidade	Neuza M. F. Guareschi e Simone Paulon
out. 1988	Computador na escola: a educação deve acompanhar a tecnologia	Oswaldo Biz

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Na seção “Educação”, representada pela tabela acima, temos 15 artigos publicados entre os anos de 1978 e 1988, sendo possível observar o aumento do número de publicações na seção nos anos de 1982 e 1988, no qual foram publicados treze dos quinze artigos. Após a leitura dos mesmos, foi possível definir que a maioria deles estavam voltados aos professores e não aos estudantes, devido a linguagem empregada e aos temas escolhidos, que são próprios da carreira docente.

O primeiro artigo publicado na seção, “O desenvolvimento educacional vai da infância a velhice”, foi publicado em outubro de 1978 por Berta Well Ferreira⁴³. Nele, a autora abordou as etapas psicológicas para a escolha profissional, destacando a criatividade e liberdade de escolha como fundamental para o sucesso da mesma. Após esse artigo temos um longo período sem a presença de publicações nessa seção, o que só voltou a ocorrer em março

⁴³ Berta Well Ferreira é apresentada no jornal Mundo Jovem apenas como Mestre em Educação.

de 1982, quando Pedrinho Guareschi⁴⁴ publicou um artigo bastante politizado para tratar dos atrasos no campo da educação. No ano de 1982, a Campanha da Fraternidade tinha como temática “Educação e Fraternidade”, legitimando essa informação a retomada da seção e o número significativo de artigos publicados no decorrer daquele ano, ao todo seis, um a cada mês, das nove edições publicadas anualmente.

No artigo intitulado “Gastar ou investir na educação”, Guareschi utilizou os dados do IBGE de 1979 para demonstrar que dos 120 milhões de habitantes no país, naquele período, cerca de 50% estava em idade escolar. Naquele mesmo ano, o país deveria matricular 3.440.803 crianças no primeiro ano escolar, mas apenas 2.046.761 realmente estavam matriculadas, ou seja, já de saída 40,5% da população não tinha acesso à educação, onde no primeiro ano de escola 818.710, ou seja, 13,8% desistiam. A partir do tema da Campanha da Fraternidade de 1982, Pedro Guareschi afirmou que a escola é o local de reprodução do sistema social, com isso a educação não estabelece novas propostas, mas reproduz o sistema vigente. Para ele, o ensino é um mecanismo de persuasão para que a sociedade fique como está, legitimando ao que é imposto e inviabilizando mudanças. Afirmou ainda, que para ocorrer a libertação econômica, política e social é preciso uma educação crítica e autônoma.

Ensinar não é ‘encher’ o aluno de conhecimentos, mas é ‘fazer a pergunta. O educando, então, tenta responder e ele se obriga a mudar, a crescer, a superar uma situação de ingenuidade, de contradição. Educação quer dizer ‘tirar de dentro, *‘educere’*. Por isso, deve ser questionadora, e não bitoladora. Quem procura a resposta é o educador e educando crescem juntos. (GUARESCHI, 1982, p. 5).

Ainda nessa perspectiva de evasão e fracasso escolar, identificamos o artigo publicado por Leandro Rossa⁴⁵, em abril de 1982. No artigo “O fracasso escolar”, o autor reforçou os dados do IBGE apresentados em 1978, e de acordo com eles, 60 milhões de pessoas no Brasil estariam em idade escolar, e desse número, apenas 30 milhões frequentavam escolas. Rossa ainda apresentou alguns dados do Ministério da Educação e Cultura (MEC)⁴⁶, que previa o quantitativo de jovens que concluiriam o segundo grau em 1986. Complementou o autor que das crianças que ingressaram na escola em 1979, ou seja, 1.394.042, apenas 580.128 (16,5%)

⁴⁴ Pedrinho Guareschi é apresentado no jornal Mundo Jovem apenas como professor universitário na PUCRS e Sociólogo.

⁴⁵ Leandro Rossa é apresentado no jornal Mundo Jovem apenas como presidente da Associação de Educação Católica (AEC) do Rio Grande do Sul.

⁴⁶ Por meio da Lei n. 1.920, de 25 de julho de 1953, foi criado o Ministério da Educação e Cultura (MEC), e em quinze de março de 1985, foi criado o Ministério da Cultura (MinC), pelo Decreto n. 91.144. Ainda assim a sigla MEC permaneceu, porém esse Ministério passou a responder, exclusivamente, pela Educação.

concluiriam a 8ª série em 1986, e esses números se reduziam ainda mais quando comparados ao 2º grau, em que a expectativa era de que 422.915 (12,2%) concluiriam o 3º ano do 2º grau.

Rossa (1982) apontou que apesar de ser noticiado pela imprensa e professores o baixo nível de aprendizagem dos estudantes, essa característica da educação é reflexo do desinteresse de que mais brasileiros ingressem no Ensino Superior ou 3º grau, como era definido naquele período. O autor afirmou que as principais causas do fracasso escolar no Brasil compreendem a fome e a desnutrição, associada a uma escola que está voltada para o conhecimento da cultura burguesa, sendo as famílias, os estudantes e os professores os que, muitas vezes, respondem pelo fracasso escolar, mesmo que não sejam eles a sua principal causa. A partir dessa perspectiva, ele resumiu o fracasso escolar no excerto abaixo:

O fracasso escolar está muito mais ligado a causas estruturais do sistema do que a causas pedagógicas. O fracasso escolar é mais produzido pelo sistema econômico-político do que pelos métodos de ensino, embora, ordinariamente a culpa do fracasso escolar seja muito mais atribuído a eles. Em vez de afirmar que o nosso sistema que não presta, dizem que o que não presta mesmo são os professores, os alunos. (ROSSA, 1982, p. 13).

Os três primeiros artigos analisados trataram da evasão e do fracasso escolar, apontando que as políticas públicas implementadas, que eles definem como sistema educacional, são as principais causas da evasão e fracasso escolar. Os artigos que continuavam tratando sobre o conceito de educação, em 1982, estavam centrados nas funções e objetivos da educação, sendo que o último artigo publicado nessa seção, no mesmo ano, apresentava uma nova proposta de educação, no qual reafirmamos que as características estruturais do texto demonstraram que ele estava voltado para o debate entre os professores.

No artigo “Para quem leva sério a educação”, publicado por Lucinda Maria Lorenzoni⁴⁷ em maio de 1982, a autora afirmou que a educação tem duas funções: a de passar a cultura adiante e ajudar crianças e jovens a se tornarem adultos, e que segundo a autora, estas funções podem ocorrer de maneira construtiva ou repressiva. Para tratar da escolha por uma educação comprometida, ela apresentou a função que deve ser desempenhada por professores, estudantes, família, sociedade e a administração escolar. Nessa mesma perspectiva, das funções e objetivos da educação, temos o artigo “Para onde caminha a educação?” de Aristides Cimadon⁴⁸, que foi publicado em junho de 1982, no qual o autor iniciou o texto criticando o caráter abrangente e também abstrato dos fundamentos legais que definem o objetivo da educação brasileira.

⁴⁷ Lucinda Maria Lorenzoni é apresentada no jornal Mundo Jovem como Mestre em Educação pela PUCRS.

⁴⁸ Aristides Cimadon é apresentado no jornal Mundo Jovem apenas como professor universitário.

A escola e a educação formal podem assumir duas direções opostas: uma é de orientar o homem para ser livre, consciente, crítico, criativo e reflexivo. Este tipo de organização escolar possibilita ao homem organizar-se, por si mesmo, em direção a máxima extensão de si próprio. A outra é de doutrinar para a manutenção do '*status quo*', inculcando valores que formam uma consciência ingênua e tornando o homem um alienado social ou defensor fanático de valores e interesses que exploram. (CIMADON, jun. 1982, p. 5).

A partir do excerto do artigo, identificamos que o autor procurou definir os dois possíveis objetivos que a escola pode escolher na formação educativa dos estudantes. Nesse sentido, ele afirmou que a sociedade e a família precisam participar da educação, pois as ações educacionais, bem como professores e escolas não são neutros, e ele não identificou essa ausência de neutralidade como algo negativo. Por isso, reafirmou a importância da escola, mas também dos pais e da sociedade saberem o caminho educacional e os objetivos educacionais a serem atingidos. O último artigo publicado em 1982 na seção "Educação" intitula-se "A Igreja e a educação no Brasil", de autoria de Leandro Rossa, no qual compreendeu o texto publicado na seção com terminologias e conceitos que demandavam conhecimento do campo pedagógico, o que tornou mais claro o fato de que ele era voltado para a instrução e debate dos professores.

Rossa (1982) afirmou que a partir da década de 1950, a Igreja Católica adotou um novo modelo, o Modelo de Igreja Popular, que pretendia a participação consciente de seus devotos. A Igreja Popular, de acordo com o autor, tinha uma proposta de educação para a formação do homem livre em uma sociedade democrática, enquanto que a educação brasileira pretendia "formar o homem da ordem para uma sociedade autocrática, coercitiva e dominadora". (p. 14).

Como já afirmamos, esse é um texto voltado para reflexão dos professores, além disso possui referências bibliográficas e trata do conceito de Educação Libertadora, como a educação promovida pela Igreja Popular, isso sem citar o educador e articulador do referido conceito, Paulo Freire⁴⁹.

O ano de 1982 contou com inúmeros artigos publicados na seção "Educação", que como já foi citado, se deve ao tema da Campanha da Fraternidade, "Educação e Fraternidade", daquele ano. Após o ano de 1982, só teremos um número expressivo de publicações nessa seção ao longo do ano de 1988, características que aferimos a elaboração da nova Constituição nacional, que fomentou o debate sobre a educação na sociedade. Além

⁴⁹ No ano de publicação do artigo, 1982, Paulo Freire já havia retornado do exílio, entretanto suas teorias e propostas pedagógicas, ainda passavam por severa repressão. Mesmo o país já vivenciando um processo de abertura política, por meio da permissão da eleição direta de governadores, a anistia para os exilados políticos e outras mudanças.

disso, as discussões sociais iniciadas na elaboração da Constituição de 1988 promoveram a criação da Lei n. 9.394/96 ou Lei de Diretrizes e Base (LDB/96). Com a promulgação da Constituição em 1988, a legislação voltada para a educação tornou-se obsoleta e o novo cenário democrático foi um convite para a participação da sociedade nos debates sobre o caminho que seria percorrido pela educação.

O primeiro artigo publicado na seção “Educação”, em 1988, estava mais voltado para os estudantes, sendo publicado em março de 1988 e de autoria de Simone Paulon⁵⁰ e Maria Luiza Flores Cruz⁵¹ e tratou da formação da identidade juvenil e do seu ingresso no mercado de trabalho. Entretanto, no artigo, “O que ensinar?”, publicado no mês seguinte, o autor Maximiliano Menegolla⁵² utilizou conceitos e linguagem, que estão adequados aos interesses pedagógicos dos professores.

No artigo, Menegolla (1988) tratou do grande número de crianças e adolescentes que abandonam a escola e o quanto esse dado é ignorado pelas instituições de ensino. Também criticou a formulação do currículo escolar, que, segundo ele, está pautado na vida acadêmica, ignorando o fato de que a grande maioria dos estudantes não concluiria o primeiro ciclo do Ensino Fundamental, que naquele período era nomeado de 1ª a 4ª série. Nos apontamentos do autor, pensado nesse público, a escola deveria realizar aprendizagens que servissem para a vida dos alunos, principalmente aprendizagens que fossem funcionais para o estudante. Com isso, a escola deveria pensar nos estudantes que iriam evadir após o primeiro ciclo do Ensino Fundamental, antes definido como estudos de 1ª a 4ª série, “a escola deveria ensinar somente a falar, ler, escrever e as quatro operações. O resto virá por acréscimo”. (MENEGOLLA, 1988, p. 16).

Ainda sobre a temática da evasão escolar temos o artigo “A escola prepara para a realidade” de autoria de Neuza M. F. Guareschi⁵³ e Simone Paulon, publicado no jornal Mundo Jovem em setembro de 1988. Nele as autoras trataram dos elevados números de evasão escolar, bem como dos altos índices de reprovação no primeiro ciclo do Ensino Fundamental, que naquele período era denominado de 1ª série do primeiro grau. Nesse sentido, elas atribuíram duas funções sociais da escola: a primeira compreende a função de ensinar o homem a mudar sua realidade, enquanto que a segunda possui um sentido inverso e

⁵⁰ Simone Paulon é apresentada no jornal Mundo Jovem como pós-graduada em Psicologia Social pela PUCRS e psicóloga do grupo INTESECCÃO.

⁵¹ Maria Luiza Flores Cruz é apresentada no jornal Mundo Jovem como pós-graduada em Psicologia Social pela PUCRS e psicóloga do grupo INTESECCÃO.

⁵² Maximiliano Menegolla é apresentado no jornal Mundo Jovem como Mestre em Educação e professor da disciplina de Didática na Faculdade de Filosofia de Viamão e Faculdade Porto-Alegrense.

⁵³ Neuza M. F. Guareschi é apresentada no jornal Mundo Jovem apenas como psicóloga e membro do grupo INTESECCÃO.

compreende treinar mão-de-obra barata para o mercado de trabalho. Percebemos que os artigos publicados sobre a evasão escolar não se limitam somente a área urbana, em julho de 1988 foi publicado o artigo “A educação rural à margem do sistema de ensino”, escrito por Helder Baruffi⁵⁴ e Atistides Cimadon.

No referido artigo, os autores trataram do abandono na educação rural, afirmando também que a educação rural não estava nos planos do governo militar, bem como não era do interesse do governo democrático. Baruffi e Cimadon (1988) apontaram que o caminho para melhorar a educação rural passa pelo investimento dos municípios na educação formal e na escolarização de jovens agricultores. O texto refletiu sobre a evasão escolar no campo, pois concluído o primeiro ciclo do Ensino Fundamental, antes da 1ª a 4ª série do primeiro grau, o estudante precisava mudar-se para a cidade, no intuito de prolongar seus estudos. No artigo, os autores realizaram algumas recomendações para que o jovem permaneça na zona rural, e mesmo assim, tenha acesso à continuidade de seus estudos.

O artigo “Computador na escola: a educação deve acompanhar a tecnologia”, de autoria de Osvaldo Biz⁵⁵ e publicado em outubro de 1988, tratou da necessidade de identificar os objetivos educacionais no Brasil. Para atender a essa demanda, o autor afirma que seria preciso realizar algumas escolhas, reforçando-se o que afirmamos anteriormente ao apontar que a retomada da seção “Educação” em 1988, estava voltada a atender a um desejo da sociedade de debater sobre os caminhos da educação, a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988, em que as leis voltadas para a educação se tornaram obsoletas.

Em relação ao artigo, primeiramente, o autor apresentou uma cronologia sobre os avanços no setor industrial, em que atribuiu uma maior relevância a área tecnológica e ao desenvolvimento de computadores. Nesse contexto, ele propôs uma reflexão ao leitor sobre qual o papel que o país irá ocupar nesse novo cenário econômico, que ele denomina de “era da informática”: o país irá continuar como exportador de matéria-prima e importador de tecnologia ou irá optar por um desenvolvimento próprio no setor de informática. Biz (1988) afirmou que para identificarmos nossas necessidades educacionais, antes precisávamos projetar o país em que desejamos viver. Para ele, a relação entre a projeção do país que pretendíamos construir e a situação econômica vivenciada interferia, diretamente, em elementos sociais como a educação. Essa defesa do autor identificamos no excerto:

⁵⁴ Helder Baruffi é apresentado no jornal Mundo Jovem como Mestre em Educação e diretor da Faculdade de Educação de Joaçaba (FAEJO).

⁵⁵ Osvaldo Biz é apresentado no jornal Mundo Jovem como jornalista e professor universitário.

Nos últimos anos, mais precisamente de 1964 para cá, tentou-se, através do conhecido ‘milagre econômico’, legitimar o poder tomado a força com a justificativa de que era para melhorar os níveis político, social e cultural. Mas a experiência demonstrou o contrário. Só para exemplificar, no que diz respeito ao Produto Interno Bruto, o Brasil ocupa a posição de oitavo lugar no mundo, e no que se refere ao social, fica numa incômoda posição de quinquagésimo sétimo lugar... Mais de sete milhões de crianças estão fora da sala de aula; no Nordeste, o número de analfabetos chega a 47% da população, diminuindo para 18% na região Sul-Sudeste. Para tratar dos índices de evasão e reprovação, o autor apresenta os seguintes dados: de 100 crianças que se matricularam no primeiro ano em 1968, apenas 17 concluíram o Ensino Fundamental em 1975, e esse número se reduz para 9 concluintes quando tratamos da conclusão do Ensino Médio em 1978. (BIZ, out. 1988, p. 14).

A partir do texto, Biz (1988) pretendeu demonstrar que os resultados da educação estão relacionados ao projeto que o governo no poder pretendeu implementar em cada uma das áreas, como a educação e que isso não está relacionado a fatores econômicos, mas a fatores sociais. O autor não negou as divergências em termos pedagógicos, mas o que pretendeu demonstrar é que os problemas da educação no país, evasão e baixo nível de aprendizagem, são respostas as demandas do governo.

Após essas considerações sobre o projeto de país que se pretendeu desenvolver, o autor retomou o que já havia anunciado no título e no início do artigo ao tratar de que maneira o computador pode ser utilizado nas escolas. A primeira posição defendida por Biz (1988) é a de que o computador não deve ser utilizado como um recurso didático, assim como os vídeos e slides, mas que deve ser empregado como uma ferramenta de aprendizagem que auxilie na solução de problemas reais. Nesse sentido, os artigos publicados no jornal Mundo Jovem, nos meses de junho e agosto, também pretenderam colaborar com questões didático-pedagógicas.

Em junho de 1988, Artur Hamerski⁵⁶ publicou o artigo “O desenvolvimento da educação pelo texto livre”, em que tratou do método Freinet. Nele, o autor apresentou as possibilidades de trabalhar esse método, de texto livre, na escola e em sala de aula, citando a elaboração de jornais escolares como uma metodologia de ensino-aprendizagem. Outra publicação, de agosto de 1988, de autoria de Mariasinha Benk Bohn⁵⁷ intitulado “Planejamento bem feito é o primeiro passo do aprendizado” tratou sobre como deve ser planejada e avaliada a prática de ensino a partir das diferentes propostas pedagógicas, no qual a autora defendeu que a avaliação deve ser um acompanhamento constante do estudante, e que caso seja necessário realizar uma avaliação formal, como uma prova, que essa não seja a única ou mais importante forma de avaliação. A temática presente nos dois artigos estão

⁵⁶ Artur Hamerski é apresentado no jornal Mundo Jovem apenas como professor universitário da Fundação Missioneira de Ensino Superior (FUNDAMES), em Santo Ângelo/RS.

⁵⁷ Mariasinha Benk Bohn é apresentada no jornal Mundo Jovem como professora do Departamento de Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

voltadas para professores e pretenderam colaborar com a práticas dos mesmos em sala de aula.

Enquanto os três primeiros artigos analisados na seção “Educação” trataram da evasão e do fracasso escolar, apontando que as políticas públicas implementadas, que definiram como o sistema educacional são as principais causas da evasão e fracasso escolar, os demais artigos da seção definiram o conceito de Educação no jornal, cabendo a eles debater desde as funções e objetivos da educação até a apresentação de novas propostas nesse campo. No que se referiu às características estruturais, os textos dessa seção estavam, em sua maioria, voltados para os professores e prováveis debates entre os pares. Após as considerações sobre o conceito de Educação no jornal Mundo Jovem, é relevante conhecer a história dessa publicação.

2.2 JORNAL MUNDO JOVEM

O Jornal Mundo Jovem, com sede na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), sob o apoio e orientação da Faculdade de Teologia da referida instituição, se apresenta como um meio de comunicação impresso voltado para a educação. Desde 2017, o jornal foi descontinuado, ou seja, após 53 anos de história ele passaria a ser online e gratuito com publicações semestrais, e apesar de inúmeras tentativas, busca na internet e telefonemas, não foi possível identificar a versão online que foi divulgada em nota pela Assessoria de Comunicação da PUCRS.

Em sua dissertação de Mestrado, Rui Antônio de Souza explicou os motivos para a utilização da nomenclatura “jornal”, mesmo que as suas características de forma e conteúdo seja de revista, pois sua periodicidade é mensal, seu público é segmentado, suas publicações são mais extensas e ilustradas. Além disso, a publicação veiculou campanhas publicitárias até o final do ano de 1971, depois a pedido do público, a equipe decidiu por não disponibilizar espaços para a propaganda.

Figura 1 - Capa do jornal Informações Vocacionais



Fonte: Jornal Mundo Jovem. In: **Informações Vocacionais**, Viamão, v. 1, n. 0, mar. 1963. Editorial, p. 1.

A primeira edição do jornal, em março de 1963, contava com apenas seis páginas e era produzido no Seminário Maior de Viamão, sendo nesse primeiro momento, chamado de **Informações Vocacionais**. Em sua primeira tiragem foi apresentado aos leitores como uma publicação voltada para os interesses vocacionais. Na página inicial a equipe vocacional assinou o texto, em que definiu o público-alvo da publicação, bem como deixou claro ao leitor a incerteza de uma segunda publicação. “O jornal surge sem previsão de que vai continuar ou não. Talvez quando houver assunto e dinheiro [...]. Pedimos opiniões e sugestões”. (INFORMAÇÕES VOCACIONAIS, 1963, p. 1).

O jornal, na primeira tiragem, possuía características muito distintas das que apresentaria depois de alguns anos, pois em sua primeira edição, ele tratou apenas das vocações sacerdotais e religiosas, não apresentando ainda uma identidade ou foco do que seria publicado. Ao analisarmos o primeiro texto da publicação, identificamos que essa edição resultou de uma demanda para mapear os neo-sacerdotes do ano de 1962, que consistiam em sacerdotes que recentemente receberam as ordens sacras, justificando essa demanda através do título do primeiro texto “Promessa é dívida”. A listagem com nome, cidade de origem e congregação religiosa são descritas nas primeiras três páginas da publicação.

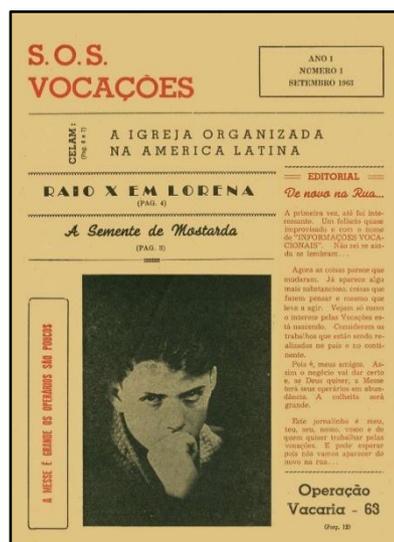
No decorrer da primeira publicação identificamos os nomes que alternada ou colaborativamente assinaram os textos como Equipe Vocacional, sendo eles os seminaristas

Valdir Ros, Arnaldo Rizzardo e Paulo Frizzo. No que se refere ao tema da primeira edição, o mesmo correspondeu ao despertar vocacional, em que foram apresentados dados quantitativos sobre a relação entre o contingente populacional do país, em contraposição aos poucos seminaristas e padres. Posteriormente, citaram exemplos de trabalhos desenvolvidos por outras equipes vocacionais no território brasileiro, e até mesmo propuseram ações para as equipes vocacionais existentes.

Em concreto, poderemos manter relações entre as equipes por meio de correspondência e organizando encontros, trabalho de conjunto e ajudando-nos com experiências, sugestões, ideias. Poder-se-ia organizar campanha de missas, de orações; fundar equipes entre famílias para trabalharem pelas vocações e clubes de orientação vocacional. Estudos vocacionais, programas radiofônicos, publicações na imprensa, propaganda nas escolas, recrutamento de meninos para o seminário e outros trabalhos que, certamente, farão sentir a nossa presença pelo Brasil, nos incitam a entregarmo-nos com entusiasmo nessa empresa. (RIZZARDO, 1963, p. 3).

Com a publicação do jornal *Informações Vocacionais*, a equipe formada no Seminário Maior de Viamão, composta pelos seminaristas Valdir Ros, Arnaldo Rizzardo e Paulo Frizzo, pretendia colaborar com os problemas enfrentados pela Igreja Católica brasileira no que se referia a formação de padres. Na última página da publicação identificamos uma seção denominada Correspondência, em que diferentes congregações religiosas em várias cidades do país relataram o trabalho desenvolvido para promover a orientação vocacional.

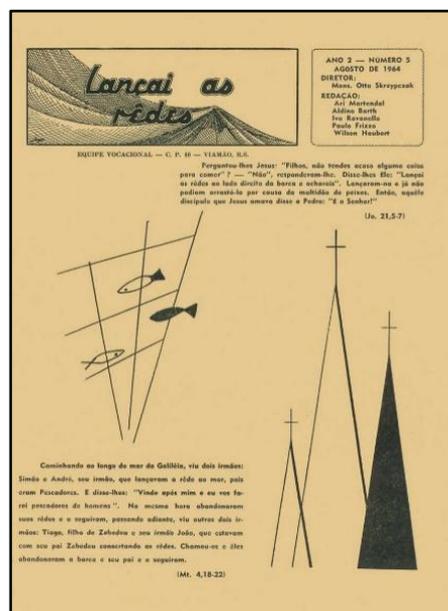
Figura 2 - Capa do jornal S.O.S. Vocações



Fonte: Jornal Mundo Jovem. In: *S.O.S. Vocações*, Viamão, v. 1, n. 1, set. 1963. Editorial, p. 1.

Alguns meses depois, em setembro de 1963, a publicação foi ampliada para 12 páginas e passou a ser escrita em português e espanhol, mas agora com os títulos “S.O.S. Vocações” e “S.O.S. *Vocaciones*”. O nome mudou, mas a temática continuou a mesma: tratar das vocações religiosas e atrair mais pessoas ao seminário. Na sua quarta edição, maio-junho de 1964, o periódico mudou novamente sua denominação, passando a se apresentar sob o título “Lançai as Redes”. De acordo com Souza (2008), no editorial dessa edição, o redator Ari Martendal afirmou que a publicação desperta o interesse de padres, professores, religiosos e jovens.

Figura 3 - Capa do jornal Lançai as Rêdes



Fonte: Jornal Mundo Jovem. In: **Lançai as Rêdes**, Viamão, v. 2, n. 5, p. 1, ago. 1964.

A primeira edição da publicação “Lançai as Rêdes” foi em agosto de 1964, sendo elas bimestrais e composta por edições de 12 páginas cada uma, em preto e branco. A partir da mudança de título, a publicação também especificou seu grupo que passou a ser de professores católicos do sul do Brasil. Após algumas edições, a publicação tornou-se Mundo Jovem, ocorrendo essa mudança no periódico de outubro-novembro de 1967, cabendo aos editores, em sua primeira edição, explicarem o motivo da troca de nomenclatura:

Mas por que Mundo Jovem?

- Porque eu sou um jornal para jovens e quero levar-lhes uma mensagem de cristianismo autêntico. E cristianismo é juventude. Não se estende um cristianismo velho, decadente, decrépito... Para que o mundo seja jovem (cristão) é preciso que cada um dê a sua colaboração. Todos nós fomos convidados para desempenhar uma missão para a construção da sociedade humana. Esta é a vocação de todo o cristão. De todo o jovem.

O meu nome agora é Mundo Jovem porque quero ser amigo do jovem que está em busca de um caminho onde ele encontra a sua plena realização e onde ele possa tornar os outros mais felizes. Num mundo onde o jovem possa amar mais e receber mais amor. Mundo Jovem quer dizer a você que existem muitas maneiras de amar e muitos são os caminhos que levam ao amor. Quer que você tenha um coração bem grande para receber os apelos do amor. Mundo Jovem quer ajudar a você descobrir novos caminhos para amar, descobrir um mundo onde você encontre a plena realização e como nele engajar-se. (MUNDO JOVEM, out.-nov. 1967, p. 1).

A partir da citação, observamos que além do nome, o jornal também modificou o público-alvo e redefiniu as suas temáticas, ou seja, deixou de ser voltado, exclusivamente, para a orientação vocacional, passando a atender outro público, os jovens, atualizando a temática para se adequar aos interesses e necessidades do novo público-alvo. Ainda no texto em que apresentava e justificava a escolha do nome aos leitores, foi mencionado que centenas de cartas foram recebidas e mais de 180 nomes foram sugeridos, e para demonstrar o sucesso da campanha para a escolha do novo nome, os editores publicaram algumas cartas recebidas.

Figura 4 - Capa do jornal Mundo Jovem



Fonte: Jornal Mundo Jovem. In: **Mundo Jovem**, Viamão, n. 24, p. 1, out.-nov. 1967.

Ao longo da primeira edição do jornal, com a sua nova nomenclatura, foi possível identificar outras publicações que reforçaram a proposição dele ser voltado para os jovens. Na seção para a análise de livros, o título escolhido para apreciação era “Os sete pecados da juventude sem amor”, na seção sobre filmes, centrando-se a análise na presença dos jovens no filme “Opinião Pública”, no qual a música e o poema também trataram dos mesmos. Com essa abordagem, podemos afirmar o interesse dos editores em promover a aproximação com o novo público de leitores do jornal.

No primeiro editorial com o novo nome, foi apresentado trechos da música “Era um garoto que como eu amava os Beatles e os Rolling Stones”, sendo o texto assinado pela direção e utilizado para tratar da vida dos jovens no país, no qual encontramos exposto a afirmação de que o jornal é voltado para jovens que trabalham, que pensam, que possuem um ideal, um “jornal de jovens para jovens”. (MUNDO JOVEM, out.-nov. 1967, p. 5).

No que se refere a suas características físicas, a primeira edição colorida foi em março de 1971. Ainda, no referido ano, o jornal passou de 20 para 24 páginas e compreendia nove publicações anuais, que estavam de acordo com o calendário escolar, ou seja, de março a dezembro, com interrupção em julho. Com isso, o jornal demonstrava a sua preocupação com os espaços educacionais. Na edição especial sobre os 25 anos de publicação do jornal, encontramos uma passagem dos editores, no qual o artigo não apresentava um redator/autor, ressaltando sobre as dificuldades da publicação nos seus primeiros anos.

Após nove meses de negociações, em janeiro de 1972, o Mundo Jovem passou para a PUCRS, como órgão do Instituto de Teologia e sob a supervisão técnica da Faculdade de Jornalismo.

A decisão da PUCRS foi entendida como um gesto de reconhecimentos do autêntico trabalho de Igreja que o Mundo Jovem estava fazendo.

A primeira vista, parece que todos os problemas haviam desaparecido. Aos poucos, porém, paralelo aos constantes problemas financeiros, aumentou a corrente de oposição a linha do jornal, sobretudo com a pressão de um grupo mais conservador dentro da Igreja. Mesmo assim, o Mundo Jovem conseguiu resistir e chegar a 120 mil assinantes, considerado, hoje, o maior jornal católico do Brasil, um fenômeno em termos de comunicação alternativa. (MUNDO JOVEM, nov. 1987, p. 10).

De acordo com o trecho acima, além das dificuldades financeiras, a publicação também enfrentou a oposição de grupos mais conservadores dentro da Igreja Católica, mesmo que nas décadas de 1970 e 1980 estivesse em expansão a Teologia da Libertação⁵⁸ no Brasil e na América Latina.

⁵⁸ A Teologia da Libertação é uma corrente teológica cristã que se desenvolveu na América Latina no século XX, após o Concílio Vaticano II (entre 1962 e 1965). Na década de 1980, a vertente mais tradicional da Igreja Católica tornou sua oposição a Teologia da Libertação mais severa, alegando que essa corrente era incompatível

O jornal Mundo Jovem, assim como a Editora FTD, foi uma publicação vinculada aos maristas, e essa característica definiu a linha editorial adotada pela publicação. Bittencourt (2014, p. 126) afirma que a FTD⁵⁹ “é conhecida como editora de livro didático”. De acordo com Agueda Bernardete Bittencourt, a Editora FTD foi criada para promover uma boa educação, embasada na formação científica e moral, bem como incitar a cultura e as artes, salientando que os maristas têm como missão educar e evangelizar, e de acordo com a autora, eles cumpriram esse propósito na Editora FTD por meio da produção de obras didáticas, nas quais estavam inseridas a formação cristã.

Bittencourt (2014) apontou que a rede de colégios maristas, e conseqüentemente a tiragem dos seus livros didáticos, se beneficiaram das políticas públicas de educação que deixou, conforme analisamos no primeiro capítulo, para a Igreja Católica ou grupos privados, a oferta do ensino secundário.

Um exame detalhado dos catálogos da Editora Vozes e da FTD, ao longo do tempo, o que não é possível neste artigo, mostraria as opções políticas das duas organizações religiosas. Durante os anos de Ditadura, a Vozes, dos franciscanos, apoiou as teses do Vaticano II, acolheu os intelectuais ligados à Teologia da Libertação, posicionou-se contra o regime dos militares e contra as políticas ultraconservadoras da Igreja. No mesmo período, a FTD, dos maristas, construiu o seu império do livro didático. (BITTENCOURT, 2014, p. 130).

A partir da citação é possível identificarmos que, enquanto algumas editoras aproveitaram das suas publicações para criticar a Ditadura Civil-militar, os maristas mantiveram uma postura de poucas manifestações sobre os caminhos políticos nacionais. E, nesse sentido, o jornal Mundo Jovem, ao ser produzido e editado pela mesma congregação, adotou uma postura semelhante. Nas publicações do jornal identificamos algumas críticas ao governo militar, entretanto esse posicionamento é ponderado, no qual observamos que ele só se torna mais presente à medida que o Brasil passa pelo processo de redemocratização.

Bittencourt (2014) afirmou que a editora FTD parecia não ter sido atingida pela repressão militar, podendo até ter sido beneficiada pelo regime, tanto que após um projeto de modernização, o Estado se tornou o cliente preferencial da editora e ela passou a ocupar o posto de maior editora de livro didático do País.

com a doutrina católica. Hoje, esse movimento não possui mais nomes expressivos dentro da Igreja Católica. No Brasil, um dos nomes de destaque foi Leonardo Boff.

⁵⁹ Seu idealizador, Frère Théophile Durand, cujas iniciais dão nome à editora, está na raiz da rede internacional marista formada a partir do final do século XIX. O religioso colocou os investimentos da congregação na escrita e na edição de livros escolares de "caráter laico", numa França que se secularizava e implantava a escola pública independente da Igreja.

Mesmo com as dificuldades enfrentadas pelo jornal Mundo Jovem nas décadas de 1970 e 1980, ainda nesta edição especial, os colaboradores do jornal procuraram explicar os motivos do sucesso e da significativa tiragem do jornal no ano de 1987⁶⁰.

Num país como o Brasil, onde se investe muito pouco na educação, onde 42% dos trabalhadores recebem até um salário mínimo e apenas 5% dos trabalhadores recebem mais de dez salários mínimos, não é de estranhar que o povo não leia. Por isso mesmo é considerado um fenômeno, um periódico como Mundo Jovem, que chega a 120 mil assinantes. Como Mundo Jovem chegou a isso? A receita não é tão simples, mas também não há segredos. Alguns pontos merecem destaque:

- Mundo Jovem não recebe e nunca recebeu ajuda de ninguém;
- Mundo Jovem não tem propaganda e, conforme a Pesquisa de Opinião/87, muitos assinantes entendem que a propaganda compromete a linha do jornal;
- Mundo Jovem sempre sobreviveu com o preço da assinatura, geralmente inferior a inflação;
- Todos os colaboradores do Mundo Jovem contribuem gratuitamente;
- A folha de pessoal dos funcionários do Mundo Jovem atinge menos de 20% do orçamento geral de cada ano. (MUNDO JOVEM, nov. 1987, p. 11).

Após esse breve histórico do jornal Mundo Jovem, consideramos relevante descrever resumidamente o que identificamos nas publicações nas décadas pesquisadas, sendo que elas eram mensais e ocorriam de acordo com o ano letivo, ou seja, de março a novembro. Na figura a seguir identificamos as mudanças de layout do jornal no decorrer dos anos de suas publicações.

⁶⁰ De acordo com dados publicados pela revista Veja, a revista com maior tiragem no Brasil, na década de 1980 a média semanal de revistas vendidas era de pouco mais de 500 mil exemplares. Em contrapartida temos o jornal Mundo Jovem, destinado a um público específico (professores e jovens – estudantes e/ou trabalhadores) que, de acordo, com o próprio jornal, atingia 4 mil municípios no país e publicava mensalmente, 120 mil exemplares.

Figura 5 - Capas do jornal Mundo Jovem ao longo das décadas



Fonte: Capas de diferentes edições do jornal Mundo Jovem, respectivamente, da esquerda para a direita: n. 50, out. 1971; n. 100, mai. 1977; n. 131, out. 1980; n. 150, out. 1982; n. 200, ago. 1988 e n. 250, abr. 1994.

A década de 1970 apresentava temas muito variados, sendo que dois eixos temáticos mereceram destaque, um deles voltado para artigos de cunho religioso e outro que estava atento a conduta dos jovens, uma vez que os artigos com essa temática estavam preocupados em difundir e afirmar os valores cristãos entre os jovens. Além desses dois grupos, o jornal permaneceu com as publicações voltadas para as práticas escolares como os jograis, as poesias, as crônicas, em que o material produzido pelos redatores do jornal ou seus colaboradores se destinavam ao uso na sala de aula e a seção Recado dos Leitores, em que professores, diretores e alunos de diferentes escolas (católicas, laicas, privadas e públicas) enviavam cartas relatando a utilização do jornal nas escolas, como também foi relatado o seu uso em grupos de jovens e outros espaços de discussão.

A outra década pesquisada compreendeu os anos de 1980, período que fez parte de um momento histórico de profundas mudanças no país, pois o Brasil viveu seus últimos anos de Ditadura Civil-militar, passou por mudanças após a retomada de governantes civis e a redemocratização política, que resultou na elaboração de uma nova Constituição. Também na década de 1980 tornou-se mais evidente as desigualdades sociais e econômicas no Brasil e na América Latina, sendo que todas essas temáticas estavam presentes nas publicações do jornal *Mundo Jovem*.

No próximo item trataremos da categoria “Práticas Escolares”, que será analisada em dois momentos. No primeiro momento, analisaremos a seção *Recado dos Leitores*, por ser uma seção ininterrupta da publicação que trata dos usos do jornal, tanto pelas escolas, quanto por outras instituições, principalmente, grupos de jovens. O outro momento que analisaremos a categoria “Práticas Escolares” será no terceiro capítulo, para tratar das seções mais recorrentes, principais temáticas e autores, dessa categoria.

2.2.1 Práticas Escolares: a participação dos leitores no jornal *Mundo Jovem*

Ao analisarmos o jornal *Mundo Jovem* entre março de 1978 e novembro de 1988, foram identificados na categoria “Práticas Escolares” 247 artigos sobre essa temática. Nesse momento, apenas analisaremos uma das seções, que compreende a seção “*Recado dos Leitores*”, que no ano de 1988 passa a ser denominada apenas “*Recado*”. O corpus documental dessa seção compreende 63 publicações entre os anos de 1978 e 1988.

Ribeiro (2014) apontou que ao longo dos séculos XVIII e XIX iniciaram na Europa as políticas de inclusão do público nos discursos da imprensa e nesse início, a participação do público estava restrita as opiniões de líderes ou personalidades reconhecidas publicamente. O autor citou o exemplo do jornal *The New York Times* afirmando que ele foi “o primeiro jornal a publicar a carta de um leitor num espaço inteiramente dedicado à opinião dos cidadãos, a 18 de Setembro de 1851, apenas cinco dias após o seu lançamento”. (RIBEIRO, 2014, p. 1).

Nesse sentido, desde a sua primeira publicação, o jornal *Mundo Jovem* adotou essa postura ao publicar na página 6, em março de 1963, uma seção denominada “*Correspondência*”, em que os editores publicaram algumas cartas recebidas ao longo do ano de 1962 de diferentes cidades e congregações em resposta a solicitação quanto ao número de padres que haviam recebido o Sacramento da Ordem⁶¹ naquele ano.

⁶¹ O Sacramento da Ordem marca o momento em que o seminarista se torna um padre. Na celebração desse Sacramento, o seminarista aceita três votos perpétuos: de pobreza, de castidade e de obediência.

A primeira vez que o jornal Mundo Jovem publicou uma seção dedicada a propor um diálogo com seus leitores foi em abril de 1969, na sua trigésima segunda publicação. Nesse momento, a seção nomeada de “Cartas” foi apresentada pelos editores do jornal como um espaço de comunhão de ideias, de experiência, de diálogo e de formação da juventude brasileira. Em março de 1973, na sua sexigésima segunda edição, a seção troca de nome e passa a ser “O Recado dos Leitores”. A equipe editorial do jornal, antes de apresentar as cartas recebidas dos leitores, apresentava a sua proposta para a seção:

Não gostaríamos que esta página se transformasse numa simples tribuna onde todos falam e gritam ao mesmo tempo e ninguém entende nada; onde se agride e se ofende sem modos e sem humanismo; onde se mente e se destrói sem um mínimo de compreensão e de espírito cristão. Antes, gostaríamos que ‘O Recado dos Leitores’ fosse uma mesa redonda onde todos têm o direito de falar e o dever de escutar, mesmo que por vezes a verdade doa. É bom aprender a escutar, melhor ainda é saber perdoar e compreender. Gostaríamos que ‘O Recado dos Leitores’ fosse a página do encontro, do diálogo, da fraternidade, a página da troca de ideias, de sugestões, opiniões e críticas; a página do abraço e do perdão. (MUNDO JOVEM, mar. 1973, p. 22).

A partir do excerto fomos capazes de identificar a intenção da equipe editorial ao publicar essa seção, que a partir daquele momento tornou-se um espaço de diálogo entre os editores do jornal e seus leitores. No intuito de compreender o que era publicado nessa seção, analisamos a totalidade das cartas publicadas pelo jornal Mundo Jovem entre 1978 e 1988, um total de 63 vezes em que essa seção foi publicada, em alguns momentos com oito publicações anuais, mas na grande maioria dos anos com nove publicações. Para tanto, utilizamos a análise de conteúdo para categorizar essa seção no que se refere aos temas publicados com mais frequência, bem com aqueles que estavam adequados as práticas escolares.

Na análise realizada não pretendemos realizar um levantamento dos leitores, onde residiam, ou mesmo instituição que representavam, no caso de escola ou grupo de jovens, o interesse ao analisar essa seção compreendeu a necessidade de identificar o conteúdo publicado nas cartas, isto é, a forma como o leitor posicionou o seu texto. Nesse sentido, a tabela 5 oferece uma leitura elucidativa:

Tabela 5 – Recado dos Leitores (1978-1988)

CATEGORIA	ANO DA PUBLICAÇÃO										
	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988
MJ* nas escolas	2	-	4	5	4	1	6	3	2	2	1
MJ em grupos de jovens	1	-	2	3	2	-	1	2	1	3	3
MJ pelo Mundo	2	1	-	-	1	-	-	-	1	-	1
MJ formação complementar	2	1	-	-	1	1	-	-	-	-	-
MJ pelos docentes	-	-	-	-	-	-	2	2	-	1	-
MJ pelos estudantes	-	-	-	-	-	-	3	2	3	3	2
MJ em outros meios	-	4	2	1	-	-	3	-	-	1	1
Crítica aos MCM**	2	2	1	-	-	-	-	2	1	-	-
Crítica as publicações do jornal MJ	-	4	1	1	-	2	-	-	-	1	1
Seções relacionadas às práticas escolares	-	-	-	1	4	1	2	1	1	-	-

* MJ é uma abreviação de jornal Mundo Jovem.

** MCM é uma abreviação de Meios de Comunicação de Massa.

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Após análise da tabela, com o levantamento estatístico das categorias presentes na seção “Recado dos Leitores”, fomos capazes de afirmar que as categorias mais recorrentes remeteram-se ao uso do jornal Mundo Jovem pelas escolas e pelos grupos de jovens, o que legitima a presença dessa seção na categoria “Práticas Escolares”. Também a partir da tabela observamos o interesse da equipe editorial de destacar os locais do mundo, em que chegava as publicações do jornal. No campo da educação formal⁶², temos algumas temáticas que corresponderam a compreensão do jornal pelos docentes (MJ pelos docentes), pelos estudantes (MJ pelos estudantes) e como ambos compreendiam e empregavam algumas seções publicadas pelo jornal em suas Práticas Escolares. Ressaltamos que algumas temáticas identificadas na seção não se relacionavam diretamente a categoria “Práticas Escolares”, mas tratavam diretamente das publicações do jornal Mundo Jovem no que se refere aos meios de comunicação de massa (Crítica aos MCM), a posicionamentos contrários ao que é publicado

⁶² Ao utilizarmos o conceito de educação formal estamos nos referindo da educação do sistema regular de ensino, entretanto trataremos desse conceito com mais atenção no próximo capítulo quando tratarmos da categoria “Práticas Escolares”.

no jornal (Crítica as publicações do jornal MJ) e outras publicações e produções audiovisuais vinculadas ao jornal (MJ em outros meios).

A primeira publicação que identificamos como relacionada a presença do jornal Mundo Jovem na prática da sala de aula correspondeu a uma publicação de junho de 1978, em que foi mencionado a utilização do jornal em duas disciplinas do 2º grau: na disciplina de Educação Religiosa, no qual o jornal era o texto base de estudo, e na disciplina de Organização Social e Política Brasileira (OSPB), onde os textos eram utilizados como auxiliares em diferentes temáticas.

Na seção “Recado dos Leitores”, de dezembro de 1979, encontramos uma carta do interior do Estado de Minas Gerais, em que foi relatado que o vigário da paróquia ofereceu a cada um dos grupos de jovens uma assinatura do jornal e de como essa leitura estava sendo produtiva aos jovens. Ao tratar da presença do jornal nos grupos de jovens, a carta do interior de São Paulo, e que foi publicada na seção em dezembro de 1980, é bastante clara quanto a ampla circulação da publicação no período. A autora da carta afirma que é assinante e leitora do jornal, além de sua família e da sua utilização no grupo de jovens que participa. Entretanto, ela amplia o público do jornal ao afirmar que ele é uma leitura cotidiana entre os metalúrgicos do interior de São Paulo. “[...] o MJ é lido por milhares de metalúrgicos. Todos os jovens do ABC lêem o MJ e 90% são metalúrgicos”. (MUNDO JOVEM, dez. 1980, p. 20).

Ao tratarmos da educação formal, os artigos de março e abril de 1981, publicados no jornal Mundo Jovem são elucidativos, no que se referiu a presença dessa publicação nas escolas. Em março de 1981, um religioso assinante e leitor do jornal tratou sobre o uso do jornal nas escolas e classificou como louvável o emprego dele na 8ª série e no 2º grau, por considerar a inexistência de material didático adequado para Ensino Religioso e Formação Humana e Cristã. Ele ainda trata dos problemas no sistema de ensino do período:

É lastimável a inexistência de material didático mais adequado e eficiente para as escolas no que diz respeito ao Ensino Religioso, Formação Humana e Cristã. Isso se agrava ainda mais quando se toma em conta o fraquíssimo nível de nossas escolas e professores. Não sei aonde vamos parar com essa estória de Ensino Profissionalizante e com a Reforma de Ensino de 1º e 2º Graus. Aliás, dá de saber sim, mas não querem que se diga... é proibido. (MUNDO JOVEM, mar. 1981, p. 22).

Com o excerto, observamos o caráter de formação complementar ocupado pelo jornal nos espaços escolares, principalmente com a implementação da Lei nº 5.692/71, que no intuito de profissionalizar os jovens no 2º grau, optou por reduzir e retirar disciplinas voltadas para a área das Ciências Humanas. E para tratar dessa formação complementar é relevante

contrapor com uma avaliação realizada pelos próprios estudantes do 2º grau, a quem se refere o excerto anterior e muitas das publicações veiculadas pelo jornal.

- Mundo Jovem traz a realidade para o aluno desinformado;
- Gostei muito de todos os assuntos, mas as músicas e suas análises foram muito importantes, pois muitas vezes cantamos sem nos apercebermos o que vem por detrás;
- É um jornal instrutivo, crítico e desinstalador;
- Mundo Jovem/80 foi comunicativo-político-social. Foi um testemunho do qual precisamos, para saber sentir, pensar e analisar tantas coisas de nossa vida. Nos faz sentir que muitas vezes somos cúmplices por nossa acomodação;
- Ajuda a desenvolver o espírito crítico, mostrando-nos a realidade que geralmente é ocultada;
- Acho este jornal pessimista a alguns artigos referentes ao governo;
- Seus assuntos sobre a realidade brasileira são ótimos, pois levam os jovens a se integrarem a realidade do país;
- Este jornal deve continuar no nosso colégio, pois nos abre os olhos para a realidade brasileira;
- Foi uma das melhores revistas que tive para a aula de Religião, pois orienta os jovens para uma participação consciente e com sua mensagem libertadora, nos faz sentir e redescobrir o sentido religioso da nossa vida. (MUNDO JOVEM, abr. 1981, p. 20).

Na citação acima, temos a avaliação dos estudantes do 2º grau de uma escola católica do interior do Estado de Santa Catarina em que a professora resolveu compilar a percepção deles sobre as publicações após trabalhar com o jornal ao longo do ano de 1980, na disciplina de Ensino Religioso. No geral, a transcrição da carta tem tom elogioso ao jornal, com exceção da que trata da percepção pessimista do mesmo no que se refere ao governo. Independente, do elogio ou crítica ao jornal, observamos que ele possuía interesse em colaborar com a formação dos jovens, tanto nas escolas quanto nos grupos de jovens.

No que se refere a formação nos grupos de jovens, a publicação de setembro de 1982, que trouxe uma carta do interior do Estado do Rio Grande do Norte, demonstrou o uso do jornal como objeto de estudo, sendo empregado na preparação e nos encontros dos jovens, tanto na comunidade que frequentam quanto na diocese. Outras duas cartas, ambas do interior do Estado do Rio Grande do Sul, publicadas em junho de 1984 e setembro de 1985, trataram da utilização do jornal como texto base para as discussões nos grupos de jovens.

Ao tratarmos da presença do jornal Mundo Jovem na escola encontramos relatos diversos. A carta da professora de Ensino Religioso do interior da Paraíba, publicada em maio de 1983, em que ela afirmou utilizar os textos do jornal como fonte de pesquisa para seus alunos e como base para os assuntos que pretendia desenvolver em sala de aula. Na carta publicada em maio de 1984, encontramos a afirmação de que os textos do jornal eram subsídio para o trabalho dos professores em sala de aula e objeto de discussão nas reuniões

pedagógicas. E ao longo dos anos de 1984 e 1985 temos a presença de algumas cartas afirmando o uso do jornal na sala de aula. Em duas cartas publicadas, em julho de 1985, ambas do interior do Estado do Rio Grande do Sul, encontramos a afirmação de que o jornal estava sendo utilizado como texto base para as disciplinas de Organização Social e Política Brasileira (OSPB) e Educação Moral e Cívica.

Nas escolas, professores e alunos utilizam o jornal nas disciplinas de Organização Social e Política, Educação Moral e Cívica, Relações Humanas, Geografia, História, Português. Além das escolas, os grupos de jovens também o utilizam para reflexões e estudos. Segundo um professor local, a cada ano aumenta o interesse dos jovens pelo jornal e pelas leituras sérias que ajudam a formar para a justiça e igualdade. (MUNDO JOVEM, jul. 1986, p. 22).

A carta foi enviada ao jornal pelos freis missionários Capuchinhos, que estavam em missão pelo interior do Estado do Rio Grande do Sul e constataram a boa recepção do jornal entre os jovens, tanto que ele era utilizado nas escolas em diferentes disciplinas e nos grupos de jovens. No que se refere à utilização do jornal nos grupos de jovens, encontramos uma carta, na publicação de março de 1987, em que uma pastora da Igreja Metodista afirmou utilizar os textos do jornal para trabalhar com os jovens no interior do Estado do Espírito Santo, percebendo-se através do exposto a presença do jornal em outras religiões cristãs, não se restringindo apenas ao público católico. Nesse sentido, o jornal no espaço escolar também chegou a seu público, os jovens, de maneiras diferentes, como podemos observar na carta do interior do Estado do Rio Grande do Norte e que foi publicada no jornal.

Faz quatro anos que assino Mundo Jovem e a cada ano ele traz mais inovações, dando mais sentido a nossa vida cotidiana. Este jornal veio preencher o vazio que existia em nossas escolas. Logo que ele chega nas mãos dos assinantes, os conteúdos são passados para cartazes e transmitidos para todos os alunos. É esperado por todos, com muita ansiedade, pela riqueza que contém em suas páginas. (MUNDO JOVEM, jun. 1986, p. 23)

Com essa carta, percebemos que o jornal chegava às escolas de diferentes maneiras. Portanto, é relevante tratar da percepção do jornal tanto pelos docentes quanto pelos discentes e a maneira como cada uma das seções, direcionada para as “Práticas Escolares”, era recebida pelo público do jornal, nesse caso estendido aos professores.

Ao tratarmos das diferentes abordagens que o jornal recebia nas escolas, é relevante considerar o papel de suporte pedagógico ocupado pelo mesmo em algumas instituições de ensino, no qual observamos na carta enviada por um professor do interior do Estado do Rio Grande do Sul em que ele elogia a introdução das atividades didáticas ao final de cada artigo,

e que segundo ele, esse recurso tornava mais fácil sua utilização em sala de aula. “Com mais esta inovação no jornal, vocês mostram uma maturidade crítica inigualável”. (MUNDO JOVEM, abr. 1982, p. 22).

Entre março de 1978 e agosto de 1983, na página em que era publicada a seção “Recado dos Leitores” também encontramos a seção “Intergrupos”, que consistia na publicação de endereços de grupos de jovens que existiam no país para que outros grupos pudessem escrever a eles, e com isso, nas palavras dos editores do jornal, promover “um intercâmbio de ideias e experiências”. Entretanto, em setembro de 1983 essa seção deixou de ser publicada e o local na página passou a ser ocupado por propagandas do jornal Mundo Jovem; publicidade dos livros e dos cadernos especiais editados pela equipe editorial do jornal e ao final e início de cada ano da publicação, a lista com o “Programa de Conteúdos”, que era apresentado pelos editores como um meio de facilitar o planejamento de professores, orientadores educacionais, grupos de jovens e que estava relacionado as “Práticas Escolares”.

Sou professor numa escola estadual aqui em minha cidade e já fazem anos que venho trabalhando com o Mundo Jovem. Me ajudam muito as séries sobre E.P.B., sobre Educação Política, sobre a Campanha da Fraternidade. Gostaria de pedir que continuassem com estas séries no próximo ano e que nos enviassem logo o programa de conteúdos de 84 para a gente ir se preparando e se programando em função das aulas do próximo ano. (MUNDO JOVEM, nov. 1983, p. 22).

Na citação acima, um professor do Estado de São Paulo relatou as seções que mais utilizava do jornal nas suas práticas escolares, reconhecendo a importância do “Programa de Conteúdos” para o planejamento dos professores, no qual este era um meio de permitir que os mesmos planejassem o seu ano letivo de acordo com as seções que seriam abordadas no jornal.

Ao tratarmos de algumas seções utilizadas pelos professores em sala de aula, temos a publicação de outubro de 1984. Nela, um estudante do interior de Minas Gerais afirmava que já era assinante do jornal há quatro anos, mas que a proposta de trabalhar com a publicação na disciplina de Filosofia fez com que ele encarasse o jornal com mais seriedade. Na sua carta, ele elogia as seções “Comunicação” e “Como Redigir”. A importância da publicação para os jovens estudantes era tamanha, que em alguns casos, o jornal era comparado às próprias experiências dos alunos em sala de aula. “E para ser sincera, devo dizer que estou aprendendo mais com vocês do que no colégio. Mundo Jovem é meu melhor professor”. A frase extraída de uma carta, encaminhada por uma estudante do 2º grau do interior da Paraíba, demonstra a relevância do jornal para os estudantes.

Mas não são apenas os estudantes que relataram a utilização do jornal Mundo Jovem na sala de aula, os professores também escreveram para a seção “Recado dos Leitores” para expor o uso das publicações em suas práticas pedagógicas. Observamos essa postura na carta publicada em outubro de 1985, que foi enviada por uma professora do interior do Estado do Rio Grande do Sul. Nas palavras da mesma, o jornal Mundo Jovem se tornou indispensável para o seu trabalho em sala de aula. Outro relato de professor, dentre os muitos não citados na pesquisa realizada, correspondeu a narrativa da utilização do jornal por um professor de Goiás, e que foi publicada no jornal em março de 1987. Nele, o professor afirma que as disciplinas que ministra, Organização e Método de Trabalho e Orientação Educacional, eram planejadas a partir dos conteúdos veiculados pelo jornal Mundo Jovem. Apesar de não ser mencionado na carta, essas disciplinas correspondem a cursos voltados para a educação, podendo ser um Curso de Magistério ou algum Curso de licenciatura. Por meio da seção, “Recado dos Leitores”, professores e estudantes enviavam relatos sobre a sua experiência com o jornal, e principalmente sobre a sua utilização em sala de aula, conforme a passagem a seguir:

Sou professor de Educação Moral e Cívica (EMC) e Filosofia nas primeiras séries do 2º Grau, aqui no Colégio Macedo. Adotei o Mundo Jovem como texto de aula. São 160 alunos que lêem e debatem os assuntos que o jornal apresenta. Todos acham os temas bem atuais e adequados às suas necessidades. É em nome deles que quero agradecer aos editores e colaboradores, que mensalmente nos brindam com seus artigos e reportagens. (MUNDO JOVEM, set. 1984, p. 22).

O recado dirigido aos editores do jornal Mundo Jovem é um exemplo dos inúmeros que encontramos ao analisarmos as publicações. Ao tratarmos da seção “Recado dos Leitores”, observamos que ela compreende um espaço de escuta para as demandas dos leitores do jornal e certamente, o material selecionado para publicação nessa seção apresentava os elogios e os relatos de sucesso sobre a utilização do jornal em sala de aula. Mesmo reconhecendo essa e outras limitações da seção, na construção de um diálogo com os leitores, não é possível deixar de apontar a sua importância ao tratarmos das práticas escolares, pois é nesse espaço que encontramos os relatos dos professores quanto ao uso do jornal Mundo Jovem.

Ao utilizar o jornal em sala de aula, a postura adotada pelos professores refletiu na compreensão dos estudantes sobre a publicação, como podemos observar na carta encaminhada ao jornal por uma estudante de Viamão, Rio Grande do Sul e publicado em novembro de 1986. “Meus professores resolveram adotar o jornal Mundo Jovem ao invés de

um livro didático. Eu confesso que aprovei a ideia, pois Mundo Jovem é realmente um jornal de ideias”. (MUNDO JOVEM, nov. 1986, p. 21).

Após tratarmos da utilização do jornal como prática escolar em sala de aula, consideramos retomar o questionamento apresentado no início do capítulo, que compreende: ao analisarmos o jornal Mundo Jovem é possível identificar essa orientação, de ser complemento aos métodos habituais de ensino, nas suas publicações? Para esta questão devemos responder que sim, pois nas cartas dos docentes e discentes identificamos a orientação de que a publicação pode, e deve ser utilizada em sala de aula. Ainda, é relevante mencionarmos que ao final do período letivo, o jornal divulgava as temáticas que seriam tratadas nas publicações do ano vindouro, o que permitia o planejamento do professor, bem como ratifica o que está presente em mensagens publicadas na seção “Recado dos Leitores”, onde os professores sinalizavam que utilizavam o jornal na elaboração dos planejamentos para as suas aulas.

Apesar do tom elogioso das cartas dos leitores apresentadas até o momento, também destacamos no levantamento estatístico realizado as críticas as publicações do jornal Mundo Jovem, bem como a crítica a outros meios de comunicação de massa, principalmente, as publicações impressas. No que se refere às críticas ao jornal, duas cartas são bastante elucidativas.

A primeira delas é oriunda da cidade de São Luiz, no Estado do Maranhão, e aparentemente foi encaminhada por um leigo. A carta foi publicada em setembro de 1979 e nela, o leitor afirmou que na sua cidade, muitas pessoas consideravam o jornal muito religioso, entretanto, ele defendeu que uma postura diferente poderia alienar o jovem da religião, no caso, religião católica. A segunda carta foi publicada em novembro de 1982 e foi assinada por um padre do interior do Estado do Rio Grande do Sul.

Não somos mais propagandistas do jornal Mundo Jovem, como éramos nos anos anteriores, pelas posições radicais, extremistas e, muitas vezes, até pessimistas com que o Mundo Jovem aborda a situação nacional, especialmente em datas e comemorações cívicas, que semeiam na juventude a descrença e o desânimo na própria capacidade criadora e no trabalho. O que será de um povo que perdeu a fé, que vive no pessimismo, na descrença e na falta de ânimo? (MUNDO JOVEM, nov. 1982, p. 22).

A partir da citação é possível identificarmos que no final da década de 1970 o jornal ainda apresentava um viés religioso, tanto que alguns leitores o consideravam muito religioso. Entretanto, entre os membros da Igreja Católica o jornal é criticado por ter perdido o cunho

religioso dos primeiros anos. Essas duas cartas demonstraram a necessidade de atualização do jornal, a partir do momento de redemocratização nacional.

Entretanto, a crítica às publicações não se restringiu as críticas que os editores do jornal Mundo Jovem recebiam e publicavam na seção “Recado dos Leitores”. Alguns leitores também criticavam os MCM, independentemente de ser imprensa escrita ou audiovisual. Desde revistas juvenis aos programas de televisão eram criticados nas cartas recebidas pelo jornal e publicadas na seção.

Em mais de uma carta dos leitores publicada na seção “Recado dos Leitores”, o jornal era alvo de críticas por ser considerado pouco atento aos princípios católicos, e em algumas delas, era definido como subversivo ou marxista. Certamente, havia alguma delimitação do que seria publicado, mas a seção se torna mais relevante à medida que observamos que os editores publicavam as críticas que recebiam.

Após a publicação das críticas era comum a resposta dos outros leitores a elas, e em um episódio foi preciso informar na seção que não seria mais dado espaço para debate sobre o assunto. Numa carta publicada em março de 1988 e remetida do interior do Estado de São Paulo, temos uma crítica aos escritores do jornal que são definidos como “marxistas”. “Queremos um Brasil cristão, mas cristão de verdade. Não marxista. Oxalá esse jornal encontre um dia o verdadeiro rumo, aquele que vem do representante de Cristo na terra, o Santo Padre, e dos bispos e padres que lhe são fiéis”. (MUNDO JOVEM, mar. 1988, p. 23).

Na seção “Recado dos Leitores”, encontramos críticas e elogios aos conteúdos publicados pelo jornal Mundo Jovem, mas também identificamos a publicidade dos diferentes produtos comunicacionais produzido pelos editores. As publicações impressas expandiram as ofertas de leitura, principalmente aos estudantes, que durante os anos pesquisados incluíram cadernos especiais, editados a partir de algumas seções recorrentes no jornal e livros. Entretanto, o jornal Mundo Jovem não se ateve apenas a comunicação impressa: no ano de 1978 foi criado um setor de palestras audiovisuais, coordenado por Pedro Paganin⁶³, sendo essas ocorridas em todo o país, mas que no ano de em 1979 foram restringidas aos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

De acordo com uma nota publicada na seção “Recado dos Leitores”, de março de 1979, no primeiro ano das palestras audiovisuais Pedro Paganin visitou 190 colégios em 65 cidades diferentes. Em outubro de 1984, também na seção “Recado dos Leitores”,

⁶³ Em 1978 foi criado um projeto de produção de audiovisuais e de realização de palestras em escolas e comunidades, coordenados por Pedro Paganin. Este projeto teria muita repercussão em todo o sul do Brasil até o ano 2000, abordando assuntos relacionados a valores e os temas da Campanha da Fraternidade da Igreja Católica no Brasil.

identificamos uma publicidade do jornal em que foi sistematizada as quatro frentes comunicacionais em que atuava o jornal Mundo Jovem, são elas: publicação periódica (jornal), palestras audiovisuais, rádio e livros. De acordo com os dados apresentados, quase um milhão de pessoas, em duas mil cidades brasileiras tinham acesso a leitura do jornal em torno de 3.600 palestras com recursos audiovisuais já haviam sido realizadas no sul do Brasil, ao longo dos 6 anos de existência do setor de audiovisual no jornal. Novas publicações de livros, editados pela mesma equipe do jornal Mundo Jovem como também a presença em mais de 70 emissoras de rádio, que transmitiam os comentários do Centro de Apoio Jornalístico, também eram ligados ao jornal.

O jornal Mundo Jovem estava presente em distintos espaços comunicacionais, mais a sua cobertura também se devia ao fato de que ele foi enviado a diferentes locais do mundo. Observamos esse perfil internacional do jornal nas cartas remetidas pelos leitores, que na sua grande maioria eram membros da Igreja Católica e que utilizavam a publicação para evangelizar e trabalhar com os grupos de jovens. As cartas foram remetidas de Portugal (1978 e 1986), do Paraguai (1978), da Itália (1979), da Argentina (1982) e da Angola (1988).

A categoria “Práticas Escolares” é tão relevante para a pesquisa que estamos desenvolvendo, que ela foi dividida em dois momentos. Nesse primeiro momento, a análise dessa categoria foi centrada no diálogo estabelecido entre os leitores e os editores da publicação, em que através da seção “Recado dos Leitores” procuramos identificar a presença do jornal no espaço escolar, por meio dos relatos dos docentes e dos discentes. No capítulo três, ao analisarmos a categoria “Práticas Escolares” pretendemos identificar as seções e temáticas mais recorrentes, bem como os autores mais publicados em cada seção. As seções identificadas como “Práticas Escolares” são publicações que, normalmente, atendem uma ou duas disciplinas específicas a cada ano, e no período analisado correspondiam a seções de Redação, Língua Portuguesa, Literatura, Filosofia e História.

Após realizarmos, neste capítulo, a aproximação entre os meios de comunicação, a educação e o jornal Mundo Jovem, no intuito de aproximar o contexto sócio-histórico com as práticas escolares, no próximo analisaremos outras categorias que colaboraram com os objetivos da pesquisa.

3 PRÁTICAS ESCOLARES, MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA E JUVENTUDES NAS PÁGINAS DO JORNAL MUNDO JOVEM

As categorias escolhidas para a análise representam o desenvolvimento da pesquisa e procuram atender aos objetivos propostos. Dessa maneira, as categorias que foram analisadas compreendem: “Práticas Escolares”, “Meios de Comunicação de Massa”, que foram divididas nas subcategorias “Cultura”, “Hegemonia” e “Juventudes”. A primeira categoria analisada no capítulo trata-se das “Práticas Escolares”, em que foi preciso realizar um levantamento estatístico para identificar quais as seções mais recorrentes. Após a identificação, selecionamos as seções: “Jogral”, “Canção”, “Literatura”, “Como redigir”, “Movimentos Históricos”, “Filosofia” e “Língua Portuguesa”. Nas duas primeiras seções o professor poderia trabalhar em sala de aula independente da sua disciplina, enquanto que as demais atendem a disciplinas específicas. As seções destinadas às disciplinas específicas foram selecionadas por sua representatividade, uma seção de cada disciplina, e por sua periodicidade.

A segunda categoria analisada compreende aos “Meios de Comunicação de Massa”, que para atender aos distintos conceitos precisou ser dividido em duas subcategorias, “Cultura” e “Hegemonia”, onde nelas, os conceitos foram definidos e posteriormente, identificados nas publicações do jornal Mundo Jovem. A terceira categoria corresponde a “Juventudes”, que foi dividida em três diferentes temáticas: a primeira compreende a relação entre os jovens dos anos de 1960 e os de 1980, a outra trata sobre a relação dos jovens com a educação e a terceira se refere às dificuldades dos jovens no mercado de trabalho.

3.1 PRESENÇA DA CATEGORIA “PRÁTICAS ESCOLARES” NO JORNAL MUNDO JOVEM

Neste momento, analisaremos a categoria “Práticas Escolares” no intuito de identificar as seções e temáticas mais recorrentes, bem como os autores mais citados em cada seção. Para tanto, desenvolvemos uma tabela que apresenta o levantamento estatístico sobre as seções atendidas nesta categoria. No que se refere a mesma, ao analisarmos o jornal Mundo Jovem, entre março de 1978 e novembro de 1988, foram identificados 247 artigos sobre essa temática

De acordo com Souza (2008), cada década do jornal possui temáticas definidas. E, nesse sentido, a década de 1970 está mais voltada para a questão vocacional da educação. E é

nesta década, de acordo com o autor, que aumentou o número de publicações relacionadas ao universo escolar. “Os temas que ganham mais destaque são: professor-pedagogia, família e escola, contexto da educação brasileira e orientação profissional”, ressalta Souza (2008, p. 52).

Na década de 1980, foram publicados no jornal Mundo Jovem seções mais específicas para a sala de aula, tais como: Psicologia, Literatura, Filosofia, Sociologia, Língua Portuguesa, História e Educação Religiosa. Essas seções ainda não eram fixas, mas já passaram a ser publicadas com mais frequência. Além dos temas voltados, especificamente, para a sala de aula, também eram publicados no jornal temas transversais (educação sexual, moral, problemas brasileiros, educação política, comunicação e cultura brasileira) que demonstravam o interesse da publicação em atender as demandas das escolas. (SOUZA, 2008).

Tabela 6 – As seções da categoria “Práticas Escolares”

SEÇÃO	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988
Canção	-	-	6	5	2	-	-	-	-	5	2
Como redigir	-	-	-	-	-	-	9	-	-	-	-
Filosofia	-	-	-	-	-	1	-	9	-	-	-
História	-	-	3	1	3	-	-	-	-	-	-
Humanismo e Tecnologia	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Jogral	3	2	4	3	4	2	2	1	8	3	-
Língua Portuguesa	-	-	-	-	-	-	-	-	7	7	-
Literatura	-	-	-	-	-	8	9	7	-	-	-
MJ Comenta	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
Movimentos Históricos	-	-	-	-	-	-	-	8	-	-	-
Poema/Poesia	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-
Recado dos leitores/Recados	9	8	9	8	9	9	9	9	9	9	9
Relendo a História	-	-	-	-	-	-	9	-	-	-	-
Sem seção definida	-	3	-	-	-	1	-	-	-	-	-

Fonte: Elaborada pela autora (2018).

Após análise da tabela com o levantamento estatístico nas seções em que são tratadas as categorias “Práticas escolares”, somos capazes de afirmar que três seções apresentavam publicações com determinada continuidade ao longo dos anos, sendo elas a seção “Recado dos leitores”, que a partir de 1988 passa a se chamar, apenas, Recados, sendo que essa já foi analisada no segundo capítulo. E as outras duas seções que foram publicadas com periodicidade são “Jogral” e “Canção”, ambas pretendiam oferecer apoio de material pedagógico para os professores em sala de aula.

A seção “Jogral” foi organizada no intuito de colaborar com a elaboração das atividades cívicas da escola, contando com material especial dedicado a dias festivos como Páscoa, Natal, Dia das Mães, Dia da Independência, ou temáticas de cunho geral que podiam ser utilizadas no momento que o professor considerasse mais oportuno, que podia ser tanto um momento de festividade, quanto uma atividade desenvolvida pelo professor em sala de aula.

Tabela 7 - Seção “Jogral”

Páginas	Data	Título	Autor
6	mai. 1978	Balada para a mãe do século XX	Irmão Nery
8	out. 1978	Aqueles que ensinam	Irmã Susana Ramos
17	dez. 1978	Jesus é pobre. Ele quer um lugar para nascer!	Sem autor
8	mai. 1979	Mãe da minha infância	José Euclides Oliveira
12, 13	dez. 1979	Os símbolos do Natal	Sem autor
17	mai. 1980	Mãe, um poema de vida	Grupo Cristo Alfa (Campina Grande-PB)
7	set. 1980	Aprender a aprender	Sem autor
6	dez. 1980	Noite de contrastes	Elo Jovem (Taquari-RS)
7	dez. 1980	Deus mora no meio de nós	Adair C. Peruzzolo
17	ago. 1981	Viver servindo	Delcy Heck
14	set. 1981	Sem título	Sem autor
12, 13	nov. 1981	Algum dia, o homem será irmão do homem	Tarcísio de Nadal
23	abr. 1982	Ressurreição: começa uma vida humana	Alcido Kunzler
19	mai. 1982	Maria e a valorização da mãe	José Fernandes de Oliveira (Zezinho)
19	set. 1982	País de contrastes	Laurício Neumann
5	nov. 1982	É tempo de Natal	Nelson Tonello
5	abr. 1983	Páscoa: compromisso de libertação	Hélio Schuster
5	set. 1983	Independência, ontem e hoje	Equipe de estudos da V Etapa do Curso Suplementar de Teologia
17	jul. 1984	O grande julgamento	José Lino Hack
14	out. 1984	Compromisso pela vida	João Foschiera e Hélio Schuster
16	nov. 1985	É natal	Elvo Clemente
20	mar. 1986	Minha escola	Luiza Maria Carraveta
20	abr. 1986	Cantiga verde-amarela de Ítalo Zalu Gatto, texto adaptado para jogral	Luiza Maria Carraveta
17	jun. 1986	Jogral com expressão corporal	Luiza Maria Carraveta
20	jul. 1986	José	Luiza Maria Carraveta
20	ago. 1986	Carnaval Carioca	Luiza Maria Carraveta
20	set. 1986	Ciranda-cirandinha	Luiza Maria Carraveta
20	out. 1986	Por que você é bacana	Luiza Maria Carraveta
16	dez. 1986	O mundo do menino impossível	Luiza Maria Carraveta
18	jun. 1987	Os Estatutos do homem	Luiza Maria Carraveta
20	ago. 1987	Trem de Alagoas	Luiza Maria Carraveta
20	set. 1987	Pátria amada	Luiza Maria Carraveta

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

A seção “Jogral” procurou ser um material de apoio pedagógico para os professores e equipes diretivas que precisavam organizar atividades na escola, sendo também mencionada na seção “Recado dos Leitores”, que demonstrou a sua presença no espaço escolar. Entre o período de 1978 e 1987, identificamos 32 publicações nessa seção onde nos primeiros anos, a mesma foi publicada em datas festivas como Dia das Mães, Natal, Dia dos Professores e Independência do Brasil e a partir de 1982, as comemorações da Páscoa também se tornaram tema presente da seção. Até o ano de 1985, a seção não possuía uma continuidade nas suas

publicações; em alguns anos publicava uma única vez, e em outros momentos, identificamos quatro publicações da seção ao longo do ano. Nesse período, os autores da seção eram colaboradores ocasionais do jornal, e em alguns momentos, autores recorrentes de outras seções como é o caso de Laurício Neumann e Tarcísio de Nadal.

A seção entre os anos de 1986 e 1987 passou a ter uma única autora, Luiza Maria Carraveta⁶⁴. Ao longo do ano de 1986, ela publicou oito vezes na seção “Jogral”, em que empregou diferentes linguagens e temáticas, não se limitando aos temas publicados nos anos anteriores, tais como Páscoa, Dia das Mães, Independência do Brasil e Natal. No ano de 1987 as publicações na seção foram reduzidas para três, e assim como no ano anterior, não mantiveram uma unidade nas temáticas publicadas, mas mantiveram a continuidade da autoria. Entretanto, no ano de 1988, não identificamos nenhuma publicação dessa seção no jornal Mundo Jovem.

No que se refere à seção “Canção”, podemos afirmar que ela estava voltada diretamente para a utilização em sala de aula. A publicação dessa seção trazia letras de música, normalmente músicas populares e conhecidas pelos jovens, como também apresentava sua análise e explicações para trabalhar com os estudantes, de acordo com a orientação pedagógica de um dos redatores do jornal.

⁶⁴ De acordo com o texto extraído do Currículo *Lattes* e fornecido pela própria Luiza Maria Carraveta, ela é Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela PUCRS. Licenciada em Letras-Português/Inglês, pela UNISINOS/RS. Especialista em Língua Portuguesa pela UFRGS. Mestre em Educação, Métodos e Técnicas de Ensino, pela PUCRS. Doutora em Letras, Linguística Aplicada, pela PUCRS. Pós-Doutora em Televisão, Produção, Direção e Roteiro, pela University of California, Los Angeles, UCLA/USA. Docente na graduação e pós-graduação. Possui mais de 20 anos de experiência na produção, direção e roteiro de vídeos e programas de TV. Tem livros publicados na área de Comunicação e Educação. Professora na área de televisão, lecionando Jornalismo Televisual e Projeto Experimental em TV.

Tabela 8 – Seção “Canção”

Página	Data	Título	Autor
14	mai. 1980	Para não dizer que não falei de flores	Luiz Gambim
11	ago. 1980	Meu querido, meu velho, meu amigo	Luiz Gambim
10	set. 1980	Geni e Zepelim	Tarcísio de Nadal
15	out. 1980	Anúncio de Jornal	Jorge Thums
7	nov. 1980	O profeta	Luiz Gambim
17	dez. 1980	Foi Deus quem fez você	Leonardo M. Foschiera
16	abr. 1981	Guerra dos meninos	Pedro Gambim
8	mai. 1981	Se eu quiser falar com Deus	Pedro Gambim
16	jun. 1981	Terceira lâmina	Luiz Gambim
11	jul. 1981	Antônio Cardoso em Histórias da Gente	Laurício Neumann
17	out. 1981	Sem título	Cláudio Somacal
20	mar. 1982	Milho aos pombos	Luiz Gambim
19	out. 1982	Sem título	Cláudio Somacal
16	mar. 1987	Nova república em debate	Oswaldo Dalpiaz e Ana Cristina Nöll
15	jun. 1987	Amor de índio	Oswaldo Dalpiaz
8	jul. 1987	Jogo de cartas marcadas	Oswaldo Dalpiaz
15	ago. 1987	Eu só peço a Deus	Oswaldo Dalpiaz
5	out. 1987	Quase sem querer	Oswaldo Dalpiaz
7	jun. 1988	O medo de amar e o medo de ser livre	Oswaldo Dalpiaz
20	jul. 1988	Lições da terra	Oswaldo Dalpiaz

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

A partir da tabela, somos capazes de inferir algumas considerações sobre a seção “Canção”. Primeiramente, entre os anos de 1980 e 1982, a seção foi publicada com alguma regularidade, no qual nela, temos a letra da música e o comentário de um dos redatores do jornal, sendo que o nome mais recorrente é de Luiz Gambim⁶⁵. Nesse momento, mesmo com a presença da letra da música, acreditamos que o comentário de um dos redatores torna o uso em sala de aula comprometido. Nesse sentido, a publicação estava destinada a leitura e apreciação dos jovens, e ainda não apresentava características que a configurasse como material de apoio pedagógico.

Entretanto, a partir do ano de 1987, passadas uma lacuna de quase cinco anos sem publicação nessa seção, ela passou a ter outra proposta, apresentando a letra de uma música, a análise do redator do jornal e ao final da seção apresentou algumas perguntas para serem utilizadas em sala de aula. Essa proposta metodológica de trabalhar com música foi uma inovação, pois inseriu uma nova possibilidade para o trabalho no espaço escolar. Ao longo

⁶⁵ Não foi encontrado no jornal Mundo Jovem ou em pesquisas em meio digital referências sobre Luiz Gambim.

dos anos de 1987 e 1988, quando a seção é retomada, o autor mais recorrente foi Oswaldo Dalpiaz⁶⁶.

Até o momento analisamos as seções que poderiam ser utilizadas na escola, independente da disciplina ou até mesmo numa atividade interdisciplinar, como é o caso das seções “Jogral” e “Canção”. Mas, a categoria “Práticas Escolares” apresentou seções destinadas a disciplinas⁶⁷ específicas, que foram selecionadas por sua continuidade, ou seja, a cada ano o jornal elegia algumas disciplinas para publicar uma seção que fosse possível de ser empregada em sala de aula, como material de apoio pedagógico. Nesse sentido, cinco disciplinas foram contempladas: Literatura, Redação, História, Filosofia e Língua Portuguesa.

Tabela 9 – Seção “Literatura”

Páginas	Data	Título	Autor
14	mar. 1983	O estilo barroco	Luiz Agostinho Cadore
20	abr. 1983	Arcadismo	Luiz Agostinho Cadore
16	mai. 1983	Romantismo	Luiz Agostinho Cadore
16	jun. 1983	Romantismo	Luiz Agostinho Cadore
20	jul. 1983	Parnasianismo	Luiz Agostinho Cadore
10	ago. 1983	Parnasianismo	Luiz Agostinho Cadore
19	set. 1983	Simbolismo	Luiz Agostinho Cadore
18, 19	out. 1983	Análise literária de um pequeno grande poeta simbolista	Luiz Agostinho Cadore
10	mar. 1984	Modernismo: um poeta de verdade	Luiz Agostinho Cadore
17	abr. 1984	Modernismo: o aspecto social da poesia brasileira	Luiz Agostinho Cadore
9	mai. 1984	Modernismo: o aspecto social da poesia moderna	Luiz Agostinho Cadore
8, 9	jun. 1984	A poesia social no modernismo	Luiz Agostinho Cadore
8	jul. 1984	Modernismo: o aspecto social da poesia	Luiz Agostinho Cadore
7	ago. 1984	Modernismo: um poema social de João Cabral de Melo Neto	Luiz Agostinho Cadore
2	set. 1984	Modernismo: outro poeta social do Nordeste Marcus Accioly	Luiz Agostinho Cadore
10	out. 1984	Um poema social de Thiago de Melo	Luiz Agostinho Cadore
6	nov. 1984	Drummond e a poesia social	Luiz Agostinho Cadore

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

A primeira seção destinada especificamente a uma disciplina que analisaremos corresponde à seção denominada “Literatura”, publicada entre os anos de 1983 e 1984,

⁶⁶ No jornal Mundo Jovem consta apenas que o autor Oswaldo Dalpiaz é professor de Filosofia e Estudo de Problemas Brasileiros na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Co-autor do livro “Realidade Brasileira: visão humanizadora”, sendo que em pesquisas em meio digital não encontramos maiores informações sobre o mesmo.

⁶⁷ Com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as disciplinas foram denominadas componentes curriculares. Mas, para evitar confusão com as nomenclaturas, utilizaremos a definição disciplina.

contabilizando 14 publicações. Ao longo do ano de 1983 os textos eram sobre os mais diferentes movimentos literários brasileiros desde o Barroco, Arcadismo, Romantismo, Parnasianismo e Simbolismo, todos de autoria de Luiz Agostinho Cadore⁶⁸. Tanto em 1983 quanto em 1984, o que mudou foi a proposta de trabalho para ser realizada na sala de aula.

No ano de 1983, temos a análise de uma poesia a cada publicação, sendo que o autor organizou a sua proposta de trabalho da seguinte maneira: o poema deveria ser analisado de acordo com o significado de algumas palavras e localizar espacialmente e temporalmente quando e por quem ele foi produzido. Posteriormente, o autor propôs algumas questões para analisar o conteúdo e a forma do poema, sendo o roteiro utilizado ao longo do ano de 1983. Entretanto, na primeira publicação da seção, em março de 1983, o autor analisou o poema de acordo com o roteiro proposto nas demais publicações, como se demonstrasse a proposta metodológica, antes que efetivamente ela fosse realizada em sala de aula.

O ano de 1984 se difere do anterior, primeiramente por se tratar de um único movimento literário brasileiro, o Modernismo. A proposta metodológica também foi diferente, pois ao invés de elaborar uma análise com diferentes eixos, ele organizava um roteiro com perguntas no intuito de interpretar o poema apresentado. Além disso, observamos que ao longo do ano de 1984, as publicações da seção “Literatura” vão diminuindo o roteiro de perguntas, o que pode ser explicado pelo nível de exigência de um roteiro de perguntas mais extenso.

⁶⁸ No final das publicações da seção “Literatura”, Luiz Agostinho Cadore é apresentado como professor de Língua Portuguesa da UNISINOS. Entretanto, em pesquisas realizadas por meio digital encontramos informações complementares sobre a formação acadêmica do autor. Primeiramente, Luiz Agostinho Cadore é graduado em Letras pela PUCRS (1965) e Mestre em Linguística e Letras, na mesma instituição, no ano de 1977.

Tabela 10 – Seção “Como redigir”

Páginas	Data	Título	Autor
8, 9	mar. 1984	Como redigir	Renildo Ferreira
16	abr. 1984	Leitura e redação	Renildo Ferreira
8	mai. 1984	Ainda a leitura e a redação	Renildo Ferreira
7	jun. 1984	Escrever	Renildo Ferreira
9	jul. 1984	Tipos de redação	Renildo Ferreira
17	ago. 1984	A dissertação e sua estrutura	Renildo Ferreira
3	set. 1984	Roteiro de redação	Renildo Ferreira
11	out. 1984	Rascunho e cuidados finais	Renildo Ferreira
7	nov. 1984	Conteúdo, forma e correção	Renildo Ferreira

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

A seção “Como redigir” foi publicada ao longo do ano de 1984, em todas as suas edições, e assim como a seção “Literatura”, também foi publicada por um único autor, no caso por Renildo Ferreira. A série de artigos publicadas na seção “Como redigir” apresentava orientações para a escrita e tratava da importância da leitura para o desenvolvimento pleno da escrita.

Também apresentava características técnicas da escrita, tais como os tipos de redação, os elementos que compõem um texto dissertativo, propondo alguns macetes para elaborar uma redação, como também os cuidados em relação ao conteúdo e a forma (pontuação e ortografia) na versão final da redação. Com isso, o docente poderia realizar uma aula da disciplina de Redação e contar com o apoio pedagógico das publicações da seção “Como redigir” ao longo do ano. A referida seção não possuía um roteiro de análise ou lista de questionamentos como a seção anterior, e essa característica não inviabiliza o seu uso em sala de aula.

Tabela 11 – Seção “Movimentos Históricos”

Páginas	Data	Título	Autor
18, 19	abr. 1985	A Revolução Federalista	Ildo Hugo Kunert
18, 19	mai. 1985	A rebelião de 1924	Arnoldo W. Doberstein
18, 19	jun. 1985	As lutas do Contestado	Sandra Maria L. Brancato
18, 19	jul. 1985	Brasil, 1989-1930. Os caminhos de uma revolução	Luiza Helena Schimtz Kliemann
16, 17	ago. 1985	A década de 1930: Golpe, transição e radicalismo	Harry Belomo
16, 17	set. 1985	Farrapos: a República Rio-Grandense	Moacyr Flores
17	out. 1985	O Integralismo	René E. Gertz
8, 9	nov. 1985	Canudos, a terra da promessa	Vera Lucia Maciel Barroso

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

A terceira seção a ser analisada na categoria “Práticas Escolares” compreendeu a seção “Movimentos Históricos” que foi publicada ao longo do ano de 1985 por diferentes autores, o que foi uma característica que a difere das demais analisadas no período, de 1978 a 1988. Além disso, no recorte temporal estabelecido para a pesquisa, outras duas seções sobre a disciplina de História apareceram, são elas as seções “História” e “Relendo a História”.

As referidas seções não foram escolhidas para serem analisadas, tanto por não ter uma publicação contínua, quanto pelo ano em que ela foi publicada. A seção “História” foi publicada nos anos de 1980 e 1983, com no máximo três e no mínimo um artigo por ano e a ausência de continuidade fez com que a seção não fosse analisada. Diferentemente, a seção “Relendo a História” foi publicada em todas as nove edições do jornal, entretanto no ano de 1984 já tínhamos selecionado duas seções para análise, “Literatura” e “Como redigir”. Esses foram os motivos que nos levaram a selecionar a seção “Movimentos Históricos” para tratar das práticas escolares propostas pelo jornal na disciplina de História.

Todos os artigos publicados na seção estavam centrados em movimentos sociais que ocorreram no Brasil, desde revoltas regionais até movimentos relacionados a partidos políticos. No que se refere a proposta metodológica da seção, foi possível inferir que os textos são maiores do que o jornal costumava publicar e não apresentava ao final do artigo um roteiro de análise ou lista de questionamentos, como ocorria em outras seções direcionadas as disciplinas escolares. Os autores⁶⁹ que publicaram na seção eram distintos, mas todos eles tinham alguma ligação com a PUCRS.

⁶⁹ Os autores Ildo Hugo Kunert, Arnaldo W. Doberstein, Harry Belomo, e René E. Geertz são apresentados pelo jornal Mundo Jovem, ao final do artigo, como professores de História na PUCRS. Enquanto Sandra Maria L. Brancato é apresentada como Doutora em História e professora de História do Brasil na PUCRS; Luiza Helena Schimtz Kliemanné apresentada como Mestre em História pela PUCRS e Doutoranda em História pela Universidade de São Paulo (USP); Vera Lúcia Maciel Barroso é apresentada como Mestre em História e especialista em História do Rio Grande do Sul.

Tabela 12 – Seção “Filosofia”

Página	Data	Título	Autor
8	mar. 1985	A ideia de homem caracteriza o que somos	Oswaldo Dalpiaz
15	abr. 1985	O pensar identifica o homem	Oswaldo Dalpiaz
14	mai. 1985	O homem na filosofia ocidental	Antonio Renato Henriques
15	jun. 1985	O homem na visão marxista	Oswaldo Dalpiaz
10	jul. 1985	O homem na visão existencialista	Pedro Gambim
5	ago. 1985	A liberdade no dia-a-dia da vida	Luiz Carlos Thomas e Oswaldo Dalpiaz
11	set. 1985	O sentido cristão do homem	Oswaldo Dalpiaz
10	out. 1985	O conhecimento humano	Leopoldo Justino Girardi
6	nov. 1985	O conhecimento da verdade	Leopoldo Justino Girardi

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

A seção “Filosofia” também foi publicada ao longo do ano de 1985, em todas as edições. Essa seção contou com a colaboração de Oswaldo Dalpiaz, Luiz Carlos Thomas⁷⁰, Antonio Renato Henriques⁷¹, Pedro Gambim⁷² e Leopoldo Justino Girardi⁷³. No que se refere as práticas metodológicas da seção, podemos apontar algumas características: primeiramente, os artigos possuíam uma proposta diferenciada ao combinar texto e imagem e em todas as publicações, não temos apenas o texto com a reflexão sobre algum conceito filosófico.

Com isso, o trabalho em sala de aula poderia ser enriquecido com a análise das fotografias que acompanhavam o artigo nos meses de março, abril, junho, agosto e setembro ou através de caricaturas relacionadas a temática do texto, nos meses de junho, outubro e novembro. Além disso, a seção “Filosofia” não apresentava ao final do artigo um roteiro de análise ou lista de questionamentos, como já foi relatado em outras seções direcionadas as disciplinas escolares, o que implicava que cada disciplina e seção possuía uma proposta de prática metodológica para sala de aula.

⁷⁰ No jornal Mundo Jovem consta apenas que o autor Luiz Carlos Thomas é professor de Humanismo e Tecnologia e Lógica na UNISINOS.

⁷¹ No jornal Mundo Jovem consta apenas que o autor Antonio Renato Henriques é Mestre em Filosofia e especialista em Artes. Professor na graduação em Filosofia e Pós-Graduação em Artes Plásticas na PUCRS.

⁷² No jornal Mundo Jovem, consta apenas que o autor Pedro Gambim é Mestre em Filosofia e professor na PUCRS.

⁷³ No jornal Mundo Jovem consta apenas que o autor Leopoldo Justino Girardi é Juiz do Trabalho e professor de Direito na PUCRS.

Tabela 13 – Seção “Língua Portuguesa”

Página	Data	Título	Autor
20	mar. 1986	O prazer de recomeçar	Elvo Clemente
20	abr. 1986	Sem título	Elvo Clemente
17	jun. 1986	Considerações sobre a leitura	Elvo Clemente
20	jul. 1986	A poesia na escola	Elvo Clemente
20	ago. 1986	Habituar-se a escrever, desde cedo	Elvo Clemente
20	out. 1986	Poeta aos 10 anos	Elvo Clemente
16	dez. 1986	Ainda e sempre a leitura	Elvo Clemente
18	jun. 1987	Ler é meditar	Elvo Clemente
20	ago. 1987	Poesia e vida	Elvo Clemente
20	set. 1987	Língua portuguesa e texto	Elvo Clemente
20	out. 1987	Vamos escrever	Elvo Clemente
20	out. 1987	Vamos criar estorinhas?	Luiza Maria Carraveta
18	nov. 1987	O estudo da língua	Elvo Clemente
18	nov. 1987	Poesia	Luiza Maria Carraveta

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

A última seção a ser analisada na categoria “Práticas Escolares” compreendeu a seção “Língua Portuguesa”, publicada no jornal Mundo Jovem ao longo dos anos de 1986 (sete publicações) e 1987 (cinco publicações). Nas edições analisadas observamos que a seção “Língua Portuguesa” era publicada sempre numa única página, sendo dividida entre uma apresentação teórica da disciplina e a proposição de uma atividade prática, normalmente de expressão oral. A seção era dividida por dois autores, Elvo Clemente⁷⁴ e Luiza Maria Carraveta.

Nesse sentido, a prática metodológica apresentada na seção por Elvo Clemente compreendia uma proposta de orientação e reflexão para os professores de Língua Portuguesa, com temas que incluíam leitura, escrita e poesia, enquanto na mesma página, era apresentada uma proposta de “Jogral”, por Luiza Maria Carraveta, que podia tanto ser realizado em sala de aula com os estudantes, quanto utilizado para uma apresentação escolar. Apesar de já termos tratado da seção “Jogral”, consideramos relevante realizar algumas observações sobre as propostas para o trabalho em sala de aula de Luiza Maria Carraveta, onde encontramos nas publicações desde a organização para a apresentação até mesmo sugestões de figurino e iluminação.

⁷⁴ No jornal Mundo Jovem consta apenas que o autor Elvo Clemente é irmão marista e Pró-Reitor de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão da PUCRS. Doutor em Letras.

Nas últimas duas publicações da autora na seção “Língua Portuguesa”, nos meses de outubro e novembro de 1987, a mesma propôs outras práticas metodológicas para a sala de aula, onde em outubro, ela apresentou um roteiro de trabalho indicado para os anos finais do antigo 1º grau, em que cada estudante deveria criar um personagem e, posteriormente em grupo, desenvolver e apresentar uma estória. Em novembro de 1987, a proposta de trabalho a ser realizada em sala de aula consistia em preencher um poema com lacunas, levando em consideração rima e cadência.

A categoria “Práticas Escolares” foi objeto de análise desde o segundo capítulo desta pesquisa, quando iniciamos pela seção “Recado dos Leitores”, que foi apresentado pelo jornal como um canal de diálogo com os mesmos, que em sua maioria, compreendeu profissionais da área da educação. As outras duas seções, voltadas para as práticas escolares, “Jogral” e “Canção”, possuíam outro viés, ou seja, não buscavam uma relação dialógica, mas unilateral, que propuseram atividades a serem trabalhadas pelos professores com os alunos, sendo publicados jograis ou canções que estavam de acordo com as datas ou atividades festivas do mês. Por exemplo, nos anos pesquisados, de 1978 até 1988, nos meses de março ou abril, era possível encontrar uma atividade prática referente à Páscoa, no qual as atividades variavam desde um texto para leitura e reflexão em sala de aula, texto para a leitura pública para um ou mais estudantes, texto para leitura e um roteiro de perguntas para orientar a discussão dos estudantes. Enfim, a temática era recorrente, mas as atividades mudavam, o que tornava o jornal um aporte pedagógico para os professores.

Além das seções “Jogral” e “Canção”, que o professor poderia trabalhar em sala de aula independente da sua disciplina, também temos as seções específicas, no caso as selecionadas foram: “Literatura”, “Como redigir”, “Movimentos Históricos”, “Filosofia” e “Língua Portuguesa”. Elas foram selecionadas pela sua periodicidade, o que pode ser comprovado no levantamento estatístico apresentado na tabela da categoria “Práticas Escolares”. A periodicidade das seções foi importante, pois a regularidade das publicações permitiu que os professores realizassem o planejamento de sua aula, seguindo o roteiro proposto no jornal Mundo Jovem. Além disso, cada uma dessas seções propôs uma prática metodológica distinta, que estava adequada às características da disciplina tratada na seção.

No decorrer da pesquisa surgiu o seguinte questionamento: As publicações do jornal Mundo Jovem, com seções específicas para algumas disciplinas, pretendia suprir as carências dos cursos de licenciatura, principalmente no que se refere à formação pedagógica?

Para tratarmos desse questionamento é necessário identificar a proposta do jornal. Nesse sentido, o editorial publicado no jornal Mundo Jovem em março de 1986 e que recebeu o título “Nossa Proposta”, é elucidativo ao afirmar que:

A experiência tem mostrado que a utilização do jornal Mundo Jovem em sala de aula tem proporcionado, não só um interesse maior dos alunos na aprendizagem, como um crescimento traduzido na participação maior nas atividades do colégio e no engajamento pela transformação da sociedade.

Professores de Língua Portuguesa, Organização Social e Política Brasileira, Ensino Religioso, Educação Moral e Cívica poderiam fazer um trabalho em conjunto. A partir dos variados textos que o jornal oferece, cada professor em sua disciplina pode programar a leitura junto com seus alunos, analisar, buscar outras informações e pedir para o aluno escrever o que assimilou. Todos sairão ganhando com isso. O aluno passará a escrever melhor, a crescer no senso crítico, a participar. Os professores mensalmente poderão programar aulas interessantes, exercendo um papel de libertação. Poderão estimular a criatividade, por não ser um texto acabado e dirigido. Enfim, o que desejamos é que estas 24 páginas sejam um instrumento de crescimento no sentido crítico e de colaboração nas mudanças que este povo exige e que não podem mais esperar. (MUNDO JOVEM, mar. 1986, p. 4).

A partir do excerto, identificamos o interesse do jornal Mundo Jovem ao afirmar que os professores com o Programa de Conteúdos “poderão programar aulas interessantes, exercendo um papel de libertação”. A palavra “libertação” está relacionada aos materiais didáticos produzidos a partir da Lei 5.692/71. Neves (2014) apontou que a partir da implementação da referida lei federal, os sistemas estaduais e municipais de educação fomentaram a produção de materiais didáticos para suprir uma falta de preparo dos professores, e esses materiais, entregues prontos aos professores, pressupunham uma incapacidade de produção de material didático pelos docentes.

Certamente, essa abordagem era reconhecida pelos professores, que ao encontrarem um suporte metodológico para as suas práticas escolares no jornal Mundo Jovem, que não era engessado como os materiais didáticos que recebiam, o elegeram. Nesse sentido, podemos afirmar que o jornal Mundo Jovem, por meio das suas seções específicas para algumas disciplinas, procurou suprir as carências dos cursos de licenciatura. Entretanto, sua postura era de colaborar com os professores e não entregar materiais didáticos prontos aos docentes, assim como ocorreu com as secretarias estaduais e municipais.

3.2 A PRESENÇA DA CATEGORIA “MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA” NO JORNAL MUNDO JOVEM

Nas pesquisas desenvolvidas sobre os meios de comunicação impressos e seus conselhos editoriais, identificamos o interesse dos grupos midiáticos de agendar⁷⁵ discussões, debates na sociedade, e essa postura de propor discussões também foram adotadas pelo jornal Mundo Jovem.

O jornal Mundo Jovem estava sintonizado tanto com as posições críticas diante dos meios de comunicação, como da proposta de alternativas para a educação e a comunicação, usando o espaço e o discurso para introduzir no debate da sociedade, questões então proibidas para a grande imprensa e ausentes nos programas das escolas, como a defesa da democracia e dos direitos humanos, a Reforma Agrária, a superação da desigualdade social, entre outras. (SOUZA, 2008, p. 68).

No que se refere à presença de publicações sobre a categoria “Meios de Comunicação de Massa”, é preciso afirmar que ela não se dissocia do conceito de cultura, que compreende uma subcategoria que será analisada posteriormente. Observamos a categoria na tabela a seguir:

⁷⁵ A Teoria do Agendamento ou *agenda setting* defende a ideia de que os consumidores de notícias tendem a considerar mais importantes os assuntos veiculados na imprensa, sugerindo que os meios de comunicação agendam nossas conversas, ou seja, a mídia nos diz sobre o que falar e pauta nossas relações sociais. Ela foi desenvolvida na década de 1970 pela dupla de pesquisadores Maxwell McCombs e Donald Shaw. Exemplo de tese desenvolvida a partir dessa perspectiva compreende o trabalho desenvolvido por Vera Regina Serezer Gerzson, defendido em 2007 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul com o título “A mídia como dispositivo da governamentalidade neoliberal: os discursos sobre educação nas revistas Veja, Época e Istoé”.

Tabela 14 – Meios de Comunicação de Massa

Seção	Página	Data	Título	Autor
Sem seção	7	jun. 1978	Incultura na música	Vitor Edezio Borges
Sem seção	6	set. 1978	Incultura no jornal	Pedro Gilberto Gomes
Contracapa	24	set. 1978	Televisão enredada	Tibério Vargas Ramos
MJ Comenta	21	nov. 1978	O falso e o verdadeiro missionário	Sem autor
Sem seção	15	dez. 1978	A anticultura da novela	Olívio Plínio Colombo
Crônica	9	jun. 1979	Visão social da caridade	Neimar de Barros
Crônica	7	ago. 1979	Os viciados em TV	Káiros Momento
Humanismo e Tecnologia	8	ago. 1979	Os valores da técnica	Laurício Neumann
Sem seção	7	set. 1979	Povão continua ligado ao rádio	Tibério Vargas Ramos
Humanismo e Tecnologia	9	dez. 1979	Por uma tecnologia democrática 2	Laurício Neumann
MJ Comenta	19	mar. 1980	O brasileiro não lê	Sem autor
Jovem e seu meio	7	ago. 1980	O jovem e a manipulação da sociedade	Jandir Luiz Ferrari, SDB
MJ Comenta	19	ago. 1980	O riso escasso da nossa televisão	José Fernandes de Oliveira (Zezinho)
Crônica	24	mai. 1981	A televisão	Artur Miranda
MJ Comenta	23	nov. 1983	Partidos políticos no rádio e tevê	Oswaldo Biz
Sem seção	9	mai. 1985	O jovem no pique da comunicação	Antonieta Ghisleni
MJ Comenta	21	ago. 1985	Propaganda política no rádio e tevê	Leopoldo Justino Girardi

Fonte: Elaborada pela autora (2018).

A categoria “Meios de Comunicação de Massa” contempla 17 artigos, que não foram destaque em nenhuma seção específica e que procuraram associar o conceito de cultura a uma compreensão crítica dos meios de comunicação. Nesse sentido, a maioria dos artigos criticava o uso sem rigor da televisão e do rádio, além de afirmarem que o povo brasileiro não tem o hábito da leitura.

No artigo denominado “O jovem no pique da comunicação”⁷⁶, que foi publicado pelo jornal Mundo Jovem em maio de 1985, encontramos uma severa crítica sobre o uso dos meios de comunicação pelos jovens. Entretanto, o mais relevante desse artigo é que ele se propõe a instruir/formar os professores para que saibam promover a discussão entre os estudantes sobre

⁷⁶ A autora do artigo é Antonieta Ghisleni, uma colaboradora sazonal do jornal e não uma autora contratada pelo Mundo Jovem. Ela é apresentada no jornal como um dos membros do Instituto Paulista de Juventude (IPJ) e nas pesquisas realizadas no meio digital, não encontramos referência da autora.

os MCM, com isso temos um recorte da revista em que se destaca a importante relação entre os meios de comunicação e a Educação, como é possível observar na citação a seguir.

Aí vai um roteiro que poderá servir para analisar objetivamente programas de TV (especialmente novelas) e descobrir um pouco a beleza da mensagem de justiça e amor ou, então, descobrir as pegadas do mal que esses meios nos trazem:

- 1) Como foi apresentado, nesta novela, o amor, o casamento, a família?
- 2) Como foi visto o trabalho, a doação de si, o servir desinteressado?
- 3) O simpático da novel foi dado a espertezas ou ao amor cristão?
- 4) Prevaleceu a verdade ou a mentira como meio de vencer?
- 5) Houve atitudes de injustiça? Quais?
- 6) Os deveres e os direitos humanos foram respeitados?
- 7) Como apareceu a religião?
- 8) O consumismo entrou na novela, vendendo alguma coisa?
- 9) O negativo superou o positivo? Por quê?
- 10) Qual foi a mensagem para os jovens? (GHISLENI, mai. 1985, p. 9).

A partir desse questionário, os professores poderiam orientar seus alunos sobre os riscos da comunicação de massa, como a televisão. Porém, o que observamos a partir da citação é que ela não é isenta, pois as perguntas formuladas orientavam para uma resposta que estava de acordo com as proposições defendidas pela autora do artigo.

Com isso, podemos afirmar que a nossa pesquisa sobre a História da Educação está alicerçada na compreensão descrita por António Nóvoa na apresentação do livro “História da Pedagogia” de Franco Cambi. Segundo Nóvoa (1999), as pesquisas na área da Educação baseavam-se nas Ciências Filosóficas, assim a História, enquanto campo do conhecimento das Ciências Humanas e é uma introdução necessária a pesquisas na Educação, pois confere legitimidade a essa ciência.

Ao tratarmos sobre a História da Educação é preciso mencionar Cambi (1999), que ressaltou que um dos maiores adventos da educação no século XX compreendeu a revolução pedagógica promovida pelos MCM. De acordo com as proposições do autor, alguns estudiosos defendem que a partir da difusão dos MCM temos os “persuasores ocultos”, que segundo ele, formaram o imaginário coletivo e intervém na consciência pessoal de cada indivíduo, sendo essa uma das vertentes dos MCM, principalmente a televisão, apresentadas por Franco Cambi.

No livro, o autor nos apresentou duas vertentes distintas utilizadas para tratar da “Cultura de Massa”: uma delas apocalíptica e outra integradora. A vertente apocalíptica encontra-se embasada nas proposições teóricas da Escola de Frankfurt⁷⁷ e de pensadores

⁷⁷ Os membros da Escola de Frankfurt descreveram o seu programa de pesquisa como “Teoria Crítica” para demonstrar que eram diferentes das formas ortodoxas do marxismo, em que cada autor deveria desenvolver e

como Adorno, Horkheimer, Marcuse e Walter Benjamin. Para esses teóricos não era possível mensurar o efeito e o significado que a arte, mas principalmente, o cinema e a televisão, poderiam provocar nas pessoas. Nesse sentido, o principal conceito proposto por essa vertente teórica, o conceito de *Indústria Cultural*, propunha que os MCM ou os *mass media* impediam a formação de indivíduos autônomos e capazes de decidir conscientemente.

Na outra margem, encontramos uma proposição teórica em que a cultura de massa é concebida como integradora⁷⁸. Nessa vertente, podemos citar as proposições do autor canadense Marshall McLuhan, que em seus livros valorizou a democratização da cultura e do acesso a informação, pois defendia que a maior parte da aprendizagem ocorria fora da sala de aula. Hoje, McLuhan não possui mais a conotação negativa que suas contribuições teóricas tinham quando foram publicadas, sendo que desde a década de 1990 não podemos deixar de mencioná-lo quando tratamos do campo de estudo que abrange Comunicação e Educação.

Nas poucas páginas do livro em que Franco Cambi (1999) tratou sobre os *mass media* e a Educação, procurou definir as duas distintas vertentes. Apesar de demonstrar que elas são polarizadas, ele não estava preocupado em eleger qual delas é a mais adequada, sendo que essa é também a nossa intenção neste texto, pois, consideramos que a compreensão da cultura de massa como apocalíptica ou integradora depende do local de observação do interlocutor. Por exemplo, na citação do jornal Mundo Jovem apresentada anteriormente, a autora do texto utilizou-se de uma abordagem apocalíptica para tratar sobre os usos dos meios de comunicação pelos jovens, e ao mesmo tempo, organizou um questionário que direciona as respostas e não permite a interlocução entre esse jovem e seu professor na sala de aula.

Os mass media, para o bem e para o mal, aparecem, sobretudo, como os primeiros educadores das crianças e dos jovens e levantam problemas que devem ser enfrentados tanto pelos educadores quanto pelos produtores dos seus programas, mas também pela sociedade no seu conjunto (e dentro dela, pelos intelectuais e pelos políticos). (CAMBI, 1999, p. 634).

Essa postura de identificar nos MCM um “mal” a ser atacado, não é exclusividade do artigo citado. Outros artigos inseridos nessa categoria apontaram que esses Meios de Comunicação tornaram seus telespectadores apáticos, apontando para os meios impressos

investigar uma disciplina – Sociedade, Cultura, Arte, Filosofia, Psicologia. Não é possível deixarmos de mencionar que o contexto histórico (Guerra Fria) colabora com as ideias defendidas pela Escola de Frankfurt.

⁷⁸ Para ilustrar essa concepção de cultura de massa como integradora, Franco Cambi utilizou como exemplo a experiência italiana. Segundo ele, até o advento da televisão na Itália não se falava italiano, mas alguns dialetos locais de difícil compreensão até mesmo para a população do país. Esse fato agravava-se devido aos altos índices de evasão escolar e a uma imprensa escrita que não dava conta de atender aos diferentes interesses do público. Assim, coube a televisão, enquanto meio de comunicação de massa integrador, unificar a Itália em um único idioma.

uma possível solução para esse problema. Na publicação de março de 1980 do jornal Mundo Jovem, Cláudio Somacal⁷⁹ afirmou que o progresso e a cultura de um povo não podem se restringir as poucas, reduzidas e, às vezes, falsas informações que lhe são inculcadas, e que segundo o autor “as pessoas precisam ler, refletir e criar novos conhecimentos” (p. 19). Com essa citação, passamos as subcategorias “Cultura” e “Hegemonia” que complementam a categoria “Meios de Comunicação de Massa”.

3.2.1 Cultura

Ao tratarmos do jornal Mundo Jovem temos de considerar que o conceito de Cultura encontra-se no centro da discussão, pois é um termo pertinente quando se tem uma publicação que pretende ser uma proposta alternativa para a educação e a comunicação. E a partir do entendimento de que a Cultura está no centro dos debates, é relevante apresentar umas das distintas definições desse conceito.

Cultura transmuta-se de um conceito impregnado de distinção, hierarquia e elitismos segregacionistas para um outro eixo de significados em que se abre um amplo leque de sentidos cambiantes e versáteis. Cultura deixa, gradativamente, de ser domínio exclusivo da erudição, da tradição literária e artística, de padrões estéticos elitizados e passa a contemplar, também, o gosto das multidões. (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 36).

Com isso, observamos as mudanças ocorridas no conceito de cultura, o que demonstra o seu caráter polissêmico. Para tanto, é importante apresentarmos teóricos que utilizam diferentes abordagens do conceito de cultura, para que depois possamos desenvolver uma discussão do conceito nas publicações do jornal Mundo Jovem.

Para iniciarmos a discussão sobre as diferentes abordagens do conceito de Cultura, temos o filósofo marxista e crítico literário Terry Eagleton (2005), que demonstrou as múltiplas compreensões da palavra cultura e a dificuldade em definir esse termo. O autor rejeitou tanto o naturalismo quanto o idealismo a que, muitas vezes, reduzimos a concepção de cultura. A partir disso, afirmou que “a ideia de Cultura, então, significa uma dupla recusa, do determinismo orgânico, por um lado, e da autonomia do espírito por outro”. (EAGLETON, 2005, p. 14).

No texto, Eagleton (2005) relatou que ao longo do século XX o *status* do conceito de Cultura foi alterado, pois o seu caráter de transformador social começou a ser considerado,

⁷⁹ Cláudio Somacal é um autor que faz parte da equipe editorial do jornal Mundo Jovem.

visto que estava mais presente em outros níveis da sociedade. Eagleton (2005, p. 184) afirmou que “a Cultura não é unicamente aquilo de que vivemos. Ela também é, em grande medida, aquilo para que vivemos”. Com isso, ele pretendeu demonstrar que a cultura massiva não interferiu, apenas, na alta cultura, mas também modificou a vida social.

A palavra ‘Cultura’, que se supõe designar um tipo de sociedade, é de fato uma forma normativa de imaginar essa sociedade. Ela também pode ser uma forma de alguém imaginar suas próprias condições sociais usando como modelo as de outras pessoas, quer no passado, na selva, ou no futuro político. (EAGLETON, 2005, p. 41).

Após essas considerações é relevante nos atermos a Peter Burke (2005), que também se dedicou a discutir o conceito de Cultura. Com isso, é importante trazermos algumas discussões sobre a definição de Cultura presente em seus textos, estando dentre as suas proposições a definição do conceito de cultura popular, demonstrando primeiramente, que ela precisa ser pensada no plural, o que implica inserir urbano e rural, masculino e feminino, velho e jovem, e assim por diante.

O termo Cultura costumava se referir às Artes e às Ciências. Depois, foi empregado para descrever seus equivalentes populares – música folclórica, medicina popular e assim por diante. Na última geração, a palavra passou a se referir a uma ampla gama de artefatos (imagens, ferramentas, casas e assim por diante) e práticas (conversar, ler, jogar) (BURKE, 2005, p. 43).

Outro teórico importante na discussão do conceito de Cultura é Raymond Williams, um estudioso da vertente marxista que estava interessado em compreender a importância de estudar a Cultura. Além disso, pontuou que o próprio Marx reconheceu a necessidade de estudar os aspectos culturais da sociedade e apesar de compactuar com as ideias defendidas pelo marxismo, Williams (1992, p. 291) demonstrou que “parece haver, entre os marxistas, de modo geral, um uso inadequado do termo Cultura”.

Segundo o autor, existem na definição de Cultura três categorias gerais: 1) uma categoria “ideal”, na qual a Cultura é um estado ou processo de perfeição humana, em termos de certos valores absolutos ou universais; 2) a segunda, compreende uma categoria “documental”, em que a Cultura é a massa de obras intelectuais e imaginativas que registram de diversas maneiras o pensamento e a experiência humana; 3) a terceira categoria compreende a definição “social” da Cultura em que se tem a descrição de um modo determinado de vida, que expressa certos significados e valores não só na arte e no aprendizado, mas também em instituições e no comportamento. Assim, resumidamente, os

três tipos principais de definição da Cultura são, segundo Williams (1992), a “ideal”, a “documental” e a “social”.

Em Williams (1992), encontramos outras definições para o termo Cultura em que ocorre o alargamento desse campo de conhecimento, através do entendimento da palavra como “práticas significativas”, que rompe com a visão tradicional da cultura. Além disso, o autor propôs que as práticas culturais são ideológicas, e a partir desse entendimento, afirmou que “dizer que toda prática cultural é necessidade ideológica não quer dizer nada mais (como em alguns outros usos correntes) senão que toda prática é significativa”. (WILLIAMS, 1992, p. 28).

Ainda, quando tratamos das definições do conceito de Cultura, é relevante apresentarmos o verbete elaborado por Williams (2007) sobre o termo, onde nele, o autor tratou da ressemantização da expressão ao apresentar uma discussão etimológica sobre o conceito, tendo-se como os sentidos mais difundidos de Cultura, segundo ele, a música, literatura, pintura, escultura, teatro e cinema, mas aponta que algumas vezes temos o acréscimo da Filosofia, do saber acadêmico, da História.

Dessa maneira, depois de apresentarmos, mesmo que brevemente, diferentes definições do conceito de Cultura, julgamos importante apresentar a nossa compreensão desse termo antes de continuarmos a análise dessa subcategoria, identificada na categoria “Meios de Comunicação de Massa”. Em relação à Cultura, concordamos com os autores apresentados ao longo desta subseção, pois compreendemos a mesma como todas as formas de expressão humana, pois nosso objeto de estudo abrange diferentes elementos da Cultura como um meio de comunicação impresso – o jornal Mundo Jovem, as políticas públicas de educação e as Práticas Escolares. Após apresentarmos diferentes concepções sobre seu conceito, que demonstra a sua dinamicidade e polissemia, consideramos relevante apresentar a seção “Cultura Brasileira”.

Tabela 15 – Seção “Cultura brasileira”

Página	Data	Título	Autor
17	mar. 1985	Como é vista a cultura brasileira?	Maria José L. Barreras
11	abr. 1985	O que é mesmo cultura?	Léa Freitas Perez
14	mai. 1985	Dos caminhos e descaminhos do folclore: o caso do Rio Grande do Sul	Ana Luiza Carvalho da Rocha
15	jun. 1985	Apontamentos sobre cultura popular	Maria Eunice Maciel
16	jul. 1985	A indústria cultural	Elizabeth W. Rochadel Torresini
10	ago. 1985	A indústria cultural como instrumento de legitimação do Estado	Léa Freitas Perez
15	set. 1985	Aqui, um lugar de harmonia racial?	Ruth Maria Chittó Gauer
7	out. 1985	Novelas: uma fórmula de comportamento	Beta Timm
7	nov. 1985	Manipulação da cultura popular	Luiz Ricardo Michaelsen Centurião

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

A seção “Cultura brasileira”, publicada em todas as edições do ano de 1985, procurou realizar uma discussão de cunho acadêmico. Essa seção contou com nove artigos e sua publicação foi coordenada pelas professoras da PUCRS, Elizabeth W. Rochadel Toresini⁸⁰ e Maria José L. Barreras⁸¹. A referida seção propôs uma discussão do conceito de cultura, colaborando com a identificação sobre a compreensão do jornal desse conceito. Dividimos os artigos publicados em dois grupos - os que abordaram sobre a subcategoria e conceito “Cultura”, e os que trataram do conceito Cultura a partir da perspectiva dos MCM. No que se refere à definição do conceito de cultura, o artigo “O que é mesmo cultura?”, de autoria de Léa Freitas Perez⁸² é elucidativo ao afirmar que:

⁸⁰ No jornal Mundo Jovem consta que Elizabeth W. Rochadel Toresini é professora do Departamento de História da PUCRS e mestranda em História da Cultura Brasileira, na mesma instituição.

⁸¹ No jornal Mundo Jovem consta apenas que Maria José L. Barreras é professora de Cultura Brasileira na PUCRS.

⁸² No jornal Mundo Jovem consta que Léa Freitas Perez é mestranda em Antropologia Social pela UFRGS e coordenadora do Museu Antropológico do Rio Grande do Sul.

O que nos vem a mente quando pensamos em cultura? Via de regra, pensamos em cultura como algo do passado, ou melhor, como um objeto, como por exemplo, ‘um quadro dependurado na parede’, ‘uma vasilha de cerâmica feita por índios, etc. Em síntese, cultura ‘parece coisa de museu’. ‘Tem um ‘cheiro’ de mofo, de coisa empoeirada. Mas cultura não é só isso, é muito mais. Cultura não é somente feita de e por itens materiais, por objetos a serem consumidos como se fossem enfeites. Cultura é, antes de mais nada e acima de tudo, um modo específico de organizar de forma significativa a nossa existência material. Portanto, cultura é a organização da vida social, é o sentido, o significado que damos a nossa existência em sociedade. Como nossa existência em sociedade está fundada em relações sociais. A cultura aparece como a forma de dar sentido a essas relações sociais. (PEREZ, abr. 1985, p. 11).

A partir do excerto somos capazes de afirmar que os artigos publicados na seção “Cultura Brasileira” estavam embasados numa formulação mais teórica e acadêmica, em que as autoras (as publicações analisadas são todas assinadas por mulheres) do primeiro grupo de artigos estavam atentas a definição do conceito de Cultura, de cultura brasileira, cultura popular e cultura regional. Nesse sentido, o conceito de Cultura foi definido por Léa Freitas Perez em “O que é mesmo Cultura?”, enquanto que o conceito de Cultura brasileira é definido por Ruth Maria Chittó Gauer⁸³ em seu artigo “Aqui, um lugar de harmonia racial?”. Nele, a autora denunciou a dominação cultural do país ao afirmar que a aparente harmonia social é, na verdade, “os aparelhos ideológicos da classe dirigente que nos transmitem por meio destas práticas a sensação de que há realmente uma harmonia na sociedade”. (GAUER, set. 1985, p. 15).

A definição de cultura popular foi realizada no artigo “Apontamentos sobre cultura popular”, elaborado por Maria Eunice Maciel⁸⁴, onde neste, a autora também apresentou a apropriação da cultura popular pela cultura dominante, no que se refere à construção de alguns símbolos culturais. A definição de cultura regional, que encerra esse primeiro grupo de artigos, foi realizada por Ana Luiza Carvalho da Rocha⁸⁵ no artigo “Dos caminhos e descaminhos do folclore: o caso do Rio Grande do Sul”, e nele, para exemplificar a cultura regional, a autora utilizou o exemplo do Rio Grande do Sul e do crescimento do movimento tradicionalista do Estado.

Com isso, através da análise do primeiro grupo de artigos, somos capazes de apontar que o interesse do jornal ao publicá-los era oferecer subsídio acadêmico para que os professores da Educação Básica discutissem o conceito de “Cultura” e a partir dele fossem introduzindo outras temáticas que tinham como pano de fundo o termo, como os MCM e o

⁸³ No jornal Mundo Jovem consta que Ruth Maria Chittó Gauer é Especialista em Antropologia das Ciências Complexas pela UFRGS e Professora de História na PUCRS.

⁸⁴ No jornal Mundo Jovem consta que Maria Eunice Maciel é Mestre em Antropologia Social pela UFRGS e Pesquisadora do Museu Antropológico de Porto Alegre.

⁸⁵ No jornal Mundo Jovem consta apenas que Ana Luiza Carvalho da Rocha é antropóloga.

conceito de Hegemonia. Essa postura foi identificada no segundo grupo de artigos da seção “Cultura Brasileira”, que definiram o conceito de Cultura a partir da perspectiva desses Meios. Os artigos publicados em julho e agosto de 1985, respectivamente, por Elizabeth W. Rochadel Torresini e Léa Freitas Perez definiram a Indústria Cultural e a aplicação desse conceito como instrumento de legitimação do Estado⁸⁶.

Após a definição do conceito de Indústria Cultural, os artigos da seção “Cultura Brasileira” continuaram tratando do conceito de Cultura nos MCM, como é o caso do artigo “Novelas: uma fórmula de comportamento”, em que a autora Beta Timm⁸⁷ não negou a importância cultural das novelas, afirmando que a novela está a serviço de manter um determinado *status quo*, bem como democratizar o acesso a informação, onde o lazer deixa de ser um privilégio dos que podem pagar por ele e onde o cidadão pode se encontrar refletido e identificado. No artigo “Manipulação da cultura popular” de Luiz Ricardo Michaelsen Centurião, o autor tratou da conotação política da cultura popular ao afirmar que:

Dessa maneira, surgem os grupos de intelectuais que lançam e utilizam o termo cultura popular com um caráter nitidamente político. No passado recente o mais popular destes grupos foi o Centro Popular de Cultura, órgão identificado com a União Nacional dos Estudantes. Neste mesmo passado, foi posta em ação a tese de que a cultura popular (entendida sempre como a cultura feita pelas classes baixas) era não só a Cultura por excelência, como também que esta deveria ser utilizada como instrumento de educação, para dar as classes economicamente desfavorecidas uma consciência política e social. (CENTURIÃO, nov. 1985, p. 7).

Após tratarmos do conceito de Cultura e da sua aproximação com os MCM através da seção “Cultura Brasileira”, publicada no jornal Mundo Jovem ao longo do ano de 1985, cabe analisarmos a segunda subcategoria, “Hegemonia”, da categoria “Meios de Comunicação de Massa”.

3.2.2 Hegemonia

Após essas primeiras considerações, em que procuramos apresentar a categoria “Meios de Comunicação de Massa”, bem como definir o conceito e a subcategoria “Cultura”, e como a cultura de massa pode ser interpretada de acordo com a perspectiva do jornal, apresentaremos, nessa subcategoria, algumas publicações do jornal Mundo Jovem para

⁸⁶ Esses artigos serão analisados posteriormente por corroborarem com a compreensão do conceito de Hegemonia, que também é uma das subcategorias atreladas a categoria “Meios de Comunicação de Massa”.

⁸⁷ No jornal Mundo Jovem consta apenas que Beta Timm é jornalista.

analisar o conceito de Hegemonia, como também a definição de Consenso e Contra-hegemonia, todos eles a partir da concepção de Antonio Gramsci.

Esses conceitos, produzidos ao longo do século XX, promoveram a relação entre os meios de comunicação e a sociedade, e por isso, consideramos essa análise relevante para a pesquisa que estamos desenvolvendo, pois um dos nossos interesses compreende a mediação do jornal *Mundo Jovem* e como isso interferiu nas práticas escolares da Educação Básica do Rio Grande do Sul, entre os anos de 1978 e 1988.

No artigo produzido por Saviani (2016) e publicado no site Internacional *Gramsci Society* *IGS Brasil*, o autor abordou sobre a produção na área de pós-graduação em educação no país entre os anos de 1970 e 1980. Essa pesquisa corroborou com o recorte temporal do trabalho que pretendemos desenvolver, pois eles utilizaram Gramsci como suporte teórico para pensar/refletir um momento fechado politicamente, como o próprio autor havia vivenciado na década de 1930.

Saviani (2016), ao afirmar a importância teórica de Gramsci para as pesquisas em Educação durante a Ditadura Civil-militar no Brasil, apresentou os dados quantitativos levantados por Nosella no início dos anos 2000. Segundo o autor, mais de 40% das dissertações e teses de pós-graduação em Educação produzidas nos anos de 1980 citavam Gramsci como referencial teórico e esses trabalhos, no período citado, foram agrupados pelo autor em dois tipos: aqueles que se propuseram a explicitar aspectos da concepção pedagógica de Gramsci e aqueles que tomaram Gramsci como referência teórica para analisar aspectos da educação brasileira.

Portanto, consideramos que esses dados legitimaram a retomada de Antonio Gramsci para a pesquisa que estamos desenvolvendo, pois ela compreende um trabalho sobre a História da Educação, logo é preciso (re)conhecer o que foi produzido nesse período sobre a Educação Brasileira. Nesse sentido, Saviani aponta que Gramsci influenciou a formação da Pedagogia Histórico-crítica, que nos anos de 1980 integrou a corrente contra-hegemônica, sendo que para ele essa teoria foi capaz de orientar a prática dos educadores numa direção transformadora.

Apesar da influência de Gramsci nos trabalhos de pós-graduação em educação no Brasil, principalmente nos anos de 1980, Saviani apontou que desde os primeiros estudos sistemáticos de Gramsci no Programa de Doutorado em Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) ele se preocupava com a elaboração de uma pedagogia gramsciana, tanto que em 1979 elaborou um esquema em que organizou as principais categorias que compõem a obra “*Cadernos do Cárcere*”. De acordo com Saviani, a concepção

de Educação para Gramsci foi formulada após os fracassos das revoluções socialistas na Europa, e foi nesse cenário que ele definiu a Contra-hegemonia⁸⁸ como o meio de tornar a revolução possível e vitoriosa. Portanto, Gramsci defendeu que a educação deve ser pensada pelos intelectuais para o povo, e só assim é possível a construção de um pensamento Contra-hegemônico.

A educação se constitui, pois, num instrumento de luta: luta para estabelecer uma nova relação hegemônica que permita constituir um novo bloco histórico sob a direção da classe fundamental dominada da sociedade capitalista – o proletariado. A importância fundamental da educação na luta pela hegemonia reside na elevação cultural das massas. (SAVIANI, 2016, p. 18).

Entretanto, essa elevação cultural não foi pensada pela população e só depois haveria a formulação de uma concepção de mundo adequada aos populares. Portanto, esse foi o perigo destacado por Saviani sobre a concepção de Educação em Gramsci, ou seja, um desenvolvimento cultural que não atendeu, num primeiro momento, aos interesses da população.⁸⁹

Quando nossa reflexão é conduzida por uma determinada corrente teórica, não é possível isolar esse esforço do contexto histórico em que ela foi produzida. Por isso, ao tratarmos do conceito de Hegemonia, de acordo com a perspectiva de Gramsci, é necessário reconhecer as influências sócio-históricas do autor. Primeiramente, reconhecemos que os conceitos desenvolvidos foram formulados num período de ascensão dos regimes totalitários na Europa. De acordo com Ivete Simionatto (2002), todos os 33 cadernos escolares foram preenchidos por Antonio Gramsci durante os anos em que ele esteve numa prisão fascista, ou seja, entre os anos de 1929 e 1935. No Brasil, a primeira tradução da sua obra ocorreu na década de 1960, mas as suas ideias têm destaque na área da Educação entre os anos de 1970 e 1980.

Para Gramsci, a Educação tem papel central em suas construções teóricas, pois para ele a escola é a responsável por formar novos pensadores/intelectuais que formulariam a desejada Hegemonia. Na Europa, alguns anos depois, temos o desenvolvimento de outra

⁸⁸ Definição de Contra-hegemonia, de acordo com Boucher, compreende preparar política e culturalmente a sociedade para um “novo consenso”, através das mudanças na legislação e no aparelho educacional. “Contra-hegemonia que, por meio de um processo de educação política e reforma cultural, desintegraria a hegemonia burguesa e a substituiria por uma aliança nacional-popular”. (BOUCHER, 2015, p. 150).

⁸⁹ Para quem pesquisa sobre o período da Ditadura Civil-militar no Brasil e que se depara com a intensidade e a força do pensamento gramsciano é tentadora a possibilidade de associar o que o filósofo italiano produziu com a situação do país naquele período. Porém, é necessário exercitar o pensamento, e assim, dialogar com as suas teorias para alcançar um entendimento mais consistente sobre a relação entre as concepções teóricas de Gramsci e sua aplicação ao campo da Educação.

vertente teórica, a Escola de Frankfurt, sendo que um dos seus principais conceitos compreende a definição sobre o que é Indústria Cultural.

A Escola de Frankfurt se desenvolveu entre os anos de 1930 e 1940, momento em que a Europa vivenciava a ascensão de governos totalitários como o Nazismo e o Fascismo. Nesse cenário, um dos precursores dessa corrente teórica, Max Horkheimer, apresentou um programa de pesquisa interdisciplinar materialista. Na Escola de Frankfurt, alguns conceitos que se relacionavam com os processos comunicacionais foram muito relevantes, dentre eles se destacam os conceitos de “sociedade administrada” e “Indústria Cultural”.

No que se refere ao conceito de sociedade administrada, os autores procuraram localizar, segundo Boucher (2015), a base da apatia política das décadas de 1950 e 1960 não nas massas, mas no consumismo e na burocracia que causa implicações despotencializadoras. Esse conceito de sociedade administrada, aliado as potencialidades da psicanálise freudiana utilizada para explicar o apelo do fascismo e do stalinismo à “personalidade autoritária”, propiciaram as mudanças na forma histórica da individualidade, e, portanto, alguns membros da Escola de Frankfurt descreveram essas modificações como a “Indústria Cultural”, o complemento cultural da sociedade administrada.

Nas pesquisas realizadas no jornal Mundo Jovem identificamos a presença do conceito de Indústria Cultural, tanto no título quanto no corpo do artigo. Um deles compreendeu o texto publicado na revista, em julho de 1985, por Elizabeth W. Rochadel Torresini⁹⁰, onde nele a autora traçou um panorama dos MCM no Brasil e sua interferência na formação cultural da população. Toressini, no artigo denominado “Indústria Cultural” definiu primeiramente o termo e como ele se desenvolveu, salientando a importância dos MCM empregados no Brasil desde o governo de Getúlio Vargas (1930-1945). Após, ela descreveu os MCM no país, passando pelo cinema, a música e os programas de televisão, além de dedicar algumas linhas a Hegemonia da corporação Rede Globo.

O conceito de Hegemonia proposto por Gramsci apresentou em sua obra o conceito em toda sua plenitude, uma vez que ele não atinge apenas o econômico, o político e o social, mas age sobre as orientações culturais. Segundo Boucher (2015), Gramsci definiu Hegemonia como liderança baseada numa combinação de dominação e direção, em que ocorreu um processo de formação de uma vontade coletiva. Conforme o autor, ao estabelecer o conceito de Hegemonia, Gramsci não modificou o modelo de base e superestrutura, pois baseado na sociedade italiana, ele entendeu que as classes se formavam na base econômica e que só se

⁹⁰ Esse artigo já foi citado anteriormente, quando analisamos a seção “Cultura Brasileira”, entretanto, optamos por analisá-lo ao tratarmos da subcategoria “Hegemonia”.

tornavam sujeitos históricos nas alianças sociais, quando assumiam o papel de modificar a sociedade e entender a sua relevância nela.

Apesar de considerar ardiloso esse esforço de Gramsci para promover a Contra-hegemonia, suas contribuições teóricas foram ressignificadas durante os governos militares, principalmente na Ditadura Civil-militar brasileira, em que foi possível observar o interesse e o apoio da população civil diante das proposições dos grupos no poder. Porém, a abertura política no Brasil, principalmente, na década de 1980, promoveu uma discussão sobre esse conceito, como podemos observar no trecho abaixo, extraído do jornal Mundo Jovem.

Finalizando, é importante destacar-se de forma pontual algumas contribuições: 1) se a cultura é um espaço para a construção de projetos de hegemonia, é também um espaço de luta contra-hegemônica; 2) se a cultura passa a ser produzida industrialmente, não fica imune as regras e contradições inerentes a um modo de produção capitalista; 3) o processo não pode ser tomado como uma mera adaptação e incorporação do movimento de organização da vida social; 4) rompimentos são possíveis, já que um projeto de hegemonia pressupõe a articulação das diferenças e a pluralidade. (PEREZ, ago.1985, p. 10).

Na citação observamos os principais conceitos e o pensamento gramsciano, em que foi possível romper com o pensamento hegemônico através de um projeto contra-hegemônico. Na segunda proposta de Perez, temos uma das mais significativas críticas da Escola de Frankfurt e o seu conceito de Indústria Cultural, em que a arte e a cultura são elaboradas de maneira industrializada. Esta passagem retomou as principais propostas de Gramsci, e mais do que isso, demonstrou o esforço para que suas formulações teóricas (1930) fossem adequadas à realidade sócio-histórica, política e cultural do momento em que o artigo foi publicado.

Para Gramsci, a Hegemonia compreendeu as alianças sociais (de diferentes classes) que são historicamente consolidadas através do controle do Estado e da capacidade dele de assegurar o consenso na sociedade civil (BOUCHER, 2015, p. 147). Para tanto, Gramsci dividiu o Estado em: coerção, ocupado por grupos como o executivo e o judiciário; e consenso, que foi ocupado pelo legislativo e o aparelho educacional. Dessa maneira, o consenso que foi produzido nos espaços em que se discute Educação, como ocorreu com o jornal Mundo Jovem, se tornou necessário tanto para a manutenção da Hegemonia quanto para a sua substituição pela Contra-hegemonia.

Os intelectuais são os ‘prepostos’ do grupo dominante para o exercício das funções subalternas da hegemonia social e do governo político, isto é: 1) do consenso ‘espontâneo’ dado pelas grandes massas da população à orientação impressa pelo grupo fundamental dominante à vida social, consenso que nasce ‘historicamente’ do prestígio (e, portanto, da confiança) obtido pelo grupo dominante por causa de sua posição e de sua função no mundo da produção; 2) do aparelho de coerção estatal que assegura ‘legalmente a disciplina dos grupos que não ‘consentem’, nem ativa nem passivamente, mas que é constituído para toda a sociedade na previsão dos momentos de crise no comando e na direção, nos quais desaparece o consenso espontâneo. (GRAMSCI, 2001, p. 21).

Com isso, o que foi proposto por Gramsci para desenvolver o socialismo na década de 1930 foi aplicado pelos meios de comunicação, católicos e/ou laicos, para promover o consenso entre a população civil no Brasil na década de 1980. Portanto, no referido período, os conceitos de consenso e coerção coexistiram e estiveram presentes nas decisões do governo. Esse momento político não foi marcado exclusivamente pela coerção do Estado, sendo também possível observarmos o destaque para o consenso, que demonstrou a intervenção do Estado dentro da sociedade civil.

A experiência tem mostrado que a utilização do Jornal Mundo Jovem em sala de aula tem proporcionado, não só um interesse maior dos alunos na aprendizagem, como um crescimento traduzido na participação maior das atividades do colégio e no engajamento pela transformação da sociedade.

Professores de Língua Portuguesa, Organização Social e Política Brasileira, Ensino Religioso, Educação Moral e Cívica poderiam fazer um trabalho em conjunto. A partir dos variados textos que o jornal oferece, cada professor em sua disciplina pode programar a leitura junto com os seus alunos, analisar, buscar outras informações e pedir para o seu aluno escrever o que assimilou. Todos sairão ganhando com isso.

O aluno passará a escrever melhor, a crescer no senso crítico, a participar. Os professores mensalmente poderão programar aulas interessantes, exercendo um papel de libertação. Poderão estimular a criatividade, por não ser um texto acabado e dirigido.

Enfim, o que desejamos é que estas 24 páginas sejam um instrumento de crescimento no sentido crítico e de colaboração nas mudanças que este povo exige e que não podem mais esperar. (MUNDO JOVEM, mar. 1986, p. 4).

A partir do trecho apresentado, observamos que consenso é também um dos principais fatores para a promoção da publicação do jornal Mundo Jovem, pois no texto foi evidenciado a proposta do mesmo para o ano de 1986, como eles organizariam as suas publicações e as principais temáticas daquele ano. Entretanto, ao nos debruçarmos sobre o excerto, em outro contexto histórico e motivados por outras perguntas, no caso as que orientam as pesquisas que estamos desenvolvendo e que já foram mencionadas, fomos capazes de observar o interesse do jornal Mundo Jovem de colaborar com a formação dos professores e em suas práticas escolares.

Cabe ainda mencionar que o consenso, muitas vezes, foi mediado através dos meios de comunicação, do sistema educacional, do sistema legislativo e por outras instituições que apoiaram a intervenção militar no governo. Não é possível negar que houve coerção, mas o Estado também precisava atender aos interesses da população, e através da mediação/consenso promoveu o que era do interesse desse grupo, com isso coube as relações socioculturais promover a formação do consenso, como propôs Gramsci.

No seu caderno de número 24, escrito em 1934 e denominado “Jornalismo”, Antonio Gramsci apresentou algumas considerações de como os MCM poderiam/deveriam ser utilizados para promover o consenso. Ao analisarmos o *corpus* documental desta pesquisa, o jornal Mundo Jovem, é preciso levar em consideração as múltiplas facetas que o definem e que estão contempladas nas formulações teóricas de Gramsci. Primeiramente, ele sugere que os meios de comunicação, o sistema educacional e a religião são importantes veículos para a promoção do consenso, sendo que todas essas características definem o nosso objeto de pesquisa. Nesse caderno, Gramsci está particularmente interessado na imprensa católica por concebê-la como um jornal/revista “dedicado a um público necessariamente restrito” (GRAMSCI, 2001, p. 199), pois, além da promoção do consenso, a imprensa também pode ser uma importante mediadora na proposição do senso comum.

Ao tratar sobre senso comum, Gramsci procurou propor a superação do entendimento de que cabe aos intelectuais formarem um pequeno grupo que é detentor do saber. O autor afirmou que todos são capazes de propor soluções para problemas do cotidiano, e essas soluções são conceituadas por Gramsci como “senso comum” e “bom senso”. Para ele, “senso comum” pode ser definido como uma visão de mundo difundida de maneira desordenada pelas classes mais baixas, enquanto que “bom senso” compreende a superação do “senso comum”, pois a sua elaboração está embasada na crítica de sua própria concepção de mundo.

Todo estrato social tem seu ‘senso comum’ e seu ‘bom senso’, que são, no fundo, a concepção da vida e do homem mais difundida. Toda corrente filosófica deixa uma sedimentação de ‘senso comum’: é este o documento de sua efetividade histórica. O senso comum não é algo rígido e imóvel, mas se transforma continuamente, enriquecendo-se com noções científicas e com opiniões filosóficas que penetraram no costume. O ‘senso comum’ é o folclore da filosofia e ocupa sempre um lugar intermediário entre o folclore propriamente dito (isto é, tal como é entendido comumente) e a filosofia, a ciência, a economia dos cientistas. O senso comum cria o futuro folclore, isto é, uma fase relativamente enrijecida dos conhecimentos populares de uma certa época e lugar. (GRAMSCI, 2001, p. 209).

José de Souza Martins encontrava-se alinhado⁹¹ a mesma vertente teórica de Gramsci, e em seu artigo “O senso comum e a vida cotidiana” visava promover uma reflexão das diferenças existentes nas orientações teóricas de marxistas e fenomenologistas sobre o conceito de senso comum e sua aplicação na vida cotidiana. O autor afirmava não se preocupar com os desacordos e divergências desses grupos teóricos, e com isso, propôs uma análise sem a ingenuidade de fundir as compreensões de uns e de outros campos teóricos⁹².

De acordo com Martins (1998), na tradição marxista o senso comum é tratado como uma visão de mundo que é aceita sem críticas e que, portanto, pode ser fonte de equívocos e distorções, evidenciando que o senso comum ocupa outro lugar na tradição fenomenológica. Nesse grupo, o senso comum é compreendido como um conhecimento compartilhado entre os sujeitos da relação social, precisando com isso, compartilhar os significados entre os sujeitos para que ocorra a interação. Logo, senso comum não pode ser forjado, pois ele compreende significados elaborados entre os sujeitos para solucionar problemas/situações do cotidiano. Segundo Martins (1998), essa compreensão estava de acordo com a proposição de Garfinkel, onde o senso comum é “um método de produção de significados” proporcionado pela interação entre os sujeitos.

Como explicar, só para atualizar, as eleições de 82, 84 e a campanha pelas Diretas que aliciou a Globo sob pena de ver seus índices de audiência reduzidos a índices ‘dantes nunca vistos? Perguntamos novamente: se a maior emissora do país aderiu as ‘Diretas Já’, a serviço de quem está a Indústria Cultural no Brasil? Do povo? Das elites? Das transformações? (TORRESINI, jul. 1985, p. 17).

O excerto retirado de uma das publicações do jornal Mundo Jovem demonstrou que mesmo com o esforço de uma corporação dos meios de comunicação de massa de produzir um discurso hegemônico através do seu canal, que pode colaborar com a formação do consenso e do senso comum entre a população, essa não foi a resposta dada pelos telespectadores. Nesse trecho, observamos o senso comum como um meio de produção de

⁹¹ O referido texto foi publicado em 1998, momento em que pensadores da vertente marxista estavam influenciados pela obra Francis Fukuyama, denominada “O fim da história e o último homem”, que foi publicada em 1992. Segundo o teórico norte-americano a História havia terminado com a Queda do Muro de Berlim. Naquele momento, os antagonismos/polaridade (bem X mau, capitalismo X socialismo, entre outros) teriam terminado pelo fato de que, a partir de então, haveria apenas uma única potência, os Estados Unidos e, conseqüentemente, uma total estabilidade. É possível determinar a importância das proposições teóricas de Fukuyama, quando Martins afirma “as grandes certezas terminaram.” (MARTINS, 1998, p. 2). Por isso, o autor afirma que a sociedade vivenciava um processo de reinvenção e que era preciso fazer o mesmo com a sociologia.

⁹² Na pesquisa desenvolvida não nos limitamos aos desacordos e divergências de grupos teóricos, pois como propõe Martins (1998) no texto em construção, não deixamos de tratar de diferentes possibilidades por saber da ausência do diálogo entre esses teóricos e dos diferentes grupos de que são oriundos.

significados criado pelos sujeitos, pois foram eles que criaram a pauta das “Diretas Já”, foram eles que não aceitaram o que estava proposto e promoveram as transformações.

Após, a definição dos conceitos de Hegemonia, Consenso, Contra-hegemonia e senso comum, é relevante identificarmos a subcategoria “Hegemonia” nas publicações do jornal Mundo Jovem, conforme a tabela a seguir.

Tabela 16 – Subcategoria “Hegemonia”

Página	Data	Título	Autor
14,15	mar. 1984	Comunicação: a alma do negócio	Pedrinho Guareschi
9	abr. 1984	A crítica através da charge	Cláudio Somacal
10, 11	mai. 1984	Os meios de comunicação e o massacre da cultura	Pedrinho Guareschi
18, 19	jun. 1984	Notícias: as belas mentiras	Pedrinho Guareschi
16	jul. 1984	Newton Cross e o estado de emergência em Londres	Sérgio Caparelli
6	ago. 1984	O que há por trás das histórias em quadrinhos	Liliane Guterres, Lusiane Martini, Ana Luiza Prange, Denise Simanke
5	set. 1984	Futebol e Ideologia	Roberto Ramos
8, 9	out. 1984	Atenção para os nossos comerciais	Pedrinho Guareschi
8, 9	nov. 1984	A comunicação alternativa	Pedrinho Guareschi
18	mar. 1986	Roque Santeiro, um poderoso vendedor	Christa Berger
10	abr. 1986	Televisão: vitrine da sociedade de consumo	Christa Berger
9	ago. 1987	Comunicação e poder	Pedrinho Guareschi
10	set. 1987	Grã-finos globais	Roberto Ramos
10	mar. 1988	A manipulação ideológica pela TV	Ana Carolina Escosteguy
11	abr. 1988	No banco dos réus: o sistema de comunicação no Brasil	Angélico Sândalo Bernardino, Dalmo de Abreu Dallari, Florestan Fernandes Júnior e Luís Eduardo Greenhalgh
19	mai. 1988	Comunicação na Constituinte: derrota política e retrocesso	Daniel Herz
6, 7	jun. 1988	A hora da novela	Roberto Ramos
9	jul. 1988	As mentiras dos meios de comunicação	Roberto Ramos
5	ago. 1988	Relação de dominação nos programas infantis	Solange Medina Ketzner
9	set. 1988	Ditadura da propaganda	André Lauro Birck
10	out. 1988	O fascinante universo dos quadrinhos	Antônio Hohlfeldt
10	nov. 1988	Na imprensa popular, o povo participa	Karine Emerich

Fonte: Elaborada pela autora (2018).

A tabela supracitada apresenta dados sintetizados da seção “Comunicação”, por meio da qual o jornal Mundo Jovem procurou definir os meios de comunicação de massa e o conceito de Hegemonia. Ao definirmos a subcategoria “Hegemonia”, o *corpus* de pesquisa contou com quarenta publicações. Entretanto, observamos que a seção “Comunicação” era a mais presente nessa subcategoria, contabilizando vinte e duas publicações, por isso ela foi a seção escolhida para analisar a subcategoria “Hegemonia”.

A seção “Comunicação” foi publicada nos anos de 1984, 1986, 1987 e 1988, sendo que nos anos de 1984 e 1988 ela foi veiculada em todas as edições do jornal. Devido a seção ter mais visibilidade e continuidade nos anos citados, após uma leitura prévia, selecionamos dois artigos de cada ano para análise e apesar do distanciamento temporal, a abordagem sobre os Meios de Comunicação de Massa nos artigos analisados foi semelhante.

No artigo “Notícias: as belas mentiras”, de autoria de Pedrinho Guareschi⁹³, publicado em junho de 1984, foram abordadas sobre as notícias veiculadas por jornais, emissoras de rádio e televisão, no qual o autor afirmou que elas são as informações mais importantes da grade de programação e que não ocupam 10% da comunicação nos programas de rádio e televisão. Apesar de considerar a importância das notícias para a formação da opinião pública, Guareschi sinaliza que essas notícias utilizam pressupostos falsos e que uma atitude passiva diante dos meios de comunicação agrava o entendimento do telespectador, e conseqüentemente, da formação da opinião pública.

E tem saída tudo isso? Tem, e nem é tão difícil. Uma discussão toda sobre saídas vai ser feita num dos números de Mundo Jovem. Mas, como início de conversa, a gente pode ver que já há muitos grupos organizados (sindicatos, associações de bairro, comunidades de base, clubes de mães) que se reúnem e discutem o que assistem na TV ou lêem nos jornais. E já percebem que as mentiras são muitas mesmo. Que quando falam deles, do seu bairro, as notícias são mentirosas. E com isso vão abrindo os olhos, vão isolando esses organismos mentirosos. (GUARESCHI, jun. 1984, p. 19).

No excerto, o autor sinalizou que nas publicações do jornal Mundo Jovem, o leitor irá encontrar uma “saída” para identificar as mentiras apresentadas nos MCM, e é essa resposta que encontramos no artigo “A comunicação alternativa” também de autoria de Pedrinho Guareschi e publicado em novembro de 1984. Nele, o autor apresentou a viabilidade da comunicação alternativa, pois a comunicação é apresentada como um direito do homem, e, portanto, deve ser realizada de uma maneira crítica. Ao tratar da comunicação no meio

⁹³ No jornal Mundo Jovem, consta que o autor Pedrinho Guareschi é sociólogo, professor da PUCRS e autor do livro “Comunicação e Poder”.

educacional, ele afirmou que “uma escola que não pratica a comunicação, não leva os educandos a serem sujeitos de comunicação, é uma escola fracassada” (GUARESCHI, nov. 1984, p. 9). Ao apontar a comunicação alternativa como uma “saída” para evitar os pressupostos falsos das notícias e da passividade do telespectador diante dos meios de comunicação de massa, ele afirmou que:

A prova de que a comunicação alternativa é eficaz e importante é o incômodo e a dor de cabeça que ela causa aos donos do poder. Quando o povo começa a se comunicar, a dizer a sua palavra, a fazer escutar a sua voz, os donos do capital e dos meios oficiais tentam silenciá-lo de toda maneira. A censura que foi exercida, e ainda é exercida de outras formas, no fundo, é o medo de que o povo exerça o seu direito humano a comunicação. (GUARESCHI, nov. 1984, p. 9).

Os artigos publicados em 1984 e que foram analisados acima, pretenderam definir a Hegemonia dos MCM no Brasil, e como solução para a passividade do telespectador diante das notícias, o jornal Mundo Jovem, por meio dos artigos de Pedrinho Guareschi, propôs o desenvolvimento da comunicação alternativa. No ano de 1988, no artigo “As mentiras dos meios de comunicação”, de autoria de Roberto Ramos⁹⁴, novamente o jornal Mundo Jovem tratou da manipulação através dos MCM. O exemplo citado pelo autor para tratar desse tema, compreendeu a grande difusão na mídia escrita e audiovisual de que o Plano Cruzado solucionaria o problema da inflação no país, o que não ocorreu e que não foi objeto de retratação dos meios de comunicação.

Há quem assegure que os meios de comunicação são fontes da publicação de verdades. Imaginem se ousassem aplicar qualquer engodo, como ficaríamos? Indiscutivelmente, eles assumem uma posição pretensamente neutra. Não possuem partidos, cores ideológicas e ficam acima de tudo. Ora defendendo o Regime Militar e, depois aderem aos ditadores de sempre, travestidos de democratas. No fundo, se mostram coerentes. Estão sempre ao lado do capitalismo, pois são frutos dele. (RAMOS, jul. 1988, p. 9).

A postura crítica diante da pretensa neutralidade dos MCM permanece no artigo “Na imprensa popular, o povo participa”, de autoria de Karine Emerich⁹⁵. Assim como ocorreu na publicação de novembro de 1984 da seção “Comunicação”, o artigo procurou apresentar uma solução para a manipulação a que a população era submetida através dos MCM: se em 1984 a solução era a comunicação alternativa, em 1988, a comunicação alternativa já estava mais desenvolvida e era apresentada ao leitor como comunicação popular. Dessa maneira, o

⁹⁴ No jornal Mundo Jovem consta que o autor Roberto Ramos é jornalista, professor da PUCRS e autor do livro “Manipulação e controle da opinião pública”.

⁹⁵ No jornal Mundo Jovem consta que a autora Karine Emerich é jornalista, especialista em Educação Popular e editora responsável do jornal Informativo Sindical.

conceito de Hegemonia está presente nas publicações do jornal Mundo Jovem e é amplamente debatido, o que legitima a divisão da categoria “Meios de Comunicação de Massa” na subcategoria “Hegemonia”.

3.3 A PRESENÇA DA CATEGORIA “JUVENTUDES” NO JORNAL MUNDO JOVEM

Neste item trataremos sobre o perfil das juventudes presente no jornal Mundo Jovem. Ao abordarmos esse conceito é relevante apresentarmos, a partir das elaborações de Dayrell (2003), o que é ser jovem e do que se trata esse período da vida, que compreende o recorte temporal entre os quinze e os vinte e nove anos.

Ao definirmos o conceito de Juventudes, uma das suas possíveis explicações é a de que se trata de uma condição de transitoriedade, de um “vir a ser”. Mas, ao tratarmos desse período como um momento de passagem há uma negação do presente vivido e uma atenção voltada, apenas, para o futuro. Outra abordagem do jovem/juventudes está relacionada a visão romântica de moratória social, cristalizada nos anos de 1960, em que as etapas da vida vão acontecendo sem atropelos, em que essa fase é tratada como um período de ensaio, de erros e experimentações. A última abordagem sobre a compreensão do que é ser jovem/juventudes trata dessa fase como um momento de crise, uma fase difícil, em que os principais formadores de valores entre os jovens – a família, a escola e o trabalho, estariam, de acordo com Dayrell (2003), perdendo o papel central de formação de valores entre as novas gerações.

É, assim, o momento crucial no qual o indivíduo se prepara para se constituir plenamente como sujeito social, livre, integrando-se a sociedade e podendo desempenhar os papéis para os quais se tornou apto através da interiorização dos seus valores, normas e comportamentos. (ABRAMO, mai-ago. 1997, p. 29).

A partir da citação e das diferentes abordagens sobre o que é ser jovem/juventudes, é necessário verificar esses modelos, e isso foi possível através da pesquisa realizada em que procuramos apresentar a compreensão de jovem/juventudes presente no jornal Mundo Jovem. De que maneira é apresentada pelo jornal Mundo Jovem, nos artigos analisados, o perfil de juventude e a sua relação com outras gerações de jovens, com a educação e o mercado de trabalho?

Para desenvolver esses questionamentos tratamos especificamente da análise dos artigos publicados no jornal Mundo Jovem entre os anos de 1978 e 1988. O *corpus* de

pesquisa compreendeu 45 artigos que foram classificados de acordo com a categoria “Juventude” e divididos em três diferentes temáticas.

Ao tratarmos de Juventudes temos de considerar as suas diferentes configurações, pois não existe apenas uma maneira de ser jovem e sua definição depende de fatores históricos e sociais, com isso ela não é definida de maneira homogênea ou estável. De acordo com Pais (1993), a juventude é uma categoria em que são tratados grupos de uma mesma faixa etária, mas apesar dessa semelhança, ela possui dois eixos semânticos distintos: o primeiro deles trata a juventude como unidade, ou seja, a juventude é uma fase da vida, enquanto que o outro está atento a diversidade, onde nele são tratados os diferentes atributos sociais que diferenciam os jovens.

A partir dessa primeira divisão da categoria de juventudes, Pais (1993) defendeu que para considerar a diversidade do conceito é preciso levar em consideração os acontecimentos históricos e os individuais. Com isso, “[...] a juventude não é, com efeito, socialmente homogênea. Na verdade, a juventude aparece socialmente dividida em função dos seus interesses, das suas origens sociais, das suas perspectivas e aspirações”. (PAIS, 1993, p. 33).

Com essas ponderações, o que o autor procurou demonstrar é que não há uma única maneira de ser jovem, pois ela não está embasada na unidade, mas sim na diversidade, e é essa diversidade sobre a juventude e os jovens do Brasil que identificamos no jornal.

Com isso, o *corpus* da categoria “Juventudes” foi dividido em três diferentes temáticas: a primeira divisão compreende a relação entre os jovens dos anos de 1960 e os de 1980, a outra trata sobre a relação dos jovens com a educação e a terceira se refere às dificuldades dos jovens no mercado de trabalho. No intuito de reconhecer as principais seções em que foram publicados os artigos sobre a categoria “Juventudes”, cabe observarmos a tabela a seguir.

Tabela 17 – As seções da categoria “Juventudes”

SEÇÃO	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988
Educação	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Entrevista	-	1	-	-	-	-	-	1	-	2	-
Jovem e seu meio	-	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-
Teologia da Juventude	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-
A palavra do Papa	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-
Ano do Jovem	-	-	-	-	-	-	-	9	-	-	-
O Jovem dos anos 80	-	-	-	-	-	-	-	-	7	-	-
Fórum de debates	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4
Juventude	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Sem seção definida	1	-	1	-	-	1	1	1	-	-	-

Fonte: Elaborada pela autora (2018).

Após análise da tabela com o levantamento estatístico das seções em que foram tratadas a categoria “Juventudes”, somos capazes de realizar algumas considerações no que se refere ao número de publicações e a periodicidade de algumas delas. Primeiramente, os anos de 1980, 1985 e 1986 são os que identificamos com o maior número de artigos sobre a categoria “Juventudes”. As publicações de 1980 se concentram na seção “Jovem e seu meio”, onde nela são tratados de temas como a relação do jovem com a escola, com o trabalho e os seus planos para o futuro, sendo essa seção resultado do entendimento dos editores da revista que a década de 1980 seria a década dos jovens.

As publicações dos anos de 1985 e 1986 retomaram a categoria “Juventudes” que estava esmorecida nas edições anteriores. Em 1985, encontramos publicações em todos os meses na seção “Ano do Jovem”, sendo que os temas dos artigos foram os mais variados, tratando desde a importância da educação e do trabalho para os jovens, passando pela necessidade de participação dos jovens na política e a relação entre os jovens latino-americanos e europeus. O número significativo de publicações sobre a juventude nas edições mensais do jornal, em 1985, já havia sido anunciada em novembro de 1984 no artigo “1985: o

ano do jovem. Enfim, construindo hoje o próximo século”. De acordo com a publicação, no ano de 1979, a Organização das Nações Unidas (ONU) escolheu o ano de 1985 como o Ano Internacional da Juventude e é devido a esse evento que as edições do jornal de 1985 e 1986 contaram com um reforço nas seções sobre a categoria “Juventudes” e publicações periódicas sobre o tema.

Figura 6 – População mundial de jovens (15 a 24 anos), de 1960 a 2000

População mundial jovem, de 1960 ao ano 2000.					
ANO	Pop. Mundial jovem	Pop. jovem do 3º Mundo	Pop. jovem do 1º Mundo	Jovens do 3º Mundo %	Jovens do 1º Mundo %
1960	574.000.000				
1980	857.000.000	665.000.000	192.000.000	77,6%	22,4%
2000	1.180.000.000	985.000.000	195.000.000	83,5%	16,5%

Fonte: Jornal Mundo Jovem. In: **Jornal Mundo Jovem**, Porto Alegre, ano XXII, n. 169, p. 11, nov. 1984.

A imagem acima foi apresentada no jornal Mundo Jovem em novembro de 1984 e demonstrou a diferença significativa de pessoas jovens nos países menos desenvolvidos - que naquele período eram chamados de “3º mundo” - e o decréscimo do número de jovens em países desenvolvidos - ou de “1º mundo”. A tabela demonstrou que o número de jovens no mundo mais do que dobraria num período de 40 anos, pois se estimava que nos anos de 1960 houvessem em torno de 574 milhões de jovens, e que no ano de 2000 haveria 1 bilhão e 180 milhões de jovens no mundo, a grande maioria deles em países pouco desenvolvidos. A faixa etária considerada para realizar esse levantamento foi dos 15 aos 24 anos, mas atualmente, o padrão de pesquisa internacional compreende entre os 15 e 29 anos de idade.

A partir desses dados, os editores da revista procuravam demonstrar a importância de dialogar sobre uma parcela importante da população mundial. Dentre os questionamentos propostos na publicação estava a proposição de que o aumento de jovens em países pobres agravaria problemas como desemprego, oportunidade de estudo, acesso a saúde, moradia, e nos países ricos, quem se responsabilizaria por manter o padrão de vida da população envelhecida.

Mas para entender esses questionamentos sobre os jovens da década de 1980 e os das próximas gerações, é preciso compreender de que maneira os jovens e as juventudes foram apresentados ao longo da segunda metade do século XX. De acordo com Abramo (1997), na

segunda metade do século XX era possível observar certo “medo”, pois o jovem problematiza o social e isso gera angústia nas demais gerações no que se refere a manutenção da ordem. Para tratar das mudanças provocadas na sociedade pelos jovens, a autora os divide em diferentes gerações.

Entre os anos de 1930 e 1970, o Brasil passou por um processo de modernização e industrialização, entretanto, essas mudanças não se restringiram a setores econômicos, elas também interferiram nos elementos sociais e culturais do país. E os jovens também participaram dessa mudança, pois procuraram combater as estruturas conservadoras, e por essa postura foram tratados como radicais. Os jovens dos anos de 1950, de acordo com Abramo (1997), são apresentados como “rebeldes sem causa” e predispostos a transgressão e a delinquência.

Conforme Abramo (1997), os jovens dos anos de 1960 e parte de 1970 apresentaram duas imagens distintas, que foram construídas a partir do contexto histórico, onde em um primeiro momento eles foram representados como aqueles que ameaçavam a ordem social vigente ao questionarem a política, a cultura e a moral. Os demais grupos temiam que eles mudariam o sistema ou não se integrariam a ele, e passariam a viver num outro contexto social. Mas, no final da década de 1970, e principalmente, na década de 1980, essa geração foi reelaborada de maneira positiva, passando a ser apresentada como “idealista, generosa, criativa, que ousou sonhar e se comprometer com a mudança social”. (ABRAMO, 1997, p. 31). Essa reconfiguração da juventude dos anos de 1960 como positiva foi identificada no trecho da entrevista concedida por Fernando Gabeira ao jornal Mundo Jovem, em agosto de 1987.

Nos anos 60, havia um caminho, uma vontade muito grande de mudar a sociedade. Hoje, nos anos 80, há uma modificação sutil nesse campo: nós sentimos que as pessoas mudam, mas querem mudar a partir de uma ligação com sua própria vida. [...] Eu sinto que existe uma grande desesperança no Brasil. As pessoas, depois que o exército dominou durante tanto tempo, estão começando a ser dominadas, também, por um exército mais sutil, que é o exército de pessoas que dizem que o Brasil não tem jeito, que não há possibilidades de mudar. (GABEIRA, ago. 1987, p. 12).

A partir da citação de Gabeira (1987) e das considerações de Abramo (1997), observamos que o ano de 1960 foi apresentado às gerações seguintes como o modelo ideal de juventude, em que as suas principais características compreenderam a rebeldia, o idealismo e a inovação. Com isso, os jovens dos anos de 1980 foram considerados o oposto da geração de 1960, estando expostos, como podemos observar na citação, como apáticos e desmobilizados, negando com isso o seu papel de fonte de mudança social. Entretanto, desde o ano de 1985,

definido como o “Ano do Jovem”, temos cada vez mais a presença dos jovens no jornal, tanto que no editorial de novembro de 1986 foram publicadas quatro cartas de estudantes da 8ª série, que hoje equivale ao nono ano do Ensino Fundamental, onde nelas, os estudantes se posicionaram sobre a importância do voto.

Votar é importante porque assim mostramos quem nós queremos no governo. Já estudei a história das Constituições brasileiras e vi que em todas elas, o brasileiro nunca teve uma chance de ‘votar realmente’, porque era quase que obrigado a votar em quem o governo queria, ou seja, nos grandes proprietários de terras, nos banqueiros, nos grandes donos do comércio. Agora sinto que chegou a hora de dizer basta para a corrupção desse capitalismo sujo que nos oprime. Chegou a hora de colocar como representantes aqueles que mais farão pela gente. Não aqueles que são conhecidos por todos, que tem dinheiro e poder, mas aqueles que não usam demagogia em suas palavras. Homens do povo e, como tal, sabem dos problemas que enfrentamos. Por isso, o meu voto é importante. Pode ser apenas mais um voto, mas que no final contará para que se faça justiça. (MUNDO JOVEM, EDITORIAL, nov. 1986, p. 4).

As cartas enviadas ao jornal pelos estudantes e que foram compiladas para a publicação no editorial de novembro de 1986, contradizem a defesa de que os jovens da década de 1980 eram apáticos e pouco participativos. Postura semelhante encontramos no artigo publicado no jornal em agosto de 1988, de autoria de Enedina Pierdoná, que procurava mobilizar esse jovem e retirá-lo da sua aparente apatia ao afirmar que “os jovens estudantes não podem ficar nessa de ter espírito de rebanho, de Maria-vai-com-as-outras. Ele precisa ter seu espaço próprio de decisão, de luta, espaço onde podem ser sujeitos da história de sua geração”. (PIERDONÁ, ago. 1988, p. 11).

Um dos pontos fundamentais na elaboração da categoria “Juventudes” compreendeu a análise da relação entre os jovens e a educação, principalmente no que se refere a Lei 5.692/71, que modificou a organização da educação e os seus objetivos. Dentro dessa perspectiva, a compreensão de José Machado Pais (1993) sobre as culturas juvenis é de grande relevância, pois não há uma compreensão única dos jovens, é preciso levar em consideração que eles são influenciados por diferentes fatores, dentre esses destacamos, na elaboração desta categoria, a sua relação com a educação e com o mercado de trabalho, por entendermos que esses dois segmentos da vida dos jovens se inter-relacionam.

Em seu livro “Culturas Juvenis”, Pais (1993) apresentou as diferentes correntes teóricas da sociologia da juventude e após as definições conceituais, o autor afirmou que não é possível definir uma homogeneidade entre jovens, e que segundo ele, é preciso levar em consideração as trajetórias individuais e subjetivas.

Por cultura juvenil, em sentido lato, pode entender-se o sistema de valores socialmente atribuídos a juventude (tomada como conjunto referido a uma fase de vida), isto é, valores a que aderirão jovens de diferentes meios e condições sociais. (PAIS, 1993, p. 54).

A partir da citação observamos que o entendimento do autor, no que se refere ao conceito de Culturas Juvenis, está relacionado ao significado que os jovens atribuem as suas ações e atividades cotidianas, que muitas vezes estão ligadas a relação dos mesmos com a educação e o trabalho. No artigo “Educação e Juventude”, publicado no jornal Mundo Jovem em junho de 1985, observamos o aumento das matrículas nos três níveis de ensino (Fundamental, Médio e Superior), sendo que o destaque do artigo era que o aumento das matrículas superava a porcentagem do aumento populacional. Entretanto, um dos dados destacados pela publicação compreendeu a manutenção das altas taxas de evasão, principalmente, nos primeiros anos escolares, durante o processo de alfabetização.

Ao avançarmos alguns anos nas publicações, chegamos à entrevista concedida por Armando Marocco ao jornal Mundo Jovem, em setembro de 1987. Nela, o então professor de Psicologia da UNISINOS, avaliou a realização humana, apontando que ela está intimamente ligada a orientação vocacional e profissional.

Os antigos cursos clássicos e científicos tinham valores bem definidos com base na tríplice realidade, com ênfase nos aspectos humanos, sociais e filosóficos. Era um trabalho bem-sucedido em termos de valorização da pessoa, seu desenvolvimento racional e afetivo, com sua inserção social. A escola sempre teve uma estrutura humana e técnica muito boa de orientação e desenvolvimento vocacional. A reforma de ensino de 1971 destruiu radicalmente esta base. De lá para cá houve nas escolas, uma boa vontade para instrumentalizar o aluno na escolha profissional, porém completamente dissociado do desenvolvimento vocacional do indivíduo. (MAROCCO, set. 1987, p. 3).

A proposição de Marocco demonstrou a importância da escola para a escolha vocacional e profissional dos jovens e o quanto a reforma educacional 5.692/71, ao propor a profissionalização dos jovens durante a realização do 2º grau, hoje Ensino Médio, os preparou para uma profissão, mas eliminou qualquer traço de vocação na realização da sua escolha. Ao tratarmos dos jovens, principalmente, do final da década de 1970 e da década de 1980, um dos fatores que colaboravam com a formação da sua identidade estava ligada ao mercado de trabalho.

Dayrell (2003), em seu artigo “O jovem como sujeito social”, analisou jovens ligados a grupos musicais, especificamente *rappers* e *funkeiros*, e a partir da análise da produção teórica sobre esses jovens, o autor identificou uma lacuna no que se refere a ausência das

pesquisas realizadas até aquele momento que se propusessem a compreender os sujeitos na sua totalidade. Nas entrevistas, ele demonstrou o distanciamento entre a escola e o fazer profissional desses jovens, pois o trabalho não contribuiu no processo de humanização dos mesmos que vivem de “bicos” em paralelo com as suas atividades musicais, e a escola está distante dos interesses e necessidades deles.

No jornal *Mundo Jovem* apesar de identificarmos a proposição de uma relação entre a escola e o mercado de trabalho, também há uma crítica ao fato de que os jovens não dispõem de vagas de trabalho formais. Além disso, no artigo “O dilema do ingresso no mundo do trabalho”, de autoria de Maria Luiza Flores Cruz e Simone Paulon, observamos uma crítica a orientação vocacional pautada, exclusivamente, no meio universitário; para tanto elas defenderam uma dimensão social do trabalho. Em outros artigos, que trataram sobre o jovem e o mercado de trabalho, foram mencionadas as altas taxas de desemprego, os empregos não formais e outros problemas entre os jovens. José Lino Hack (1985, p. 6), em artigo publicado no jornal, ressalta que “desemprego, baixo salário e analfabetismo são as doenças que matam aos pouquinhos a esperança dos jovens”.

Ao compararmos os jovens/juventudes da década de 1960 com os da década de 1980, a geração mais nova foi apresentada pela publicação como desmobilizados, sendo que essa abordagem estava de acordo com a divisão proposta por Helena Wendel Abramo. A entrevista de Fernando Gabeira ao jornal reforçou esse pensamento de comparação entre as gerações, pois a geração da década de 1960 vislumbrava mudanças políticas, culturais e morais, entretanto, é preciso levar em consideração o contexto que era de Ditadura Militar na maioria dos países da América Latina. Gabeira não negou o papel de propulsor de mudança dos jovens/juventudes dos anos de 1980, afirmando que eles buscavam mudança, mas que elas precisavam ter ligação direta com a vida desses jovens.

Com isso, apontamos que a geração do final da década de 1970 e da década de 1980 não foi uma geração desmobilizada, haja vista movimentos como a redemocratização do Brasil e as Diretas Já, que contou com o apoio maciço dos movimentos estudantis. Portanto, o que temos na referida geração é uma compreensão distinta sobre o que era preciso mudar, algo que tivesse relação direta com a vida desses jovens.

Ao tratarmos da relação entre a educação e o trabalho, é preciso mencionar que eles são muito próximos na abordagem do jornal, principalmente quando se trata do jovem/juventudes. No artigo que tratou sobre o aumento do número de matrículas nos três níveis de ensino, a publicação não se restringiu aos números positivos, mas questionou a

permanência dos jovens na escola. De acordo com Gabeira (1987), aumentaram os números de matrícula, mas as escolas da década de 1980 ainda não atenderam à demanda dos jovens.

Em outro artigo, duas psicólogas afirmaram que esses jovens buscavam uma orientação vocacional nas escolas que ultrapassasse o meio acadêmico e tratasse dos elementos sociais do trabalho, enfim, era uma geração que sofria com o desemprego e as poucas vagas de trabalho formal, mas que não aceitava as mesmas soluções que foram empregadas para gerações anteriores, que provocaram mudanças e que também se adequaram as normas de conduta social.

4 A MEDIAÇÃO DO JORNAL MUNDO JOVEM NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOS DOCENTES E DISCENTE

Neste capítulo realizamos uma discussão teórica e apontamentos metodológicos indicando o caminho que será percorrido na realização da última etapa da pesquisa, que consiste nas entrevistas com três professores e uma estudante que utilizavam o jornal Mundo Jovem entre os anos de 1978 e 1988.

Após a análise das publicações do jornal Mundo Jovem, e num segundo momento do percurso metodológico, iremos realizar entrevistas com os nossos sujeitos de pesquisa, no intuito de promover a circularidade das informações, e assim, atribuir significado as pesquisas realizadas no jornal Mundo Jovem. Nesse sentido, ao entrevistarmos nossos sujeitos estaremos lidando diretamente com as suas memórias e também seus esquecimentos no que se refere à mediação dos impressos católicos em suas práticas educativas e na sua formação. Por isso, a importância desses conceitos e do nosso entendimento de que as narrativas são construídas entre o lembrar e o esquecer, sendo que cabe aos pesquisadores reconhecerem essa linha tênue a fim de enriquecer suas análises e não apenas reproduzir a memória de seus sujeitos de pesquisa. Com isso, ao retomarmos a relação entre memória e esquecimento, novamente nos questionamos: De que maneira poderemos romper com os esquecimentos e acessar essa lembrança sobre as práticas escolares, no momento que a pesquisa realizada exige uma memória de 42 a até 32 anos atrás?

O conceito de memória pode ser definido como a capacidade de adquirir e armazenar informações através de experiências ouvidas e ou vividas. Nesse sentido, a memória pode ser definida como uma construção individual realizada a partir de referências culturais coletivas, ou seja, através de episódios sociais é definida a memória do evento, sendo que cabe a cada um significar essa memória.

Apesar de memória ser um conceito que permeia nossas relações sociais e compreensão sobre a sociedade, tanto a passada quanto a presente, muitas vezes encontramos dificuldade em aplicar esse conceito em nossas pesquisas por ele transmitir uma sensação de que é algo questionável. Alguns autores produziram estudos no intuito de suprir as dificuldades encontradas quando utilizamos esse conceito em nossas pesquisas, principalmente no que se refere ao momento em que analisamos os relatos dos nossos sujeitos de pesquisa.

Na elaboração desta reflexão teórica, no quarto capítulo pretendemos destacar a relevância do conceito de memória para a realização desta pesquisa e ao tratarmos desse

conceito é preciso nos apropriarmos de algumas contribuições de Paul Ricoeur sobre o termo, principalmente em sua obra “A Memória, a História, o Esquecimento”⁹⁶. Anteriormente, mencionamos o esforço de alguns pesquisadores ao tentar superar a compreensão da memória como imaginação. Ricoeur (2007) demonstra que a associação entre memória e imaginação leva a desvalorização da memória, por isso é preciso estabelecer as diferenças entre elas. De acordo com o autor, a imaginação é irreal e a memória é a coisa lembrada e para tratar da memória, Ricoeur elaborou duas perguntas sobre esse conceito “De que há lembrança?” e “De quem é a memória?”⁹⁷

Após essa breve consideração sobre o conceito de memória, cabe apresentarmos a divisão dessa reflexão teórica. Primeiramente, trataremos sobre o conceito de memória, depois analisaremos a compreensão sobre memória e esquecimento e num terceiro momento, aplicaremos a formulação dos conceitos na construção metodológica que será empregada na segunda etapa da pesquisa, quando realizarmos as entrevistas semi-estruturadas com os professores e estudante que utilizavam o jornal Mundo Jovem como apoio didático para elaborar e ministrar aulas, entre os anos de 1978 e 1988, ou seja, há respectivamente 42 e 32 anos atrás.

4.1 DEFINIÇÃO DO CONCEITO DE MEMÓRIA, MEMÓRIA E ESQUECIMENTO

As publicações da década de 1990 que tratavam sobre o conceito de memória estavam embasadas no livro “História e Memória”, de autoria de Jacques Le Goff (2003). Nele, o autor apresentou a sua definição sobre o conceito de memória coletiva, salientando que houve uma mudança na memória depois do aparecimento da escrita, pois ela permitiu registrar, memorizar, reordenar, entre outras ações.

Segundo Le Goff (2003), entre os gregos, mesmo com a escrita, havia o estímulo para os exercícios de memorização, ocorrendo o mesmo na Idade Média, com o predomínio da Igreja Católica e suas liturgias. Nessas sociedades o que valia era a memória oral, sendo que a

⁹⁶ Nas advertências da obra encontra-se a seguinte prerrogativa: O livro é uma retomada dos livros Tempo e Narrativa e O si mesmo como um outro, entretanto no livro “A Memória, a História, o Esquecimento” o autor pretende discutir memória e esquecimento, em níveis intermediários entre Tempo e Narrativa. Neste texto, não analisaremos com afincos a compreensão do conceito de Tempo, mesmo reconhecendo que ele é fundamental para o entendimento de Memória e Esquecimento. Mas, Leonor Arfuch (p. 105) define o conceito de Terceiro Tempo proposto por Paul Ricoeur da seguinte maneira: “Não é o que foi vivido (*Poiésis*), nem o que somos capazes de lembrar (*Mimésis* - cópia do real), mas é um tempo ressignificado a partir da elaboração do relato/trama.

⁹⁷ Nos primeiros quatro estudos de seu livro “O si mesmo como um outro”, Ricoeur estuda algumas questões semânticas que reaparecem na obra “A Memória, a História, o Esquecimento”, enfim compreende a questão “Quem?” a partir do “o quê?” e por quê?”.

escrita servia para estender essa memória por muito mais tempo. Apesar do autor considerar que o surgimento da imprensa foi uma importante ferramenta para a mudança na memória coletiva, ele defende que a maior mudança ocorreu no século XX com a inserção da memória eletrônica. Através da significação do conceito de memória ao longo da História, Le Goff (2003) procurou demonstrar a relevância do conceito de memória coletiva.

Enquanto Le Goff (2003) estava preocupado com a elaboração da memória coletiva, na outra via encontra-se Paul Ricoeur que estava atento a uma articulação entre a memória coletiva e a memória individual⁹⁸. Dentro desta perspectiva de memória individual, Ricoeur apresentou três marcas da memória, são elas: 1) marca interna – inscrição na alma; 2) marca externa – discursos escritos; 3) impressão corporal, cerebral, cortical, que muitas vezes interessa a Neurociências. Para tratar da primeira marca da memória temos a concepção de Aristóteles, em que temos uma distinção entre *mnēmē* (memória/lembrança) e *anamnēsis* (consiste numa busca ativa para recordar/rememorar), e sobre esses dois conceitos, Ricoeur afirmou que eles fazem parte de uma fenomenologia da memória, entre o lembrar e o esforço de recordar.

Em contrapartida, a segunda marca da memória se refere a memória-hábito, em que uma lição é decorada, por isso ela é vivida mais do que representada. Nessa perspectiva encontra-se a definição de *Arsmemoriae*, em que no exercício da memória predomina a memorização e não a rememoração de acontecimentos singulares do passado. Por fim, temos a terceira marca da memória, a impressão corporal. Portanto, no que se refere a memória corporal é necessário apontar que ela é povoada de lembranças, e ainda, inserido nessa perspectiva, temos as memórias dos lugares ou os lugares de memória, em que as coisas lembradas são associadas a lugares e eles funcionam como indícios de recordação.

No que se refere as três marcas da memória, cabe mencionarmos que duas delas estão ligadas a memória natural, enquanto que a outra está ligada a uma memória artificial. Nesse sentido, de memória exercitada, dois conceitos são fundamentais: a rememoração e a memorização.

Enquanto que rememoração pode ser explicada como o retorno a consciência despertada a partir de um acontecimento reconhecido, a memorização pode ser definida como a capacidade de recitar uma lição decorada, em que se desenvolve a habilidade para tornar algo físico. A memorização era empregada desde a História Antiga, em que o recitar era um suporte para recordar, perpassando até a Idade Média, onde era entendida como um culto a

⁹⁸ A partir da compreensão de Halbwachs, Paul Ricoeur afirma que o sentimento de unidade do eu é oriundo desse pensamento coletivo, em que a memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva.

ordem e ao exercício metódico. E é na Idade Média que essa memorização se tornou um discurso escrito.

Na outra margem temos a memória natural, aquela que pode ser acessada, sendo que Ricoeur dividiu esse tipo de memória em três grupos: a memória impedida, a manipulada e a obrigada. A primeira está relacionada a uma categoria clínica, que é emprestada da psicanálise, enquanto que a memória obrigada se encontra no nível ético e/ou político, sendo esta apresentada como busca da verdade, a lembrança de como aconteceu. O autor sinalizou o perigo sobre a relação entre o dever de memória com a ideia de justiça e a partir dessa compreensão ele afirma que “o dever de memória não se limita a guardar o rastro material, escrito ou outro dos fatos acabados, mas entretém o sentimento de dever a outros [...]”. (RICOEUR, 2007, p. 101).

A memória manipulada foi apresentada por Ricoeur (2007) como uma das possibilidades de memória natural, sendo que cabe a ela promover a relação entre memória e esquecimento. Ao narrar sobre um determinado episódio identificamos tanto esquecimento quanto rememoração. No que se refere a esquecimento, Ricoeur (2007) o apresentou como o desafio por excelência e é elaborado no oposto da ambição da confiabilidade da memória.

Na terceira parte do livro “A Memória, a História, o Esquecimento”, Ricoeur (2007) apresentou o conceito de esquecimento e perdão, afirmando que ambos orientaram a pesquisa, sendo que o esquecimento está ligado a memória e a fidelidade do passado, enquanto que o perdão relaciona-se com a culpa e a reconciliação do passado. Mas o conceito que interessa a pesquisa que estamos realizando é o de esquecimento, que é indissociável do conceito de memória. De acordo com Ricoeur (2007), existem dois tipos de esquecimento, o apagamento de rastros e o de reserva⁹⁹, pois para ele, o esquecimento não significa que as lembranças foram apagadas, apenas se tornaram inacessíveis a uma busca pela memória do episódio.

No início dessa reflexão teórica tratamos da dificuldade de utilizar o conceito de memória para analisarmos os relatos dos nossos sujeitos de pesquisa, para tanto acreditamos que a solução encontrada para esse obstáculo compreende os conceitos de memória e esquecimento. Em nossa cultura ocidental, a construção dialética faz com que tomemos a oposição como uma explicação plausível para nossas práticas cotidianas, numa espécie de lógica dos contrários. Assim ocorre com os conceitos de memória e esquecimento, pois só atingimos seu real significado quando compreendemos que eles se complementam.

⁹⁹ O esquecimento de reserva está associado a outro conceito, o de reconhecimento. Sobre essa formulação conceitual Ricoeur afirma que a imagem presente é fiel a primeira, ou seja, essa lembrança não foi esquecida mas deixada de “reserva”, e portanto pode ser acessado num momento mais oportuno. Essa perspectiva de esquecimento de reserva retoma Tucídides e a sua compreensão de “conhecimento adquirido para sempre”.

Gagnebin (2006, p. 44) ao tratar sobre o conceito de memória ponderou que “a memória vive essa tensão entre a presença e a ausência”, ou seja, a memória é lembrança, mas também esquecimento e é o nosso papel de pesquisador identificar o que foi eleito para ser memória e o que se convencionou a ser “esquecido”. Ainda sobre a relação entre memória e esquecimento, cabe apresentarmos a autora Jacy Alves Seixas (2003), que afirmou a indissociabilidade entre memória e esquecimento¹⁰⁰, apontando que lembrar/esquecer está incorporada às características psíquicas e sociais dos grupos humanos. Assim, a autora pontuou que podemos interrogar a memória através de sua ausência/esquecimento, apresentando com isso, a memória como algo que não é natural, mas que é construída através do lembrar e esquecer.

Ao tratar do esquecimento, enquanto apagamento de rastros, Ricoeur (2007) recorreu a neurociências e explica esse processo através da centralidade do cérebro. Portanto, o esquecimento na perspectiva da neurociência é uma distorção da memória e a infelicidade está relacionada ao esquecimento, enquanto apagamento de rastros. Com isso, o autor apontou a possibilidade da neurociência de investigar como acessar a esses rastros, quais são os disparadores para a lembrança. Ao relacionarmos essa proposição de Ricoeur (2007) à pesquisa que estamos realizando, elaboramos o seguinte questionamento: De que maneira poderemos romper com os esquecimentos e acessar essa lembrança sobre as práticas escolares, no momento que tese que estamos desenvolvendo exige uma memória de 42 ou 32 anos atrás?

Ao elaborarmos o conceito de memória e esquecimento, acreditamos que é relevante retomar a narrativa do famigerado conto de Jorge Luis Borges, *Funesel memorioso*. No conto, escrito em 1944, o personagem central Ireneo Funes, sofre um acidente que torna o seu corpo inerte, a queda de um cavalo o deixou paraplégico. A queda faz com que ele se torne capaz de recordar de tudo que aconteceu, sem exceção, mas essa sua capacidade de lembrar-se de tudo causa algumas contrariedades em seu narrador, primeiramente pela possibilidade de Funes jamais esquecer aquela conversa, com isso os gestos e palavras daquela noite perdurariam para sempre. Com isso, Jorge Luis Borges passou a questionar essas memórias de Ireneo ao afirmar: “Suspeito, contudo que não fosse muito capaz de pensar. Pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair”. (BORGES, 1999, p. 108)

¹⁰⁰ Sobre o esquecimento, Seixas (2003, p. 170) afirma que “trata-se de um esquecimento em grande medida ‘administrado’, gerido politicamente e que se vale de mecanismos conscientes e inconscientes para se repor e perpetuar”. Assim, a autora coloca que a memória supõe usos e práticas, sendo que o mesmo ocorre com o esquecimento, ou seja, o esquecimento, assim como a memória, também precisa ser exercitado, pois ele ocorre quando uma memória é eleita e reafirmada. E, por isso, segundo ela, cabe aos vestígios impedirem o esquecimento definitivo, ao entender que esses “rastros” permitem, apenas, o esquecimento reversível.

O valor do conto para o entendimento do conceito de memória e esquecimento se deve a importância que Borges atribui ao recordar, mas também ao esquecer, pois ao rememorar um determinado evento, o narrador assume uma dupla função: narrar a si mesmo e ao outro sem o qual não é possível a existência de si. E é partir dessa perspectiva entre o si e o outro que passamos para a última parte dessa reflexão teórica, em que iremos apresentar a aplicação dos conceitos analisados até o momento na pesquisa, além de propor um percurso metodológico próprio para analisar as entrevistas semi-estruturadas.

4.2 APLICAÇÃO DOS CONCEITOS DE MEMÓRIA E ESQUECIMENTO NA PESQUISA

O conceito de memória é fundamental para a pesquisa desenvolvida, pois a Tese ao analisar os impressos católicos pretende ouvir alguns professores e estudante da Educação Básica (sujeitos de pesquisa) sobre a relevância dessas publicações na sua formação e em suas práticas escolares. Primeiramente, esse conceito é relevante por se tratar de um trabalho que pretende analisar publicações do jornal Mundo Jovem entre os anos de 1978 e 1988, o que insere essa pesquisa na área da História da Educação, em que o conceito de memória é sempre relevante.

No percurso metodológico é preciso que o pesquisador esteja munido dos melhores métodos e técnicas para colaborar com a compreensão e na busca pela resposta aos problemas de pesquisa. Ao compreendermos essa atribuição da metodologia, optamos por desenvolver um percurso metodológico relacionado a Análise de Conteúdo para realizar o estudo das entrevistas, e com isso, evitar que elas sejam dissociadas do seu contexto histórico-social. Na primeira etapa da pesquisa, que compreendeu a análise e categorização do jornal Mundo Jovem entre os anos de 1978 e 1988, utilizamos a Análise de Conteúdo, que pode ser descrita como:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 2004, p. 44).

A adesão dessa metodologia, também para a análise das entrevistas, se deve ao fato dessa técnica propor a análise do que é explícito do texto, em que a partir das categorias é possível realizar as inferências. As entrevistas realizadas utilizaram a técnica semi-estruturada por dois motivos: primeiramente, por já termos estabelecidos as categorias de análise a partir

da análise do jornal Mundo Jovem, entre os anos de 1978 e 1988, e por termos conhecimento prévio do que pretendíamos analisar, pois acreditamos que a entrevista semi-estruturada cumpre com os objetivos da pesquisa.

Assim como Amado (2000), algumas das questões que surgiram diante da análise das entrevistas compreendem a que nível de interpretações deve chegar a análise. “Para o investigador, a análise nunca está acabada, suficientemente completa.” (AMADO, 2000, p. 60). Com isso, partimos das categorias estabelecidas na análise das publicações do jornal, no intuito de promover uma circularidade entre as informações, o jornal Mundo Jovem e as entrevistas com os professores e as estudantes.

O processo de formação das categorias, que já foi descrito na introdução, seguiu as etapas descritas por Bardin (2004), desde a delimitação do *corpus*, no caso o jornal Mundo Jovem, a definição das categorias e as inferências. A categorização se deu em função dos temas mais recorrentes no jornal, que estavam adequados a temática e também as hipóteses que esta pesquisa se propôs. Portanto, não serve de modelo para outras pesquisas, pois cada tema de estudo possui as suas peculiaridades.

A referida pesquisa desenvolveu-se com quatro sujeitos, sendo eles três professores da Educação Básica entre os anos de 1978 e 1988, que atuavam em diferentes regiões do Estado do Rio Grande do Sul, e uma estudante que teve sua formação escolar embasada nas leituras do jornal Mundo Jovem. O acesso aos sujeitos de pesquisa foi realizado mediante contato digital, haja vista que as entrevistas foram realizadas durante o isolamento social devido a pandemia de COVID-19, que colocou a população com mais de 60 anos, no caso grande parte dos sujeitos de pesquisa desse trabalho, em atenção por se configurarem como grupo de risco.

No intuito de acessar as lembranças dos nossos entrevistados, pois vivemos experiências sensíveis que são (re)significadas em cada sujeito, onde cada um atribuiu significado ao que foi vivido, pretendíamos enviar a cada um dos entrevistados uma caixa contendo alguns artigos do jornal Mundo Jovem, e impressos num formato semelhante ao jornal nas décadas de 1970 e 1980. Entretanto, o cenário de pandemia de COVID-19, no ano de 2020, inviabilizou essa estratégia, pois foi preciso realizar as entrevistas por meio digital.

O critério para selecionar os sujeitos da pesquisa consistiu em ser professor da Educação Básica, que estivesse em regência de classe entre os anos de 1978 e 1988 e que utilizasse o jornal Mundo Jovem como material de apoio pedagógico. Dentre os professores, tomamos o cuidado de selecionar um professor de cada região do Estado do Rio Grande do Sul e para tanto, utilizamos como parâmetro a divisão geográfica do Estado, que o divide nas regiões Centro-oeste, Centro-Leste, Noroeste, Nordeste, Região Metropolitana de Porto

Alegre, Região Sudeste e Região Sudoeste. Dentro desse cenário, seria necessário realizar sete entrevistas, entretanto consideramos a viabilidade de condensar algumas regiões haja vista a dificuldade que vislumbrávamos de realizar tantas entrevistas durante o isolamento promovido pela pandemia de COVID-19. Nesse sentido, condensamos as regiões Centro-Oeste e Centro-Leste, na Região Central; as regiões Sudoeste e Sudeste foram traduzidas para região Sul; as regiões Noroeste e Nordeste se tornaram a região Norte; e mantivemos a região Metropolitana de Porto Alegre.

Com a reorganização das regiões, havia a necessidade de realizar quatro entrevistas com os professores da Educação Básica, que utilizavam o jornal Mundo Jovem em sala de aula entre os anos de 1978 e 1988. Entretanto, as limitações do momento atípico que estamos vivenciando inviabilizou a entrevista com um docente da região Metropolitana de Porto Alegre, sendo realizada mais de uma tentativa de contato com o(a) professor(a) que havia aceitado colaborar com a pesquisa, mas não conseguimos uma devolutiva das tentativa de agendar a entrevista.

Em relação aos estudantes, o critério utilizado se refere à utilização do jornal Mundo Jovem pelos mesmos tanto em sala de aula quanto em grupos de jovens, entre os anos de 1978 e 1988. A estudante entrevistada também optou pela carreira docente e foi indicada por um dos entrevistados.

Os entrevistados são de ambos os sexos e para citá-los foi preciso escolher nomes fictícios, com isso os nomes escolhidos foram: Pedro, Pérola, Esmeralda e Ágata. No intuito de promover a visualização dos sujeitos de pesquisa entrevistados, foi organizada uma tabela com nome (fictício), formação acadêmica, região do Estado do Rio Grande do Sul, tempo de atuação na Educação Básica.

Tabela 18 – Dados dos entrevistados

Nome	Formação Acadêmica	Região do Estado do Rio Grande do Sul	Docente ou discente
PEDRO	Filosofia (1976) e Teologia (não concluiu)	Central – Restinga Seca	Docente
PÉROLA	Língua Portuguesa e Literatura Portuguesa (1979)	Norte – Augusto Pestana	Docente
ESMERALDA	Filosofia (1971) e Medicina Veterinária (1981)	Sul – Bagé	Docente
ÁGATA	Língua Portuguesa e Literatura Portuguesa (1989)	Norte – Augusto Pestana	Discente

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

4.3 SUJEITOS E SUAS TRAJETÓRIAS FORMATIVAS

Ao iniciar o processo das entrevistas tínhamos uma ideia parcial do roteiro a ser seguido e que para entender a utilização do jornal Mundo Jovem pelos professores e estudante, entre os anos de 1978 e 1988, seria preciso conhecer o caminho percorrido, encontros e desencontros de cada um dos entrevistados. Ao analisar cada uma das particularidades das histórias de vida, das narrativas que se cruzam e das emoções ao reviver alguns momentos, foi possível conhecer a personalidade de cada um dos entrevistados e entender que cada narração é única e singular. Essa compreensão nos fez organizar a análise das entrevistas descrevendo individualmente as falas dos professores e estudante.

4.3.1 Pedro: “O jornal Mundo Jovem apresentava uma linha formativa bastante arrojada e de conteúdo crítico”

Pedro foi o único homem a ser entrevistado, os demais sujeitos de pesquisa foram todas mulheres. Mas diferentemente do que costumamos supor da narrativa realizada pelos homens, ele foi bastante minucioso, o que é próprio do entrevistado. Ao descrever sobre a sua formação, ele iniciou sua narrativa relatando que é filho de agricultores e que nasceu numa pequena comunidade na região norte do Estado do Rio Grande do Sul, sendo que residiu com os pais até os 14 anos de idade e enquanto morou com eles, colaborava no trabalho da lavoura. Após concluir o primário, que hoje compreende ao ensino de 1º a 5º ano, foi preciso deixar a sua casa, pais e irmãos, para dar continuidade nos estudos. Realizou o exame de admissão e se mudou para o município de Nova Prata para estudar no Seminário São José, onde cursou o primeiro ano ginásial, ou seja, o que corresponderia hoje ao 6º ano. Após foi residir no município de Frederico Westphalen para continuar os estudos, no ginásio público estadual, onde permaneceu até concluir essa etapa de ensino.

Apesar de ter realizado o Ginásio numa escola pública, o entrevistado residia no Seminário da Diocese de Frederico Westphalen. Nesse momento da entrevista, ele inicia as tratativas sobre a sua aproximação com o jornal Mundo Jovem ao afirmar que:

Apesar de residir no Seminário, tive uma formação bastante liberal, permitindo uma boa convivência com a comunidade, o que modifica, em muito, a ideia de Seminário, tanto que a sua denominação era Colégio Vocacional da Diocese de Frederico Westphalen. Naquele período, tínhamos como orientadores dois padres, que muito colaboraram com a minha formação. Eles eram oriundos de Viamão, com formação pré e pós Concílio Vaticano II, do núcleo onde se editava o jornal Mundo Jovem. Eles tinham uma apurada compreensão da conjuntura sócio-político-cultural. (PEDRO).

A partir da afirmação de Pedro, ele procura demonstrar que desde a sua formação na Educação Básica já tinha contato com membros da Igreja Católica que estavam relacionados com a criação do jornal Mundo Jovem. Realizou o Ensino Médio, que na época chamava-se científico e viveu numa modalidade de internato, onde nesse local residiam em torno de 50 adolescentes e pré-adolescentes. Desse período, ele destaca o seu envolvimento no movimento estudantil, o que era bastante restrito devido à conjuntura política do país no final da década de 1970. Em 1972, Pedro deixou a diocese de Frederico Westphalen e se transferiu para o Seminário Maior dos Palotinos, no município de Santa Maria. E entre os anos de 1972 e 1976 cursou Filosofia na UFSM.

A trajetória acadêmica de Pedro é permeada por sua participação em movimentos da Igreja Católica, destacando as atividades ligadas à pastoral e aos trabalhos catequéticos nos grupos de famílias. Ressalta que ao realizarem essas atividades, os estudantes que residiam no Seminário pretendiam não se diferenciar de nenhum outro trabalhador e/ou estudante. Pedro também relatou que participou ativamente dos movimentos universitários no início da década de 1970, quando foi criado o Movimento Universitário de Santa Maria (MUSM), cuja coordenação estava sob a responsabilidade dos padres palotinos de Santa Maria e algumas lideranças estudantis.

Ele concluiu o curso de Filosofia em 1976, e no mesmo ano, iniciou suas atividades docentes. Cursava Teologia e ao mesmo tempo ministrava as disciplinas de Filosofia, Ensino Religioso e Relações Humanas para o ginásio, que hoje corresponde aos anos finais do Ensino Fundamental. No ano de 1978, quando já atuava como docente, Pedro iniciou o mestrado em Filosofia, na UFSM. Nessa passagem da sua narrativa, a sua história pessoal é permeada pelo momento histórico pelo qual passava o Brasil.

Realizei todos os créditos exigidos, entretanto, não pude concluir a pesquisa, pois a Universidade Federal de Santa Maria não autorizou o desenvolvimento da dita pesquisa. Por quê?, apesar do ano de 1979 estar envolto numa atmosfera sócio-política reivindicatória, a abertura política e clamor pela democracia. Meu tema de pesquisa era em torno da Pedagogia Libertadora apregoada por Paulo Freire. E naquele momento o presidente Figueiredo ainda não havia sancionado a Lei da Anistia. Apesar dos esforços do meu professor orientador junto à comissão da pós-graduação, não foi possível convencê-los da importância da temática a ser

pesquisada. Naquele período, como já estava trabalhando como professor ligado ao magistério estadual, optei por dedicar-me ao Ensino Médio e até hoje, não me arrependo por ter tomado essa decisão. (PEDRO)

O relato de Pedro apontou como a Ditadura Civil-militar implantada no país teve influência em sua vida, referindo também a sua participação nos movimentos grevistas do magistério do Estado do Rio Grande do Sul, a partir da greve organizada pelos docentes no final de década de 1970. De acordo com ele, em 1979, o país “vivia uma tensão e um anseio social pela democracia”. No seu relato, a cada greve, mais força os docentes adquiriam, e em contrapartida, maiores são os ganhos nas suas reivindicações.

Entre os anos de 1978 e 1995, Pedro foi professor de Filosofia e Psicologia numa escola de 2º grau, hoje Ensino Médio, na região central do Estado do Rio Grande do Sul. Continuando na sua trajetória profissional, entre os anos de 1995 e 1999 ocupou o cargo de diretor na mesma escola em que atuava como professor. E em 2003, retornou para sala de aula, na mesma escola em que anos anteriores, havia sido diretor e lá permaneceu até o ano de 2010, quando se aposentou do Magistério Público Estadual.

4.3.2 Pérola: “O jornal era muito explorado, utilizado mesmo em sala de aula”

Pérola foi a professora da região norte do Estado do Rio Grande do Sul que aceitou participar da pesquisa. Ela, assim como os demais professores entrevistados mencionou a dificuldade em recordar de alguns fatos, mas a sua narrativa é precisa e atende aos questionamentos apresentados no roteiro do estudo. Pérola realizou sua graduação em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira na Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado (FIDENE), que hoje corresponde a Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI), concluindo o Curso no ano de 1979.

No ano de 1976, Pérola iniciou na docência, segundo ela, logo após concluir as disciplinas básicas na FIDENE. Sua primeira experiência em sala de aula foi na rede municipal de Augusto Pestana, no qual no ano de 1978, realizou o concurso do magistério estadual do Rio Grande do Sul e foi nomeada para o mesmo município. Pérola era muito determinada e no começo da sua carreira docente foi preciso muito esforço para cumprir com as suas obrigações de trabalho e estudo.

No ano de 1976, quando comecei a trabalhar como docente na rede municipal, também realizei o estágio de normalista. No turno da manhã, trabalhava numa escola rural no município de Augusto Pestana, no turno da tarde, realizava o estágio do curso Normal em Ijuí e no turno da noite, realizava as disciplinas da graduação na FIDENE. Ou seja, trabalhava, estagiava e estudava ao mesmo tempo. (PÉROLA).

Pérola relata que após concluir as disciplinas básicas para atuar em sala de aula, optou pela habilitação em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Devido a sua jornada de trabalho, ela concluiu a graduação por meio do Curso de férias oferecido pela FIDENE e sobre isso, afirma que era um Curso sério e que os acadêmicos possuíam um roteiro de leituras e trabalhos para serem realizados ao longo do ano. Quando retornavam para as aulas presenciais, os trabalhos eram apresentados e eles recebiam novas orientações para o desenvolvimento das atividades, leituras e trabalhos para o próximo ano.

No ano de 1979, Pérola iniciou na docência do 2º grau, hoje Ensino Médio e é nesse momento que ela passou a utilizar o jornal, que conheceu na graduação, como apoio pedagógico para a disciplina que ministrava. No ano de 2006, Pérola se aposentou do magistério, entretanto continua atenta aos caminhos percorridos pela educação no país.

4.3.3 Esmeralda: “Era um jornal que nos mostrava uma realidade que não víamos em outros meios de comunicação”

Esmeralda inicia sua narrativa se desculpando pelos lapsos de memória, que segundo ela, a impedem de ser objetiva. Apesar de se justificar, seu relato foi breve e atento ao roteiro das perguntas que havia sido encaminhado previamente, ou seja, longe de fugir da objetividade, sua narrativa é precisa. Ela inicia relatando que se formou em duas graduações, sendo a primeira formação em Filosofia no ano de 1971, e a segunda em Medicina Veterinária, em 1981, realizando os dois cursos na mesma instituição de ensino superior, a FUNBA¹⁰¹. Em ambas as formações, Esmeralda trabalhou como docente nos dois níveis de ensino, Educação Básica e Ensino Superior.

Antes de concluir a sua graduação em Filosofia, Esmeralda já havia sido contratada para lecionar numa escola estadual no município de Bagé, onde residia e cursava Filosofia. Sua primeira experiência na docência foi no ano de 1969, onde nesse período coordenava

¹⁰¹ A Fundação Universidade de Bagé (FUNBA) foi criada em 13 de janeiro de 1969, por Áttila Taborda. A sua criação é resultado da unificação dos cursos superiores da Faculdade Católica de Filosofia, Ciências e Letras, Faculdade de Ciências Econômicas, Faculdade de Belas Artes e da Faculdade de Direito. Apenas vinte anos depois, em 1989, é que a instituição recebe a nomenclatura que é reconhecida até o presente, Universidade da Região da Campanha (URCAMP).

estágios, relatando que a educação pedia, pois havia poucos professores formados e aptos para atuar na Educação Básica, que naquele período correspondia ao ginásio e científico.

No intuito de minimizar os efeitos provocados pelo reduzido número de professores formados, principalmente no interior do Estado do Rio Grande do Sul, Esmeralda relatou a estratégia utilizada pelo reitor da FUnBA, o senhor Áttila Taborda, que criou na instituição a “frequência reduzida”, que consistia na obrigatoriedade da presença dos estudantes dos Cursos de licenciatura apenas nas provas bimestrais e exames. Apesar dessa modalidade ser oferecida a todos os estudantes que cursavam licenciatura, Esmeralda optou por frequentar as aulas.

Em 1972, um ano após se formar no curso de Filosofia, Esmeralda teve que parar de lecionar, pois seu esposo tinha sido transferido para o município de Santa Maria e só havia vaga como docente do magistério estadual no município de Júlio de Castilhos. Com isso, se tornou inviável continuar trabalhando, ainda mais tendo três filhas com apenas um ano de diferença entre elas. E nos cinco anos seguintes, ou seja, entre 1972 e 1977, Esmeralda se dedicou a família e sobre esses anos, ela relata que foram anos difíceis, pois o país vivia um momento de cerceamento pela Ditadura.

No ano de 1977, com as filhas maiores, Esmeralda retomou aos estudos. Prestou concurso para o Estado, na sua área de formação, Filosofia, bem como vestibular para o Curso de Medicina Veterinária, na UFSM, o qual concluiu na FUnBA, em 1981. Esmeralda relatou que foi nomeada para o magistério estadual no ano de 1980, e nesse período, ela e a família já residiam novamente em Bagé, retomando os trabalhos com a docência no 13º Departamento de Educação, que hoje corresponde a 13ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE) do Estado do Rio Grande do Sul, que atende aos municípios de Aceguá, Bagé, Caçapava do Sul, Candiota, Dom Pedrito, Hulha Negra e Lavras do Sul.

Em 1986, Esmeralda passou a lecionar as disciplinas de Filosofia e Ensino Religioso em escola estadual e além da Educação Básica, também começou a ministrar aulas no Ensino Superior, nos cursos de Medicina Veterinária, Engenharia Agrônoma e Administração.

4.3.4 Ágata: “Os jovens que tinham acesso e realizavam a leitura do jornal Mundo Jovem eram considerados pessoas instruídas, capazes de desenvolver visões diferentes do mundo, e com isso, promover a mudança”

Ágata foi a última entrevistada a ser incorporada a pesquisa, e isso só ocorreu no decorrer do processo, à medida que percebemos a necessidade de ouvir a narrativa dos

estudantes sobre as práticas escolares implementadas pelo uso do jornal Mundo Jovem em sala de aula. Nesse sentido, Ágata foi uma das convidadas para participar da pesquisa e ambas foram citadas pelos professores de regiões distintas do Estado do Rio Grande do Sul. Dois dos três professores que participaram do estudo indicaram nomes de ex-alunos, respeitando o recorte temporal, ambos aceitaram, mas apenas Ágata retornou ao roteiro de pesquisa que, como já afirmamos, precisou ser realizado completamente on-line, devido ao isolamento social.

Ela inicia sua narrativa relatando que o seu primeiro contato com o jornal Mundo Jovem ocorreu na sétima série, o que corresponde hoje ao oitavo ano do Ensino Fundamental, no ano de 1979. Nesse momento da sua trajetória de estudos, ela cursava o Ginásio numa escola pública e após concluir, em 1980, deu continuidade numa escola particular, que era administrada por freiras. Nessa escola, ela cursou o Magistério entre os anos de 1981, 1982 e 1983 e em 1984 realizou estágio em sala de aula, começando a frequentar as disciplinas do curso de Pedagogia, pois desde o segundo ano do curso de Magistério, em 1982 e aos 14 anos de idade, iniciou o trabalho em sala de aula.

Sobre os primeiros anos da sua atividade docente, ela relatou que entre 1982 e 1983 lecionava numa classe multisseriada, com alunos de 1ª a 4ª série. Essa oportunidade de trabalho ocorreu devido à localização da escola, que era considerada afastada pelos outros profissionais, mas para Ágata encontrava-se no percurso realizado diariamente para cursar o Magistério.

No primeiro semestre de 1984 cursou Pedagogia, mas no segundo Ágata optou por migrar para o Curso de Letras – Língua Portuguesa e Literatura por acreditar que era uma habilitação que facilitaria para concursos e empregos. Primeiramente, realizou a Licenciatura Curta para trabalhar com o Ensino Fundamental e depois cursou a Plena para lecionar com o Ensino Médio. Com isso, concluiu a graduação em Letras no ano de 1989, na FIDENE, que hoje corresponde a UNIJUI.

4.4 O CAMINHO DAS ANÁLISES DAS ENTREVISTAS

Ao realizarmos as entrevistas com os professores e estudante que utilizaram o jornal Mundo Jovem como material de apoio pedagógico, entre os anos de 1978 e 1988, em diferentes regiões do Estado do Rio Grande do Sul, identificamos narrativas repletas de emoção e força. Nelas, alguns fatos se assemelham, outros relatos e compreensões são distintos e outras tantas histórias narradas se complementam. Como já citado, mantivemos a

Análise de Conteúdo para a apreciação das entrevistas, pois na elaboração do roteiro da mesma optamos pela técnica semi-estruturada no intuito de retomar as categorias estabelecidas para a análise das publicações do jornal Mundo Jovem.

Nesse sentido, as análises estão centradas em subtemas. O primeiro subtema foi trabalhado ao longo do capítulo 1 e compreendeu o contexto da Ditadura Civil-militar brasileira, em que os sujeitos de pesquisa relataram de que maneira esse momento político afetou suas vidas, pessoal e profissionalmente, e também, como a educação foi afetada pela Lei n. 5.692/71. O segundo subtema compreendeu uma das categorias analisadas no capítulo 3, sendo também um dos temas que permeou o capítulo 2, no que se refere aos MCM. O terceiro subtema tratou de outra categoria analisada tanto no capítulo 2 quanto no capítulo 3, as “Práticas Escolares”.

4.4.1 A Ditadura Civil-militar brasileira e a Lei n. 5.692/71 nas escolas de Educação Básica

No contexto que sucedeu ao Golpe de 1964 e que colocou os militares no poder, é possível observarmos um governo que buscou consolidar seu modelo de gestão pública, no intuito de promover uma modernização da economia e da sociedade, e nesse cenário de mudanças profundas, a educação estava incluída. Para tanto, o novo governo implementou leis, decretos e atos institucionais objetivando promover e regulamentar o seu projeto para o país. De acordo com Trindade (2014), essas mudanças eram legítimas para a sociedade, pois o governo apresentava à população um projeto embasado no desenvolvimento com segurança e para modernizar o Brasil, era preciso aumentar os níveis de escolaridade da população, e com isso, transformar o país de grande produtor agrário numa economia industrializada.

Olhando de forma panorâmica o ensino durante a Ditadura, parece que as contradições eram poucas e facilmente solucionáveis pelos educadores. Pode até parecer que não houve resistência e sim um certo conformismo. Em que pese a aparente inércia ou conformismo por parte dos professores, a resistência em variadas formas foi uma constante. (TRINDADE, 2014, p. 48).

Pedro é um dos entrevistados que corrobora com essa perspectiva ao afirmar que durante a Ditadura Civil-militar brasileira ministrava a disciplina de Filosofia, e um dos conteúdos compreendia a Filosofia Política. Entretanto, não era indicado ensinar esse conteúdo, mas enquanto professor, afirmou que tinha autonomia para ministrá-lo. Ainda sobre as dificuldades enfrentadas para discutir política no espaço escolar, ele apontou que nas

disciplinas de EMC e OSPB era possível realizar algumas considerações sobre política, principalmente, após o início dos anos 80, em que o Brasil passava por um momento de abertura política. “Os estudantes tinham interesse por essa temática, entretanto, o cenário político ainda exigia muito cuidado ao tratar de assuntos relacionados ao governo. De certa forma, exercíamos a autocensura”. (PEDRO).

Apesar dos professores e estudantes utilizarem algumas estratégias para burlar a censura imposta pela Ditadura, nem sempre era possível impedir alguns cerceamentos nos espaços escolares. Uma das imposições do governo militar estava relacionada aos diretores serem nomeados.

No governo militar, os diretores não eram eleitos, mas, sim, nomeados após uma varredura sobre sua vida pública e privada, pois eles deveriam estar alinhados ao pensamento do governo militar. Em muitos momentos, coube a eles ministrar disciplinas como Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política Brasileira. Muitas vezes, a diretora era questionada quanto a ideologia dos professores que ministravam essas disciplinas, ao que ela respondia com a afirmativa ‘ele é dos nossos’. Nas escolas, a postura adotada nas disciplinas de Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política Brasileira dependia muito da posição do diretor e da confiança depositada no professor. (PEDRO).

As datas comemorativas também eram definidas pelo governo militar e as escolas tinham a obrigação de realizar atividade cívica. Nesse cenário, duas datas eram lembradas - o 31 de março, em que os militares chamavam de Revolução Redentora, e a Independência do Brasil, no dia 7 de setembro. Pedro afirma que no dia 31 de março as escolas eram obrigadas a realizar uma atividade cívica, sendo que o tema dessa era encaminhado pela Secretaria de Comunicação da Presidência da República. Além de realizar essa prática, era preciso encaminhar relatório do que havia sido feito e as escolas que por algum motivo deixassem de organizar a atividade cívica poderiam responder a um processo administrativo. Essa mesma postura impositiva foi citada por Pedro ao tratar sobre os desfiles da Independência do Brasil, em que a temática era pré-definida pelo governo central.

Não discordo da necessidade de hora cívica para desinibir os alunos, entretanto, a obrigatoriedade de uma temática imposta, acredito que não é salutar em um espaço educacional. O ato de marchar era tanto ideológico quanto físico, enquanto isso, o país vivia uma grave crise de perseguições políticas, torturas. Enfim tínhamos um campo propagandístico-ideológico que exaltava a grandiosidade da Nação e ignorava o que estava acontecendo no submundo do sistema contra os cidadãos. (PEDRO).

O excerto da entrevista realizada com Pedro demonstrou a sua postura crítica diante das imposições às escolas durante a Ditadura Civil-militar no Brasil. Esmeralda também

tratou dos momentos difíceis vivenciados durante a Ditadura, principalmente no que se refere ao medo de se posicionar, relatando que “nós vivemos momentos difíceis quando frequentávamos o curso de Filosofia. Naquele período, os professores dificilmente se posicionavam”.

No que se refere à Esmeralda, como ela esteve afastada da docência entre os anos de 1970 e 1980, o que se recorda das mudanças na educação estava condicionada às vivências dos seus filhos na escola, relatando que eles falavam de aprenderem juramentos e hinos. Situação semelhante sobre a Ditadura Militar também ocorreu com Ágata, pois assim como Esmeralda, não realizou significativas considerações sobre esse governo.

Para tanto, temos que considerar que no período pesquisado, ou seja, entre 1978 e 1988, a entrevistada possuía entre 11 e 21 anos, o que justifica que nos primeiros anos da pesquisa ela não reconhecia a abordagem sobre a Ditadura Civil-militar presente nas páginas do jornal. Entretanto, ao afirmar que a sua primeira aproximação com o jornal foi por meio das leituras que realizava na disciplina de Língua Portuguesa quando estava na sétima série, com 12 anos de idade, Ágata afirmou que ela e os colegas eram estimulados pela professora a realizarem a leitura dos textos do jornal Mundo Jovem, disponíveis na biblioteca da escola, objetivando buscar inspiração para a escrita. “Mundo Jovem era um jornal considerado crítico e nós sempre deveríamos ter novas ideias e sermos críticos, na época não entendia bem como era isto. Mas hoje sei que era pra ter opinião própria e não seguir as regras prontas da Ditadura”. (ÁGATA).

Pérola iniciou sua carreira docente no mesmo ano que Pedro, ou seja, em 1976. Entretanto, as compreensões sobre a censura sofrida durante a Ditadura são bastante distintas: enquanto Pedro narrou as limitações e imposições do governo militar, apresentando até mesmo algumas estratégias para burlar a censura, Pérola afirmou que “dentro da sala de aula, com os alunos, nunca sofri perseguição ou fui coagida ao realizar alguma ação que eu discordasse”. (PÉROLA). Ela afirmou que na escola estadual em que lecionava tinha liberdade para tratar de qualquer assunto.

Na verdade, sempre tivemos muita liberdade de conduzir os alunos. Tanto que a escola em que atuava era uma das mais bem conceituadas da região e os alunos eram esclarecidos, participativos, cívicos. Os desfiles promovidos pela escola sempre abordavam temas sociais e políticos. Também tínhamos a semana da escola, em que cada turma se preparava e fazia apresentações, dentre elas: música, teatro, apresentações no campo. As apresentações da semana da escola eram organizadas por turma, e sempre um tema social era abordado. Sempre trabalhamos com muita liberdade e nunca fomos impedidos de falar o que desejávamos. A censura não estava presente no espaço escolar, pelo menos a sentíamos distante, pois tínhamos liberdade para realizar nossas escolhas. (PÉROLA).

Pérola apontou que na juventude, a liberdade era muito sonhada, principalmente no momento em que cursava a graduação em Letras, mas que na prática, a liberdade nunca aconteceu. Dentro do cenário da educação, afirmou que os cidadãos formados antes do processo de democratização eram conscientes, de moral e com valores a defender. Em contrapartida, apontou que nas escolas de hoje, não somos capazes de identificar a preocupação em formar jovens com valores, e que isso impacta nas suas decisões sobre o futuro, pois eles estão perdidos sem saber o caminho a seguir. “Enfim, nos últimos anos a escola perdeu seu foco, e com isso a educação também se perdeu”. (PÉROLA).

Ao tratarmos das políticas públicas voltadas para a Educação, temos durante a Ditadura Civil-militar a Lei n. 5.692/71, que já foi tratada no capítulo 1, no qual os entrevistados a salientaram ao serem questionados sobre as mudanças sobre o que era ensinado na escola em que atuavam, no intuito de cumprir as exigências da Reforma Educacional de 1971. As transformações promovidas pela referida Lei compreenderam a mudança da organização da Educação Básica e a profissionalização do 2º grau, hoje Ensino Médio. Anterior a reforma educacional de 1971, algumas outras mudanças na educação já haviam sido implementadas pelo governo, é o caso do Decreto-lei n.869, de 13 de setembro de 1969, em que temos a inserção das disciplinas de EMC, OSPB e Estudos de Problemas Brasileiros (EPB), que foram criadas na Ditadura Civil-militar com o objetivo de regulamentar as práticas educacionais nos três níveis de ensino: Fundamental, Médio e Superior. Naquele período, denominados, respectivamente, 1º grau, 2º grau e 3º grau, Pedro definiu, resumidamente, as características de cada uma dessas disciplinas na sua narrativa.

No que se refere à disciplina de EMC, essa foi uma das disciplinas que ministrei enquanto professor do Ensino Fundamental. Entretanto, tive o cuidado de selecionar o conteúdo para fugir da cartilha sugerida pelos governos militares. Mas, em parte, seguia o currículo disponibilizado, relativizando o material proposto pelo governo. Nessa disciplina, havia um aspecto muito interessante no que se refere ao conteúdo, pois dentro da grade curricular proposta, apresentava a forma e o sistema de governo, símbolos pátrios, Bandeira Nacional, aspectos que serviam para que o cidadão conhecesse elementos nacionais. Naquele período, havia regras muito severas no que se referia à Bandeira Nacional: não era permitido tocá-la e nem mesmo vestir-se com elementos contidos na mesma, apenas os militares tinham autorização para tal.

No Ensino Médio, coube à disciplina de OSPB complementar o que era ensinado no Ensino Fundamental na disciplina de EMC. A grade curricular consistia em: forma de governo, sistema de governo, parlamentarismo, presidencialismo, entre outros.

Entretanto, principalmente na disciplina de EPB no Ensino Superior, havia professores muito críticos, que ao invés de conduzir da maneira como os governantes militares pretendiam, promoviam o pensamento crítico entre os estudantes. Minha experiência com a disciplina de EPB foi quando cursei a graduação em Filosofia. (PEDRO).

Na citação acima, Pedro afirmou que ao ser professor da disciplina de EMC, não seguia integralmente a cartilha encaminhada pelo governo. Entretanto, à medida que algumas disciplinas foram desprestigiadas, principalmente as disciplinas da área de Humanas, outras pouco ou nada foram afetadas pela Reforma Educacional de 1971. Pérola tem outra abordagem sobre a inferência do governo na disciplina que ministrava, no caso Língua Portuguesa, afirmando não ter observado nenhuma perda, reiterando a sua narrativa de que os professores tinham liberdade de definir o que ensinariam, desde que estivesse de acordo com os conteúdos cobrados nos vestibulares.

Apesar de discordar em muitos aspectos das disciplinas impostas pelos governos militares, elas possuíam aspectos formativos relevantes. Em 1991, o deputado Raul Pont entrou com um Projeto de Lei na Câmara dos Deputados para retirar as disciplinas de EMC, OSPB e EPB dos currículos escolares, o que foi aprovado no ano de 1993, pois num processo e tempo de democratização, não era mais coerente que essas disciplinas permanecessem no currículo escolar em qualquer dos níveis de ensino. Ao invés de ministrar as referidas disciplinas, passou-se às escolas a incumbência para realizar a formação cidadã dos seus estudantes. Reconheço que existe um valor no respeito aos símbolos pátrios, entretanto, com o fim da Ditadura Militar, foi descartado tudo o que havia sido proposto, dentre eles os valores trabalhados nas disciplinas de EMC, OSPB e EPB. Passamos a condenar tudo o que estava relacionado ao Regime Militar, mas o que era condenável era o autoritarismo, a não liberdade, a censura, as torturas, a imposição de leis, através dos decretos-leis. (PEDRO).

Em 1980, quando comecei a trabalhar com o Ensino Médio, momento em que ainda estudava na FIDENE, nós éramos conduzidos para um pensamento político de esquerda, sendo que nos formamos dentro dessa perspectiva. Entretanto, ao vivenciar as práticas de sala de aula e por meio da convivência com os alunos, fomos percebendo que a realidade não era a mesma dos nossos sonhos de jovens estudantes universitários. E hoje, tenho plena certeza de que as disciplinas de EMC e OSPB foram fundamentais para a formação dos jovens, e foi uma grande perda elas terem sido retiradas da grade curricular das escolas. Sinto que educação nós tínhamos naquela época, posteriormente, os nossos sonhos de jovens universitários, que uma posição política de esquerda permitiria uma melhor condição de vida a todos. Entretanto, com o tempo esses sonhos se mostraram pouco possíveis, e no que se refere à educação gostaria de apontar que tínhamos educação quando eram ensinados valores nas escolas, depois isso foi se perdendo e optou-se por tratar, apenas, dos direitos. Enfim, todos passaram a ter direitos, mas não era mais preciso cuidar dos seus deveres. Por isso, acredito que com a exclusão das disciplinas de EMC e OSPB, e conseqüentemente, a retirada dos debates sobre valores nas escolas, ocorreu uma perda lastimável para a educação. (PÉROLA).

Apesar das divergências no que se refere as suas proposições sobre a Ditadura Civil-militar no Brasil, os entrevistados Pedro e Pérola concordaram que a exclusão das disciplinas de EMC, OSPB e EPB foi uma perda para os estudantes, pois os valores que antes eram trabalhados por essas disciplinas deixaram de ser tratados com regularidade nas escolas.

No primeiro capítulo, por meio da análise do jornal Mundo Jovem, observamos que esse impresso católico apresentava nas suas publicações a insatisfação com o governo militar,

principalmente quando analisamos a categoria “Política X Igreja Católica”. Nessa categoria, encontramos a seção “Entrevistas”, em que das seis entrevistas analisadas, cinco delas foram realizadas com membros da Igreja Católica que trataram, uns com mais cautela e outros com menos, da importância da política dentro da Igreja Católica. Nesse sentido, temos o seguinte questionamento: O discurso de insatisfação com o governo, presente nos impressos católicos, no caso no jornal Mundo Jovem, é o mesmo manifestado pelos professores e estudantes do período?

Nesse sentido, podemos afirmar que sim. No período pesquisado, o Brasil já não vivenciava a chamada linha dura da Ditadura Civil-militar e iniciava um processo de abertura política, o que refletiu na capacidade de questionar e criticar o governo. Todos os entrevistados tiveram uma postura de criticidade diante do governo militar, na qual tanto os professores quanto a estudante entrevistada apresentaram uma narrativa de insatisfação com o governo. A única professora entrevistada que repensou sobre a sua postura durante o governo militar é Pérola, que afirmou que a Ditadura foi formada pelo pensamento político de esquerda, entretanto, considerava que alguns elementos do governo militar não deveriam ter sido rejeitados sem antes serem avaliados, como ocorreu com as disciplinas de EMC e OSPB.

4.4.2 Os Meios de Comunicação de Massa e as Juventudes no jornal Mundo Jovem

Após essas considerações sobre a Ditadura Civil-militar e as políticas públicas voltadas para a educação durante esse governo, coube identificar, entre os professores e a estudante entrevistados, a abordagem do jornal Mundo Jovem sobre os MCM e como essa temática era trabalhada em sala de aula. Nesse sentido, os relatos das professoras Esmeralda e Pérola são elucidativos, pois demonstraram a preocupação de formar os estudantes para que fossem capazes de distinguir os discursos da “grande mídia”, como era definido os MCM pelo jornal.

Mundo Jovem era um jornal que nos mostrava uma realidade que não víamos em outros meios de comunicação, inclusive criticando as notícias, que eram selecionadas, e que chegavam até a população. O jornal defendia que as notícias selecionadas para serem publicadas estavam de acordo com os valores dos grupos que comandavam o Brasil e o exterior. Acredito que certos valores, veem até nós, sem questionamentos, sem pesquisa na própria história, e são lançados na sociedade, através da mídia e dos recursos técnicos atuais. Com isso, a maioria do povo, sem senso crítico e o mais preocupante, a juventude, é atingida por essas informações. Nós podemos ver o resultado do passado no presente, pois certos valores têm uma continuidade. E é isso que ocorre na influência dos meios de comunicação, que era tratada no jornal e que somos capazes de observar ainda hoje. (ESMERALDA).

Naquela época tratávamos em sala de aula sobre a manipulação das grandes mídias, tratávamos desse e de outros conceitos a partir do jornal Mundo Jovem ou até mesmo outros periódicos. Entretanto, hoje percebemos que a manipulação dos grandes meios de comunicação é muitas vezes maior do que era naquela época. Mas, já alertávamos a juventude da época sobre a manipulação dos meios de comunicação. Os alunos eram incentivados a irem para a sociedade, a participarem das decisões, e com isso, construir um município, e até mesmo, um mundo melhor. Eles estavam interessados em promover o bem comum. Nosso interesse, enquanto educadores era encaminhar esses jovens para serem adultos participativos e atuantes na nossa sociedade. (PÉROLA).

Entre as entrevistadas Pérola e Esmeralda, foi compartilhado o entendimento de que o jornal Mundo Jovem era um meio de comunicação que se destacava, principalmente por tratar da manipulação dos grandes meios de comunicação, que ao que tudo indica, não era uma prática comum em outras publicações do período. A narrativa de Pérola expôs que ao promover a reflexão sobre os MCM, os docentes estimulavam os estudantes a cumprirem com o seu papel social.

Além de tratar sobre os MCM, outro conceito importante para o jornal e que foi traduzido na pesquisa realizada como categoria foram os jovens e as juventudes. Nesse sentido, podemos afirmar que ao tratar sobre a provável manipulação dos MCM, os professores pretendiam colaborar na formação cidadã dos estudantes. Nas entrevistas, Pedro e Ágata trataram sobre o papel dos jovens e das juventudes na leitura e utilização do jornal Mundo Jovem em sala de aula.

Quando utilizava o jornal Mundo Jovem em sala de aula, apresentava o título da publicação e já íamos diretamente ao artigo que iríamos trabalhar, até porque as aulas tinham a duração de 50 minutos e era preciso aproveitar bem o tempo para trabalhar o referido artigo. Na impossibilidade de realizar a atividade proposta naquele dia, o material era recolhido e voltávamos a trabalhar na semana seguinte. No que se refere à compreensão dos alunos, os mesmos se comportavam como alunos, não questionavam o que havia sido proposto, até mesmo, por estarem em formação e ainda por não terem desenvolvido o necessário discernimento de entender a linha editorial, ou a proposta conceitual da publicação trabalhada. Infelizmente, naquele período, a juventude tanto da cidade, quanto do interior não tinha um rol de informação como observamos hoje. Não havia entre eles uma postura negativa com a utilização de artigos do jornal Mundo Jovem, muito pelo contrário, eles eram bastante receptivos, principalmente, quando se utilizava materiais que tratavam assuntos relacionados à Psicologia. O jornal Mundo Jovem apresentava uma linha formativa bastante arrojada e de conteúdo crítico, sendo que, na área de Sociologia, as publicações do Pedrinho Guareschi se destacavam. Na Filosofia, as publicações de Laurício Neumann também eram significativas. Na Literatura, as professoras aproveitavam as publicações de poesias. (PEDRO).

A juventude da década de 1980 procurava ser independente, ter o seu próprio dinheiro, então fazíamos qualquer negócio para começar a trabalhar o mais cedo possível. Na época, em que iniciei em sala de aula, consegui o emprego com facilidade, pois não havia professor na localidade. Entretanto, a escola que para outros profissionais era considerada afastada, estava no percurso que precisava para realizar diariamente para cursar o Magistério. O percurso era extenuante, de casa até a parada de ônibus eram quatro quilômetros de bicicleta. E depois mais treze quilômetros de ônibus até o local onde realizava o curso de Magistério. Quando realizei o curso de Letras era preciso realizar o mesmo percurso para estudar. Sempre estudei a noite, pois era preciso trabalhar durante o dia para arcar com os gastos da graduação. A partir de 1985, comecei a lecionar em duas escolas, uma na parte da manhã e a outra no turno da tarde, ambas eram multisseriadas, e no turno da noite frequentava as aulas da graduação. As publicações do jornal Mundo Jovem eram nossa referência, até por que tínhamos discussões de que o jovem tinha valor e prestígio. Os jovens que tinham acesso e realizavam a leitura do jornal Mundo Jovem eram consideradas pessoas instruídas, capazes de desenvolver visões diferentes do mundo, e com isso promover a mudança. Ou seja, esse jovem seria capaz de criar coisas diferentes e enxergar o mundo com outros olhos, e com isso não obedecer cegamente ao sistema. Nesse sentido, o jornal Mundo Jovem era crítico e promovia entre os seus leitores jovens um pensamento ‘fora da caixa’. (ÁGATA).

Nas narrativas de Pedro e Ágata identificamos uma significativa diferença de percepção sobre a compreensão dos jovens leitores do jornal Mundo Jovem. Pedro afirmava que os jovens realizavam as atividades propostas sem maiores críticas, justificando tal fato por eles estarem em processo de formação e que ainda não tinham discernimento para entender a linha editorial ou a proposta conceitual da publicação. Em parte, Ágata corroborou com essa perspectiva, não na narrativa acima, mas anteriormente, quando foi citada a indicação de leitura do jornal pelos professores para desenvolver o pensamento crítico e não seguir as regras da Ditadura, que na época, ela afirmou não ter esse discernimento.

Entretanto, a narrativa de Ágata como estudante retoma as três temáticas que encontramos sobre a juventude nas publicações do jornal Mundo Jovem. Primeiramente, Ágata não era uma jovem apática, como a juventude da década de 1980, descrita em alguns artigos do jornal; ela tinha discernimento sobre a importância de possuir diferentes visões de mundo e de como isso era capaz de promover a tão sonhada mudança social.

As outras duas temáticas se misturam na narrativa de Ágata, pois elas se referem, respectivamente, a relação dos jovens com a educação e a dificuldade de se inserirem no mercado de trabalho. A dificuldade de trabalho não foi vivenciada por Ágata, pois aos catorze anos, quando cursava o segundo ano do curso de Magistério, já atuava como docente numa classe multisseriada, e concomitante ao trabalho, dava continuidade aos estudos. Porém, é relevante apontar que a oportunidade de trabalho dela é resultado da escola ser afastada e outro profissional não ter aceitado se deslocar, pois como afirmou, na busca pela

independência financeira os jovens aceitavam qualquer proposta de trabalho. Ágata também relatou que poucos professores estavam dispostos a ouvir a demanda dos jovens.

Em relação ao dar voz e vez aos jovens, poucos professores, tanto no curso do Magistério quanto na graduação em Letras estavam atentos a essa demanda. A grande maioria dos professores achava que eles eram os donos do poder, mas também havia os professores, apesar de em número menor, que estimulavam a nossa criticidade e incitavam a nossa participação, e esse eram as nossas referências. Na sétima e na oitava série, haviam professores que nos estimulavam a ler o jornal. No curso do Magistério haviam dois professores que utilizavam o jornal Mundo Jovem em sala de aula, e com isso a pensar 'fora da caixa'. (ÁGATA).

A partir do excerto da entrevista de Ágata, somos capazes de dimensionar, mesmo que parcialmente, o papel desempenhado pelo jornal Mundo Jovem numa proposta de aproximação com os seus leitores, pois segundo Ágata, eram poucos os professores que davam voz e vez aos jovens e que os estimulavam a pensar “fora da caixa”, salientando que os professores que tinham essa postura eram os mesmos que estimulavam a leitura do jornal Mundo Jovem.

4.4.3 As “Práticas Escolares” no jornal Mundo Jovem

Ao analisarmos a categoria “Práticas Escolares” no terceiro capítulo, procuramos responder ao seguinte questionamento: A presença de seções específicas, no jornal Mundo Jovem, pretendia suprir as carências dos Cursos de licenciatura, principalmente na formação pedagógica desses docentes? Naquele momento, concluímos que esse era o interesse do jornal, bem como dos professores, de que a publicação fosse um material de apoio pedagógico.

Outros pesquisadores entendem que a presença desses materiais de apoio pedagógico se deve à falta de preparo desses professores, assim como foi apresentado no terceiro capítulo. Entretanto, é preciso reconhecer as limitações vivenciadas pelos docentes, no que se refere às liberdades de ação no sistema educacional. Em 1969, ou seja, dois anos antes da implantação da Reforma Educacional, a liberdade de expressão foi cerceada pelo Ato Institucional n.5, ou AI5. Apesar das limitações do contexto político, muitos materiais de apoio pedagógico foram produzidos para colaborar com as Práticas Escolares.

Assim, multiplicaram-se Guias Curriculares com todas as indicações que os professores necessitavam para elaborar seus planejamentos, com objetivos, conteúdos, técnicas de estudo e avaliações. As editoras também avançaram no sentido de suprir os professores com materiais didáticos inovadores, que estariam de acordo com os Guias Curriculares. Destacavam-se os livros didáticos que, além dos conteúdos, continham as propostas de atividades de estudo, o que era muito conveniente para os professores que não dispunham de condições intelectuais ou de tempo, para preparar suas próprias aulas. Melhor ainda era que os bons livros eram acompanhados de Manuais do Professor, onde se encontravam as soluções para as questões apresentadas nas atividades didáticas propostas no livro do aluno. (NEVES, 2014, p. 27-28).

As considerações da autora sobre a diversificada produção de materiais didáticos apontaram que esse foi o caminho encontrado pelas Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, e também, pelas editoras para colaborar com o planejamento dos professores num cenário de significativas mudanças. Enquanto Neves (2014) defendeu que esses manuais eram convenientes aos professores que não dispunham de tempo ou condições intelectuais de preparar suas próprias aulas, elaboramos outra compreensão para a adoção do jornal *Mundo Jovem*. A narrativa dos entrevistados, professores e da estudante sobre como o uso do jornal interferiu nas suas formações e escolhas, demonstrando que eles estavam cientes, pois havia um grande número de material ofertado. Com isso, a livre escolha pelo jornal *Mundo Jovem*, como material de apoio pedagógico, se deve a identificação com a publicação, mais do que uma necessidade por falta de tempo ou conhecimento para produzir seu material didático. Ao reconhecermos a liberdade de cada professor na escolha das suas práticas escolares, consideramos relevante apresentar as narrativas de Pérola e Pedro sobre o uso interdisciplinar do jornal nas escolas em que atuavam.

No ano de 1979 comecei a trabalhar com os estudantes do Ensino Médio e a utilizar efetivamente o material do jornal *Mundo Jovem*, entretanto não recorro de detalhes sobre o que era publicado no jornal, pois já se passaram muitos anos. O que posso afirmar é que o jornal era amplamente utilizado, principalmente no que se refere aos assuntos propostos pelo jornal, as dinâmicas que eram sugeridas para serem implementadas em sala de aula. Naquele período, tínhamos aula de Expressão Oral, que era considerado uma inovação, que foi uma proposta que trouxemos da faculdade. As aulas de Expressão Oral consistiam em, a cada semana, um estudante escolher e defender um tema, e os demais colegas questionavam ao apresentador. Após a apresentação e do questionamento dos colegas, os alunos produziam uma redação sobre o que havia sido apresentado e debatido. A disciplina de Expressão Oral, ocorria uma vez por semana, em sala de aula, nas disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura. Nesse sentido, os textos do jornal *Mundo Jovem* eram utilizados nessa disciplina por oferecer subsídio aos estudantes. Eles ocupavam para se preparar para as apresentações, em que eles elegiam um dos temas presentes no jornal *Mundo Jovem*. Nós também utilizávamos o material do jornal para realizar aulas integradas, com disciplinas como Biologia, Química, Física, Literatura, Língua Portuguesa, Estudos Sociais. Semelhante a disciplina de Expressão Oral, em que uma vez por mês contávamos com a colaboração de diferentes disciplinas, juntávamos todos os professores, e entre três e quatro turmas no salão da escola, realizávamos a integração dessas disciplinas dentro dos temas. Com isso, cada

disciplina e professor colaborava com as implicações dentro do mesmo tema abordado. Esse momento de integração era fabuloso, pois eram verdadeiramente produtivos e enriquecedores a professores e estudantes. (PÉROLA).

Recordo-me de um trabalho coletivo feito na escola, em que utilizamos em todas as turmas do Ensino Médio, as publicações do jornal Mundo Jovem referente à pena de morte. Esse foi um trabalho interdisciplinar que envolveu as disciplinas de Filosofia, História, Ensino Religioso e Direito e Legislação. Esta última disciplina fazia parte do currículo do curso de Contabilidade. Em sala de aula, trabalhávamos com grupo de alunos que debatiam os prós e contras à legalização da pena de morte, tema que estava em moda na sociedade brasileira. Com isso, o jornal Mundo Jovem serviu para dar subsídio à discussão, além de outras leituras para subsidiar o debate entre os alunos. Como resultado deste trabalho de pesquisa e discussão em sala de aula, a culminância foi na realização de um júri simulado, em que a sentença final foi condenação da pena de morte. Atribuo esse resultado ao fato de que na educação não existe neutralidade na transposição didática, pois o professor direciona o debate para onde entender ser melhor e em consonância com a sua idiosincrasia. Portanto, não existe neutralidade no ensino, isso também é afirmado pelo grande pedagogo brasileiro Paulo Freire. O júri simulado exigiu organização, pesquisa, desenvolveu a retórica, a capacidade de discernimento, de argumentação. No que se refere à abrangência desse tema, pena de morte, o jornal Mundo Jovem foi deveras relevante, pois provocou o envolvimento de toda a comunidade escolar. Apesar de costumeiramente utilizarmos artigos do jornal Mundo Jovem para trabalhar em sala de aula, esse episódio envolveu e repercutiu, além da comunidade escolar, também a comunidade local. (PEDRO).

As narrativas de Pérola e Pedro reforçam a nossa defesa de que os professores eram capazes de criar livremente suas práticas escolares, a partir de diferentes meios. E ao elegerem o jornal Mundo Jovem para realizar essa ação, eles eram capazes de adequá-lo à demanda e a realidade vivenciada. Enquanto a professora Pérola, na região norte do Estado do Rio Grande do Sul promovia por meio dos textos do jornal atividades interdisciplinares com temas compartilhados, Pedro, na região central do Estado narra uma ação semelhante a relatada por Pérola, em que o tema da atividade interdisciplinar foi a “pena de morte”, que ultrapassou as barreiras da comunidade escolar atingindo a comunidade local.

Apesar das semelhanças expostas em algumas narrativas relatadas pelos docentes sobre as práticas escolares implementadas com a utilização do jornal Mundo Jovem, cada uma apresentou uma abordagem sobre o uso do jornal como material de apoio pedagógico em sala de aula.

Através dos textos do jornal Mundo Jovem era possível realizar algumas ações interdisciplinares, pois trabalhávamos colaborativamente nas disciplinas de História, Filosofia, Sociologia e Literatura. Planejávamos as aulas a partir do mesmo texto base do jornal Mundo Jovem. Posteriormente, a professora trabalhava com os conceitos históricos relevantes e o contexto histórico, enquanto eu trabalhava com as principais correntes filosóficas e a professora de Literatura trabalhava com figuras de linguagem. Durante o período em que trabalhei no Ensino Médio, tentamos, por quatro ou cinco anos, organizar aulas interdisciplinares, entretanto, essa metodologia de ensino não logrou sucesso e acabamos optando por retomar as atividades como eram anteriormente. (PEDRO).

Em 1986, quando participava de reuniões de discussão sobre a disciplina de Ensino Religioso, passei a utilizar o jornal Mundo Jovem. Gostava dos textos publicados e os utilizava em sala de aula, tanto os textos para leitura e análise, quanto o roteiro de perguntas que encontrávamos ao final do artigo. O jornal era empregado em sala de aula como apoio pedagógico para trabalhar com os estudantes, normalmente, em atividades de grupo, das quais os alunos gostavam e participavam. Nas disciplinas de Humanas, trabalhamos com textos do jornal que tratavam sobre a elaboração da Constituição de 1988. Discutíamos sobre a importância da sua elaboração para o país e estimulávamos os alunos a refletir sobre o tema. (ESMERALDA).

O jornal foi muito utilizado mesmo, só não lembro temas e assuntos tratados no jornal, o que posso afirmar é que tudo que era publicado no jornal era aproveitado de alguma maneira em sala de aula. E mais uma vez reitero, as dinâmicas propostas pelo jornal eram maravilhosas. Além da sala de aula, utilizávamos os textos do jornal como base para as discussões durante as reuniões mensais com os professores, nas reuniões de abertura e encerramento de ano letivo. E nesses momentos sempre eram utilizadas as dinâmicas presentes em Mundo Jovem, e nos embasávamos nelas para realizarmos esse momento de reflexão. (PÉROLA).

Meu primeiro contato com o jornal Mundo Jovem foi na sétima série, naquela época a seção que mais utilizávamos era a da disciplina de Língua Portuguesa. Também eram utilizados em sala de aula textos que fizessem pensar sobre meio ambiente e sobre os sentidos da vida, esses mais voltados para a Psicologia. Também utilizávamos os textos voltados para a área da Psicologia, no grupo de jovens que participava, tanto para leitura quanto para discussão. Depois no curso de Magistério também utilizávamos alguns textos do jornal Mundo Jovem, mas como participava do grupo de jovens já conhecia e lia com frequência os textos do jornal. Muitos jovens liam o jornal, e na época era comum afirmar que se lia o jornal para aprender mais. No entanto, muitos desses jovens eram militantes, e saber mais era útil para desenvolver um pensamento crítico. (ÁGATA).

A partir dos excertos das entrevistas somos capazes de identificar o uso do jornal Mundo Jovem em sala de aula e como ele colaborava com as práticas escolares. Pedro narrou as atividades interdisciplinares realizadas a partir dos textos do jornal nas disciplinas de História, Filosofia, Sociologia e Literatura, enquanto que Esmeralda tratou da utilização do jornal como apoio pedagógico na disciplina de Ensino Religioso, afirmando que alguns temas como a discussão da Constituição no final dos anos de 1980, era trabalhado pelos professores da área de Humanas da escola, com o apoio dos textos do jornal Mundo Jovem.

Pérola corroborou com Esmeralda ao afirmar que textos e dinâmicas eram utilizados em sala de aula, dinâmicas essas a que Pérola se refere podem ser atividades como o jogral e o roteiro de perguntas que acompanhava alguns artigos. Pérola também mencionou a utilização dos textos do jornal em reuniões de professores e em atividades com pais e estudantes promovidas pela escola. Por fim, a estudante Ágata expôs que as principais utilizações do jornal foram tanto na sala de aula quanto no grupo de jovens no qual participava, afirmando que utilizou o jornal Mundo Jovem desde a sétima série e durante todo o Curso de Magistério.

Na entrevista, Pedro ainda afirmou que iniciou a utilização do jornal Mundo Jovem a partir da década de 1980, na sala de aula, principalmente na disciplina de Filosofia e, também, na disciplina de Psicologia do antigo segundo grau, hoje Ensino Médio. Além dele, afirmou que outros colegas da escola em que atuava também utilizavam alguns artigos do jornal Mundo Jovem nas suas aulas, como na disciplina de Literatura. Pedro sinaliza que a partir da década de 1980, quando ocorreram algumas greves de professores, houve um estímulo ao espírito crítico e que isso motivou os professores a utilizarem com mais frequência o jornal, afirmando que alguns textos eram utilizados nas reuniões mensais de professores.

Pérola relatou que o jornal era um material didático e ia para sala de aula, apontando que os professores e a escola tinham assinaturas da publicação, e que na biblioteca também haviam alguns exemplares do jornal Mundo Jovem, o que facilitava o acesso dos alunos a ele. Pérola afirmou também que ela e os demais professores da escola em que lecionava tinham o cuidado de adaptar o jornal à realidade do aluno, pois os professores sempre aproximavam as publicações das vivências do dia-a-dia e tratavam da colaboração dos textos da publicação para a vida e para a disciplina. “Com isso, sempre procuramos aproximar o jornal da realidade do aluno, desde as atividades de Expressão Oral, de estudos integrados com outras disciplinas até as dinâmicas propostas pelo jornal” (PÉROLA). A partir dessa afirmação, Pérola procurou demonstrar que o jornal era amplamente utilizado em sala de aula.

Conforme já citamos anteriormente, neste último capítulo procuramos a partir das categorias definidas e analisadas no decorrer da pesquisa, elaborar os questionamentos que orientaram a realização e análise das entrevistas semi-estruturadas, no intuito de compreender de que maneira o jornal Mundo Jovem mediava as práticas escolares dos docentes e discentes. As entrevistas corroboraram com muitas análises que elaboramos no decorrer da pesquisa nas publicações, mas também refutaram outras evidências que havíamos identificado nas publicações do jornal. Ao tratarmos de Esquecimento no início deste capítulo, pretendíamos romper com o uso, exclusivamente, objetivo das entrevistas, pois o intuito ao tratar dos conceitos Memória e Esquecimento foi acessar as lembranças sensíveis dos entrevistados de eventos que ocorreram entre 42 e 32 anos atrás.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este momento de encaminhar para as conclusões causa na autora desta pesquisa, e evidentemente reflete no texto, um sentimento sobre o que ainda resta. Restam perguntas, pensamentos inacabados, ideias que não foram desenvolvidas, vontade de escolher outros recortes, enfim, resta um sentimento de que ainda há muito que fazer. Esse sentimento promoveria no estudo realizado inúmeros retornos, pois como já citamos na introdução o *corpus* de pesquisa permitiria muitos recortes, por isso foi preciso fazer escolhas e arcar com elas, mesmo que nesse momento fique o sentimento sobre o que ainda resta. No entanto, o que resta é tão próprio do fim de um ciclo e das relações que se estabelecem com o que foi feito com cuidado. Ao finalizar a pesquisa, ela não pertence mais a autora, ao seu orientador, e a quem esteve próximo no momento da escrita, a pesquisa “ganha o mundo” e poderá ou não subsidiar estudos posteriores, e é isso que esperamos que ela promova, outras (re)escrituras.

No que se refere diretamente à pesquisa pretendíamos, entre outras coisas, responder ao problema de pesquisa: de que maneira as práticas escolares na Educação Básica das escolas públicas do Estado do Rio Grande do Sul foram mediadas pelos impressos católicos, publicados entre os anos de 1978 e 1988?

As análises permitiram inferir que os impressos católicos mediavam as práticas escolares, sendo possível observar nesse sentido, seções voltadas tanto para os professores e a sua utilização em sala de aula quanto para os jovens encaminharem suas demandas nos seus grupos.

No primeiro capítulo, por meio das análises do jornal Mundo Jovem, observamos que esse impresso católico apresentava nas suas publicações a insatisfação com o governo militar, principalmente quando analisamos a categoria “Política X Igreja Católica”. Nela destacou-se a seção “Entrevistas”, sendo que das seis analisadas, cinco foram realizadas com membros da Igreja Católica que trataram da importância da política dentro da instituição. Por meio da análise das entrevistas e das leituras realizadas sobre a Ditadura Civil-militar e políticas públicas de educação, chegamos ao seguinte questionamento: o discurso de insatisfação com o governo presente nos impressos católicos, no caso no jornal Mundo Jovem, é o mesmo manifestado pelos professores e estudantes do período?

Esse questionamento foi realizado no primeiro capítulo da pesquisa e demandava que as entrevistas fossem realizadas com os professores e estudante, portanto, ele só pôde ser respondido no quarto capítulo, em que foi possível afirmar, após a análise das entrevistas, que

professores e estudantes também estavam insatisfeitos com o governo militar. Antes de tratarmos especificamente das entrevistas, é importante salientar que no período pesquisado, o Brasil já não vivenciava a chamada linha dura da Ditadura Civil-militar e iniciava um processo de abertura política, o que refletiu na oportunidade de questionar e criticar o governo, podendo-se afirmar através das análises que todos os entrevistados, tanto os professores quanto a estudante entrevistada, manifestaram uma postura de criticidade e insatisfação com o governo militar.

Apenas uma das docentes entrevistadas realizou uma reflexão sobre a sua postura durante o governo militar, afirmando que durante a Ditadura foi formado um pensamento político de esquerda, entretanto considera que alguns elementos do governo não deveriam ter sido rejeitados sem antes serem avaliados, como ocorreu com as disciplinas de Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política Brasileira.

No segundo capítulo, ao tratarmos dos documentos pontifícios produzidos pela Igreja Católica após o Concílio Ecumênico II do Vaticano, no caso o Decreto *Inter Mirifica* (1966) e a instrução pastoral *Communio et Progressio* (1971), pretendíamos demonstrar que após anos de relutância, enfim a Igreja Católica aceitava a utilização dos meios de comunicação social como uma estratégia para se aproximar dos fiéis. Após legitimar o uso dos meios de comunicação social consideramos importante verificar o projeto de educação apresentado pelo jornal Mundo Jovem, na seção Homônima, onde nela foram tratados vários aspectos da Educação desde a evasão escolar, os altos índices de reprovação, a avaliação e o planejamento. Devido ao uso de conceitos mais elaborados e dos autores qualificados que são apresentados nos artigos analisados, e também pela narrativa dos professores entrevistados, acreditamos que essa era uma das seções utilizadas para a reunião dos mesmos, pois nas entrevistas com os professores, foi unânime a afirmação de que algumas seções do jornal eram utilizadas em sala de aula e outras eram utilizadas nas reuniões de formação pedagógica.

Após realizar um breve histórico sobre as publicações do jornal Mundo Jovem, desde a sua criação em 1963, passamos para a análise da categoria “Práticas Escolares”, por meio da seção específica “Recado dos Leitores”, sendo que, para realizarmos a análise da seção foi elaborada uma tabela com o levantamento estatístico das temáticas mais citadas pelos leitores do jornal e que estavam presentes na seção. Dentre eles destacam-se: a presença do jornal nas escolas e nos grupos de jovens; as narrativas sobre o uso do jornal como material de formação complementar e sobre as seções mais empregadas nas escolas; críticas aos MCM e a presença do jornal Mundo Jovem em outros meios, através de palestras audiovisuais ou da edição de

livros. Também identificamos cartas escritas por docentes e discentes explicando sobre a utilização do jornal.

No início do segundo capítulo foram apresentados dois questionamentos. O primeiro deles se refere a: de que maneira o jornal Mundo Jovem apresenta sua compreensão de Educação para seus leitores, entre os anos de 1978 e 1988? Primeiramente, é preciso reconhecer que os meios de comunicação e a Educação foram empregados pela Igreja Católica para formar o perfil de sociedade e de homem e mulher católicos, sendo que, esse questionamento foi respondido por meio da análise da seção “Educação”, que ao propor artigos com linguagens e temas de interesse dos professores, pretendia mediar a compreensão de educação para o jornal, que no caso representava a Igreja Católica.

O segundo questionamento compreende: ao analisarmos o jornal Mundo Jovem é possível identificar essa orientação, de ser complemento aos métodos habituais de ensino, nas suas publicações? Essa resposta encontramos na análise da seção “Recado dos Leitores”, pois por meios das cartas podemos aferir que o jornal pretendia ser um material de formação complementar e que professores e estudantes também reconheciam essa característica do jornal.

No terceiro capítulo analisamos as categorias “Práticas Escolares”, “Meios de Comunicação de Massa”, que foi dividida nas subcategorias “Cultura”, “Hegemonia” e “Juventudes”. Na categoria “Práticas Escolares” realizamos um levantamento estatístico para identificar quais as seções mais recorrentes, das quais selecionamos as seguintes seções: “Jogral”, “Canção”, “Literatura”, “Como redigir”, “Movimentos Históricos”, “Filosofia” e “Língua Portuguesa”. Nas duas primeiras seções o professor poderia trabalhar em sala de aula independente da sua disciplina, enquanto que as demais atendiam as disciplinas específicas. A segunda categoria analisada compreendeu aos “Meios de Comunicação de Massa”, que para atender aos distintos conceitos precisou ser dividido em duas subcategorias, “Cultura” e “Hegemonia”, nelas os conceitos foram definidos e, posteriormente, identificados nas publicações do jornal Mundo Jovem.

A terceira categoria correspondeu a “Juventudes” e a sua análise foi estabelecida a partir do seguinte questionamento: de que maneira é apresentado pelo jornal Mundo Jovem o perfil de juventudes e a sua relação com outras gerações de jovens, como a educação e o mercado de trabalho, nos artigos analisados?

Para responder a essa pergunta foi preciso realizar tanto a análise dos artigos publicados pelo jornal Mundo Jovem, entre os anos de 1978 e 1988, quanto da narrativa da estudante entrevistada para a pesquisa. No jornal, os jovens da década de 1980 são

apresentados como apáticos, quando comparados a década de 1960. Entretanto, a entrevistada aponta que o jornal era visto pelos seus leitores jovens como um espaço para serem ouvidos, pois seus familiares e professores não reconheciam neles um papel de mudança social.

No que se referiu à educação, os artigos do jornal trataram do aumento das matrículas, mas reiteraram que isso não estava relacionado a permanência no espaço escolar, e que quando havia permanência na escola a vocação dos jovens não era atendida devido ao sistema de ensino que formava para o mercado de trabalho. No jornal, quando foi abordado sobre a presença do jovem no mercado de trabalho, os temas recorrentes eram desemprego e as poucas vagas de trabalho formal, no qual a entrevistada também mencionou que a dificuldade de trabalho fazia com que os jovens aceitassem condições de empregos mais precárias. Essa foi a situação vivenciada por ela, que na época era estudante do Curso de Magistério, e que aos quatorze anos aceitou ser professora regente de uma classe multisseriada, pois outros profissionais se recusaram a deslocar-se até a escola devido à distância da sede do município.

No quarto e último capítulo, retornamos as categorias apresentadas no decorrer do texto e aos questionamentos que ainda não haviam sido respondidos, bem como realizamos a última etapa da pesquisa - as entrevistas com os três professores e a estudante. Os sujeitos de pesquisa foram selecionados de acordo com a região do Estado do Rio Grande do Sul e a atuação na Educação Básica, entre os anos de 1978 e 1988, bem como era fundamental que o entrevistado tivesse utilizado o jornal em sala de aula. A partir dessas prerrogativas foram realizadas e analisadas as entrevistas.

No decorrer dos capítulos fomos apresentando os meios utilizados pelo jornal Mundo Jovem para mediar as práticas escolares adotadas pelos professores da Educação Básica no Rio Grande do Sul, entre os anos de 1978 e 1988, desde a contextualização do período analisado e das políticas públicas de educação promovidas pelo governo militar, passando por documentos oficiais da Igreja Católica sobre a legitimidade dos meios de comunicação social para a aproximação com os fiéis, a compreensão do conceito de educação pelo jornal e a aproximação com os leitores da publicação por meio da seção “Recado dos Leitores”. Também analisamos as principais categorias estabelecidas na pesquisa e que colaboravam para responder os objetivos propostos. Posteriormente, retomamos essas categorias para promover a circularidade da informação, ao empregá-las na elaboração do roteiro da entrevista com os três professores e a estudante.

A partir da definição do problema de pesquisa é relevante tratarmos dos objetivos que nortearam a realização deste trabalho. Nesse sentido, analisamos a mediação dos impressos católicos nas práticas escolares dos professores de escolas públicas por meio do jornal Mundo

Jovem, sendo que a referida publicação pretendia colaborar com os professores ao propor atividades pedagógicas para serem desenvolvidas em sala de aula. Para tanto, este projeto procurou analisar, de acordo com a perspectiva da História da Educação, a mediação do jornal Mundo Jovem nas práticas escolares entre os anos finais da Ditadura Civil-militar brasileira e o processo de redemocratização nacional (1978-1988).

Ao longo do texto desenvolvemos e respondemos aos objetivos da pesquisa apresentados na introdução, bem como outros questionamentos foram suscitados e respondidos. Nesse sentido, é relevante retomar mais algumas proposições apresentadas no decorrer do texto. A primeira delas relaciona-se ao fato de discordarmos que a publicação de materiais de apoio pedagógico no período analisado se deve a dificuldade, como apresentado por outros pesquisadores, dos professores em produzirem seus próprios materiais didáticos, pois ao analisarmos a narrativa dos professores entrevistados e da estudante, foi possível perceber a identificação com a publicação, uma vez que havia uma gama de material de apoio pedagógico oferecido pelas Secretarias Estaduais, Municipais e pelas próprias editoras.

Nesse sentido, no terceiro capítulo, ao analisarmos a categoria “Meios de Comunicação de Massa”, mais especificamente na subcategoria “Hegemonia”, apresentamos as considerações de Martins (1998) sobre a tradição marxista e o senso comum. Na oportunidade, foi apresentado um excerto do jornal para demonstrar que apesar do esforço de um grande veículo de comunicação de promover entre os seus telespectadores um discurso hegemônico, não foi essa a resposta recebida. Dessa maneira, o senso comum foi apresentado como um meio de produção de significados criados pelos sujeitos e com isso. Entendemos que a demanda surge na sociedade e os meios de comunicação a produzem de acordo com a necessidade social, e não ao contrário, em que os meios de comunicação pautam uma discussão sem levar em consideração as demandas sociais.

Desde a análise do jornal Mundo Jovem até a narrativa dos entrevistados observamos essa orientação, em que o jornal atendia as demandas das escolas, dava ao jovens um papel significativo na sociedade que, muitas vezes, negligenciava as suas demandas. As entrevistas reforçam a nossa defesa de que os professores eram capazes de criar livremente suas práticas escolares, a partir de diferentes meios, e ao elegerem o jornal Mundo Jovem para realizar essa ação, eles eram capazes de adequá-lo à demanda e a realidade vivenciada¹⁰².

¹⁰² No que se refere a pesquisa, muitas perguntas foram suscitadas, algumas respondidas e outras deixadas para a continuidade deste trabalho. Dentre as questões que não foram respondidas encontram-se: Quais as instituições utilizavam o jornal Mundo Jovem? Em quais municípios do Brasil o jornal era material de estudo na sala de aula? Enfim, estas e outras questões, no momento, não atendiam aos objetivos da pesquisa, mas que podem ser objeto de estudo e pesquisa em um outro momento.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação** [online]. São Paulo, n.5/6, maio-ago. 1997.

AMADO, J. A **Técnica da Análise de Conteúdo**. Referência 5, p. 53-63. Disponível em: <https://woc.uc.pt/fpce/person/ppinvestigador.do?idpessoa=10057>. 2000. Acesso em: 16 dez. 2019.

AMARAL, J. A. O. C. **A representação do indígena no discurso da revista Mundo Jovem no período de governo militar no Brasil**. 2016. 123p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2016.

ANTUNES, I. C. B.; SILVA, R. O. D.; BANDEIRA, T. D. S. A Reforma Universitária de 1968 e as transformações nas instituições de ensino superior. In: **XIX Semana de Humanidades**. Natal, RN: UFRN, 2011.

ARFUCH, L. A vida como narração. In: _____. **O Espaço Biográfico** - Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 111-50.

ASSIS, R. M. A educação Brasileira durante o período militar: a escolarização dos 7 aos 14 anos. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 3, n. 2, p. 320-39, jul/dez. 2012.
Disponível em: <http://www.seer.ufv.br/seer/educacaoemperspectiva/index.php/ppgeufv/article/viewFile/171/89>. Acesso em: 18 mai. 2018.

BAIA HORTA, J. S. **Liberalismo, tecnocracia e planejamento educacional no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1982. 226p.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edição 70, 2004.

BITTENCOURT, A. B. O livro e o selo: editoras católicas no Brasil. **Pro-Posições**, v. 25, n. 1, p. 117-37, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010373072014000100007&script=sci_arttextlng=pt. Acesso em: 10 set. 2020

BORIN, M. R. **Por um Brasil católico: tensão e conflito no campo religioso da República**. 2010. 369f. Tese (Doutorado em Estudos Históricos e Latino-Americanos) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010.

BORGES, J. L. **Ficções**. São Paulo: Globo, 1999.

BOUCHER, G. **Marxismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BURKE, P. Problemas da história cultural. In: **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 32-45.

CAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1999.

CAREGNATO, C.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso *versus* análise de conteúdo. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, n. 15, p. 679-84, out.-dez. 2006.

CHAPMAN, A. **Desenvolvendo o pensamento histórico: abordagens conceituais e estratégias didáticas**. Tradução Lucas Pydd Nechi, Marcelo Fronza. Curitiba: W & A Editores, 2018. 328p.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

CHARTIER, R. História intelectual e história das mentalidades: uma dupla reavaliação. In: **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002. p. 29-67.

CORAZZA, S. M. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. H.; SOMMER, L. H. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, mai/jun/jul/ago. 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a03.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2019.

COUTROT, A. Religião e política. In: RÉMOND, R. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/FGV, 1996. p. 331-64

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CYTRYNOWICZ, R. Loucura coletiva ou desvio da história: as dificuldades de interpretar o Nazismo. In: COGIOLLA, O. (org.). **Segunda Guerra Mundial - um balanço histórico**. São Paulo: Xamã/USP, 1995. p. 207-19.

DALMOLIN, A. R. **A Rainha de Lauro Trevisan: modernização e religiosidade**. 2007. 168p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007.

_____. **O discurso sobre aborto em revistas católicas: Rainha e Família Cristã (1980-1990)**. 2012. 268 p. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.

DANTAS, M. J. **Revista “Cidade Nova” e as propostas de educação**. 2008. 147p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Sergipe, São Cristóvão, 2008.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação** [online], São Paulo, n.24, p. 40-52, 2003.

DELORY-MOMBERGER. C. Fundamentos epistemológicos da pesquisa biográfica em educação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n.1, p. 333-46, abr. 2011.

DREIFUSS, R. A. **1964: a conquista do Estado - Ação política, poder e golpe de classe**. Petrópolis: Vozes, 1981.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. São Paulo: EdUNESP, 2005.

ESCOSTEGUY A. C. D. Circuitos de cultura/circuitos de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção. In: **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, v. 4, n. 11, p. 115-135, nov. 2007.

FERRAROTTI, F. O método (auto)biográfico. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal/São Paulo: UFRN/Paulus, 2010. p. 31-57.

_____. A biografia como interação. In: FERRAROTTI, F. **História e histórias de vida - o método biográfico nas Ciências Sociais**. Natal: EDUFRN, 2014. p. 67-78.

FONSECA, M. Políticas Públicas para a qualidade da Educação Brasileira: Entre o utilitarismo econômico e a responsabilidade social. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 29, n. 78, p. 153-77, maio/ago. 2009.

GAGNEBIN, J. M. Verdade e memória do passado; Memória, história, testemunho; O que significa elaborar o passado? O rastro e a cicatriz: metáforas da memória. In: _____. **Lembrar, Escrever, Esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006, p. 39-48; 49-58; 97-106; 107-118.

GARCIA, M. R. V.; TORRES, A. M. G. Compromisso social da Universidade no Brasil: um panorama histórico. In: **XVI Colóquio Internacional de Gestión Universitária (CIGU)**. Arequipa/Perú. 23, 24 e 25 de novembro de 2016. p. 1-10.

GERZSON, V. R. S. **A mídia como dispositivo da governabilidade neoliberal: os discursos sobre educação nas revistas Veja, Época e Istoé.** 2007. 164f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

GRAMSCI, A. **Cartas do Cárcere.** 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

_____. **Cadernos do Cárcere.** V. 2. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

KEHL, M. R. A juventude como sintoma de cultura. In: NOVAES, R.; VANUCHI, P. (Org.). **Juventude e sociedade.** São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

KREUTZ, L. A escola teuto-brasileira católica e a nacionalização do ensino. In: MÜLLER, T. L. (Org.). **Nacionalização e imigração alemã.** São Leopoldo: UNISINOS, 1994.

KREUTZ, L.; KUIAVA, E. A.; NODARI, P. C. Representação do Magistério sob o movimento da restauração católica e seu reflexo nas escolas da imigração alemã no RS. **Revista História UNISINOS,** São Leopoldo, v. 15, n. 1, 2011.

LAUTERT, L. V. S. **Juventudes contadas no jornal Mundo Jovem: modos de pensar o sujeito jovem contemporâneo.** 2012. 107f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

LE GOFF, J. História. In: _____. **História e Memória.** 5 ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

LENHARO, A. **Sacralização da política.** Campinas, SP: Papyrus, 1986.

LEON, A. D. **História da Educação - A tradição e a Modernidade: a Igreja Católica e o Debate Educacional no RS (1930-1935).** 2015. 201p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

MANCUSO, L.; TORRES-LONDOÑO, F. *Los estudios sobre lo religioso en Brasil: un balance historiográfico.* **ISTOR – Revista de História Internacional,** México, ano II, n. 9, 2002.

MARQUES DE MELO, J. Igreja e Comunicação. In: SOARES, I.; PUNTEL, J. (Orgs). **Comunicação, Igreja e Estado na América Latina.** São Paulo: Paulinas/UCBC, 1985.

MARTINS, J. S. O senso comum e a vida cotidiana. **Tempo social; Rev. Sociol. USP,** São Paulo, v. 10, n. 1, p. 1-8, mai. 1998.

NARCIZO, R. M. **“Ministro de Deus, Portador da Luz”:** Ações e discursos católicos de modelação docente na década de 1930. 2008. 140p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

NEVES, J. O ensino de História nos 50 anos do Golpe Militar – Estudos Sociais sob a Ditadura. In: SCHMIDT, M. A.; ABUD, K. (Orgs). **50 anos da Ditadura Militar**: Capítulos sobre o ensino de História no Brasil. Curitiba: W & A Editora, 2014.

NÓVOA, A. Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. **Educação e Pesquisa**, v. 25, n. 1, 1999.

ORLANDO, E. A. **Por uma civilização cristã**: a Coleção Monsenhor Álvaro Negromonte e a Pedagogia do Catecismo. 2008. 168p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Sergipe, São Cristóvão, 2008.

PACHECO, C. R. C. **Pascam in judicio**: a constituição humana na perspectiva católica. Curitiba: Appris, 2016. 183p.

PAIS, J. M. **Culturas Juvenis**. 2 ed. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993.

PASINATO, D. **As representações de Educação Básica na revista Vozes durante a Ditadura Civil-militar brasileira (1964-1985)**. 2019. 226p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

PAULO NETTO, J. **Pequena história da Ditadura Militar brasileira (1964-1985)**. São Paulo: Cortez, 2014.

PILETTI, N. **Ensino de 2º grau**: educação geral ou profissionalização? São Paulo: EPU, 1988.

PUNTEL, J. T. A Igreja a caminho na comunicação. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 221-42, jul./dez. 2011.

QUADROS, C. (Org.). **Uma gota amarga**: itinerários da nacionalização do ensino no Brasil. Santa Maria: UFSM, 2014.

RESENDE, P. A. Da abertura lenta, gradual e segura à anistia ampla, geral e irrestrita: alógica do dissenso na transição para a democracia. **Revista Sul-americana de Ciência Política**, [s.l.], v. 2, n. 2, p. 36-46, 2014.

RIBEIRO, F. A participação dos leitores na imprensa: uma proposta de análise às Cartas do Leitor do Jornal de Notícias. **Comunicação Pública**, São Paulo, p. 1-19, 2014.

RICOEUR, P. **A Memória, a História, o Esquecimento**. Campinas: UNICAMP, 2007.

_____. Entre o tempo vivido e o tempo universal: o tempo histórico. In: _____. **Tempo e narrativa**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **O si-mesmo como um outro.** Campinas: Papyrus, 1991.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** Campinas: Autores Associados, 2007.

_____. O Plano de Desenvolvimento da Educação: análise do projeto do MEC. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1231-55, out. 2007.

_____. O legado educacional do Regime Militar. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 28, n. 76, p. 291-312, set./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v28n76/a02v2876.pdf>>. Acesso em: 26 maio 2018.

_____. Gestão federativa da educação: desenho institucional do regime de colaboração no Brasil. In: CUNHA, C.; SILVA, M. A. (Orgs.). **Políticas Públicas de Educação na América Latina: lições aprendidas e desafios.** Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

_____. **Gramsci e a educação no Brasil:** para uma teoria gramsciana da educação e da escola. 2016. Disponível em: <http://igsbrasil.org/biblioteca/artigos/index.php?id=2>. Acesso em: 11 jul. 2018.

SCHMIDT, M. A. **Aprender a ensinar:** contribuições de materiais destinados a professores. Curitiba: W & A Editores, 2017. 160p.

SCHMIDT, M. A.; ABUD, K. (Orgs.). **50 anos da Ditadura Militar:** Capítulos sobre o ensino de História no Brasil. Curitiba: W & A Editores, 2014.

SCHWARTZMAN, S.; BOMENI, M. B.; COSTA, V. M. R. **Tempos de Capanema.** São Paulo: Paz & Terra, 1984.

SEIXAS, J. A. Percursos de memórias em terras de história: problemas atuais. In: BRESCIANI, S.; NAXARA, M. **Memória e (res)sentimento:** indagações sobre uma questão sensível. Campinas: UNICAMP, 2001, p. 37-58.

_____. Tênuas fronteiras de memórias e esquecimentos: a imagem do brasileiro jecamacunaímico. In: GUTIÉRREZ, H.; NAXARA, M. R. C. LOPES, M. A. de S. (orgs.). **Fronteiras:** paisagens, personagens, identidades. São Paulo: Olho D'Água, 2003, p. 161-183.

SIMIONATTO, I. Cadernos de um revolucionário. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 48, p. 212-15, fev. 2002.

SKIDIMORE, T. **Brasil:** de Castelo a Tancredo (1964-1985). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SOUZA, R. A. **Ideias de educação na comunicação do jornal Mundo Jovem: 1963 a 2005.** 2008. 155p. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SPOSITO, M. P; TARÁBOLA, F. S. Entre luzes e sombras: o passado imediato e o futuro possível da pesquisa em juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação** [online], Rio de Janeiro, v. 22, n. 71, out. 2017.

TRINDADE, J. M. B. A História sumiu: Ensino de Estudos Sociais durante a Ditadura Militar. In: SCHMIDT, M. A.; ABUD, K. (Orgs). **50 anos da Ditadura Militar: Capítulos sobre o ensino de História no Brasil.** Curitiba: W & A Editora, 2014.

VIEIRA, S. L.; FARIAS, I. M. S. **Política Educacional no Brasil: introdução histórica.** Brasília: Liber Livro, 2007.

WILLIAMS, R. **Cultura.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade.** São Paulo: Boitempo, 2007.

REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

ANTONCICH, R. Fé e política: um compromisso com a justiça social. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 19, n. 142, nov. 1981, p. 19.

APRENDER a aprender. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 18, n. 130, set. 1980. Jogral, p. 7.

ARNS, P. Cardeal Arns: "a perda dos valores da vida significa o caos para o povo". **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 19, n. 139, ago. 1981. Entrevista, p. 8-9.

BARROSO, V. L. M. Canudos, a terra da promessa. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 23, n. 178, nov. 1985. Movimentos Históricos, p. 8-9.

BELLOMO, H. A década de 1930: golpe, transição e radicalismo. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 23, n. 175, ago. 1985. Movimentos Históricos, p. 16-17.

BERGER, C. Televisão: vitrine da sociedade de consumo. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v.24, n. 180, abr.1986.

BETTO, F. Entrevista. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 20, n. 150, out. 1982, p. 12-13. Entrevista concedida a Claudio Somacal.

BIZ, O. Tempo de votar. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 20, n. 143, mar. 1982. Educação Política, p. 10.

_____. Constituinte: as pressões continuam. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 25, n. 193, set. 1987, p. 5.

_____. _____. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 25, n. 193, set. 1987. Constituinte, p. 15.

_____. Computador na escola: a educação deve acompanhar a tecnologia? **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 26, n. 202, out. 1988, p. 14-15.

BIZ, O.; NEUMANN, L. As emendas populares. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 25, n. 192, ago. 1987. Constituinte, p. 6-7.

BOHN, M. B. Planejamento bem feito é o primeiro passo do aprendizado. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 26, n. 200, ago. 1988. Educação, p. 16.

BRANCATO, S. M. L. As lutas do Contestado. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 23, n. 173, jun. 1985. Movimentos Históricos, p. 18-19.

BRAND, I. A. Por que Ensino Religioso na escola? **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 24, n. 184, p. 12-13, ago. 1986.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil** [recurso eletrônico]. Brasília: Supremo Tribunal Federal, Secretaria de Documentação, 2017. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/legislacaoConstituicao/anexo/CF.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2017.

BRASIL. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, de 10 de novembro de 1937. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Rio de Janeiro, RJ, 10 nov. 1937. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao. Acesso em: 10 jun. 2017.

BRASIL. Lei n. 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 28 dez. 1961. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/LEIS/L4024.htm. Acesso em: 13 jun. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Reforma Universitária**: relatório do grupo de trabalho criado pelo Decreto n. 62.937/68. Rio de Janeiro: MEC/MPCG/MF, ago. 1968.

BRASIL. Lei n. 5.540, de 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 03 dez. 1968. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5540.htm. Acesso em: 15 jun. 2017.

BRASIL. Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º grau e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 12 ago. 1971. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 15 jun. 2017.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Institui as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 21 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 15 jun. 2017.

CADORE, L. A. O estilo barroco. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 21, n. 152, mar. 1983. Literatura, p. 14-15.

_____. Arcadismo. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 21, n. 153, abr. 1983. Literatura, p. 20-21.

_____. Romantismo. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 21, n. 154, maio 1983. Literatura, p. 16-17.

_____. _____. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 21, n. 155, jun. 1983. Literatura, p. 16.

_____. Parnasianismo. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 21, n. 156, jul. 1983. Literatura, p. 20-21.

_____. Parnasianismo. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 21, n. 157, ago. 1983. Literatura, p. 10.

_____. Simbolismo. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 21, n. 158, set. 1983. Literatura, p. 19.

_____. Análise literária de um pequeno grande poema simbolista. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 21, n. 159, out. 1983. Literatura, p. 18-19.

_____. Poesia pessimista e popular? **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 21, n. 160, nov. 1983. Literatura, p. 19.

_____. Modernismo: um poeta de verdade. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 22, n. 161, mar. 1984. Literatura, p. 10.

_____. Modernismo: o aspecto social da poesia brasileira. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 22, n. 162, abr. 1984. Literatura, p. 17.

_____. _____. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 22, n. 163, maio 1984. Literatura, p. 9.

_____. A poesia social no Modernismo. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 22, n. 164, jun. 1984. Literatura, p. 8-9.

_____. Modernismo: o aspecto social na poesia. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 22, n. 165, jul. 1984. Literatura, p. 8.

_____. Modernismo: um poema social de João Cabral de Melo Neto. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 22, n. 166, ago. 1984. Literatura, p. 7.

_____. Modernismo: outro poeta social do Nordeste, Marcus Accioly. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 22, n. 167, set. 1984. Literatura, p. 2.

_____. Um poema social de Thiago de Melo. Fotografia: Cláudio Somacal. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 22, n. 168, out. 1984. Literatura, p. 10.

_____. Drummond e poesia social. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 22, n. 169, nov. 1984. Literatura, p. 6.

CARRAVETA, L. M. Ser jovem. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 23, n. 177, out. 1985. Jogral, p. 19.

_____. Minha escola. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 24, n. 179, mar. 1986. Jogral, p. 20.

_____. Cantiga verde-amarela de Ítalo Zalu Gatto, texto adaptado para jogral. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 24, n. 180, abr. 1986. Língua Portuguesa, p. 20.

_____. Jogral com expressão corporal: romaria. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 24, n. 182, jun. 1986. Língua Portuguesa, p. 17.

_____. José. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 24, n. 183, jul. 1986. Jogral, p. 20.

_____. Carnaval carioca (fragmentos). **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 24, n. 184, ago. 1986. Língua Portuguesa, p. 20.

_____. Por que você é bacana. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 24, n. 186, out. 1986. Língua Portuguesa, p. 20.

_____. O mundo do menino impossível. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 24, n. 187, nov. 1986. Jogral, p. 16.

_____. Os estatutos do homem. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 25, n. 190, jun. 1987. Jogral, p. 18.

_____. Trem de Alagoas. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 25, n. 192, ago. 1987. Língua Portuguesa, p. 20.

_____. Pátria amada. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 25, n. 193, set. 1987. Língua Portuguesa; Jogral, p. 20.

_____. Vamos criar estorinhas? **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 25, n. 194, out. 1987. Língua Portuguesa, p. 20.

_____. Poesia. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 25, n. 194, nov. 1987. Língua Portuguesa, p. 18.

CASALDÁLIGA, P. “O partido do cristão deve defender o amor, a liberdade e o bem-comum”. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 19, n. 140, p. 12-13, set. 1981.

CATTELAN, A. Educação para o trabalho. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 20, n. 147, jul. 1982. Educação, p. 10.

CENTURIÃO, L. R. M. Manipulação da cultura popular. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 23, n. 178, nov. 1985. Cultura Brasileira, p. 7.

CIMADON, A. Para onde caminha a educação? **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 20, n. 146, jun. 1982. Educação, p. 5.

CIMADON, A.; BARUFFI, H. A educação rural à margem do sistema de ensino. Fotografia: Liliana Lavoratti. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 26, n. 199, jul. 1988. Educação, p. 2-3.

CLEMENTE, E. O prazer de recomeçar. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 24, n. 179, mar. 1986. Língua Portuguesa, p. 20.

_____. Tempo. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 24, n. 180, abr. 1986. Língua Portuguesa, p. 20.

_____. Considerações sobre a leitura. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 24, n. 182, jun. 1986. Língua Portuguesa, p. 17.

_____. A poesia na escola. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 24, n. 183, jul. 1986. Língua Portuguesa, p. 20.

_____. Habituar-se a escrever, desde cedo. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 24, n. 184, ago. 1986. Língua Portuguesa, p. 20.

_____. Poeta aos dez anos. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 24, n. 186, out. 1986. Língua Portuguesa, p. 20.

_____. Ainda e sempre a leitura. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 24, n. 187, nov. 1986. Língua Portuguesa, p. 16.

_____. Ler é meditar. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 25, n. 190, jun. 1987. Língua Portuguesa, p. 18.

_____. Poesia e vida. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 25, n. 192, ago. 1987. Língua Portuguesa, p. 20.

_____. Língua Portuguesa e texto. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 25, n. 193, set. 1987. Língua Portuguesa, p. 20.

_____. Vamos escrever. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 25, n. 194, out. 1987. Língua Portuguesa, p. 20.

_____. O estudo da língua. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 25, n. 194, nov. 1987. Língua Portuguesa, p. 18.

COMISSÃO PONTIFÍCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. **Instrução Pastoral *Communio et Progressio* sobre os meios de comunicação social**. 23 maio 1971. Disponível em:

<https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_23051971_communio_po.html>. Acesso em: 23 maio 2020.

CONCÍLIO VATICANO II. ***Inter Mirifica***: Decreto do Concílio Vaticano II sobre os meios de comunicação social. 04 dez. 1963. Disponível em:

<http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19631204_inter-mirifica_po.html>. Acesso em: 23 maio 2020.

DALPIAZ, O. O pensar identifica o homem. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 23, n. 171, abr. 1985.

_____. _____. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 23, n. 171, abr. 1985. Filosofia, p. 14.

_____. O homem na visão marxista. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 23, n. 173, jun. 1985. Filosofia, p. 10.

_____. O sentido cristão do homem. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 23, n. 176, set. 1985. Filosofia, p. 10.

_____. Amor de índio. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 25, n. 190, jun. 1987. Canção, p. 15.

_____. Jogo de cartas marcadas. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 25, n. 191, jul. 1987. Canção, p. 8.

_____. Eu só peço a Deus. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 25, n. 192, ago. 1987. Canção, p. 21.

_____. Quase sem querer. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 25, n. 194, out. 1987. Canção, p. 5.

DALPIAZ, O.; NÖLL, A. C. Nova República em debate. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 25, n. 187b, mar. 1987. Canção, p. 16.

DOBERSTEIN, A. W. A rebelião de 1924. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 23, n. 172, maio 1985. Movimentos Históricos, p. 18-19.

ELO JOVEM. Noite de contrastes. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 18, n. 133, dez. 1980. Jegral, p. 6.

EQUIPE DE ESTUDOS DA V ETAPA DO CURSO SUPLEMENTAR DE TEOLOGIA (Viamão, RS). Independência, ontem e hoje. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 21, n. 158, set. 1983. Jegral, p. 5.

FERREIRA, B. W. O desenvolvimento vocacional vai da infância à velhice. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 16, n. 113, out. 1978. Educação, p. 2-3.

FERREIRA, R. Como redigir. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 22, n. 161, mar. 1984. Como Redigir, p. 8-9.

_____. Leitura e redação. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 22, n. 162, abr. 1984. Como Redigir, p. 16.

_____. Ainda a leitura e a redação. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 22, n. 163, maio 1984. Como Redigir, p. 8.

_____. Visão da mulher na literatura brasileira. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 22, n. 163, maio 1984. Como Redigir, p. 8.

_____. Escrever. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 22, n. 164, jun. 1984. Como Redigir, p. 7.

_____. Tipos de redação. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 22, n. 165, jul. 1984. Como Redigir, p. 9.

_____. A dissertação e sua estrutura. Ilustração: André. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 22, n. 166, ago. 1984. Como Redigir, p. 17.

_____. Roteiro de redação. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 22, n. 167, set. 1984. Como Redigir, p. 3.

_____. Rascunho e cuidados finais. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 22, n. 168, out. 1984. Como Redigir, p. 11.

_____. Conteúdo, forma e correção. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 22, n. 169, nov. 1984. Como Redigir, p. 7.

FLORES, M. Os Muckers. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 23, n. 170, mar. 1985. Movimentos Históricos, p. 18-19.

_____. Farrapos: a República Rio-grandense. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 23, n. 176, set. 1985. Movimentos Históricos, p. 16-17.

FORSTER, M. M. dos S. A difícil tarefa de avaliar. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 24, n. 187, nov. 1986. Educação, p. 8-9.

GABEIRA, F. Transformar com o povo. **Mundo Jovem**. Porto Alegre, v. 25, n. 192, ago. 1987, p. 12-13.

GAMBIM, L. Terceira lâmina. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 19, n. 137, jun. 1981. Canção, p. 16.

_____. Milho aos pombos. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 20, n. 143, mar. 1982. Canção, p. 20.

GAMBIM, P. O homem na visão existencialista. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 23, n. 174, jul. 1985. Filosofia, p. 5.

GAUER, R. M. C. Aqui, um lugar de harmonia racial? **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 23, n. 176, set. 1985. Cultura Brasileira, p. 15.

GERTZ, R. E. O Integralismo. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 23, n. 177, out. 1985. Movimentos Históricos, p. 17.

GHISLENI, A. O jovem no pique da comunicação. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 23, n. 172, p. 9, maio 1985.

GIRARDI, L. J. Propaganda política no rádio e tevê. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 23, n. 175, ago. 1985.

_____. O conhecimento da verdade. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 23, n. 178, nov. 1985. Filosofia, p. 6.

GRUPO CRISTO ALFA. Mãe, um poema de vida. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 18, n. 127, maio 1980. Jogral, p. 17.

GUARESCHI, N. M. F.; PAULON, S. A escola prepara para a realidade? **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 26, n. 201, set. 1988. Educação, p. 16.

GUARESCHI, P. Gastar ou investir na educação. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 20, n. 143, mar. 1982. Educação, p. 5.

_____. Notícias: as belas mentiras. **Jornal Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 22, n. 164, jun. 1984. Comunicação, p. 18-19.

_____. A comunicação alternativa. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 22, n. 169, nov. 1984. Comunicação, p. 8-9.

HACK, J. L. O grande julgamento. **Jornal Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 22, n. 165, jul. 1984. Jogral, p. 17.

_____. Educação e Juventude. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 23, n. 174, jul. 1985, p. 14.

_____. A crise de esperança dos jovens. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 23, n. 175, ago. 1985. Ano do Jovem, p. 6-7.

HAMERSKI, A. O desenvolvimento da comunicação pelo texto livre. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 26, n. 198, jun. 1988. Educação, p. 18-19.

HECK, D. Viver servindo. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 19, n. 139, ago. 1981. Jogral, p. 17.

HENRIQUES, A. R. O homem na filosofia oriental. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 23, n. 172, maio 1985. Filosofia, p. 15.

INFORMAÇÕES VOCACIONAIS, Viamão, v. 1, n. 0, mar. 1963. Editorial, p. 1.

KLIEMANN, L. H. S. Brasil, 1889-1930: os caminhos de uma revolução. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 23, n. 174, jul. 1985. Movimentos Históricos, p. 18-19.

KUNERT, I. H. A Revolução Federalista. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 23, n. 171, abr. 1985. Movimentos Históricos, p. 18-19.

KUNZLER, A. Ressurreição: começa uma vida humana. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 20, n. 144, abr. 1982. Jogral, p. 23.

LANÇAI AS RÊDES, Viamão, v. 2, n. 5, p. 1, ago. 1964.

LIMA, E. B. Amor maior. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 23, n. 175, ago. 1985. Jogral, p. 24.

LORENZONI, L. M. Para quem leva a sério a educação. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 20, n. 145, maio 1982. Educação, p. 11.

LORSCHHEITER, I. Entrevista a Dom Ivo: chave de solução para nossos problemas está dentro do próprio país. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 22, n. 167, p. 11, set. 1984.

MACIEL, M. E. Apontamentos sobre cultura popular. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 23, n. 173, jun. 1985. Cultura Brasileira, p. 15.

MAROCCO, A. A realização vocacional não existe para a maioria dos jovens. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 25, n. 193, set. 1987. Entrevista, p. 2-3.

MENEGOLLA, M. O que ensinar? Ilustração: Cesar Arrué. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 26, n. 196, abr. 1988. Educação, p. 16-17.

MUNDO JOVEM, Viamão, n. 24, out.-nov. 1967, p. 1.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 16, n. 107, mar. 1978. Recado dos Leitores, p. 22.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 16, n. 108, abr. 1978. Recado dos Leitores, p. 22.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 16, n. 109, mai. 1978. Recado dos Leitores, p. 22.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 16, n. 110, jun. 1978. Recado dos Leitores, p. 22.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 16, n. 111, ago. 1978. Recado dos Leitores, p. 22.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 16, n. 112, set. 1978. Recado dos Leitores, p. 22.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 16, n. 113, out. 1978. Recado dos Leitores, p. 22.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 16, n. 114, nov. 1978. Recado dos Leitores, p. 22.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 16, n. 115, dez. 1978. Recado dos Leitores, p. 22.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 17, n. 116, mar. 1979. Recado dos Leitores, p. 22.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 17, n. 117, abr. 1979. Recado dos Leitores, p. 22.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 17, n. 118, mai. 1979. Recado dos Leitores, p. 22.

- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 17, n. 119, jun. 1979. Recado dos Leitores, p. 22.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 17, n. 120, ago. 1979. Recado dos Leitores, p. 22.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 17, n. 121, set. 1979. Recado dos Leitores, p. 22.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 17, n. 122, out. 1979. Recado dos Leitores, p. 22.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 17, n. 123, nov. 1979. Recado dos Leitores, p. 20.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 17, n. 124, dez. 1979. Recado dos Leitores, p. 20.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 18, n. 125, mar. 1980. Recado dos Leitores, p. 20.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 18, n. 126, abr. 1980. Recado dos Leitores, p. 18.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 18, n. 127, mai. 1980. Recado dos Leitores, p. 18.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 18, n. 128, jun. 1980. Recado dos Leitores, p. 20.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 18, n. 129, ago. 1980. Recado dos Leitores, p. 20.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 18, n. 130, set. 1980. Recado dos Leitores, p. 20.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 18, n. 131, out. 1980. Recado dos Leitores, p. 20.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 18, n. 132, nov. 1980. Recado dos Leitores, p. 22.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 18, n. 133, dez. 1980. Recado dos Leitores, p. 20.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 19, n. 134, mar. 1981. Recado dos Leitores, p. 22.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 19, n. 135, abr. 1981. Recado dos Leitores, p. 20.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 19, n. 136, mai. 1981. Recado dos Leitores, p. 22.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 19, n. 137, jun. 1981. Recado dos Leitores, p. 20.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 19, n. 139, ago. 1981. Recado dos Leitores, p. 22.

- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 19, n. 140, set. 1981. Recado dos Leitores, p. 20.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 19, n. 141, out. 1981. Recado dos Leitores, p. 19.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 19, n. 142, nov. 1981. Recado dos Leitores, p. 21.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 20, n. 143, mar. 1982. Recado dos Leitores, p. 21.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 20, n.144, abr. 1982. Recado dos Leitores, p. 22.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 20, n. 145, mai. 1982. Recado dos Leitores, p. 22.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 20, n. 146, jun. 1982. Recado dos Leitores, p. 20.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 20, n. 147, jul. 1982. Recado dos Leitores, p. 22.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 20, n. 148, ago. 1982. Recado dos Leitores, p. 22.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 20, n. 149, set. 1982. Recado dos Leitores, p. 21.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 20, n. 150, out. 1982. Recado dos Leitores, p. 22.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 20, n. 151, nov. 1982. Recado dos Leitores, p. 22.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 21, n. 152, mar. 1983. Recado dos Leitores, p. 21.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 21, n.153, abr. 1983. Recado dos Leitores, p. 22.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 21, n. 154, mai. 1983. Recado dos Leitores, p. 21.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 21, n. 155, jun. 1983. Recado dos Leitores, p. 23.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 21, n. 156, jul. 1983. Recado dos Leitores, p. 22.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 21, n. 157, ago. 1983. Recado dos Leitores, p. 22.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 21, n. 158, set. 1983. Recado dos Leitores, p. 20.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 21, n. 159, out. 1983. Recado dos Leitores, p. 22.

- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 21, n. 160, nov. 1983. Recado dos Leitores, p. 22.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 22, n. 153, mar. 1984. Recado dos Leitores, p. 22.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 22, n.154, abr. 1984. Recado dos Leitores, p. 22.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 22, n. 155, mai. 1984. Recado dos Leitores, p. 22.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 22, n. 156, jun. 1984. Recado dos Leitores, p. 23.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 22, n. 157, jul. 1984. Recado dos Leitores, p. 22.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 22, n. 158, ago. 1984. Recado dos Leitores, p. 22.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 22, n. 159, set. 1984. Recado dos Leitores, p. 22.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 22, n. 160, out. 1984. Recado dos Leitores, p. 21.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 22, n. 161, nov. 1984. Recado dos Leitores, p. 22.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, ano XXII, n. 169, nov. 1984, p. 11.
- MUNDO JOVEM. 1985: o ano do jovem. **Mundo Jovem**. Porto Alegre, v. 22, n. 169, nov. 1984, p. 11-14.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 23, n. 162, mar. 1985. Recado dos Leitores, p. 23.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 23, n. 163, abr. 1985. Recado dos Leitores, p. 22.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 23, n. 164, mai. 1985. Recado dos Leitores, p. 20.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 23, n. 165, jun. 1985. Recado dos Leitores, p. 22.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 23, n. 166, jul. 1985. Recado dos Leitores, p. 23.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 23, n. 167, ago. 1985. Recado dos Leitores, p. 23.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 23, n. 168, set. 1985. Recado dos Leitores, p. 22.
- MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 23, n. 169, out. 1985. Recado dos Leitores, p. 22.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 23, n. 170, nov. 1985. Recado dos Leitores, p. 23.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 24, n. 171, mar. 1986. Recado dos Leitores, p. 23.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 24, n. 172, abr. 1986. Recado dos Leitores, p. 21.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 24, n. 173, mai. 1986. Recado dos Leitores, p. 22.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 24, n. 174, jun. 1986. Recado dos Leitores, p. 23.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 24, n. 175, jul. 1986. Recado dos Leitores, p. 22.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 24, n. 176, ago. 1986. Recado dos Leitores, p. 21.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 24, n. 177, set. 1986. Recado dos Leitores, p. 22.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 24, n. 178, out. 1986. Recado dos Leitores, p. 22.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 24, n. 179, dez. 1986. Recado dos Leitores, p. 21.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 25, n. 180, mar. 1987. Recado dos Leitores, p. 23.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 25, n. 181, abr. 1987. Recado dos Leitores, p. 21.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 25, n. 182, mai. 1987. Recado dos Leitores, p. 23.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 25, n. 183, jun. 1987. Recado dos Leitores, p. 23.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 25, n. 184, jul. 1987. Recado dos Leitores, p. 23.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 25, n. 185, ago. 1987. Recado dos Leitores, p. 23.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 25, n. 186, set. 1987. Recado dos Leitores, p. 23.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 25, n. 187, out. 1987. Recado dos Leitores, p. 23.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 25, n. 188, nov. 1987. Recado dos Leitores, p. 21.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 26, n. 189, mar. 1988. Recados, p. 23.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 26, n. 190, abr. 1988. Recados, p. 23.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 26, n. 191, mai. 1988. Recados, p. 23.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 26, n. 192, jun. 1988. Recados, p. 23.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 26, n. 193, jul. 1988. Recados, p. 23.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 26, n. 194, ago. 1988. Recados, p. 23.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 26, n. 195, set. 1988. Recados, p. 23.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 26, n. 196, out. 1988. Recados, p. 23.

MUNDO JOVEM, Porto Alegre, v. 26, n. 197, nov. 1988. Recados, p. 23.

NADAL, T. Fome, quem te gerou? **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 23, n. 174, jul. 1985.

NERY, C. Dia das Mães: balada para a mãe do século XX. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 16, n. 109, maio 1978. Jogral, p. 6-7.

_____. Os símbolos do Natal. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 17, n. 124, dez. 1979. Jogral, p. 12-13.

NEUMANN, L. Da copa para a cozinha. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 16, n. 111, ago. 1978. Editorial, p. 4.

_____. A descultura das escolas brasileiras. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 16, n. 113, out. 1978. Editorial, p. 4.

_____. O ensino desvinculado da realidade. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 20, n. 144, abr. 1982. Editorial, p. 4.

_____. País de contrastes. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 20, n. 149, set. 1982. Jogral, p. 19.

NOSSA proposta. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 24, n. 179, mar. 1986.

O JOVEM e o futuro. **Mundo Jovem**. Porto Alegre, v. 26, n. 196, abr. 1988, p. 22.

OLIVEIRA, J. A. de. Norte e nordeste. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 16, n. 115, dez. 1978. Recado dos Leitores, p. 22.

_____. Os jovens e a propaganda. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 24, n.181, mai. 1986.

OLIVEIRA, J. E. Dia das Mães: mãe da minha infância. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 17, n. 118, maio 1979. Jogral, p. 8.

PAULON, S.; CRUZ, M. L. F. Jovem, força de transformação. **Mundo Jovem**. Porto Alegre, v. 23, n. 170, mar. 1985, p. 14.

_____. Juventude: dificuldade e valores. **Mundo Jovem**. Porto Alegre, v. 23, n. 173, jun. 1985, p. 16.

_____. A crise de esperança dos jovens. **Jornal Mundo Jovem**. Porto Alegre, v. 23, n. 175, ago. 1985, p. 6.

_____. O dilema do ingresso no mundo do trabalho. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 26, n. 195, mar. 1988. Educação, p. 4.

PEREZ, L. F. O que é mesmo cultura? **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 23, n. 171, abr. 1985. Cultura Brasileira, p. 11.

_____. A Indústria Cultural como instrumento de legitimação do Estado. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 23, n. 175, ago. 1985. Cultura Brasileira, p. 10.

PIERDONÁ, E. Pastoral de Juventude estudantil: um espaço de formação de jovens. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 26, n. 200, ago. 1988. Juventude, p. 11.

RAMOS, R. As mentiras nos meios de comunicação. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 26, n. 199, jul. 1988. Comunicação, p. 9.

RAMOS, S. Dia do Professor: aqueles que ensinam. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 16, n. 113, out. 1978. Jogral, p. 8.

RAMOS, T. V. Imprensa livre defende povo e nação. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, ano 17, n. 119, p. 4, jun. 1979.

RIZZARDO, A. Equipes vocacionais. In: **Informações Vocacionais**, Viamão, v. 1, nº 0, p. 5, mar. 1963.

ROCHA, A. L. C. da. Dos caminhos e descaminhos do folclore: o caso do Rio Grande do Sul. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 23, n. 172, maio 1985. Cultura Brasileira, p. 14.

ROSSA, L. A. O fracasso escolar: (programado para reproduzir o sistema). **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 20, n. 144, abr. 1982. Educação, p. 12-13.

_____. A Igreja e a educação no Brasil. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 20, n. 150, out. 1982. Educação, p. 14-15.

SANTOS, A. C. M. dos. No final, o povo perdeu. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 25, n. 194b, nov. 1987. Constituinte, p. 5.

SOMACAL, C. [Uma canção de amor]. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 19, n. 141, out. 1981. Canção, p. 17.

S.O.S. Vocações, Viamão, v. 1, n. 1, set. 1963. Editorial, p. 1.

THOMAS, L. C. A liberdade no dia-a-dia da vida. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 23, n. 175, ago. 1985. Filosofia, p. 11.

TIMM, B. Novelas: uma fórmula de comportamento. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 23, n. 177, out. 1985. Cultura Brasileira, p. 7.

TORRESINI, E. W. R. A Indústria Cultural. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 23, n. 174, jul. 1985. Cultura Brasileira, p. 16-17.

TOTTA, Z. JIC: “1964 foi um parênteses na história, os que saíram desse parênteses saíram convertidos”. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 21, n. 157, ago. 1983, p. 2-3.

VALLS, A. Sem Filosofia não há vida política democrática. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, v. 20, n. 151, nov. 1982, p. 16-17.

APÊNDICE A - BANCO DE DADOS DO JORNAL MUNDO JOVEM

Seção	Página	Fascículo	Data	Título	Autor	Tema	Palavras-chave
Sem seção definida	16, 17	107	mar. 1978	A idolatria do futebol	Narcísio de Nadal	Trata sobre a alienação das massas, a partir do futebol	MCM, Hegemonia, alienação
MJ Comenta	19	107	mar. 1978	A TV também dissolve	Sem autor	Trata da substituição das relações familiares pela TV	MCM, hegemonia
Recado dos Leitores	22	107	mar. 1978	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
MJ Comenta	19	108	abr. 1978	Pesadelos enlatados	Sem autor	Trata da cultura nacional e a interferência dos filmes norte-americanos	MCM, Hegemonia
Recado dos Leitores	22	108	abr. 1978	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Jogral	6	109	mai. 1978	Balada para a mãe do século XX	Irmão Nery	O material disponibilizado serve para eventos a serem realizados na escola	Práticas escolares
Sem seção definida	15	109	mai. 1978	Uma prostituta em sua casa	Neimar de Barros	Os problemas provocados pelo uso indiscriminado de TV pelas crianças e jovens	MCM, Hegemonia, alienação
MJ Comenta	19	109	mai. 1978	Homem planetário	Sem autor	Trata sobre o progresso dos meios de comunicação social	MCM, Hegemonia
Recado dos Leitores	22	109	mai. 1978	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Sem seção definida	7	110	jun. 1978	Incultura na música	Vitor Edezio Borges	O artigo trata sobre a lucrativa indústria fonográfica	MCM, cultura
Sem seção definida	15	110	jun. 1978	Juventude na Alemanha	Helmut Egewarth	O texto traça um paralelo entre a educação no Brasil e na Alemanha, ao afirmar que no país a escola emudece o jovem	Juventude
MJ Comenta	19	110	jun. 1978	Mobilização popular contra a inflação	Sem autor	Trata sobre o contexto histórico-econômico	Contexto histórico-econômico

Recado dos Leitores	22	110	jun. 1978	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Recado dos Leitores	22	111	ago.1978	sem título	Sem autor	Trata sobre os grupos de jovens que utilizam o MJ (ed. Informal) e a discussão de publicações anteriores do jornal	Práticas escolares e Juventude
Sem seção definida	6	112	set. 1978	Incultura no jornal	Pedro Gilberto Gomes	O texto discute a preocupação dos jornais com a cultura	MCM, cultura
MJ Comenta	19	112	set. 1978	O milagre da sobrevivência	Sem autor	Trata sobre a relação entre a inflação e o salário mínimo	Contexto histórico-econômico
Recado dos Leitores	22	112	set. 1978	sem título	Sem autor	Trata sobre a alienação pela TV, e o uso da MJ nas escolas	Práticas escolares e Juventude
Contracapa	24	112	set. 1978	Televisão enredada	Tibério Vargas Ramos	Crônica sobre dados de emissoras de TV no Estado do RS	MCM, cultura
Educação	2, 3	113	out. 1978	O desenvolvimento educacional vai da infância à velhice	Mestre Berta Well Ferreira	Trata sobre a escolha profissional e a importância desse processo para os jovens	Juventude
Ensaio	5	113	out. 1978	Magistério: profissão em decadência	Artur Hamerski	Ensaio sobre o papel do professor e a urgência de uma reforma educacional	Políticas Públicas e reforma educacional
Poesia	6	113	out. 1978	Não desisto	Anízio Filgueiras da Fonseca	Poesia em comemoração ao dia do Professor	Práticas escolares
Jogral	8	113	out. 1978	Aqueles que ensinam	Irmã Susana Ramos	Jogral em comemoração ao dia do Professor	Práticas escolares
MJ Comenta	19	113	out. 1978	A volta do debate político	Tibério Vargas Ramos	Trata das primeiras eleições diretas para uma parte do senado e deputados	Contexto histórico-político
Recado dos Leitores	22	113	out. 1978	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Eleições	7	114	nov.1978	10 mandamentos do eleitor católico	Lar Católico, Juiz de Fora (MG)	O texto trata sobre o que deve orientar o eleitor católico no pleito de 15 de novembro	Relação Estado X Igreja

Eleições	7	114	nov. 1978	17 princípios do político cristão	Faculdade de Filosofia Santa Marcelina, Muriaé	O texto trata das características que deve representar o político católico	Relação Estado X Igreja
MJ Comenta	21	114	nov. 1978	O falso e o verdadeiro missionário	Sem autor	Trata sobre os missionários que aparecem nos meios de comunicação de massa	MCM, cultura
Recado dos Leitores	22	114	nov. 1978	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Sem seção definida	15	115	dez. 1978	A anticultura da novela	Olívio Plínio Colombo	O texto trata da novela como um movimento anticultura	MCM, cultura
Jogral	17	115	dez. 1978	Jesus é pobre. Ele quer um lugar para nascer!	Sem autor	Material de apoio pedagógico para apresentações da escola no Natal	Práticas escolares
MJ Comenta	19	115	dez. 1978	A moda do biorritmo	Sem autor	Trata sobre teorias propagadas pelos meios de comunicação de massa, que estão levando a hegemonia e alienação.	MCM, Hegemonia, alienação
Recado dos Leitores	22	115	dez. 1978	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Humanismo e Tecnologia	14	116	mar. 1979	A guerra não declarada	Laurício Neumann	O artigo trata sobre a Guerra Fria e a tecnologia bélica	Contexto histórico-político
MJ Comenta	21	116	mar. 1979	Problemas da terra	Sem autor	Trata sobre as ameaças ao pequeno agricultor	Outro
Recado dos Leitores	22	116	mar. 1979	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Humanismo e Tecnologia	10, 11	117	abr. 1979	Crise: a arma dos vivos e incompetentes	Laurício Neumann	Trata sobre o uso da crise em prol de um discurso de aceitação dos problemas	Contexto histórico-político
MJ Comenta	19	117	abr. 1979	A injustiça pesa sobre Congonhas	Laurício Neumann	Trata sobre problemas de manutenção de cidades históricas	Outro
Recado dos Leitores	22	117	abr. 1979	sem título	Sem autor	Trata sobre o uso do Jornal em sala de aula, a importância para os jovens e as palestras audiovisuais organizadas pelo MJ (ed. informal)	Práticas escolares e Juventude

Jogral	8	118	mai. 1979	Mãe da minha infância	José Euclides Oliveira	Jogral em comemoração ao dia das mães	Práticas escolares
Crônica	14	118	mai. 1979	Quem vai pela cabeça dos outros é piolho	Alex José Kloppenburg	Trata sobre os meios de comunicação e sua influência na formação da opinião pública	MCM, hegemonia
MJ Comenta	19	118	mai. 1979	Carter manda vigiar movimentos católicos	Sem autor	O texto trata sobre a possível atenção dos EUA aos movimentos católicos na América Latina	Relação Estado X Igreja
Recado dos Leitores	22	118	mai. 1979	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Crônica	9	119	jun. 1979	Visão social da caridade	Neimar de Barros	Crítica a utilização da TV pela população, um telespectador que não questiona	MCM, cultura
Humanismo e Tecnologia	16, 17	119	jun. 1979	Reflexos da crise	Luiz Carlos Thomas	Trata da inadequação do sistema de ensino as novas tecnologias	Práticas escolares, educação
Sem seção definida	18	119	jun. 1979	Os dez mandamentos dos pais e dos mestres	Colégio Agrícola Senador G. de Oliveira (Araquari-SC)	Apresenta algumas diretrizes para as práticas escolares com as crianças e jovens	Práticas escolares
MJ Comenta	19	119	jun. 1979	sem título	Sem autor	Texto sem importância	Outro
Recado dos Leitores	22	119	jun. 1979	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Juventude
Crônica	7	120	ago. 1979	Os viciados em TV	Káiros momento	Trata sobre uma experiência que retirou a TV de famílias por uma semana, e verificou seus resultados	MCM, cultura
Humanismo e Tecnologia	8	120	ago. 1979	Os valores da técnica	Laurício Neumann	Trata sobre as mudanças sociais provocadas pelo avanço da tecnologia	MCM, cultura
Sem seção definida	9	120	ago. 1979	Ensino especial	Edith I de Oliveira	Trata sobre as práticas escolares na perspectiva da educação especial	Práticas escolares
MJ Comenta	19	120	ago. 1979	Violência, no Brasil	Laurício Neumann	Trata sobre a situação econômica do Brasil	Contexto histórico-econômico
Recado dos Leitores	22	120	ago. 1979	sem título	Sem autor	Trata da utilização em sala de aula e em espaços de ensino não-formal	Práticas escolares e Juventude

Sem seção definida	7	121	set. 1979	Povão continua ligado ao rádio	Tibério Vargas Ramos	O texto trata do uso do rádio enquanto meio de comunicação	MCM, cultura
Sem seção definida	11	121	set. 1979	A alfabetização e o Mobral	Flávia Sant'Ana	O texto apresenta considerações sobre o programa de alfabetização Mobral	Práticas escolares, educação
Entrevista	12, 13	121	set. 1979	Pastoral da Juventude	Vitor Edezio Borges	Trata sobre a presença de grupos de jovem dentro de espaços da Igreja Católica	Juventude
MJ Comenta	19	121	set. 1979	Crédito educativa	Sem autor	O texto trata do crédito educativo financiado pela CEF, semelhante ao FIES	Outro
Recado dos Leitores	22	121	set. 1979	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Entrevista	8, 9	122	out. 1979	Movimento reivindicatório dos professores	Laurício Neumann	Entrevista realizada com 6 professores que explica os motivos para a greve, explica o contexto histórico e o recorte do projeto	Contexto histórico
MJ Comenta	20	122	out. 1979	sem título	Sem autor	Texto sem importância	Outro
Recado dos Leitores	22	122	out. 1979	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Sem seção definida	8	123	nov. 1979	Transamazônica. O início do fim?	Pedro Gambim	Trata sobre os problemas enfrentados na educação brasileira	Educação
Sem seção definida	16, 17	123	nov. 1979	Educar é ajudar a viver	Maximiliano Menegolla	Trata sobre a importância da educação na formação humana	Educação
MJ Comenta	19	123	nov. 1979	Representação estudantil	Sem autor	Trata sobre a presença de estudantes nos movimentos políticos e a lei da Anistia	Contexto histórico-político
Recado dos Leitores	20	123	nov. 1979	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Humanismo e Tecnologia	9	124	dez. 1979	Por uma tecnologia democrática 2	Laurício Neumann	Trata sobre os usos tecnológicos e dos MCM para manipular as pessoas	MCM, cultura
Jogral	12, 13	124	dez. 1979	Os símbolos do Natal	Sem autor	Jogral em comemoração ao Natal	Práticas escolares
Recado dos Leitores	20	124	dez. 1979	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
MJ Comenta	21	124	dez. 1979	O dinheiro do povo	Sem autor	Trata dos problemas econômicos nacionais	Contexto

				brasileiro			histórico-econômico
MJ Comenta	19	125	mar. 1980	O brasileiro não lê	Sem autor	Trata sobre o fato de que os brasileiros pouco lêem, e muito consomem dos MCM	MCM, cultura
Recado dos Leitores	20	125	mar. 1980	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Jovem e seu meio	2, 3	126	abr. 1980	O jovem e a marginalização	José R. Hoss	Trata sobre as causas de marginalização dos jovens	Juventude
Teologia da juventude	8	126	abr. 1980	O que a juventude pensa de si mesma	Ernesto Daniel Stefani	O texto se refere a uma reflexão dos jovens sobre si	Juventude
Recado dos Leitores	18	126	abr. 1980	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
MJ Comenta	19	126	abr. 1980	sem título	Sem autor	Texto sem importância	Outro
Teologia da juventude	6	127	mai. 1980	O que o adulto pensa da juventude	Ernesto Daniel Stefani	Trata sobre a perspectiva do adulto sobre o jovem	Juventude
Sem seção definida	12, 13	127	mai. 1980	Um lobo vestido de cordeiro	Valdir F. Gambim	Trata sobre a manipulação promovida pelos MCM	MCM, cultura e hegemonia
Canção	14	127	mai. 1980	Para não dizer que não falei de flores	Luiz Gambim	Análise de música	Práticas escolares
Jogral	17	127	mai. 1980	Mãe, um poema de vida	Grupo Cristo Alfa (Campina Grande-PB)	Jogral em comemoração ao Dia das Mães	Práticas escolares
Recado dos Leitores	18	127	mai. 1980	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
MJ Comenta	19	127	mai. 1980	Um massacre sem punição	Sem autor	Trata sobre o tema do aborto, numa edição comemorativa ao Dia das Mães	Outro
Sem seção definida	5	128	jun. 1980	A informação não tem dono	Tibério Vargas Ramos	Trata sobre as diferentes formas de censura (econômica, política) para iludir a população	Contexto histórico-político
Sem seção	14	128	jun. 1980	A Igreja que aprova	José Fernandes	Trata sobre o apoio dos Bispos na greve que	Relação

definida				greves	de Oliveira (Zezinho)	ocorreu no ABC e São Paulo - Teologia da Libertação	Estado X Igreja
MJ Comenta	19	128	jun. 1980	Mobral: "diversão educacional"	Pedro Guareschi	Trata sobre o Mobral e sua modalidade de ensino	Educação
MJ Comenta	19	128	jun. 1980	Bebendo ilusões	Cláudio Somacal	Trata sobre a manipulação promovida pelos MCM	MCM, cultura e hegemonia
Recado dos Leitores	20	128	jun. 1980	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Jovem e seu meio	7	129	ago. 1980	O Jovem e a manipulação da sociedade	Jandir Luiz Ferrari, SDB	Trata sobre a relação dos jovens com o consumo e os MCM	MCM, cultura
Canção	11	129	ago. 1980	Meu querido, meu velho, meu amigo	Luiz Gambim	Análise de música	Práticas escolares
MJ Comenta	19	129	ago. 1980	O riso escasso da nossa televisão	José Fernandes de Oliveira (Zezinho)	Trata sobre a comédia na televisão brasileira	MCM, cultura
Recado dos Leitores	20	129	ago. 1980	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Sem seção definida	6	130	set. 1980	Importância da personalidade do professor na formação da consciência crítica	Aristides Cimadon	O texto é uma análise psicológica do perfil psicológico que o professor precisa apresentar	Educação
Jogral	7	130	set. 1980	Aprender a aprender	Sem autor	Jogral sobre temática geral para ser utilizado em atividades cívicas da escola	Práticas escolares
Canção	10	130	set. 1980	Geni e Zepelim	Tarcísio de Nadal	Análise de música	Práticas escolares
Jovem e seu meio	15	130	set. 1980	Muito trabalho e dificuldades, pouco dinheiro e hora de lazer	Eloi Joarez Pistorello	Trata da relação do jovem no mercado de trabalho	Juventude
MJ Comenta	19	130	set. 1980	Independência, algo a construir	Sem autor	Trata sobre as condições de dependência da população brasileira	Contexto histórico-político

Recado dos Leitores	20	130	set. 1980	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Jovem e seu meio	5	131	out. 1980	O jovem e o estudo	Assis Moser, SDB	Trata da relação do jovem com o espaço de educação formal	Juventude
Canção	15	131	out. 1980	Anúncio de Jornal	Jorge Thums	Análise de música	Práticas escolares
História	17	131	out. 1980	Façamos a revolução antes que o povo a faça	Joaquim José Felizardo	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de História	Práticas escolares
Recado dos Leitores	20	131	out. 1980	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
MJ Comenta	21	131	out. 1980	sem título	Sem autor	Texto sem importância	Outro
Sem seção definida	2, 3	132	nov. 1980	O jovem e a participação político-social	José Lino Hack	Trata sobre a presença dos jovens e de grupos de jovens no cenário e discussão política	Juventude
Canção	7	132	nov. 1980	O profeta	Luiz Gambim	Análise de música	Práticas escolares
Sem seção definida	10	132	nov. 1980	Desapareceram os espíritos críticos	Artur Hamerski	O artigo trata sobre a interferência da educação tecnicista na formação do espírito crítico dos jovens - relacionar com a apatia dos jovens nos anos de 1980!	Educação
Sem seção definida	12	132	nov. 1980	A tarefa da educação na sociedade	Ironilda Mello Hansen	Trata sobre a influência da educação na sociedade	Educação
História	20	132	nov. 1980	Renúncia do Marechal Deodoro	Joaquim José Felizardo	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de História	Práticas escolares
MJ Comenta	21	132	nov. 1980	sem título	Sem autor	Texto sem importância	Outro
Recado dos Leitores	22	132	nov. 1980	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Jogral	6	133	dez. 1980	Noite de contrastes	Elo Jovem (Taquari-RS)	Jogral sobre temática geral para ser utilizado em atividades cívicas da escola	Práticas escolares
Jogral	7	133	dez. 1980	Deus mora no meio de nós	Adair C. Peruzzolo	Jogral de celebração do Natal	Práticas escolares
Jovem e seu	14	133	dez. 1980	O Jovem e o futuro	Asídio e Eduardo	Trata de como o jovem entende e projeta o seu	Juventude

meio						futuro	
História	16	133	dez. 1980	John Reed, jornalista das barricadas	Joaquim José Felizardo	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de História	Práticas escolares
Canção	17	133	dez. 1980	Foi Deus quem fez você	Leonardo M. Foschiera	Análise de música	Práticas escolares
MJ Comenta	19	133	dez. 1980	Política	Sérgio Zanatta	Trata sobre os partidos políticos que estavam sendo criados no Brasil	Contexto histórico-político
Recado dos Leitores	20	133	dez. 1980	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares
A palavra do Papa	5	134	mar. 1981	O que João Paulo II veio dizer aos nossos jovens	José Fernandes de Oliveira (Zezinho)	Trata sobre a relação entre os jovens e a religião	Religião e Juventude
Grupo de jovens	6	134	mar. 1981	Importância de um grupo de jovens na comunidade	Hilário Dick	Trata sobre a presença de grupos de jovem no espaço social	Educação informal
Sem seção definida	14, 15	134	mar. 1981	Você é um bom estudante?	Lucinda Maria Lorenzoni	O artigo analisa a educação escolar	Educação
Sem seção definida	16, 17	134	mar. 1981	A educação é crítica por natureza	Tarcísio de Nadal	O artigo analisa a educação escolar, no contexto da política e religião	Relação Estado X Igreja
MJ Comenta	21	134	mar. 1981	Terra de encantos	Elmar José Lenhard	Apresenta um texto patriótico utilizado nas escolas, mas que não reflete a realidade brasileira	Práticas escolares
Recado dos leitores	22	134	mar. 1981	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares
A palavra do Papa	6	135	abr. 1981	Não acorrenteis a alma das massas	Ângelo D. Salvador	Trata sobre a relação entre os jovens, a religião e os MCM	Religião e Juventude
Grupo de jovens	10	135	abr. 1981	Grupos e movimentos de jovens no Rio Grande do Sul	Hilário Dick	Trata sobre a presença de grupos de jovem no espaço social	Educação informal
Canção	16	135	abr. 1981	Guerra dos meninos	Pedro Gambim	Análise de música	Práticas escolares
Recado dos Leitores	20	135	abr. 1981	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
MJ Comenta	21	135	abr. 1981	sem título	Sem autor	Texto sem importância	Outro
Canção	8	136	mai. 1981	Se eu quiser falar com Deus	Pedro Gambim	Análise de música	Práticas escolares

MJ Comenta	21	136	mai. 1981	Ano do deficiente físico	Laurício Neumann	Trata sobre o ano de 1981 que será comemorativo da deficiência física	Outro
Recado dos Leitores	22	136	mai. 1981	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares
Crônica	24	136	mai. 1981	A televisão	Artur Miranda	A crônica simula uma entrevista com a televisão	MCM, cultura
Canção	16	137	jun. 1981	Terceira lâmina	Luiz Gambim	Análise de música	Práticas escolares
Recado dos Leitores	20	137	jun. 1981	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
MJ Comenta	21	137	jun. 1981	sem título	Sem autor	Texto sem importância	Outro
Canção	11	138	jul. 1981	Antonio Cardoso em Histórias da Gente	Laurício Neumann	Análise de música	Práticas escolares
MJ Comenta	22	138	jul. 1981	sem título	Sem autor	Texto sem importância	Outro
Recado dos Leitores	0	138	jul. 1981	sem título	Sem autor	Nesta edição não foi publicada a seção Recado dos leitores	Outro
Entrevista	8, 9	139	ago. 1981	Cardeal Arns: entrevista	Cláudio Somacal	Entrevista em que é tratado sobre as CEB's e as questões políticas	Relação Estado X Igreja
Política	12, 13	139	ago. 1981	Pela participação econômica se mede a participação política	Dilan Camargo e Roque Vitor Dal Ros	O artigo trata da Ditadura Civil-militar e da participação popular na política	Contexto histórico-político
Grupo de jovens	16	139	ago. 1981	Dinâmica de grupo, a força que gera crescimento	José Lino Hack	Trata sobre a presença de grupos de jovem no espaço social	Educação informal
Jogral	17	139	ago. 1981	Viver servindo	Delcy Heck	Jogral sobre temática geral para ser utilizado em atividades cívicas da escola	Práticas escolares
História	20	139	ago. 1981	Declaração dos direitos do homem e do cidadão	Joaquim José Felizardo	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de História	Práticas escolares
MJ Comenta	21	139	ago. 1981	O operário padrão	Neimar de Barros	Trata da promoção para a eleição do operário padrão	Outro
Recado dos	22	139	ago. 1981	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância	Práticas

Leitores						para os jovens	escolares e Juventude
Crônica	10	140	set. 1981	O Brasil foi ao médico	Alfredo José Gonçalves	O artigo crítica o sistema político e econômico brasileiro	Contexto histórico-político
Entrevista	12, 13	140	set. 1981	Entrevista	Luiz Gambim e Laurício Neumann	O artigo trata sobre a relação Estado e Igreja, com Dom Pedro Casaldáliga	Relação Estado X Igreja
Jogral	14	140	set. 1981	sem título	Sem autor	Jogral sobre temática geral para ser utilizado em atividades cívicas da escola	Práticas escolares
Sem seção definida	15	140	set. 1981	Bebendo e dançando ao redor do cavalo de Tróia	Pedrinho Guareschi	O artigo sobre a influência dos meios de comunicação nos padrões de consumo, ele também divulga o livro de Pedro Guareschi	MCM, cultura e hegemonia
Recado dos Leitores	20	140	set. 1981	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Canção	17	141	out. 1981	sem título	Cláudio Somacal	Análise de música	Práticas escolares
Recado dos Leitores	19	141	out. 1981	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
MJ Comenta	20	141	out. 1981	Injustiça e ordem	Sem autor	Trata sobre o contexto histórico-econômico	Contexto histórico-político
Crônica	21	141	out. 1981	Meus adolescentes não tem surpresas	Sem autor	O texto faz uma crítica a educação pouco reflexiva oferecida aos jovens e é sugerido para que seja debatido em sala de aula	Práticas escolares
Jogral	12, 13	142	nov. 1981	Algum dia, o homem será irmão do homem	Tarcísio de Nadal	Jogral em comemoração ao Natal	Práticas escolares
Entrevista	17	142	nov. 1981	sem título	Luiz Gambim e Cláudio Somacal	Entrevista com o cantor e compositor Zé Geraldo	Outro
Entrevista	19	142	nov. 1981	Fé e política: um compromisso com a justiça social	Cláudio Somacal e Laurício Neumann	Entrevista com Ricardo Antoncich S. J. que trata sobre a relação entre o Estado e a Igreja	Relação Estado X Igreja
MJ Comenta	20	142	nov. 1981	Querem desempregar nossos profetas	Neimar de Barros	Trata sobre as penalidades aos que criticam as medidas tomadas pelo governo	Ethos do jornal

Recado dos Leitores	21	142	nov. 1981	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Educação	5	143	mar. 1982	Gastar ou investir na educação	Pedrinho Guareschi	O autor apresenta alguns dados sobre a educação brasileira e aponta que naquele ano o tema da Campanha da Fraternidade é Educação e Fraternidade	Educação e práticas escolares
Educação Política	10	143	mar. 1982	Tempo de votar	Oswaldo Biz	Trata da eleição para governantes e deputados após anos de eleições indiretas	Relação Estado X Igreja
Entrevista	11	143	mar. 1982	Administração escolar: discurso bonito no ensino da inutilidade	Laurício Neumann	Entrevista com o Secretário de Educação do RJ Arnaldo Niskier	Educação
MJ Comenta	15	143	mar. 1982	Futebol e Copa	Olívio Plínio Colombo	O texto relaciona a Copa com a política do pão e circo	Ethos do jornal
Canção	20	143	mar. 1982	Milho aos pombos	Luiz Gambim	Análise de música	Práticas escolares
Recado dos Leitores	21	143	mar. 1982	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Sociologia	8, 9	144	abr. 1982	Ideologia: ideias distorcidas sobre a realidade	Pedrinho Guareschi	O autor apresenta a compreensão do conceito de ideologia e a relação com os MCM	MCM, cultura e hegemonia
Educação Política	10	144	abr. 1982	O ser político	Pedro Gambim	Os textos desta seção tratam sobre a relação Estado e Igreja	Relação Estado X Igreja
Educação	12, 13	144	abr. 1982	O fracasso escolar	Leandro Rossa	O artigo trata sobre os elementos que promovem os altos índices de evasão e reprovação na escola brasileira	Educação
MJ Comenta	21	144	abr. 1982	Usucapião	Sem autor	O texto trata sobre usucapião	Ethos do jornal
Jogral	23	144	abr. 1982	Ressurreição: começa uma vida humana	Alcindo Kunzler	Jogral em comemoração a Páscoa	Práticas escolares
Recado dos Leitores	22	144	abr. 1982	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e

							Juventude
Educação	11	145	mai. 1982	Para quem leva a sério a educação	Lucinda Maria Lorenzoni	A autora trata sobre a temática da educação	Educação
Educação Política	16, 17	145	mai. 1982	Educar para a política	Alex José Kloppenburg	Trata da relação entre a educação e a política	Relação Estado X Igreja
Jogral	19	145	mai. 1982	Maria e a valorização da mãe	José Fernandes de Oliveira (Zezinho)	Jogral em comemoração ao Dia das Mães	Práticas escolares
MJ Comenta	21	145	mai. 1982	O voto obrigatório	Demir Azevedo	O texto trata sobre a obrigatoriedade do voto	Ethos do jornal
Recado dos Leitores	22	145	mai. 1982	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Educação	5	146	jun. 1982	Para onde caminha a educação?	Aristides Cimadon	O autor questiona até que ponto a educação está caminhando para a submissão e educação	Educação
Educação Política	11	146	jun. 1982	Democracia e voto	Oswaldo Biz	Trata sobre questões referente à Constituição, tais como o voto dos analfabetos	Relação Estado X Igreja
sem seção definida	10	146	jun. 1982	Espanha/82, conquista ou alienação?	Tarcísio de Nadal	Trata sobre a Copa do Mundo	MCM, cultura e hegemonia
MJ Comenta	21	146	jun. 1982	Partidos Políticos Brasileiros I	Joaquim José Felizardo	O texto trata sobre os partidos políticos brasileiros na época do Império	Contexto histórico-político
Recado dos Leitores	20	146	jun. 1982	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Educação	10	147	jul. 1982	Educação para o trabalho	Armando Cattelan	O texto realiza uma crítica a educação voltada para o trabalho	Educação e práticas escolares
Entrevista	12, 13	147	jul. 1982	Escola amordaça aluno	Oswaldo Biz	Entrevista com Moacir Gadotti sobre as deficiências do sistema educacional brasileiro	Educação e políticas públicas
MJ Comenta	21	147	jul. 1982	Partidos políticos brasileiros II	Joaquim José Felizardo	O texto trata sobre os partidos políticos brasileiros na época da Primeira República e governo de Getúlio Vargas	Contexto histórico-político
Recado dos	22	147	jul. 1982	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância	Práticas

Leitores						para os jovens	escolares e Juventude
Partidos políticos	10	148	ago. 1982	Da independência aos nossos dias	Joaquim José Felizardo	Trata dos partidos políticos existentes na sociedade do período	Contexto histórico-político
Sem seção definida	11	148	ago. 1982	As ideias sociais do educador Paulo Freire	Paulo Freire	O texto se trata de uma síntese do debate organizado na UFRGS com Paulo Freire	Educação
Educação Política	14	148	ago. 1982	Ética e Política	Olívio Plínio Colombo	O artigo trata das questões éticas entre os partidos políticos da sociedade da época	Contexto histórico-político
MJ Comenta	21	148	ago. 1982	Mobral	José R. Hoss	O texto trata sobre os dados no Mobral no país	Ethos do jornal
Recado dos Leitores	22	148	ago. 1982	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
História	16	149	set. 1982	As eleições de 1950	Moacyr Flores	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de História	Práticas escolares
Jogral	19	149	set. 1982	País de contrastes	Laurício Neumann	Jogral sobre temática geral para ser utilizado em atividades cívicas da escola	Práticas escolares
Recado dos Leitores	21	149	set. 1982	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
MJ Comenta	22	149	set. 1982	Lucros faraônicos	Sem autor	Trata dos elevados lucros do Banco do Brasil no ano de 1981, sendo a empresa como maior lucro do mundo	Contexto histórico-econômico
Partidos Políticos	10	150	out. 1982	Da independência aos nossos dias	Joaquim José Felizardo	Trata dos partidos políticos existentes na sociedade após a Ditadura Civil-militar	Contexto histórico-político
História	11	150	out. 1982	As eleições de 1955	Moacyr Flores	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de História	Práticas escolares
Entrevista	12, 13	150	out. 1982	sem título	Cláudio Somacal e Osvaldo Biz	Entrevista realizada com o Frei Betto sobre as eleições no Brasil	Relação Estado X Igreja
Educação	14, 15	150	out. 1982	A Igreja e a educação no Brasil	Leandro Rossa	O artigo organiza uma reconstrução histórica sobre a influência da educação no Brasil	Educação
Canção	19	150	out. 1982	sem título	Cláudio Somacal	Análise de música	Práticas

							escolares
Crônica	20	150	out. 1982	Palavra ação	Sem autor	O texto compreende as notas de Paulo Freire para 4 jovens seminaristas alemães em 1977	Educação
MJ Comenta	21	150	out. 1982	Reprovação e evasão escolar	Cláudio Somacal	O texto é uma crítica ao sistema educacional brasileiro	Educação
Recado dos Leitores	22	150	out. 1982	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Jogral	5	151	nov. 1982	É tempo de Natal	Nelson Tonello	Jogral em comemoração ao Natal	Práticas escolares
Realidade brasileira	11, 12, 13	151	nov. 1982	Modelo econômico: voltado aos interesses multinacionais	Argemiro J. Brum	Trata das questões político-econômicas do país naquele período	Contexto histórico-político
História	15	151	nov. 1982	As eleições de 1960	Moacyr Flores	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de História	Práticas escolares
Entrevista	16	151	nov. 1982	Sem filosofia não há vida política democrática	Sem autor	Entrevista realizada por Álvaro Valls sobre a possibilidade da disciplina de filosofia retornar a obrigatoriedade no ensino médio	Educação
MJ Comenta	21	151	nov. 1982	A decisão de um povo é mais forte que qualquer poder governamental	Oswaldo Biz	O texto orienta o leitor-eleitor sobre as eleições que ocorreriam no mês de novembro de 1982	Ethos do jornal e contexto histórico-político
Recado dos Leitores	22	151	nov. 1982	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Sem seção definida	12, 13	152	mar. 1983	Movimentos eclesiais de ontem e de hoje: um pouco de História	Pedrinho Guareschi	O texto é resultado das entrevistas realizadas por jovens que participaram dos movimentos da Igreja nas décadas de 1950 e 1960	Juventude
Literatura	14	152	mar. 1983	O estilo barroco	Luiz Agostinho Cadore	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de literatura	Práticas escolares
Educação Política	19	152	mar. 1983	Democracia é governo do povo	Oswaldo Biz e Laurício Neumann	O artigo analisa os números das eleições de 1982	Contexto histórico-político
MJ Comenta	20	152	mar. 1983	Desaparecidos	Cláudio Somacal	O artigo trata sobre os desaparecidos políticos no Brasil durante a Ditadura Civil-militar	Contexto histórico-político
Recado dos	21	152	mar. 1983	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância	Práticas

Leitores						para os jovens	escolares e Juventude
Jogral	5	153	abr. 1983	Páscoa: compromisso de libertação	Hélio Schuster	Jogral em comemoração a Páscoa	Práticas escolares
Educação Política	10	153	abr. 1983	Administração e honestidade devem andar juntas	Oswaldo Biz	Trata sobre características que devem ter os governantes	Relação Estado X Igreja
Literatura	20	153	abr. 1983	Arcadismo	Luiz Agostinho Cadore	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de literatura	Práticas escolares
Recado dos Leitores	22	153	abr. 1983	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Educação Política	11	154	mai. 1983	Democracia só com o Congresso Nacional soberano	Oswaldo Biz	O texto trata sobre a pouca democracia que existe no Congresso brasileiro e denuncia alguns governantes	Contexto histórico-político
Entrevista	14, 15	154	mai. 1983	sem título	Luiz Gambim	O comunicador Neimar de Barros trata da sua mudança dos MCM para os programas de cunho religioso	Outro
Literatura	16	154	mai. 1983	Romantismo	Luiz Agostinho Cadore	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de literatura	Práticas escolares
MJ Comenta	20	154	mai. 1983	Dificuldades americanas	Sem autor	O texto apresenta as características políticas da América Latina	Contexto histórico-político
Recado dos Leitores	21	154	mai. 1983	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Educação Política	7	155	jun. 1983	Governo dá as cartas para escolher presidente em 85	Oswaldo Biz e Laurício Neumann	Este texto trata sobre as eleições que ocorreram em 1985, na época da Campanha Diretas Já	Contexto histórico-político
Literatura	16	155	jun. 1983	Romantismo	Luiz Agostinho Cadore	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de literatura	Práticas escolares
Sem seção definida	22, 23	155	jun. 1983	A nova lei salarial	Oswaldo Biz e Laurício Neumann	Trata dos problemas de ajustes nos salários, que muitas vezes não acompanha a inflação	Contexto histórico-econômico
Recado dos Leitores	23	155	jun. 1983	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e

							Juventude
Problemas Brasileiros	6	156	jul. 1983	No país dos impostos povo paga pela má administração do Estado	Leopoldo Justino Girardi	O artigo trata sobre os problemas econômicos vividos no país, mesmo com as altas cargas tributárias	Contexto histórico-político
Educação Política	15	156	jul. 1983	A participação política da mulher	Deolmira G.Girardi	O artigo trata sobre a participação política das mulheres	Contexto histórico-político
Literatura	20	156	jul. 1983	Parnasianismo	Luiz Agostinho Cadore	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de literatura	Práticas escolares
Recado dos Leitores	22	156	jul. 1983	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Educação Política	16	157	ago. 1983	Sem voto direto não há plenitude democrática	Oswaldo Biz	O texto defende as Diretas Já	Contexto histórico-político
Entrevista	2, 3	157	ago. 1983	1964 foi um parêntese na História. Os que saíram desse parêntese saíram convertidos	Pedrinho Guareschi	Entrevista realizada com Zilah Totta, presidente do CPERS, e trata da relação entre a Ditadura e a Igreja Católica	Relação Estado X Igreja
Literatura	10	157	ago. 1983	Parnasianismo	Luiz Agostinho Cadore	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de Literatura	Práticas escolares
MJ Comenta	21	157	ago. 1983	No país da impunidade	Oswaldo Biz	O artigo trata sobre as impunidades no Brasil, tais como a bomba no Rio-Centro	Contexto histórico-político
Recado dos Leitores	22	157	ago. 1983	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Educação Política	7	158	set. 1983	Voto distrital	Dilan D'Ornellas Camargo	O texto trata sobre as características das eleições distritais	Relação Estado X Igreja
Jogral	5	158	set. 1983	Independência, ontem e hoje	Equipe de estudos da V Etapa do Curso Suplementar de Teologia	Jogral sobre temática geral para ser utilizado em atividades cívicas da escola	Práticas escolares

Literatura	19	158	set. 1983	Simbolismo	Luiz Agostinho Cadore	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de literatura	Práticas escolares
MJ Comenta	21	158	set. 1983	Dexindexação	Oswaldo Biz	O texto retoma o decreto de 6.681 (1980) e que trata de questões econômicas	Contexto histórico-político
Recado dos Leitores	20	158	set. 1983	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Entrevista	12, 13	159	out. 1983	Ensino popular. Ficou a lição	Laurício Neumann	Entrevista realizada com Moacyr de Góes, sobre as mudanças e perspectivas no cenário da educação	Educação
Sem seção definida	9, 10, 11	159	out. 1983	A educação, rompendo as amarras	Moacir Gadotti	O artigo trata das mudanças no cenário da Educação. Como se pensava a educação, de acordo com o ethos do jornal?	Ethos do jornal
Literatura	18, 19	159	out. 1983	Análise literária de um pequeno grande poeta simbolista	Luiz Agostinho Cadore	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de Literatura	Práticas escolares
sem seção definida	15, 16	159	out. 1983	Sectária e tendenciosa	Aristides Cimadon	O artigo trata do cenário da educação, da evasão e do fracasso escolar.	Educação
Recado dos Leitores	22	159	out. 1983	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Sem seção definida	14	159	out. 1983	A experiência dos anos 60	Moacyr de Goés	Trata sobre a experiência política nos anos de 1960, e os jovens da década de 1960 como exemplo a ser seguido	Contexto histórico-político
Sem seção definida	24	159	out. 1983	Os dez mandamentos dos pais e dos mestres	Deodato C. Pinto	O texto trata sobre a educação dos filhos, e da interferência da Igreja Católica na educação escolar e familiar	Práticas escolares
Filosofia	8	160	nov. 1983	O ensino de filosofia no 2º grau?	Urbano Zilles	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de filosofia, e defende a reintrodução das disciplinas no currículo	Práticas escolares
MJ Comenta	23	160	nov. 1983	Partidos políticos no rádio e tevê	Oswaldo Biz	O texto trata sobre o horário político obrigatório	MCM, cultura
Recado dos Leitores	22	160	nov. 1983	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Partidos políticos	14, 15	160	nov. 1983	Em busca de conceituação	Áurea Tomatis Petersen	O artigo trata sobre a História dos partidos políticos no Brasil	Relação Estado X Igreja

Como redigir	8,9	161	mar. 1984	Como redigir	Renildo Ferreira	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de língua portuguesa	Práticas escolares
Literatura	10	161	mar. 1984	Modernismo: um poeta de verdade	Luiz Agostinho Cadore	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de literatura	Práticas escolares
Comunicação	14, 15	161	mar. 1984	Comunicação: a alma do negócio	Pedrinho Guareschi	Nesta seção os artigos se referem aos meios de comunicação e sua influência na sociedade. A primeira ideia defendida é a de que a comunicação constrói a realidade	MCM, cultura e hegemonia
Relendo a História	18	161	mar. 1984	Idade Moderna. Início. Causas da evolução geográfica e econômica	Joaquim José Felizardo	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de História	Práticas escolares
MJ Comenta	21	161	mar. 1984	Imperialismo e religião	Oswaldo Biz	O texto trata do aumento de alguns grupos religiosos no Brasil, e a sua relação com os problemas enfrentados	Relação Estado X Igreja
Recado dos Leitores	22	161	mar. 1984	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Como redigir	16	162	abr. 1984	Leitura e redação	Renildo Ferreira	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de Língua Portuguesa	Práticas escolares
Literatura	17	162	abr. 1984	Modernismo: o aspecto social da poesia brasileira	Luiz Agostinho Cadore	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de literatura	Práticas escolares
Comunicação	9	162	abr. 1984	A crítica através da charge	Cláudio Somacal	Nesta seção os artigos se referem aos meios de comunicação e sua influência na sociedade. Defende a liberdade de expressão	MCM, cultura e hegemonia
Relendo a História	20	162	abr. 1984	Idade Moderna. Portugal. Retrospecto Histórico	Joaquim José Felizardo	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de História	Práticas escolares
MJ Comenta	22	162	abr. 1984	Diretas, um direito	Tibério Vargas Ramos	O texto defende as Diretas Já	Contexto histórico-político
Recado dos Leitores	22	162	abr. 1984	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Como redigir	8	163	mai. 1984	Ainda a leitura e a	Renildo Ferreira	O texto é um material de apoio pedagógico para o	Práticas

				redação		professor que ministra a disciplina de Língua Portuguesa	escolares
Literatura	9	163	mai. 1984	Modernismo: o aspecto social da poesia moderna	Luiz Agostinho Cadore	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de literatura	Práticas escolares
Comunicação	10, 11	163	mai. 1984	Os meios de comunicação e o massacre da cultura	Pedrinho Guareschi	Nesta seção os artigos se referem aos meios de comunicação e sua influência na sociedade. Defende a ideia de que os MCM destroem a cultura	MCM, cultura e hegemonia
Relendo a História	16	163	mai. 1984	O negro no livro didático	Darnis Corbellini	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de História	Práticas escolares
Crônica	15	163	mai. 1984	A fome provocada	José Fernandes de Oliveira (Zezinho)	A crônica é de autoria de um padre que crítica o problema de fome no Brasil, e afirma que é um problema do governo	Relação Estado X Igreja
Recado dos Leitores	22	163	mai. 1984	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Como redigir	7	164	jun. 1984	Escrever	Renildo Ferreira	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de língua portuguesa	Práticas escolares
Literatura	8, 9	164	jun. 1984	A poesia social no modernismo	Luiz Agostinho Cadore	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de Literatura	Práticas escolares
Comunicação	18, 19	164	jun. 1984	Notícias: as belas mentiras	Pedrinho Guareschi	Nesta seção os artigos se referem aos meios de comunicação e sua influência na sociedade. O autor defende a ideia que é preciso analisar as notícias	MCM, cultura e hegemonia
Relendo a História	17	164	jun. 1984	Corte portuguesa no Brasil: abertura dos Portos	Núncia Constantino	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de História	Práticas escolares
Crônica	9	164	jun. 1984	A hora e a vez	Oswaldo Biz	O texto trata sobre o movimento das Diretas Já, que mesmo tendo fracassado movimentou toda a população brasileira e demonstrou que ela não é pacífica	Contexto histórico-político
Recado dos Leitores	23	164	jun. 1984	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Literatura	8	165	jul. 1984	Modernismo: o aspecto social da	Luiz Agostinho Cadore	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de Literatura	Práticas escolares

				poesia			
Comunicação	16	165	jul. 1984	Newton Cross e o estado de emergência em Londres	Sérgio Caparelli	Nesta seção os artigos se referem aos meios de comunicação e sua influência na sociedade. Eles apresentam um caso que ocorreu na Inglaterra, mas que os meios de comunicação não se deixaram influenciar pelos governantes, mesmo que as emissoras de rádio e TV sejam concessões públicas - liberdade de expressão	MCM, cultura e hegemonia
Relendo a História	6	165	jul. 1984	A elevação do Brasil a Reino Unido	Wilson Sander	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de História	Práticas escolares
Jogral	17	165	jul. 1984	O grande julgamento	José Lino Hack	Jogral sobre temática geral para ser utilizado em atividades cívicas da escola	Práticas escolares
Recado dos Leitores	22	165	jul. 1984	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Como redigir	17	166	ago. 1984	A dissertação e sua estrutura	Renildo Ferreira	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de Língua Portuguesa	Práticas escolares
Literatura	7	166	ago. 1984	Modernismo: um poema social de João Cabral de Melo Neto	Luiz Agostinho Cadore	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de Literatura	Práticas escolares
Comunicação	6	166	ago. 1984	O que há por trás das histórias em quadrinhos	Liliane Guterres, Lusiane Martini, Ana Luiza Prange, Denise Simanke	Nesta seção os artigos se referem aos meios de comunicação e sua influência na sociedade. Trata sobre HQ	MCM, cultura e hegemonia
Relendo a História	16	166	ago. 1984	A indústria no Brasil Império	Elizabeth Rochadel Torresini e Maria José Barreras	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de História	Práticas escolares
Sem seção definida	10	166	ago. 1984	sem título	Sem autor	Cadernos Especiais de MJ	BIC
Recado dos Leitores	22	166	ago. 1984	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Como redigir	3	167	set. 1984	Roteiro de redação	Renildo Ferreira	O texto é um material de apoio pedagógico para o	Práticas

						professor que ministra a disciplina de Língua Portuguesa	escolares
Literatura	2	167	set. 1984	Modernismo: outro poeta social do Nordeste Marcus Accioly	Luiz Agostinho Cadore	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de Literatura	Práticas escolares
Comunicação	5	167	set. 1984	Futebol e Ideologia	Roberto Ramos	Nesta seção os artigos se referem aos meios de comunicação e sua influência na sociedade. O artigo trata sobre o futebol e a ideologia de que o Brasil é o país do futebol	MCM, cultura e hegemonia
Relendo a História	16	167	set. 1984	Movimentos populares que a História esconde e distorce	Harry R. Bellomo	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de História	Práticas escolares
MJ Comenta	21	167	set. 1984	Crise e independência	Felix Bernardi	O artigo trata sobre o ideal de independência, em oposição a crise e ao contexto nacional	Contexto histórico-político
Recado dos Leitores	22	167	set. 1984	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Entrevista	11	167	set. 1984	Entrevista com Dom Ivo Lorscheiter	Sem autor	O artigo trata dos problemas sociais do Brasil, a partir da perspectiva de um religioso	Relação Estado X Igreja
Independência	12, 13	167	set. 1984	Pátria amada: corrupta e esperançada	Tarcísio de Nadal	O texto é em comemoração a semana da independência no Brasil, e realiza uma crítica a situação política econômica nacional	Contexto histórico-político
Comunicação	8,9	168	out. 1984	Atenção para os nossos comerciais	Pedrinho Guareschi	O artigo trata sobre a interferência da publicidade na necessidade de consumir	MCM, cultura e hegemonia
Relendo a História	6	168	out. 1984	Imigração no Brasil	René E. Geertz	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de História	Práticas escolares
Como redigir	11	168	out. 1984	Rascunho e cuidados finais	Renildo Ferreira	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de Língua Portuguesa	Práticas escolares
Literatura	10	168	out. 1984	Um poema social de Thiago de Melo	Luiz Agostinho Cadore	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de Literatura	Práticas escolares
Entrevista	12, 13	168	out. 1984	Educação popular: o	Luiz Gambim	Entrevista realizada com Cecília Cardozo Alves,	Educação

				povo educando o povo		em que ela aponta as diferenças entre a educação profissional e a educação tradicional	
Jogral	14	168	out. 1984	Compromisso pela vida	João Foschiera e Hélio Schuster	Jogral sobre temática geral para ser utilizado em atividades cívicas da escola	Práticas escolares
Publicidade	21	168	out. 1984	Em 4 frentes	Sem autor	Texto publicitário que trata sobre o público que o jornal Mundo Jovem atende no Brasil	dados do Jornal
Recado dos Leitores	21	168	out. 1984	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Crônica	22	168	out. 1984	Professor	Sem autor	A crônica, no mês em que se comemora o dia do professor, trata do pouco prestígio que esse grupo possui na sociedade	Educação
Como redigir	7	168	out. 1984	Conteúdo, forma e correção	Renildo Ferreira	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de Língua Portuguesa	Práticas escolares
Literatura	6	169	nov. 1984	Drummond e a poesia social	Luiz Agostinho Cadore	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de Literatura	Práticas escolares
Comunicação	8, 9	169	nov. 1984	A comunicação alternativa	Pedrinho Guareschi	Nesta seção os artigos se referem aos meios de comunicação e sua influência na sociedade. O autor defende a possibilidade de uma comunicação alternativa	MCM, cultura e hegemonia
Relendo a História	18, 19	169	nov. 1984	A Guerra do Paraguai (1864-1870)	Wilson Sander	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de História	Práticas escolares
Sem seção definida	11, 12, 13 e 14	169	nov. 1984	1985: o ano do jovem	Instituto da Pastoral da Juventude	O artigo realiza um levantamento sobre os jovens no Brasil e sinaliza para o ano de 1985, em que será comemorado o ano internacional da juventude	Juventude
Recado dos Leitores	22	169	nov. 1984	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Experiências de mudança	8, 9	170	mar. 1985	O povo descobre a sua força	Valdir F. Gambim	O texto trata sobre o trabalho nas comunidades mais pobres e as dificuldades da educação religiosa	Educação informal
Ano do Jovem	14	170	mar. 1985	Jovem, força de transformação	José Lino Hack	Trata sobre o ano de 1985 ter sido apresentado como o Ano Internacional da Juventude	Juventude
Filosofia	15	170	mar. 1985	A ideia de homem caracteriza o que somos	Oswaldo Dalpiaz	Esse é o primeiro texto da seção que será publicada ao longo de 1985 sobre a disciplina de Filosofia	Práticas escolares
Literatura	16	170	mar. 1985	O sujeito poético em Cecília Meireles	Ione Menegola	O artigo trata sobre um tema específico sobre literatura para ser trabalhado em sala de aula	Práticas escolares

Cultura brasileira	17	170	mar. 1985	Como é vista a cultura brasileira?	Maria José L. Barreras	O artigo trata do conceito de cultura numa perspectiva acadêmica	Cultura
Recado dos Leitores	23	170	mar. 1985	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Experiências de mudança	8,9	171	abr. 1985	Uma porta aberta para conhecer e viver a fé	André Lauro Birck	O texto trata sobre a experiência de grupo, em que a fé é “ensinada” a distância	Educação informal
Ano do Jovem	12, 13	171	abr. 1985	O jovem deve voltar-se para os que menos têm	Cláudio Somacal	Entrevista com Leonardo Boff, em que se discute a participação do jovem na Teologia da Libertação	Juventude
Filosofia	14	171	abr. 1985	O pensar identifica o homem	Oswaldo Dalpiaz	O texto é um apoio pedagógico para trabalhar filosofia em sala de aula	Práticas escolares
Literatura	16	171	abr. 1985	Vida: poema de amor	Elvo Clemente	O artigo trata sobre um tema específico sobre literatura para ser trabalhado em sala de aula	Práticas escolares
Cultura brasileira	11	171	abr. 1985	O que é mesmo cultura?	Léa Freitas Perez	O artigo trata do conceito de cultura numa perspectiva acadêmica	Cultura
Movimentos históricos	18, 19	171	abr. 1985	A Revolução Federalista	Ildo Hugo Kunert	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de História	Práticas escolares
Recado dos Leitores	22	171	abr. 1985	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Sem seção definida	9	172	mai. 1985	O jovem no pique da comunicação	Antonieta Ghisleni	O texto trata sobre a influência dos MCM nos jovens	MCM, cultura e hegemonia
Ano do Jovem	11	172	mai. 1985	As promoções do ano do Jovem	José Lino Hack	Trata dos encaminhamentos sobre o Ano Internacional da Juventude e sua relação com a Igreja Católica	Juventude
Filosofia	15	172	mai. 1985	O homem na filosofia ocidental	Antonio Renato Henriques	O texto é um apoio pedagógico para trabalhar filosofia em sala de aula	Práticas escolares
Cultura brasileira	14	172	mai. 1985	Dos caminhos e descaminhos do folclore: o caso do Rio Grande do Sul	Ana Luiza Carvalho da Rocha	O artigo trata do conceito de cultura, numa perspectiva do folclore do RS	Cultura
Movimentos históricos	18, 19	172	mai. 1985	A rebelião de 1924	Arnoldo W. Doberstein	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de História	Práticas escolares
Recado dos Leitores	20	172	mai. 1985	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude

Sem seção definida	7	173	jun. 1985	O jovem e as expectativas de futuro	Ana Edília Flores e Luiz Aberto M. de Quadros	O artigo é de autoria de jovens da JOC, que trata sobre o Ano Internacional da Juventude	Juventude
Ano do Jovem	16	173	jun. 1985	Juventude: dificuldade e valores	José Lino Hack	O artigo trata sobre a realidade dos jovens brasileiros, como o desemprego	Juventude
Filosofia	10	173	jun. 1985	O homem na visão marxista	Oswaldo Dalpiaz	O texto é um apoio pedagógico para trabalhar filosofia em sala de aula	Práticas escolares
Literatura	20	173	jun. 1985	Macunaíma. O caráter do herói brasileiro	Ione Menegola	O artigo trata sobre um tema específico sobre literatura para ser trabalhado em sala de aula	Práticas escolares
Cultura brasileira	15	173	jun. 1985	Apontamentos sobre cultura popular	Maria Eunice Maciel	O artigo trata do conceito de cultura numa perspectiva acadêmica e a cultura popular	Cultura
Movimentos históricos	18, 19	173	jun. 1985	As lutas do Contestado	Sandra Maria L. Brancato	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de História	Práticas escolares
Recado dos Leitores	22	173	jun. 1985	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Ano do Jovem	14	174	jul. 1985	Educação e Juventude	José Lino Hack	O texto apresenta o número de matrículas dos jovens na escola	Juventude
Filosofia	5	174	jul. 1985	O homem na visão existencialista	Pedro Gambim	O texto é um apoio pedagógico para trabalhar filosofia em sala de aula	Práticas escolares
Literatura	20	174	jul. 1985	Jeca Tatu e a falta de personalidade do povo brasileiro	Ione Menegola	O artigo trata sobre um tema específico sobre literatura para ser trabalhado em sala de aula	Práticas escolares
Cultura brasileira	16	174	jul. 1985	A indústria cultural	Elizabeth W. Rochadel Torresini	O artigo trata sobre as definições do conceito de indústria cultural	MCM, cultura
Movimentos históricos	18, 19	174	jul. 1985	Brasil, 1989-1930. Os caminhos de uma revolução	Luiza Helena Schimtz Kliemann	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de História	Práticas escolares
Recado dos Leitores	23	174	jul. 1985	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Entrevista	2, 3	175	ago. 1985	Semelhanças e diferenças da juventude latinoamericana e européia	Oswaldo Biz	A entrevista trata sobre a juventude em outros espaços	Juventude
Ano do Jovem	6	175	ago. 1985	A crise de esperança	José Lino Hack	Trata sobre a realidade e as dificuldades	Juventude

				dos jovens		enfrentadas pelo jovem brasileiro	
Filosofia	11	175	ago. 1985	A liberdade no dia-a-dia da vida	Oswaldo Dalpiaz	O texto é um apoio pedagógico para trabalhar filosofia em sala de aula	Práticas escolares
MJ Comenta	21	175	ago. 1985	Propaganda política no rádio e tevê	Leopoldo Justino Girardi	O texto trata sobre a gratuidade dos meios de comunicação para a propaganda política	MCM, cultura
Cultura brasileira	10	175	ago. 1985	A indústria cultura como instrumento de legitimação do Estado	Léa Freitas Perez	O artigo trata da relação entre a indústria cultural e o Estado	MCM, cultura e hegemonia
Movimentos históricos	16, 17	175	ago. 1985	A década de 1930: Golpe, transição e radicalismo	Harry Belomo	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de História	Práticas escolares
Recado dos Leitores	23	175	ago. 1985	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Ano do Jovem	6	176	set. 1985	Os jovens e a Constituinte	José Lino Hack	O texto trata sobre a necessária presença dos jovens na elaboração da Constituição	Juventude
Filosofia	10	176	set. 1985	O sentido cristão do homem	Oswaldo Dalpiaz	O texto é um apoio pedagógico para trabalhar filosofia em sala de aula	Práticas escolares
Literatura	19	176	set. 1985	O processo revolucionário em Darcy Azambuja	Ione Menegola	O artigo trata sobre um tema específico sobre literatura para ser trabalhado em sala de aula	Práticas escolares
Cultura brasileira	15	176	set. 1985	Aqui, um lugar de harmonia racial?	Ruth Maria Chittó Gauer	O artigo trata da falsa sensação de harmonia entre as distintas etnias que formam o Brasil, e afirma que essa perspectiva é patrocinada pelo Estado	Cultura
Movimentos históricos	16, 17	176	set. 1985	Farrapos: a República Rio-Grandense	Moacyr Flores	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de História	Práticas escolares
Recado dos Leitores	22	176	set. 1985	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Experiências de mudança	2, 3	177	out. 1985	Experiência de Cachoeirinha. Com o povo, é possível uma nova escola	Luiz Gambim	O artigo trata sobre um novo sistema educacional implantado no município de Cachoeirinha, a partir da perspectiva teórica de Paulo Freire	Educação
Ano do Jovem	15	177	out. 1985	Os jovens: primeiros cidadãos da nova sociedade	José Lino Hack	O texto aponta que os próximos 10 anos será a década da juventude, e que é preciso a presença do jovem nas decisões sociais	Juventude
Filosofia	6	177	out. 1985	O conhecimento humano	Leopoldo Justino Girardi	O texto é um apoio pedagógico para trabalhar filosofia em sala de aula	Práticas escolares

Literatura	18	177	out. 1985	Lobo da Costa: poeta do povo gaúcho	Elvo Clemente	O artigo trata sobre um tema específico sobre literatura para ser trabalhado em sala de aula	Práticas escolares
Cultura brasileira	7	177	out. 1985	Novelas: uma fórmula de comportamento	Beta Timm	O artigo trata sobre a influência da novela na população brasileira	MCM, cultura e hegemonia
Movimentos históricos	17	177	out. 1985	O Integralismo	René E. Gertz	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de História	Práticas escolares
Recado dos Leitores	22	177	out. 1985	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Experiências de mudança	2, 3	178	nov. 1985	A formação a partir da ação	Luiz Gambim	Trata do movimento da juventude de operários católicos	Educação informal
Ano do Jovem	17	178	nov. 1985	O Natal do jovem migrantes	Hugo Bersch	Trata do Natal, mas reflete sobre as dificuldades que os jovens enfrentam na sociedade do período	Juventude
Filosofia	6	178	nov. 1985	O conhecimento da verdade	Leopoldo Justino Girardi	O texto é um apoio pedagógico para trabalhar filosofia em sala de aula	Práticas escolares
Literatura	18	178	nov. 1985	A literatura e a realidade	Ione Menegola	O artigo trata sobre um tema específico sobre literatura para ser trabalhado em sala de aula	Práticas escolares
Cultura brasileira	7	178	nov. 1985	Manipulação da cultura popular	Luiz Ricardo Michaelsen Centurião	O artigo trata do conceito de cultura numa perspectiva acadêmica e da manipulação	MCM, cultura e hegemonia
Movimentos históricos	8, 9	178	nov. 1985	Canudos, a terra da promessa	Vera Lucia Maciel Barroso	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de História	Práticas escolares
Recado dos Leitores	23	178	nov. 1985	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Jogral	16	178	nov. 1985	É natal	Elvo Clemente	Jogral sobre temática geral para ser utilizado em atividades cívicas da escola	Práticas escolares
Constituinte	9	179	mar. 1986	Como surgiram as Constituições	Leopoldo Justino Girardi	O texto da seção Constituinte procura informar o leitor sobre a importância de uma constituição	Políticas Públicas, Constituição
O jovem dos anos 80	15	179	mar. 1986	A questão da identidade	José Lino Hack	O artigo trata sobre o processo de formação de identidade entre os jovens	Juventude
Comunicação	18	179	mar. 1986	Roque Santeiro, um poderoso vendedor	Christa Berger	O texto desta seção procura demonstrar a influência dos MCM na sociedade brasileira	MCM, cultura e hegemonia
O leitor pergunta	19	179	mar. 1986	sem título	Sem autor	Os artigos dessa seção apresentam questionamentos sobre a realidade brasileira, mas	Políticas Públicas e

						também sobre o posicionamento do jornal sobre alguns temas	ethos do jornal
Língua Portuguesa	20	179	mar. 1986	O prazer de recomeçar	Elvo Clemente	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de Língua Portuguesa	Práticas escolares
Jogral	20	179	mar. 1986	Minha escola	Luiza Maria Carraveta	Jogral sobre diferentes temáticas para ser utilizado em atividades cívicas da escola	Práticas escolares
Canção comentada	21	179	mar. 1986	Escrito nas estrelas	Oswaldo Dalpiaz	Análise de música	Práticas escolares
Recado dos Leitores	23	179	mar. 1986	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Constituinte	2, 3	180	abr. 1986	A história das Constituições	Laurício Neumann	O texto da seção Constituinte procura informar o leitor sobre todas as Constituições que já foram empregadas no Brasil	Políticas Públicas, Constituição
O jovem dos anos 80	6	180	abr. 1986	A personalidade do jovem	Hugo Bersch	O artigo trata sobre o processo de formação da personalidade dos jovens	Juventude
Comunicação	10	180	abr. 1986	Televisão: vitrine da sociedade de consumo	Christa Berger	O texto desta seção procura demonstrar a influência dos MCM na sociedade brasileira	MCM, cultura e hegemonia
O leitor pergunta	15	180	abr. 1986	sem título	Sem autor	Os artigos dessa seção apresentam questionamentos sobre a realidade brasileira, mas também sobre o posicionamento do jornal sobre alguns temas	Políticas Públicas e ethos do jornal
Língua portuguesa	20	180	abr. 1986	sem título	Elvo Clemente	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de Língua Portuguesa	Práticas escolares
Jogral	20	180	abr. 1986	Cantiga verde-amarela de Ítalo Zalu Gatto, texto adaptado para jogral	Luiza Maria Carraveta	Jogral sobre diferentes temáticas para ser utilizado em atividades cívicas da escola	Práticas escolares
Canção comentada	16	180	abr. 1986	Verde-amarelo	Oswaldo Dalpiaz	Análise de música	Práticas escolares
Recado dos Leitores	21	180	abr. 1986	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Constituinte	2, 3	181	mai. 1986	O voto não é	Oswaldo Biz	O texto da seção Constituinte procura informar o	Políticas

				mercadoria		leitor sobre a importância do voto	Públicas, Constituição
O jovem dos anos 80	6,7	181	mai. 1986	Os jovens e o sentido da vida	Maria Augusta Ghisleni	O artigo apresenta depoimentos de jovens sobre o sentido da vida para cada um deles	Juventude
Crônica	11	181	mai. 1986	Os jovens e a propaganda	José Fernandes de Oliveira (Zezinho)	O texto desta seção procura demonstrar a influência dos MCM e da propaganda entre os jovens	MCM, cultura e hegemonia
O leitor pergunta	11	181	mai. 1986	sem título	Sem autor	Os artigos dessa seção apresentam questionamentos sobre a realidade brasileira, mas também sobre o posicionamento do jornal sobre alguns temas	Políticas Públicas e ethos do jornal
Canção comentada	17	181	mai. 1986	Coração de estudante	Oswaldo Dalpiaz	Análise de música	Práticas escolares
Recado dos Leitores	22	181	mai. 1986	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Constituinte	11	182	jun. 1986	Constituinte e família	Oswaldo Dalpiaz	O texto da seção Constituinte procura informar o leitor sobre a importância de uma constituição	Políticas Públicas, Constituição
Sem seção definida	8, 9	182	jun. 1986	Educação para a pesquisa científica	Egídio Paulo Mallmann	Trata sobre a importância do desenvolvimento científico e do investimento na área para a educação	Educação
O leitor pergunta	15	182	jun. 1986	sem título	Sem autor	Os artigos dessa seção apresentam questionamentos sobre a realidade brasileira, mas também sobre o posicionamento do jornal sobre alguns temas	Políticas Públicas e ethos do jornal
Língua Portuguesa	17	182	jun. 1986	Considerações sobre a leitura	Elvo Clemente	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de Língua Portuguesa	Práticas escolares
Jogral	17	182	jun. 1986	Jogral com expressão corporal	Luiza Maria Carraveta	Jogral sobre diferentes temáticas para ser utilizado em atividades cívicas da escola	Práticas escolares
Canção comentada	10	182	jun. 1986	Tô de saco cheio	Renildo Ferreira	Análise de música	Práticas escolares
Recado dos Leitores	23	182	jun. 1986	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude

O jovem dos anos 80	6	183	jul. 1986	Engajamento pastoral e político do jovem	Comissão Nacional da Pastoral da Juventude	O artigo trata sobre a inserção dos jovens na política	Juventude
Língua Portuguesa	20	183	jul. 1986	A poesia na escola	Elvo Clemente	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de Língua Portuguesa	Práticas escolares
Jogral	20	183	jul. 1986	José	Luiza Maria Carraveta	Jogral sobre diferentes temáticas para ser utilizado em atividades cívicas da escola	Práticas escolares
Recado dos Leitores	22	183	jul. 1986	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
O leitor pergunta	5	184	ago. 1986	sem título	sem autor	Os artigos dessa seção apresentam questionamentos sobre a realidade brasileira, mas também sobre o posicionamento do jornal sobre alguns temas	Políticas Públicas e ethos do jornal
Constituinte	8, 9	184	ago. 1986	Constituinte: como evitar que o povo não seja novamente enganado?	Laurício Neumann e Oswaldo Dalpiaz	O texto da seção Constituinte procura informar o leitor sobre a importância de uma constituição, e a maneira como ele deve participar	Políticas Públicas, Constituição
O jovem dos anos 80	10, 11	184	ago. 1986	Quem encontra um amigo, encontra um tesouro	Maria Augusta Ghisleni	O artigo trata sobre a importância dos amigos para os jovens	Juventude
Entrevista	12, 13	184	ago. 1986	Por que Ensino Religioso nas escolas?	sem autor	Entrevista com Irineu Aloysio Brand sobre a importância das aulas de ensino religioso nas escolas	Educação-Relação Estado X Igreja
Depoimentos	14, 15	184	ago. 1986	Por que Ensino Religioso nas escolas?	sem autor	Depoimentos de professores e alunos sobre a disciplina de ensino religioso nas escolas	Educação-Relação Estado X Igreja
Língua Portuguesa	20	184	ago. 1986	Habituar-se a escrever, desde cedo	Elvo Clemente	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de Língua Portuguesa	Práticas escolares
Jogral	20	184	ago. 1986	Carnaval Carioca	Luiza Maria Carraveta	Jogral sobre diferentes temáticas para ser utilizado em atividades cívicas da escola	Práticas escolares
Canção comentada	19	184	ago. 1986	A voz da América	Oswaldo Dalpiaz	Análise de música	Práticas escolares

Recado dos Leitores	21	184	ago. 1986	sem autor	sem título	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Constituinte	5	185	set. 1986	O candidato Constituinte	Laurício Neumann	O texto da seção Constituinte procura informar o leitor sobre a importância do voto e quais características deve ter o candidato	Políticas Públicas, Constituição
O jovem dos anos 80	11	185	set. 1986	O jovem e a fé política	Roseli Pereira Dias	O artigo trata sobre a necessidade dos cristãos de agirem politicamente de acordo com a sua fé	Juventude, Relação Estado X Igreja
O leitor pergunta	8	185	set. 1986	sem título	sem autor	Os artigos dessa seção apresentam questionamentos sobre a realidade brasileira, mas também sobre o posicionamento do jornal sobre alguns temas	Políticas Públicas e ethos do jornal
Entrevista	12, 13	185	set. 1986	A vida que falta na escola	sem autor	A entrevista foi realizada com Maximiliani Menegolla que questionou as práticas e o currículo escolar	Educação
Entrevista	14, 15	185	set. 1986	Livro didático em questão	sem autor	A entrevista foi realizada com Marilda Prates, pseudônimo de Janice Janete Persona, ela é questionada sobre a coleção de livros que publicou e foram censurados em 1985	Educação
Jogral	20	185	set. 1986	Ciranda-cirandinha	Luiza Maria Carraveta	Jogral sobre diferentes temáticas para ser utilizado em atividades cívicas da escola	Práticas escolares
Canção comentada	10	185	set. 1986	Geração Coca-Cola	Renildo Ferreira	Análise de música	Práticas escolares
Recado dos Leitores	22	185	set. 1986	sem título	sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Constituinte	6	186	out. 1986	Partidos Políticos: procuram-se candidatos honestos	sem autor	O texto da seção Constituinte procura informar o leitor sobre a eleição de representantes para votar a Constituinte	Políticas Públicas, Constituição
O jovem dos anos 80	14, 15	186	out. 1986	Sexo: libertação ou alienação	Maria Augusta Ghisleni	O artigo trata sobre a relação do jovem com o sexo	Juventude
O leitor	9	186	out. 1986	sem título	sem autor	Os artigos dessa seção apresentam	Políticas

pergunta						questionamentos sobre a realidade brasileira, mas também sobre o posicionamento do jornal sobre alguns temas	Públicas e ethos do jornal
Língua Portuguesa	20	186	out. 1986	Poeta aos 10 anos	Elvo Clemente	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de Língua Portuguesa	Práticas escolares
Jogral	20	186	out. 1986	Por que você é bacana	Luiza Maria Carraveta	Jogral sobre diferentes temáticas para ser utilizado em atividades cívicas da escola	Práticas escolares
Canção comentada	10	186	out. 1986	Majestade, o sábiá	Oswaldo Dalpiaz	Análise de música	Práticas escolares
Recado dos Leitores	22	186	out. 1986	sem título	sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Constituinte	2, 3	187	dez. 1986	15 de novembro: a hora da virada	Oswaldo Dalpiaz e Oswaldo Biz	O texto da seção Constituinte afirma que o dia da eleição dos representantes da Constituinte será o dia da virada	Políticas Públicas, Constituição
Educação	8, 9	187	dez. 1986	A difícil tarefa de avaliar	Mari Margarete dos Santos Forster	O artigo trata sobre o processo de avaliação nas escolas	Educação
Língua Portuguesa	16	187	dez. 1986	Ainda e sempre a leitura	Elvo Clemente	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de Língua Portuguesa	Práticas escolares
Jogral	16	187	dez. 1986	O mundo do menino impossível	Luiza Maria Carraveta	Jogral sobre diferentes temáticas para ser utilizado em atividades cívicas da escola	Práticas escolares
sem seção definida	23	187	dez. 1986	Guia do eleitor	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil	O texto apresenta um perfil do candidato e algumas de suas pautas, para que seja eleito como representante do eleitor cristão na Constituinte	Relação Estado X Igreja
Recado dos Leitores	21	187	dez. 1986	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Canção	16	187b	mar. 1987	Nova república em debate	Oswaldo Dalpiaz e Ana Cristina Nöll	Análise de música	Práticas escolares
Constituinte	18, 19	187b	mar. 1987	Anteprojeto constitucional: a encomenda de Sarney	Laurício Neumann	O texto da seção Constituinte apresenta características e discussões do projeto da nova Constituição	Políticas Públicas, Constituição

Retalhos	22	187b	mar. 1987	Porque você assina Mundo Jovem?	Sem autor	Esta seção é um combinação de textos enviados pelos leitores do jornal MJ, desde poesias a algumas considerações sobre o jornal	Ethos e práticas escolares
Recado dos Leitores	23	187b	mar. 1987	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Constituinte	6,7	188	abr. 1987	Constituição: a camuflagem democrática	Laurício Neumann	O texto da seção Constituinte apresenta características e discussões do projeto da nova Constituição	Políticas Públicas, Constituição
sem seção definida	14, 15	188	abr. 1987	Sexo na propaganda: Quando o meio se torna fim	Araré Wellausen	O texto apresenta uma crítica ao uso abusivo dos corpos em campanhas publicitárias	MCM, cultura e hegemonia
Recado dos Leitores	21	188	abr. 1987	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
O leitor pergunta	22	188	abr. 1987	sem título	Sem autor	Os artigos dessa seção apresentam questionamentos sobre a educação brasileira e as escolas	Educação
Constituinte	20, 21	189	mai. 1987	A luta da mulher invade a Constituinte	Gilian Demori Lopes	O texto da seção Constituinte trata da presença da mulher na elaboração da nova Constituição	Políticas Públicas, Constituição
Retalhos	22	189	mai. 1987	Porque você assina Mundo Jovem?	Sem autor	Esta seção é um combinação de textos enviados pelos leitores do jornal MJ, desde poesias a algumas considerações sobre o jornal	Ethos e práticas escolares
Recado dos Leitores	23	189	mai. 1987	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Constituinte	2,3	190	jun. 1987	Manipulação ou não?	Sem autor	Entrevista sobre a manipulação das eleições para a Constituinte	Políticas Públicas, Constituição
Canção	15	190	jun. 1987	Amor de índio	Oswaldo Dalpiaz	Análise de música	Práticas escolares
Língua Portuguesa	18	190	jun. 1987	Ler é meditar	Elvo Clemente	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de Língua Portuguesa	Práticas escolares
Jogral	18	190	jun. 1987	Os Estatutos do homem	Luiza Maria Carraveta	Jogral sobre diferentes temáticas para ser utilizado em atividades cívicas da escola	Práticas escolares

Retalhos	21	190	jun. 1987	Porque você assina Mundo Jovem?	Sem autor	Esta seção é um combinação de textos enviados pelos leitores do jornal MJ, desde poesias a algumas considerações sobre o jornal	Ethos e práticas escolares
Recado dos Leitores	23	190	jun. 1987	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Constituinte	2, 3	191	jul. 1987	Saiba como participar da elaboração da nova Constituição	Laurício Neumann e Osvaldo BiZ	O texto trata sobre as possibilidades para participar da elaboração da nova Constituição	Políticas Públicas, Constituição
Canção	8	191	jul. 1987	Jogo de cartas marcadas	Oswaldo Dalpiaz	Análise de música	Práticas escolares
Sem seção definida	15	191	jul. 1987	Dívida externa: posição do Vaticano	Geraldo Hackmann	Trata sobre a relação entre Igreja e Estado	Relação Estado X Igreja
Retalhos	22	191	jul. 1987	sem título	Sem autor	Esta seção é um combinação de textos enviados pelos leitores do jornal MJ, desde poesias a algumas considerações sobre o jornal	Ethos e práticas escolares
Recado dos Leitores	23	191	jul. 1987	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Constituinte	2,3	192	ago. 1987	As ementas populares	Laurício Neumann e Osvaldo BiZ	Trata sobre algumas discussões durante as votações para a nova Constituição	Políticas Públicas, Constituição
Comunicação	9	192	ago. 1987	Comunicação e poder	Pedrinho Guareschi	Trata sobre a influência dos meios de comunicação na sociedade	MCM, cultura e hegemonia
Entrevista	12, 13	192	ago. 1987	Transformar com o povo	Sem autor	Entrevista com Fernando Gabeira, em que os jovens dos anos de 1960 e de 1980 são comparados	Juventude
Canção	15	192	ago. 1987	Eu só peço a Deus	Oswaldo Dalpiaz	Análise de música	Práticas escolares
Língua Portuguesa	20	192	ago. 1987	Poesia e vida	Elvo Clemente	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de Língua Portuguesa	Práticas escolares
Jogral	20	192	ago. 1987	sem título	Luiza Maria Carraveta	Jogral sobre diferentes temáticas para ser utilizado em atividades cívicas da escola	Práticas escolares
Retalhos	22	192	ago. 1987	sem título	Sem autor	Esta seção é um combinação de textos enviados	Ethos e

						pelos leitores do jornal MJ, desde poesias a algumas considerações sobre o jornal	práticas escolares
Recado dos Leitores	23	192	ago. 1987	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Entrevista	2, 3	193	set. 1987	A realização vocacional não existe para a maioria dos jovens	Sem autor	Entrevista com Armando Marocco, em que ele critica a Reforma 5.692/71	Educação, trabalho e Juventude
Comunicação	10	193	set. 1987	Grã-finos globais	Roberto Ramos	O texto é uma crítica a hegemonia da Rede Globo	MCM, cultura e hegemonia
Constituinte	15	193	set. 1987	Constituinte: as pressões continuam	Oswaldo Biz	Trata sobre algumas discussões durante as votações para a nova Constituição	Políticas Públicas, Constituição
Língua Portuguesa	20	193	set. 1987	Língua Portuguesa e texto	Elvo Clemente	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de Língua Portuguesa	Práticas escolares
Jogral	20	193	set. 1987	Pátria amada	Luiza Maria Carraveta	Jogral sobre diferentes temáticas para ser utilizado em atividades cívicas da escola	Práticas escolares
Recado dos Leitores	23	193	set. 1987	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Poema	24	193	set. 1987	Ter independência	Daisa Lacerda Gomes	Poema de cunho político publicado no mês que se comemora a independência do Brasil	Práticas escolares
Entrevista	6, 7	194	out. 1987	Para que serve a escola?	Sem autor	Entrevista com Antônio Hohlfeldt sobre a greve do magistério de 1987 e a metodologia ultrapassada empregada nas escolas	Educação e práticas escolares
Sem seção definida	8,9	194	out. 1987	Uma reflexão sobre a avaliação escolar	Maximiliano Menegolla	O texto é uma crítica a relação de ensino-aprendizagem estabelecida nas escolas brasileiras	Educação
Canção	5	194	out. 1987	Quase sem querer	Oswaldo Dalpiaz	Análise de música	Práticas escolares
Língua Portuguesa	20	194	out. 1987	Vamos escrever	Elvo Clemente	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de Língua Portuguesa	Práticas escolares
Língua Portuguesa	20	194	out. 1987	Vamos criar historinhas?	Luiza Maria Carraveta	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de Língua Portuguesa	Práticas escolares

Recado dos Leitores	23	194	out. 1987	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Seção especial	10, 11, 12, 13, 14	194b	nov. 1987	Mundo Jovem, uma ideia que deu certo	Sem autor	Reportagem especial sobre os 25 anos do Jornal Mundo Jovem	Ethos do jornal
Sem seção definida	15,16	194b	nov. 1987	Empobrecidos, mas solidários!	Milton Schwantes	O artigo trata sobre a greve do magistério estadual de 1987	Educação
Constituinte	5	194b	nov. 1987	No final, o povo perdeu	Adão Clóvis M. dos Santos	O artigo trata sobre a pouca participação popular na elaboração da Constituição de 1988	Políticas Públicas, Constituição
Língua Portuguesa	18	194b	nov. 1987	O estudo da língua	Elvo Clemente	O texto é um material de apoio pedagógico para o professor que ministra a disciplina de Língua Portuguesa	Práticas escolares
Língua Portuguesa	18	194b	nov. 1987	Poesia	Luiza Maria Carraveta	Jogral sobre diferentes temáticas para ser utilizado em atividades cívicas da escola	Práticas escolares
Recado dos Leitores	21	194b	nov. 1987	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Seção especial	22, 23	194b	nov. 1987	Mundo Jovem, uma fonte de pesquisa	Sem autor	Índice dos artigos publicados na década de 1980 pelo jornal MJ, e separados por temática	Ethos do jornal
Educação	4	195	mar. 1988	O dilema do ingresso no mundo do trabalho	Simone Paulon e Maria Luiza Flores Cruz	Trata da relação dos jovens no mercado de trabalho	Educação e Juventude
Comunicação	10	195	mar. 1988	A manipulação ideológica pela TV	Ana Carolina Escosteguy	O artigo analisa a manipulação promovida pelos MCM	MCM, cultura e hegemonia
Entrevista	12, 13	195	mar. 1988	A língua é liberdade	Sem autor	Entrevista realizada com Celso Pedro Luft sobre o ensino da Língua Portuguesa nas escolas	Práticas escolares
Constituição	14	195	mar. 1988	O jeitinho para deixar tudo como está	Laurício Neumann	Esta seção analisa o texto da Constituição	Políticas Públicas, Constituição
MJ Comenta	21	195	mar. 1988	sem título	Sem autor	Sem descrição	Ethos da revista
Geral	22	195	mar. 1988	Violência	Sem autor	Esta seção é organizada por tema, e é destinada a publicar o pensamento dos leitores	Outro
Recados	23	195	mar. 1988	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância	Práticas

						para os jovens	escolares e Juventude
MJ Comenta	4	196	abr. 1988	Páscoa que é libertação	Sem autor	O artigo trata da data comemorativa da Páscoa	Ethos do jornal
Comunicação	11	196	abr. 1988	No banco dos réus: o sistema de comunicação no Brasil	Angêlico Sândalo Bernardino, Dalmo de Abreu Dallari, Florestan Fernandes Júnior e Luís Eduardo Greenhalgh	O artigo apresenta as considerações de alguns alunos de graduação sobre o sistema comunicacional brasileiro	MCM, cultura e hegemonia
Educação	16, 17	196	abr.1988	O que ensinar?	Maximiliano Menegolla	O artigo trata dos níveis e prováveis motivos para a evasão escolar	Educação
Curtas e rápidas	22	196	abr.1988	sem título	Sem autor	Esta seção está destinada a apresentar algumas informações sobre os acontecimentos no país	Outro
Fórum de debates	22	196	abr. 1988	O jovem e o futuro	Sem autor	Esta seção apresenta o depoimento de jovens brasileiros, e alguns questionamentos para serem realizados em sala de aula	Juventude
Recados	23	196	abr. 1988	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
MJ Comenta	4	197	mai. 1988	A mãe real/ Novo diretor	Sem autor	O artigo trata da data comemorativa do dia das mães e do nome de outro diretor para comandar o jornal	Ethos do jornal
Comunicação	19	197	mai. 1988	Comunicação na Constituinte: derrota política e retrocesso	Daniel Herz	O artigo apresenta os problemas da nova Constituição	MCM, cultura e hegemonia
Constituição	12	197	mai. 1988	Os direitos dos trabalhadores na nova Constituição	Sem autor	Esta seção analisa o texto da Constituição	Políticas públicas, Constituição
Curtas e rápidas	22	197	mai. 1988	sem título	Sem autor	Esta seção está destinada a apresentar algumas informações sobre os acontecimentos no país	Outro
Fórum de debates	22	197	mai. 1988	Juventude e realidade	Sem autor	Esta seção apresenta o depoimento de jovens brasileiros, e alguns questionamento sobre a realidade sócio-política nacional	Juventude
Recados	23	197	mai. 1988	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude

MJ Comenta	4	198	jun. 1988	Uma iniciativa ecológica	Sem autor	Trata sobre questões ambientais	Outro
Comunicação	6, 7	198	jun. 1988	A hora da novela	Roberto Ramos	O artigo apresenta a influência dos MCM na organização de vida das pessoas	MCM, cultura e hegemonia
Canção	7	198	jun. 1988	O medo de amar e o medo de ser livre	Oswaldo Dalpiaz	Análise de música	Práticas escolares
Educação	18, 19	198	jun. 1988	O desenvolvimento da comunicação pelo texto livre	Artur Hamerski	Esta seção está destinada a tratar sobre educação, e nesse artigo o autor apresenta novas metodologias de ensino	Educação
Recados	23	198	jun. 1988	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Educação	2, 3	199	jul. 1988	A educação rural à margem do sistema de ensino	Helder Baruffi e Aristides Cimadon	O artigo crítica o abandono da educação rural	Educação
MJ Comenta	4	199	jul. 1988	Stress: a próxima vítima pode ser você/Meu Deus, que vergonha	Sem autor	Textos sobre temática geral	Ethos do jornal
Comunicação	9	199	jul. 1988	As mentiras dos meios de comunicação	Roberto Ramos	O artigo trata da hegemonia de alguns grupos nos meios de comunicação	MCM, cultura e hegemonia
Constituição	18, 19	199	jul. 1988	A "democracia" do poder absoluto	Laurício Neumann	Esta seção analisa o texto da Constituição	Políticas públicas, Constituição
Canção	20	199	jul. 1988	Lições da terra	Oswaldo Dalpiaz	Análise de música	Práticas escolares
Fórum de debates	22	199	jul. 1988	Mulheres rurais	Sem autor	Movimentos das mulheres trabalhadoras rurais no RS	Outro
Recados	23	199	jul. 1988	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
MJ Comenta	4	200	ago. 1988	O mal se organiza na cidade/Padre: um desafio ao serviço	Sem autor	O artigo trata sobre temáticas gerais	Ethos do jornal
Comunicação	5	200	ago. 1988	Relação de dominação nos	Solange Medina Ketzer	O artigo apresenta os problemas e divergências dos programas infantis	MCM, cultura e

				programas infantis			hegemonia
Constituição	2, 3	200	ago. 1988	Ameaça de mudança, para não mudar nada	Laurício Neumann e Osvaldo Biz	Esta seção analisa o texto da Constituição, e tem uma leitura pessimista em relação a sua aprovação	Políticas Públicas, Constituição
Igreja	6	200	ago. 1988	O Estado, a política e o bom senso	Pedrinho Guareschi	O artigo trata da relação entre Estado e Igreja	Relação Estado X Igreja
Juventude	11	200	ago. 1988	Pastoral da juventude estudantil: um espaço de formação de jovens	Enedina Pierdoná	O artigo o "modelo" de jovem que o jornal deseja	Juventude
Educação	16	200	ago. 1988	Planejamento bem feito é o primeiro passo da aprendizagem	Mariasinha Benk Bohn	O artigo trata do planejamento no ensino-aprendizagem	Educação
Fórum de debates	22	200	ago. 1988	Juventude e fé	Sem autor	O artigo relaciona a religiosidade e a juventude	Juventude
Recados	23	200	ago. 1988	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
Fórum de debates	3	201	set. 1988	Ser jovem agora	Sem autor	O texto apresenta o depoimento de alguns jovens e a compreensão deles sobre a sociedade brasileira do período	Juventude
MJ Comenta	4	201	set. 1988	Mundo Jovem em apuros	Sem autor	No texto é mencionado que somente com o aumento do valor das assinaturas é que será possível manter a veiculação do jornal	Ethos do jornal
Constituição	5	201	set. 1988	A esperança política aos 16 anos	Laurício Neumann	O artigo defende que caberá aos jovens promover as mudanças políticas que o país precisa	Políticas Públicas, Constituição
Comunicação	9	201	set. 1988	Ditadura da propaganda	André Lauro Birck	Trata sobre a influência dos meios de comunicação na sociedade	MCM, cultura e hegemonia
Entrevista	12, 13	201	set. 1988	Ditadura militar disfarçada de governo civil	Sem autor	Entrevista realizada com Omar Ferri, em que ele aponta características da política brasileira do período	Contexto histórico-político
sem seção definida	14	201	set. 1988	Os partidos políticos no Brasil	Sérgio Mar Pinto	Trata da relação entre o Estado e a Igreja	Relação Estado X Igreja
Educação	16	201	set. 1988	A escola prepara para a realidade	Neuza M. F. Guareschi e	O artigo critica o sistema de ensino por não conseguir associar o ensino com a realidade	Educação

					Simone Paulon		
Poesia	22	201	set. 1988	Povo enganado, nunca é enganado para sempre	Luiz Cláudio Patias	O poema é uma crítica ao governo	Outro
Recados	23	201	set. 1988	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
MJ Comenta	4	202	out. 1988	É preciso superar o desânimo/Demagogia eleitoral	sem	Trata sobre o desânimo com a situação do país, o outro texto trata sobre as eleições e política	Ethos do jornal
Constituição	5	202	out. 1988	Presidencialismo: a vitória da intransigência	Laurício Neumann	O artigo sobre a legislação política	Políticas públicas e constituição
Comunicação	10	202	out. 1988	O fascinante universo dos quadrinhos	Antônio Hohlfeldt	O artigo trata sobre as HQ	MCM, cultura e hegemonia
Entrevista	12, 13	202	out. 1988	Método Paulo Freire	Sem autor	Entrevista com Gilberto Kronbauer e a proposta de novas metodologias de aprendizagem	Educação
Educação	14, 15	202	out. 1988	Computador na escola: a educação deve acompanhar a tecnologia	Oswaldo Biz	O artigo trata da relação da escola com as novas tecnologias, no caso o computador pessoal (PC) que ainda estava se popularizando no Brasil	Educação
Recados	23	202	out. 1988	sem título	Sem autor	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
MJ Comenta	4	203	nov. 1988	Data da libertação dos escravos	Moacyr Flores	Trata sobre no dia 20 de novembro se comemorar a consciência negra	Ethos do jornal
Comunicação	10	203	nov. 1988	Na imprensa popular, o povo participa	Karine Emerich	Trata sobre a participação da população nos MCM	MCM, cultura e hegemonia
Constituição	11	203	nov. 1988	A Constituição não está concluída	Oswaldo Biz	Trata sobre o fato de que o texto da Constituição ainda não ter sido concluído	Políticas Públicas, Constituição
Sem seção definida	14, 15	203	nov. 1988	Quem descobriu a América?	Eduardo Galeano	Trata sobre o contexto histórico latinoamericano e brasileiro	Contexto histórico- político

Recados	23	203	nov. 1988	sem autor	sem título	Trata do uso do jornal nas escolas e da importância para os jovens	Práticas escolares e Juventude
---------	----	-----	-----------	-----------	------------	--	--------------------------------

Fonte: Elaborado pela autora (2018).